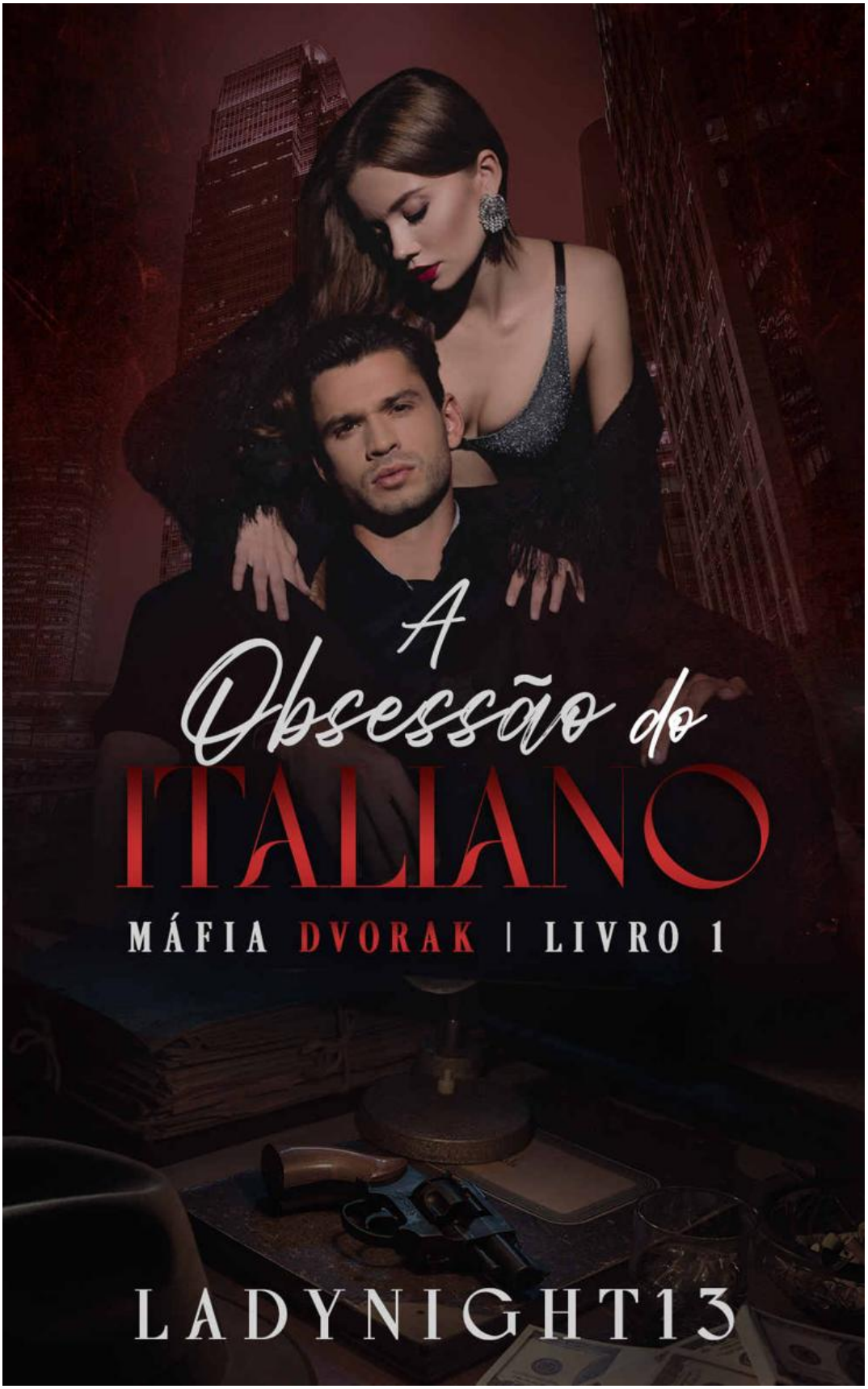
A Obsessão do Italiano: Máfia Dvorak Livro 01

LADY NIGHT13


A Obsessão do
ITALIANO
MÁFIA DVORAK | LIVRO 1
LADYNIGHT13

A Obsessão do ITALIANO

MÁFIA DVORAK | LIVRO 1

LADYNIGHT13

Copyright © 2023 LadyNight13

A OBSESSÃO DO ITALIANO

1ª edição | Criado no Brasil

Edição digital

Autora: LadyNight13

1ª revisão: Patrícia Suellen

2ª revisão: Luana Souza

Diagramação: Luana Souza

Ilustração: @ilustradoradesenharte

Capa: @xmagnifiquedesignx

É PROIBIDA A REPRODUÇÃO TOTAL E PARCIAL DESTA OBRA, DE QUALQUER

FORMA OU POR QUALQUER MEIO ELETRÔNICO OU MECÂNICO, INCLUSIVE POR MEIO

DE PROCESSOS XEROGRÁFICOS, INCLUINDO AINDA O USO DA INTERNET, SEM A PERMISSÃO EXPRESSA DA AUTORA (LEI 9.610 DE 19/02/1998).

ESTA É UMA OBRA DE FICÇÃO. NOMES, PERSONAGENS, LUGARES E

ACONTECIMENTOS DESCRITOS SÃO PRODUTOS DA IMAGINAÇÃO DA AUTORA.

QUALQUER SEMELHANÇA COM ACONTECIMENTOS REAIS É MERA COINCIDÊNCIA. TODOS OS DIREITOS DESTA EDIÇÃO SÃO RESERVADOS PELA AUTORA.

SUMÁRIO

Nota da autora

Dedicatória

Agradecimentos

Sinopse

Prólogo

Capítulo 01

Capítulo 02

Capítulo 03

Capítulo 04

Capítulo 05

Capítulo 06

Capítulo 07

Capítulo 08

Capítulo 09

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Epílogo

NOTA DA AUTORA

Olá, caro leitor. Está preparado para a sua nova leitura? Espero que sim. Entretanto, é importante eu ressaltar que na presente obra há alguns temas que podem despertar certos **gatilhos**. Apesar do livro ser da temática **máfia**, não é um romance *dark*, mas, mesmo assim, será necessário eu pontuar que serão abordados nele alguns assuntos que podem causar algum tipo de desconforto em algum nível.

É importante eu salientar que você pode se deparar com: Abuso;

Torturas e decepamentos;

Manipulação psicológica e emocional;

Tentativa de estupro;

Assuntos referentes à pedofilia.

A autora não concorda nem compactua com nenhum dos temas abordados acima. E se você é sensível, esse livro não é indicado para você, nem para menores de **18 anos**.

Aviso dado. Agora é por sua conta e risco.

E para quem está preparado para embarcar nessa deliciosa leitura, *bora* lá! ;)

DEDICATÓRIA

Dedico este livro a todas as leitoras que adoram passar pano para esses *boys* literários tenebrosos, ranzinzas, príncipes sombrios e possessivos, mas que, no fundo, são verdadeiras cadelinhas das suas princesas.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço ao Deus supremo do universo por eu ter concluído mais uma obra. Foram dez meses de dedicação a essa história, e espero que se apaixonem por Alexei e Antonella assim como esse casal me conquistou.

Agradeço imensamente a cada leitor que gosta da minha escrita e curte as minhas histórias; aos leitores fiéis, que sempre estão comigo; e às minhas amigas do coração: Maah, Vanderlucia, Fran, Nay, Guida, Simone, Neliane, Adriana, Raidalva, Karine, Danny e Daniela, minha beta desse livro. São pessoas muito especiais e maravilhosas que sempre me apoiam e me incentivam a continuar neste mundo da escrita, que se tornou algo tão prazeroso em minha vida. Minha gratidão, meninas.

Um beijo enorme! E se gostarem do meu trabalho, não se esqueçam de deixar o seu feedback. Ele é muito importante para a autora. Se quiserem surtar sobre a história nas minhas redes sociais, será um imenso prazer para mim.

Instagram: autoraladynight13

Aguardo vocês! ;)

SINOPSE

Alexei Dvorak é um inabalável *consigliere* da máfia. Atraído a uma armadilha ardilosa por equívoco, ele se vê enfeitiçado pela bela *ragazza* que lhe enviaram como presente. Mas ele sabe que tudo se trata de um artifício e se recusa a aceitá-la, mesmo que uma parte do seu corpo o deixe em êxtase com a bela *bambolina*.

Antonella Ankys conheceu o desprezo e a rejeição desde muito jovem somente pelo fato de ser mulher, órfã de mãe e filha de um grande aliado da máfia. Ela foi criada em um convento com um único propósito: ser usada em algum momento como barganha em uma aliança vantajosa. Com seus planos frustrados, ela terá a missão peculiar de gerar um herdeiro do implacável e temível chefe dos Dvorak. Apesar da fúria feroz que esse nome carrega, ela não terá outra escapatória além de se submeter às suas vontades na cama e ao seu charme voraz.

Ela terá que o tomar, e ele não deixará isso impune.

Será que algo que começou como uma teia de engano pode gerar sentimentos mais profundos, como o amor?

“O universo sempre nos ajuda a lutar por nossos sonhos. Porque são nossos sonhos, e só nós sabemos o quanto nos custa sonhá-los...”

Paulo Coelho



PRÓLOGO

ANTONELLA ANKYS

Já é noite no convento Mother Úrsula[1] e está chovendo muito. Com o cair da noite, a maioria das freiras e das noviças já se recolheu. A antiga construção de pedras fica na Pensilvânia, um lugar longe de todo o sangue e sombras que faziam parte da minha velha vida, coisas com as quais eu estava acostumada a conviver.

É triste pensar que a única família de sangue que possuo se trata apenas de um bando de mafiosos sanguinários e inescrupulosos que buscam poder e honra em coisas ilícitas. Mas a verdade é que família não é aquela da qual você nasce, e sim a que te acolhe. E foi aqui, no convento, que eu consegui construir uma nova. Estou feliz por estar em um local tão receptivo quanto as muralhas fortes de um santuário.

Sou extremamente grata a Deus por terem esquecido de mim. Pelo menos é o que oro ao Senhor todas as noites, de maneira que não quero me recordar do dissabor que era a minha vida antes.

Quando cheguei ao convento, eu já tinha 10 anos e a minha irmãzinha era somente uma bebê. Infelizmente, nossa mãe não resistiu ao trabalho de parto e acabou morrendo na sala de cirurgia. E como o todo-supremo, aliado a uma máfia siciliana poderosa, nosso pai não sabia o que fazer com duas “pirralhas inúteis”. Essa era a maneira como ele sempre se referia a nós. Portanto, ele nos enviou para esse colégio interno de freiras. Tenho o conhecimento de que ele deve bancar nossa estadia aqui.

Isso indica que em algum momento o monstro poderá ressurgir em nossas vidas. Porém, para ter um pouco de sanidade, prefiro acreditar que ele se esqueceu de que um dia teve filhas.

Lua é a minha única família, quem realmente considero. E, sem dúvidas, eu faria de tudo por esse anjinho.

Flashes ainda ecoam em meu subconsciente, relembrando-me do desprezo nítido na voz de papai. Ele sempre tratou mamãe tão mal, que é doloroso recordar.

***

— Você é uma inútil! Não serve para absolutamente nada, Cassy!

Você tem somente uma função: abrir as pernas para mim. — Ele cospe fogo pelas ventas. — Nem mesmo um filho homem é capaz de me dar. O que eu farei com uma maldita pirralha? — suas palavras exalam uma fúria latente.

— Prometo que tentarei quantas vezes forem necessárias — o medo em sua voz é palpável. — Veja pelo lado positivo, marido: a menina é saudável e poderá servir para alguma aliança futuramente.

— Uma vadia igual a você, que não vale nada? Que tipo de vantagem me rendeu, se nem mesmo consegue me dar um filho homem?

***

Eu ainda era pequena, mas o vi várias vezes espancando-a fisicamente e psicologicamente. Fora de casa, ele era um verdadeiro lorde, mas dentro de casa, o próprio Diabo. Papai era um homem muito astuto e nunca deixou marcas visíveis; elas sempre estavam em locais bem protegidos de olhares curiosos.

Vi minha mãe chorando inúmeras vezes depois de ser humilhada e, à medida que isso acontecia, meu coração se rachava em cada processo.

Por que ele tem que ser um homem tão cruel? Creio que nunca conseguirei compreender o mistério que envolve sua vida.

Depois de terminar meus afazeres diários, decido me recolher antes que o temporal se intensifique. Parece que o mundo está desabando ao lado de fora. Sigo pelo estreito corredor que leva ao quarto que ocupo com mais duas noviças e minha irmãzinha.

O convento está praticamente em silêncio, com exceção dos trovões e da chuva incessante.

Quando entro no pequeno cômodo, percebo que todas já estão aqui, e ainda noto que um pequeno amontoado está na minha cama, embrulhado dos pés à

cabeça. Logo comprovo que é Lua. Assim que me aproximo dela, vejo-a se assustar e a abraço, transmitindo-lhe todo o meu amor.

— Calma, querida, sou eu — murmuro, tentando tranquilizá-la.

— Eu... Eu... estou com medo. — Lua tem muito medo de tempestades.

— *Shiii*... Tudo bem. Logo vai passar o temporal.

— Por favor, posso dormir com você? — Seus olhinhos estão brilhosos pelas lágrimas.

— Claro, meu amor. — Beijo sua testa com carinho e a aconchego ainda mais ao meu corpo.

— Tenho medo de que algum monstro da chuva venha me pegar —

ela fala quase choramingando. Seus olhinhos azuis estão umedecidos.

— Eu já te disse que aquela história que a irmã Zoraide te contou é irreal. Não existe nenhum “Senhor Tempestade”.

— Mesmo assim tenho medo. Pode me contar uma história de princesa até que eu durma novamente? Por favor? — suplica, juntando suas mãozinhas miúdas.

Meu coração se comove.

— Claro, meu anjinho. Mas hoje irei te contar uma história diferente... de uma princesa que teve seu trono usurpado ainda quando era somente uma bebê.

— E como tudo começou?

Observo seus olhinhos atentos, curiosos.

— Começa com: “Era uma vez, na longínqua terra de Anagos...” —

dou início à narrativa e vejo um lindo sorriso surgir em seu rosto, confirmando sua expectativa.

Algum tempo depois percebo que a pequena já está dormindo novamente. Bocejo, sentindo meu corpo ser tomado pelo cansaço do dia exaustivo. Alguns minutos depois, cedo ao sono.

Sem eu nem imaginar, o meu destino estava sendo traçado do outro lado da Itália, e em poucos dias eu teria conhecimento de algo que mudaria minha singela vida para sempre.

CAPÍTULO 01

ANTONELLA ANKYS

Um mês depois

Está um dia radiante no convento. O sol amanheceu mais brilhante do que o normal, ou talvez seja o meu estado de ânimo, que está nas alturas e permanece inalterado após a rotina diária de orações, que é seguida por um rígido silêncio que, habitualmente, rege o lugar austero nas primeiras horas do amanhecer. Nossos momentos são, geralmente, quebrados pelo som de diferentes timbres de vozes. Quando isso acontece é um dos meus dias prediletos: o ensaio do coral na sala de música, que é realizado três vezes na semana, depois do café da manhã.

Após o ensaio, sigo para as minhas tarefas de rotina, sempre sendo observada pelo olhar atento da irmã Mônica. Essa nunca deixa nada passar despercebido. Na parte da tarde termino outros afazeres que me foram atribuídos. Porém, minha tão costumeira alegria já não é a mesma do período da manhã. Nem mesmo a companhia de Lua me traz tranquilidade.

Sinto meu peito pesar e sufocar como se algo terrível estivesse prestes a acontecer. Talvez eu necessite de mais orações. Irei me lembrar de permanecer meia hora a mais na capela. Quem sabe, dessa maneira, Deus escute as minhas preces e me conceda a tão sonhada liberdade, um novo recomeço com a minha irmãzinha longe daqui e, mais ainda, longe das garras cruéis de papai.

Sei que já estou em uma idade propícia para que ele me arranje um casamento vantajoso, como fui informada de que um dia aconteceria. Fui treinada desde cedo para ser uma esposa exemplar, ser inquestionavelmente obediente às ordens do meu marido e sempre manter a boca fechada quando ele estiver próximo, para não o irritar; além de outros itens infindáveis de atividades e condutas esdrúxulas que devo seguir. As que mais me irritam

entre essas regras são as que contêm algo relacionado ao contexto sexual do matrimônio. Uma delas diz que eu devo estar sempre disponível para satisfazer o meu futuro marido. E para a minha completa humilhação, ainda tem uma maneira específica de como tenho que o aguardar: sempre depilada e ansiosa para compartilhar com ele sua cama. Também preciso conceber um bebê dentro de poucos meses depois do casamento. O que, para mim, é o cúmulo do absurdo. Entretanto, esse é um meio de garantir que seja insolúvel a união estabelecida entre as duas famílias.

Por que papai tem que ser tão cruel e frio? — questiono-me intimamente.

Meu futuro casamento será baseado unicamente na sua ambição ao poder. A cogitação da palavra “amor” é algo impensável no acordo. Nada referente ao que costumo contar todas as noites para a Lua nas histórias de princesas com seu almejado final feliz.

Logo um pensamento aterrorizante me nubla os sentidos. Deus santo!

E se papai for tão maquiavélico a ponto de me obrigar a casar com algum velho decrépito? Minha pele se arrepia, em repugnância, no mesmo segundo em que imagino tal situação. Infelizmente, se esse for o caso, não poderei me opor à sua vontade, terei apenas que permitir e suportar que algum velho asqueroso use o meu corpo.

Sem demora, uma gota solitária desliza pelo meu rosto. Suportarei algo desse tipo? Prefiro a morte a todas essas coisas. Anthony já despedaçou tanto o meu coração de incalculáveis formas, que é impossível não pensar em um fim rápido para todo esse dilema. Todavia, repreendo-me ao me lembrar do sorriso doce de Lua. Ela é quem me mantém forte para resistir a todas as provações impostas. Mas é certo que os momentos finais da suposta

liberdade que acredito existir estão em contagem regressiva. E se eu quiser sonhar ainda em ser livre, não terei outra alternativa além de fugir.

Depois de lavar e enxugar toda a louça do jantar, sou informada de que tenho uma visita me aguardando no escritório da madre superiora.

Neste instante, todo o meu rosto perde a cor e meu ser gela, em apreensão.

— Está tudo bem, Ella? — questiona-me Verônica, uma das noviças que ingressaram recentemente para a vida religiosa, quem me comunicou o recado.

A maioria das irmãs me chama pelo meu nome reduzido. E eu prefiro assim, é muito mais prático.

Tento demonstrar um sorriso meigo para a acalmar, mas meu organismo está em um frenesi angustiante, pressentindo que não terei boas notícias com essa chegada repentina. Lua, neste momento, já está dormindo, e agradeço a Deus por isso. Se for papai, não poderei fazer nada, visto que ele pode me matar em segundos.

Reparo que Verônica ainda me observa, apreensiva. Asseguro-lhe de que estou bem e peço que ela fique de olho na minha irmãzinha. A noviça concorda e eu a noto caminhar pelo corredor que leva aos quartos enquanto me preparo para um confronto nada agradável com o tal visitante.

Quando chego à porta da sala da madre superiora, sinto o meu coração em um alvoroço desencontrado. Minhas mãos estão trêmulas e frias. Enxugo-as no amplo tecido do hábito.

— Deus, tenha piedade da minha alma — rogo baixinho antes de destravar a porta.

Quando adentro o ambiente, solto o ar que não tinha percebido que prendia nos pulmões. Vejo a figura sombria de costas para mim. O homem misterioso está de frente para a janela. Logo constato que não é papai e sinto o meu corpo se regozijar em alegria. Porém comprovo, para o meu desagrado, que é o fiel cão de guarda dele, Nathan. Meu primo é o braço direito do meu pai.

Mas o que ele está fazendo aqui? Meu cérebro tenta processar rapidamente todas as possibilidades que o trariam até aqui, contudo não consigo chegar a nenhuma lógica, já que faz muitos anos que nem eu e Lua recebemos alguma visita da *famiglia*.[2] A última vez da presença desprezível de papai e da sua comitiva no convento foi quando minha irmãzinha tinha somente 5 anos. E quando ele chegou à abadia, ela correu

para o conhecer, mas tudo que ele fez foi empurrá-la e a recriminar severamente para que não sujasse suas roupas caras. Tive que interceder, colocando-me como escudo entre os dois. E como punição, recebi um tapa estalado no rosto.

Deus, por que o homem tem que ser tão frio e cruel? Por acaso nasceu de alguma chocadeira?

Quando Nathan se vira lentamente em minha direção, percebo um sorriso torto contornando seus lábios.

— Olá, Antonella. Sentiu falta da *famiglia*? — Ele deve ter detectado o desprezo nítido em minhas feições.

Seu olhar ousado passeia vagarosamente pelo meu corpo dos pés à cabeça, mesmo com minhas roupas austeras e pouco reveladoras. Eu estremeço e sinto náuseas com sua avaliação meticulosa. Parece que ele examina um animal bem adestrado para alguma competição.

— Vejo que a sua estadia no convento te fez muito bem. É tão bonita como era a sua falecida mãe. Me arrisco a dizer que se superou na beleza.

Espero também que seja tão obediente quanto ela foi. Sabe perfeitamente que o Anthony tem o pavio curto e que não suporta que nada seja contraditório às suas vontades.

Permaneço calada, mas não abaixo a cabeça, como deveria fazer em sinal de submissão.

— Mesmo com essas roupas horrorosas de freirinha, nada ofusca a sua beleza. Tenho certeza de que Anthony conseguirá êxito no seu plano. Se eu

mesmo tivesse mais posses e uma influência que pudesse agregar à *famiglia*, me candidataria ao cargo.

Meu corpo paralisa, em aversão, e instintivamente dou um passo vacilante para trás. Ao que Nathan quis se referir com essa colocação infeliz? Logo meu instinto de autoproteção é ativado.

— Posso saber a que se deve sua visita ao convento? — sou direta.

Vejo-o arquear uma sobrancelha, surpreso.

— Ora, ora... O que temos aqui? Pensei que encontraria uma freirinha acuada, não uma *ragazza*[3] cheia de farpas. — Olha-me desdenhoso. —

Cumpro ordens apenas — comunica-me de modo gélido.

Em seguida, noto suas feições endurecerem.

— Que seriam? — questiono.

— Você sabe perfeitamente qual o seu papel com a *famiglia*. Chegou o momento de cumprir com o seu dever — ele fala com prazer e uma forte vertigem me atinge.

Meu pior pesadelo está próximo a se suceder e eu não posso fazer absolutamente nada.

— Papai conseguiu alguma aliança? Algum casamento vantajoso com um aliado? — Tentei soar firme, mas temo ter falhado miseravelmente no meu intento. Minha curiosidade é bastante perceptível.

— Não. Ele te informará pessoalmente o que espera que faça. Não estou autorizado a lhe comunicar nada. Apenas arrume as malas, pois embarcaremos ainda nessa noite para a Sicília. Não leve muita coisa, somente o essencial, porque acredito que não necessitará muito dessas suas vestimentas atuais — enfatiza, mirando-me dos pés à cabeça mais uma vez.

— Mas... Mas eu... — começo a gaguejar, tentando procurar argumentos para ganhar tempo. Enquanto meu raciocínio tenta buscar uma solução para

eu evitar o inevitável, o desespero começa a tomar os meus pensamentos coerentes. — E a Lua? Ela precisa de mim. Eu não posso deixá-la sozinha. — Lágrimas começam a molhar o meu rosto. Não tenho controle nenhum sobre elas e as deixo virem à tona. Meu peito queima apenas com a ideia de que posso deixá-la para trás.

— Ainda não chegou o momento dela. Como mencionei, só cumpro ordens. Você virá comigo de qualquer maneira. Se quiser levá-la, é por sua conta e risco; não irei impedi-la. Mas conhece perfeitamente o seu pai e sabe que o melhor é que a criança fique aqui até que chegue a sua vez de honrar com a *famiglia* também — ele fala como se não estivesse decidindo o nosso futuro.

Minutos depois acabo concordando, considerando que realmente essa é a melhor decisão a se tomar no momento. Por mais que essa escolha esmague o meu coração, pondero que Lua estará melhor entre as muralhas de um convento do que em um lugar hostil e perverso, sob o domínio da máfia. Entretanto, faço uma promessa fervorosa: um dia virei buscá-la e ela não terá que passar pelo mesmo martírio que eu estou passando.

CAPÍTULO 02

ANTONELLA ANKYS

O voo inteiro foi feito em completo silêncio. O único som audível era o do meu choro. Não consegui me conter, principalmente depois da minha triste despedida da minha irmãzinha. Lua ainda estava meio sonolenta quando fui até o quarto para a comunicar da minha partida e dizer que ela terá que ficar sem mim por um tempo. Alisei os seus cabelos castanhos de cachinhos encantadores e vi seus olhinhos se encherem de água. A irmã Florência me garantiu que cuidará dela até que eu retorne para a buscar, como prometido. A freira unicamente me olhou com uma cara de pena, como se não acreditasse muito em minhas palavras. Mas eu retornarei e farei de tudo para ter a minha irmãzinha de volta ao meu lado.

Chegamos nas primeiras horas do dia. Sou levada até o quarto do grande castelo de Ankys e percebo que não tiveram mudanças bruscas aqui, tanto na decoração como na estrutura da construção antiga. O lugar continua sombrio e sério. Papai, como o esperado, não está presente para me receber. Talvez

seja melhor assim. Foi uma mulher muito bonita, por volta dos 45 anos, que veio ao meu encontro para me recepcionar e me levar aos aposentos que irei ocupar.

Depois de eu estar acomodada, o café da manhã é servido no próprio cômodo. Logo em seguida, como estou muito exausta da viagem, somente tombo sobre o colchão e durmo até quase anoitecer. Sou despertada por Yrine, a mesma mulher que me recepcionou pela manhã. Ela me avisa que papai me receberá em seu escritório após o jantar e que eu não posso ficar vagando pelo castelo sem ser supervisionada. Quando ela me inteirou da última parte, eu me senti amarga, como se fosse uma maldita prisioneira. Eu sei que papai age desse modo cruel para que eu não me esqueça do meu lugar na *famiglia*. Em resumo, serei apenas uma peça a ser usada em seu jogo sórdido e ambicioso.

Um vazio se faz presente e eu sinto o meu coração quase sufocar em angústia.

Depois de um banho revigorante, minha refeição é servida. Eu degusto tudo em um silêncio estarrecedor e a funcionária apenas me observa. Dirijo-me ao pequeno closet para escolher uma roupa adequada para o confronto com meu pai, mas logo me sinto mal ao constatar que todas as minhas vestimentas conservadoras sumiram e que, no lugar delas, encontram-se várias peças ousadas e muito reveladoras.

— Chegaram ontem à tarde. Espero que goste. Eu mesma escolhi cada peça. Não sei que cores aprecia, mas escolhi de acordo com as informações que obtive sobre suas características — a mulher diz, pegando um conjunto de lingerie preta semitransparente.

Meu rosto queima pelo constrangimento. Céus! Eu nunca usarei algo como isso. Seria a mesma coisa de eu estar completamente nua.

— Onde estão minhas roupas? — pergunto, ignorando a sua informação anterior.

— Não precisará mais delas, não está mais no convento. Aquelas roupas grosseiras e enfadonhas não serviriam ao propósito — ela assegura.

— Você tem uma beleza incomparável, mas digamos que aquele tipo de vestimenta não valorizava a sua silhueta nem destacava os ângulos do seu rosto.

— Estou pouco me lixando! Eu já sei o único propósito que terei nesse maldito acordo! — grito, quase histérica, sentindo o peso dessa responsabilidade sobre os meus ombros.

O medo vem à tona como lavas de vulcão que são impossíveis de serem contidas. É como se o mundo estivesse desmoronando ao meu redor.

— Verdade, senhorita Antonella? — Observo-a erguer uma sobrancelha, duvidando do que mencionei anteriormente. — Sabe o que precisará fazer?

— Me chame de Ella. Desculpe. — Respiro profundamente, tentando controlar as emoções. — Não importa. Eu cumprirei, não tenho escolha —

sussurro com desgosto, reconhecendo a veracidade dessa difícil realidade.

— Perfeito. Então, não questione as vestimentas, pois necessitará delas. Agora, seu pai a está aguardando no escritório. Sabe que ele não tolera atrasos ou insolências. — Ela sai do closet e me deixa sozinha com minhas divagações conflituosas.

Rapidamente escolho as roupas que considero mais conservadoras: uma saia longa e uma blusa mais descontraída, apesar de ela ser um pouco curta.

Alguns minutos depois já me encontro em frente à porta do purgatório. Ouço algumas gargalhadas vindo de dentro do cômodo, como se estivessem comemorando algo, e fico em dúvida se devo bater para anunciar minha presença ou dar meia-volta e fugir. Rio, sem humor, da última ideia. Como se tivesse sido me dada alguma alternativa. A mansão, com certeza, está muito bem vigiada. No entanto, se eu bater na porta de madeira e não for o momento oportuno, provavelmente, estarei assinando a minha sentença.

Analiso qual decisão é a melhor a ser tomada, quando, de repente, a porta é aberta de abrupto. Percebo que Nathan já está se retirando. Ele mantém um sorriso confiante nos lábios enquanto me observa. Vejo que o que estavam celebrando era algo que teve bastante êxito, pela sua expressão de agrado.

— Estava escutando atrás da porta, Antonella? — ele pergunta de modo incisivo.

Noto seu semblante de regozijo se dissolver rapidamente para um severo.

— Não. Acabei de chegar e não sabia como proceder. Quando percebi que papai não estava sozinho, fiquei em dúvida se deveria retornar para o quarto e voltar em outro momento.

Ele me analisa como se duvidasse das minhas palavras, mas logo meneia a cabeça.

— Não importa de verdade. Era referente ao seu futuro. — Um sorriso maldoso contorna a sua face de feições belas e frias. — Ou melhor dizendo, era sobre o futuro da *famiglia* que conversávamos, já que você será a responsável por garantir o sucesso do plano. — Esboça um sorriso irônico e, em seguida, afasta-se da entrada do escritório, dando-me acesso ao cômodo.

Quando passo por ele, sinto minha espinha gelar. Tenho consciência de que Nathan é tão perverso quanto meu pai. Ele deveria ser seu filho, o grande filho homem que papai sempre quis ter.

Ele fecha a porta lentamente, deixando-me enclausurada com o meu maior temor.

Meus olhos inquietantes ligeiramente vasculham o local procurando a figura imponente, que está de costas para mim. Ele deveria representar meu porto seguro, minha segurança, no entanto só consigo vê-lo como minha desolação mais profunda, um ser saído das profundezas do inferno. O

homem fuma um charuto. É perceptível pela fumaça que toma conta do ambiente. Ele encara um ponto fixo ao lado de fora e parece bastante distraído. Mas é tudo ilusório, o sujeito está ciente de cada detalhe que ocorre na sala.

— Sente-se, *ragazza* — meu pai ordena com a autoridade que já é sua marca peculiar.

Ele é um ditador nato, porém sua autoridade provém do medo que ele impõe nas pessoas com a sua crueldade, não é algo que vem do respeito e da posição de um líder. Dessa maneira é mais fácil atrair inimigos também.

Sendo um homem mesquinho e soberbo, não duvido.

Sem se virar, ele ruge novamente:

— Sente-se! Não repetirei a ordem.

Estremeço. Parece que o homem tem olhos atrás da cabeça.

Tremulamente, sigo para a poltrona diante da enorme mesa de carvalho.

Vejo-o apagar o charuto em um cinzeiro próximo, seguir até o pequeno bar

e se servir uma dose generosa de uma bebida escura. Imponente, dirige-se à sua cadeira, analisando-me sob uma minúcia desconcertante.

— Está bem diferente sem aquelas roupas largas. — Reparo que suas pupilas escuras passeiam vagarosamente pelo meu corpo. Odeio a maneira que me olham. É como se eu fosse um pedaço de carne exposto em uma vitrine, uma peça inanimada desprovida de sentimentos. — Creio que já conheceu a sua nova instrutora. Digamos assim: Yrine é a responsável por treinar as garotas que chegam para trabalhar nas casas de prostituição.

Acredito que ela fará um bom trabalho com você. Pelo menos não ouço nenhum cliente reclamando; eles sempre retornam para repetir a mesma garota.

O choque é tão grande, que meu cérebro trava momentaneamente ao tentar processar as palavras grosseiras de papai. Ao que ele está se referindo? Ele me enviará para uma casa de prostituição? Meu corpo paralisa em uma onda de repulsa congelante. Até que ponto sua desumanidade pode chegar? Ele não me tirou do convento por ter em mente um casamento vantajoso com algum aliado, mas para ser uma puta em uma das casas de “luxo” da *famiglia*? Como um monstro desse pode ser chamado de pai?

Sinto a ânsia me dominar e penso que despejarei o jantar, no entanto tento segurar essa vontade. Pelo que conheço da sua perversidade, ele seria capaz de me fazer limpar o próprio vômito com a língua.

— Foi... pra isso que me tirou do convento? — sussurro com a voz embargada.

— Não está em posição de exigir nada, *ragazza* tola, apenas cumprirá o papel que eu selecionar para você. E se não tivesse nenhum valor para mim, pode ter certeza de que já teria se tornado uma puta em algum prostíbulo da *famiglia*. Mas, por ora, sua virgindade é valiosa. Não é à toa que estava em um convento. Gastei muito dinheiro com você e aquela outra pirralha. De alguma maneira, tem que me ressarcir do prejuízo — ele diz com deboche.

— Eu poderia trabalhar e pagar todos os gastos... — tento protestar, mas sou abruptamente interrompida. Observo-o erguer a mão em um gesto claro de "silêncio".

Eu faria questão de pagar cada mísero centavo da sua "benevolência"

se, de uma forma ou de outra, ele me desse a minha liberdade. Todavia, sei que ele se satisfaz com minha infelicidade.

— Preste atenção, Antonella, sua estúpida! — Um terrível estrondo se faz audível quando ele bate com o punho fechado na mesa de carvalho. Os seus insultos já não me ferem mais. Criei uma barreira contra a sua arrogância e soberba. — Você vai se deitar com o *capo*[4] dos Dvorak e gerar um herdeiro. É assim que irá honrar com a *famiglia*. — Um choque tremendo percorre o meu corpo. Por que isso não soou como um mero acordo de casamento, e sim como algo mais sórdido, como uma noite fugaz de sexo apenas? — Como o infeliz não aceitou a aliança, terei que manipular o jogo a meu favor. O plano já está em percurso. Ele está em um quarto equipado para esse propósito somente aguardando a sua "visita". —

Um sorriso diabólico cruza seu rosto bonito. Papai ainda é um homem com um invejável vigor físico. Pena que o que tem de belo, possui de perverso.

Um coração tão obscuro e cheio de maldades.

— Ao que está se referindo, papai? O senhor sequestrou o chefe da *famiglia* e o mantém prisioneiro? — questiono, incrédula, tentando absorver as informações absurdas, pois Hardy Dvorak não é conhecido por ser um inimigo passivo. Pelo menos as histórias que ouvi falar do temido chefe dos Dvorak o pintavam como o próprio dono do submundo.

Embora eu estivesse em um convento remoto, lá tinha acesso à internet na biblioteca. Era onde eu passava as madrugadas escondida das demais irmãs pesquisando sobre o mundo aqui fora.

— Exatamente. Em breve você irá até ele e fará o que tem que ser feito.

— Não percebe que isso é um suicídio? Acha que eles aceitariam um bastardo para assumir algo? — tento trazê-lo à razão com a lógica, pouco me importando com as consequências trágicas que virão sobre mim.

Ele apenas esboça seu costumeiro sorriso doentio que me causa asco e repúdio.

— Quem disse que será um bastardo? Eu não sou nenhum estúpido.

Já forjei absolutamente tudo: uma certidão de casamento surgirá no momento oportuno. Basta apenas que cumpra sua parte e gere um herdeiro.

— O homem diante de mim parece ter perdido a sanidade há bastante tempo.

— Mas, papai... — Ele me interrompe bruscamente.

— Já chega, maldita bocuda! Não autorizei que abrisse a porra da boca para absolutamente nada. Sua única função é escutar as minhas ordens e as obedecer. Já deveria ter decorado de cor e salteado o maldito protocolo que espero de você — ele ruge grosseiramente. Uma máscara rígida contorna sua face diabólica demonstrando todo o seu desagrado. Por que ele me odeia tanto? — Meus planos não saíram como o esperado, tudo por você ser uma maldita mulher. Se a sua mãe tivesse cumprido com o papel dela e me dado um filho homem, eu não teria que passar por tantos aborrecimentos e já teríamos conseguido tomar o território dos Dvorak, não nos tornado somente seus aliados inúteis. Se pelo menos aquele idiota do *capo* tivesse aceitado a minha proposta de unir as *famiglie*, [5] em pouco tempo eu conseguiria o

meu propósito. — Ergue um canto dos lábios em um sorriso pretensioso. — Dentro de algum tempo após o casamento, quando já existisse um herdeiro, Hardy Dvorak seria eliminado silenciosamente do seu trono e seu rastro não existiria mais em nosso meio.

— Ele me encara com uma determinação inquebrantável. — Eu sempre consigo o que quero de um jeito ou de outro, querida. Tenha isso em mente

— gaba-se, orgulhoso.

— Tornando-se um homem sem honra e sem escrúpulos? —

murmuro, enojada com sua atitude.

Contudo, logo me arrependo da minha pronúncia ao observar sua expressão se transfigurar em ódio puro, em uma crueza desmedida. Sem demora, ele se ergue da cadeira, vem em minha direção como um anjo

negro da morte e da desolação, pega-me pelo pescoço e me levanta da minha poltrona.

— Quem você pensa que é, maldita vadia? Eu poderia acabar com a sua vida miserável em questão de segundos — ele diz com um ódio nítido na voz.

Automaticamente minhas mãos tentam impedir o seu agarre em meu pescoço, segurando os seus pulsos e os arranhando. Sem sucesso. Estou quase sufocando. O precioso ar não chega aos meus pulmões. Lágrimas começam a molhar o meu rosto e eu penso que chegou o meu fim.

— É pior do que a puta da sua mãe. Pelo menos ela sabia o seu devido lugar.

Quando ele vê que já estou prestes a desfalecer, joga-me na poltrona mais uma vez de forma rude, machucando-me no processo. Levo, imediatamente, as mãos ao pescoço, massageando a área dolorida. Deve estar gravada a marca da sua brutalidade em minha pele.

— Minha gana é de matá-la, pequena infeliz, e faria isso com um extremo prazer. Te garanto que se continuar com a língua sem filtros encontrará somente tormento em sua vida — vocifera o monstro diante de mim.

Não consigo acreditar que o ser em minha frente é o meu progenitor.

Uma sonora gargalhada salta dos seus lábios. Enquanto ele me fita profundamente, posso ver, de forma nítida, a crueza do seu desprezo.

— Meu lema é: se junte ao inimigo, ganhe sua confiança demonstrando sua lealdade, espere o melhor momento para atingi-lo, faça parecer que o golpe veio de outro inimigo e tome posse do que realmente te pertence — ele diz debilmente.

Apenas permaneço imersa em minha própria dor. Pior do que o dano físico está sendo a dor em minha alma. Algum dia encontrarei a cura? Meus olhos estão marejados pelas lágrimas e eu sinto uma dor aguda sufocar o meu peito. Não terei outra alternativa por ora, tenho que apenas concordar

com o plano maquiavélico de papai e rogar para que algum milagre inesperado ocorra.

Agora, que tenho conhecimento das suas futuras ações, estou ainda mais temerosa, pois pelo pouco que já ouvi falar do chefe da *famiglia* Dvorak, sei que o homem é um verdadeiro tirano, sendo que por fora aparenta ser civilizado e polido. Também, como não seria assim? Ele está infiltrado como uma grande figura ilustre da sociedade italiana e é um dos maiores banqueiros do país. Mas dentro da organização é uma verdadeira máquina de eliminar.

Jesus! O que eu posso esperar de um plano sórdido como esse?

Meu subconsciente teima em me relembrar de que não tenho opções.

O que unicamente me resta é ceder à chantagem desprezível de papai.

CAPÍTULO 03

ALEXEI DVORAK

— Inferno! — solto a imprecação, irritado, após escutar as últimas informações de Hardy sobre termos traidores na *famiglia*.

Meu irmão demonstra estar muito encolerizado do outro lado da ligação. Ele me passa sua localização; está no porto local que usamos para despaches. O local é de controle total da nossa organização.

Um dos traidores foi flagrado tentando fugir do país.

Merda! Acabei de chegar de uma missão, e tudo que eu desejava era extravasar minha adrenalina em alguma prostituta gostosa de uma das casas de luxo da *famiglia*. As últimas novatas parecem apetitosas. Duas delícias aguardam, ansiosas, a minha visita hoje à noite, porém terei que protelar.

Respiro profundamente, procurando me controlar. Neste momento um furor latente toma conta dos meus sentidos. Duas das coisas que faço quando estou nesse estado é lutar boxe até a exaustão ou ir para a sala de treinamento de tiros. Essa última opção é a minha especialidade. Nossa sala é equipada com alta tecnologia 3D, altamente ambientada para simular várias situações de ataques de inimigos. Assim, mantenho-me em forma para o próximo passo.

Nunca se deve agir precipitadamente. Essa foi uma das coisas que *papà*[6] nos ensinou. Temos que ter uma mente fria e sem emoção, ou seremos esmagados pelos nossos inimigos. A fúria não adianta em nada nesses momentos, é como nuvens turbulentas que atrapalham a racionalidade de um homem, podendo nos levar à ruína. A *famiglia* não estaria no topo se não agíssemos dessa forma implacável.

Hardy é meu irmão gêmeo, o *capo* da organização, e eu sou seu braço direito, seu *consigliere*. [7] Temos uma afinidade absurda. Ele e *mamma*[8] são

as pessoas que amo verdadeiramente, e eu morreria para os proteger. Desde que papai morreu há sete anos em uma emboscada, ele vem sendo o líder.

— Estou indo para o local, irmão. Eu, pessoalmente, desejo confrontar o traidor também — informo, travando o maxilar e cerrando o punho.

A intuição de Hardy é bastante precisa, pois, de alguma maneira, ele desconfiava da lealdade do nosso “aliado” americano, Michelle, e já tinha colocado um infiltrado em sua cola. *Maledetto*![9]

Eu mesmo farei questão de desmembrar cada parte do seu corpo asqueroso — penso ao desligar e guardar meu celular de última geração na minha jaqueta preta de couro.

Meia hora depois estaciono minha caminhonete preta de luxo em frente a um dos galpões utilizados para despacharmos traidores. O ponto também serve para recebermos as mercadorias ilegais e de contrabando.

Avisto alguns soldados vigiando o perímetro. Quando eles me veem, fazem uma breve reverência, dando-me passagem. Diante do portão que dá acesso à entrada do hangar tem um enorme tubarão, símbolo da nossa organização. Para muitos, ele se trata somente de mais um depósito de peixes; mas para os que conhecem o seu significado, sabem que ele é o terror dentro e fora dos sete mares. Esse símbolo é carregado de grande força e representa o que a *famiglia* é: poder, coragem, agressividade, destemor e proteção aos que são leais. Mas para os inimigos, representa a morte certa.

Adentro o enorme espaço e sigo para a ala destinada às torturas. O

cheiro de sangue e morte já impregna o ambiente. Quando estou chegando perto, ouço o som de ossos sendo quebrados e de lamúrias.

— Por favor, senhor Dvorak, piedade. Vamos, atire logo e acabe com esse sofrimento — o homem implora, agonizando.

Percebo que Hardy ainda não perdeu a paciência. Meu irmão é conhecido por atirar primeiro e interrogar depois.

— Agora você urra por piedade, seu desgraçado? Deveria ter pensado nisso antes de trair a *famiglia*. A sua morte será lenta antes de você servir de comida para os tubarões. Aliás, devo dizer que eles estão famintos —

meu irmão diz, furioso, e desfere outro soco na cara já bastante desfigurada de Michelle, que logo cospe alguns dentes em uma golpada de sangue.

Michelle não aguenta por muito tempo os golpes e seu corpo sucumbe à escuridão.

Observo Hardy se afastar enquanto Vicenzzo, o subchefe da organização, auxilia no processo de tortura. Ele pega um balde com água e gelo e o despeja na cabeça do prisioneiro, que desperta mais uma vez, assustado.

— Quer fazer as honras dessa vez, Alexei? — Hardy questiona, constatando a minha presença no cômodo.

Só agora Michelle também se dá conta da minha chegada e me encara, temeroso.

— São dois? — ele indaga, incrédulo.

Ele era apenas um associado, não tinha conhecimento de que o chefe tem um irmão idêntico. Nem mesmo alguns aliados sabem. Usamos esse fato a nosso favor.

Imediatamente, ele olha para mim. Seus olhos já estão bastante inchados pelos socos que levaram. Vejo-o suplicar para que eu o livre do seu sofrimento e lhe conceda logo um tiro de misericórdia. Mas coloco as mãos nos bolsos da jaqueta negra que uso e o fito com um semblante implacável.

— Está fazendo um excelente trabalho, irmão. Apenas quero ouvir o que o traidor tem a nos dizer.

Hardy somente assente e retorna a atenção para o prisioneiro.

— Sua mente já está bastante fresca ou necessita de mais incentivo, Michelle? — de modo severo, meu irmão o interroga.

— A proposta parecia muito boa, chefe. Muito boa mesmo. Mas era uma armadilha — ele agora se lamenta. — Sinto muito, chefe. — Chora como um bebê indefeso.

— Não foi só o desvio de dinheiro. Você tem ideia do que fez, *figlio di puttana*?[10] — meu irmão urra em uma voz letal e bastante intimidadora para o fazer querer recuar. Michelle está pendurado pelos braços por correntes grossas que estão fixadas no teto do galpão, dificultando seus movimentos. — Você roubou 2 milhões de euros da *famiglia*, e agora chegou a hora de pagar a dívida.

— Perdão, chefe. Perdão — ele implora. Deve estar se borrando nas calças, até porque a expressão de Hardy não é nada amigável.

— Agora é tarde. Você não era merecedor de usar o símbolo da *famiglia*. Vejamos o belo trabalho que Vicenzzo fez.

— Creio que em vez do ferrete,[11] deveria ter usado meu punhal —

diz o homem que é fiel à organização, mostrando o objeto em questão.

O grandalhão logo faz com que Michelle se vire para que possamos verificar o estrago grotesco que ficou em suas costas, que se encontram totalmente queimadas pelo ferrete, principalmente em cima da tatuagem que identificava a organização: um tubarão, o rei dos mares. É assim que dominamos todas as remessas de mercadorias lícitas e ilícitas que chegam e são despachadas: por via marítima. Os únicos que não usam esse símbolo são os membros do conselho. Não poderíamos usar um que fosse tão evidente, senão correríamos o risco de ser descobertos.

— Sabe que suas lamúrias agora não adiantam de nada. Você conhece cada maldita regra e fez um juramento diante de um conselho, jurando sua lealdade, seu verme *maledetto*, mas a quebrou — Hardy continua tentando arrancar algo do homem. Sua voz carregada de sotaque faz o maldito traidor recuar.

— Conte o que você sabe e lhe darei um tiro de misericórdia. Assim, não sofrerá muito — eu intervenho e observo Hardy e Vicenzzo olharem em minha direção, dando-me espaço.

— Eu já disse que não sei de absolutamente nada — ele se lamenta, encarando-me em súplica.

— Ok — digo calmamente e me dirijo à mesa em que estão os materiais de tortura.

Pego um bastão elétrico que desfere uma alta voltagem sem causar a morte do indivíduo. Quando Michelle percebe minha intenção, começa a se espernear, porém seus movimentos são em vão. Assim que encosto a picana

elétrica[12] na sua carne imunda, ele solta um sonoro grito de dor que rasga a sua garganta e se estende pelo ambiente. Realizo esse procedimento diversas vezes e faço uma pausa quando percebo que seu corpo está prestes a perder a consciência. Meu irmão e Vicenzzo apenas me observam.

— Então? Estou aguardando, Michelle. Já se recordou de algo?

Sua respiração está agonizante e sua expressão é de pura dor e tormento.

— Vocês não entendem — ele fala com dificuldade, encarando cada um de nós lentamente. — Eu não sou nada, fui só uma marionete. — Ele tenta recuperar o fôlego. Sua respiração é ruidosa neste instante. — Já sei que a morte é certa... mas eles querem algo maior, querem algo que nem mesmo eu sei o que é. Só sei que eles sabem... e querem tomar o poder por meio desse conhecimento... Querem mais poder e território... O desvio do dinheiro foi somente uma provocação. O próximo passo, eles chamam de

“atingir o calcanhar de Aquiles”.

Miseráveis! Quem é o imbecil que está por trás disso tudo? E o que significa “atingir o calcanhar de Aquiles”? Seria um ponto fraco. Mas qual ponto fraco? Michelle falou em forma de enigmas.

Chego à conclusão de que temos mais traidores dentro da organização. Eles precisam ser eliminados rapidamente, antes que se espalhem como ervas daninhas.

— Quero nomes, Michelle. Agora. — Lanço a picana elétrica contra a sua carne e vejo o seu corpo se sacudir pelo choque.

— Juro que não sei. Não me era passado nada relevante. — Ele chora, já sabendo que seu fim está próximo. — Só sei que o inimigo é de uma forte *famiglia* de gângsters que vem surgindo em Nova Iorque. Quando percebi que eu tinha sido usado como um laranja, já era tarde demais. Por isso eu estava tentando fugir — ele solta.

— Claro. Estava abandonando o barco, como o rato covarde que é —

ressalto, irônico.

— Sinto muito. Tomei uma decisão errada, mas nunca achei que seria deixado para trás — fala com uma certa dificuldade por causa dos cortes na boca.

— Já chega, vou degolar esse desgraçado por ter traído a *famiglia* e cuspido no seu juramento de dar a vida por ela — Hardy sinaliza, pegando um punhal afiado das mãos de Vicenzzo.

Faço um gesto para ele se controlar, pois a mesma ânsia que o domina, está transpassando por cada poro do meu ser e eu só quero fazer justiça. Porém, antes necessito conhecer os nomes dos inimigos.

— Diga o nome — ordeno.

— Eu, definitivamente, não sei... — Ele não teve tempo de falar mais nada. De imediato, Hardy passou o punhal em sua garganta, fazendo um grande buraco em seu pescoço.

Em seguida, Vicenzzo dá um golpe certeiro nele, separando a cabeça do resto do corpo. A cabeça sai rolando e para junto aos meus pés. Do pescoço dele jorra uma grande quantidade de sangue, que começa a formar uma poça enorme, impregnando o ambiente com o cheiro da morte.

— Pelo menos temos uma direção: Nova Iorque — Hardy se justifica somente dando um meio-sorriso e apruma o casaco escuro em volta do corpo. — Limpe a bagunça, Vicenzzo, e elimine os vestígios. Teremos que viajar hoje à noite para Nova Iorque. Preciso colher algumas informações e descobrir quem é o *maledetto* que teve a ousadia de confrontar a *famiglia*.

— Ok, *capo*. Só espero que os tubarões não tenham indigestão —

Vicenzzo comenta enquanto começa a arrastar o corpo para um canto do

cômodo.

Hardy se aproxima lentamente de mim com uma expressão séria.

— Preciso que fique em meu lugar. — Assinto. Muitas vezes trocamos de identidade para confundirmos os inimigos. Alguns acham que morri no

mesmo atentado que pôs fim à vida de papai. — Estarei de volta em, no máximo, três dias. Devo averiguar pessoalmente essa informação.

— Pode ser uma armadilha, irmão — lembro-o.

— Porra! Sei perfeitamente disso — ele grunhe, irritado.

— Eu vou — ofereço-me.

— Não, eu mesmo irei — ele assegura com um semblante impenetrável e obscuro.

— É por causa dela? — Ele permanece casado com uma americana que o abandonou assim que soube que somos de uma família de mafiosos.

Vejo-o franzir as sobrancelhas, formando uma expressão sombria em seu rosto.

— É óbvio que não. Meu casamento não entra nessa equação. Surgiu um problema referente à *famiglia*, e preciso resolvê-lo — ele explica de forma enérgica, mas não convincente.

— Por isso continua fiel à aliança que está no seu dedo, mesmo depois de quase dois anos de separação? — pergunto, descrente.

Essa mulher virou a cabeça do meu irmão de um jeito que acredito não ter mais volta. Por esse motivo, prefiro me envolver com as prostitutas.

Elas são eficientes naquilo que se propõem a fazer: sexo gostoso e sem compromisso. A vantagem é que não nutrem nenhuma ilusão romântica, o que é peculiar às virgens da *famiglia*. As *puttane*[13] sabem perfeitamente o seu lugar.

— Que caralho! A questão do meu casamento não está em discussão.

Nem todos pensam só com a cabeça do pau — ele diz para me repreender, pois sabe que não dispenso uma boa orgia com as putas. — Não se esqueça

de que em algum momento também terá que se casar. Pode não carregar nos ombros o peso de ser o primogênito, mas terá que honrar com a *famiglia*.

Sabe perfeitamente que terá que selar uma aliança, e não poderá ser com uma prostituta, como já está acostumado.

Grunho, irritado, já que tenho o conhecimento desse fato.

Permaneço em silêncio, observando alguns soldados entrarem e auxiliarem Vicenzzo com a limpeza do perímetro. Deixo o galpão, determinado, um tempo depois.

3 dias depois

O cheiro de uísque e sexo quente penetra no quarto. Uma ruiva gostosa rebola em cima do meu cacete, que está todo enfiado na sua boceta suculenta, enquanto a loirinha gostosa está com a boceta em minha cara e eu a chupo com vontade. Nada como uma boa trepada com duas *puttane* profissionais depois de uma tarde exaustiva de trabalho duro.

Virgens e puritanas simplesmente me deixam entediado e sempre as evito. O único sangue virginal que derramarei em minha cama será o da minha futura esposa, mas isso será em um futuro longínquo. Sorte minha ter nascido dez minutos após o meu irmão, pois como não sou o chefe, não carrego o peso da responsabilidade de ter logo um herdeiro que garanta as próximas gerações da *famiglia* Dvorak. Então, pouco me importa qual gazelinha assustada me darão em casamento. Daqui para os meus 60 anos vou ter aproveitado muitas bocetas e me deliciado de cada buraco feminino disponível. Não preciso fazer muito esforço nesse quesito, visto que a mera menção do meu sobrenome já faz com que as pernas se abram para mim.

Basta apenas que eu escolha qual será a presa da noite.

Depois da foda formidável, dispenso as prostitutas, que foram muito bem remuneradas pela performance admirável. Deliciei-me com cada buraco dos seus corpos. Em seguida tomo um banho rápido, revigorante, e abandono o quarto, indo para a parte de baixo do estabelecimento. O hall

principal de entrada da boate de luxo está repleto de clientes. Hoje a casa está lotada e renderá muitos lucros. Algumas garotas dançam em uns postes de *pole dance* e em gaiolas douradas. Elas estão seminuas para satisfazerem os convidados e são a atração noturna.

Mesmo depois da foda enérgica, sinto-me entediado.

Hardy chegou ontem à noite de Nova Iorque, e apesar de ter obtido êxito na sua missão e recuperado o dinheiro, não conseguiu descobrir muitas coisas sobre o possível surgimento de uma nova organização no território da *famiglia* na América.

Tenho certeza de que ele aproveitou também a viagem para ver a sua amada esposinha — penso com desdém.

Por *Dio*! Por isso prefiro as *puttane*: elas são tão frias e, eventualmente, não abrigam sentimentos tolos. Não irei ficar refém de uma mulher, muito menos de uma boceta.

Dirijo-me a uma mesa mais afastada da agitação da noite siciliana e observo alguns casais fazerem sexo sem pudor aqui mesmo, no salão. A cena é quente e excitante. Sinto meu corpo saciado, contudo minha mente ainda está inquieta. Peço uma dose de uísque para uma das garçonetes, que está vestida de coelhinha. A morena me atende prontamente e eu percebo o seu sorriso cheio de segundas intenções ao me entregar o copo com o líquido escuro.

Dou uma olhada no que está sendo oferecido a mim descaradamente.

A morena é gostosa, entretanto seu joguinho de sedução não é atraente, pelo contrário, é entediante. E com apenas um gesto de mão, eu a dispenso. Logo observo seu sorriso sugestivo morrer nos lábios cor de carmim.

Encaro uma das gaiolas douradas e vejo Sorah, uma ruiva deslumbrante. Ela está dançando sensualmente e seduzindo os homens. Vez ou outra ela me fita com seus olhos azuis e sensuais. Ela está com uma cara amuada de quem ficou decepcionada por eu não a ter escolhido nessa noite.

Verifico as horas no meu relógio de pulso de última geração. *Cazzo*!

[14] Eu já deveria estar no Palazzo. Jogo algumas notas em cima da mesa e

me dirijo até a saída. Sinto um arrepio, algo como um mau presságio atravessar a minha nuca, como se eu estivesse sendo observado. Analiso discretamente a área da boate, mas não detecto nada de anormal. Não sou um homem supersticioso e que acredita nesse tipo de bobagem, até mesmo porque o *figlio di puttana* que ousasse tal façanha seria derrubado pela minha pistola e conheceria as chamas do inferno mais cedo.

CAPÍTULO 04

ALEXEI DVORAK

Uma dor persistente e incômoda atravessa o meu crânio.

Automaticamente, trago as mãos à cabeça, constatando um calombo enorme nela. Grunho, enfurecido, ao me recordar do último ocorrido. Não sei quantas horas fiquei desacordado depois de ter sido sequestrado em uma emboscada. Cerro os dentes com a lembrança.

Maledetto! Seja quem for que estiver por trás desse episódio sórdido, sofrerá graves consequências.

— Finalmente despertou, senhor Dvorak. Calma, eu o ajudarei. —

Ouço uma voz serena me tranquilizar. Não consigo abrir os olhos, com a dor insistente que atinge as minhas têmporas e o meu crânio. Logo sinto um pano molhado e gelado ao redor do galo em minha cabeça. — Isso vai ajudar a aliviar a dor.

— Onde estou? — pergunto, reconhecendo que não estou em meu quarto, e a voz da mulher não me traz recordação alguma.

— Não estou autorizada a entrar em detalhes. Se eu falar demais, perderei a língua — ela se justifica.

— De qualquer maneira já está se condenando a perdê-la. — Forço-me a abrir lentamente as pálpebras e a focar na bela mulher.

Ela tem cerca de 45 anos, mas a jovialidade e o vigor ainda são nítidos nela. Observo os cachos cor de cobre emoldurarem seu rosto bonito.

Levo a mão diretamente à minha arma, contudo não encontro nada, como eu já imaginava. Analiso ao redor e fico surpreso com o ambiente ao constatar que não estou em uma cela imunda, e sim em um quarto muito bem equipado para um prisioneiro, apesar do cômodo ser bastante austero e escuro.

Recordo-me brevemente de ter saído da boate e seguido em direção ao meu carro. Alguns soldados já estavam me aguardando ao lado de fora, quando a poucos passos dali, dois jovens bêbados começaram uma briga, despertando a nossa atenção. Foi somente um breve lapso de descuido.

Quando constatei que era uma armadilha e que, na verdade, os soldados já se encontravam rendidos, tentei reagir, no entanto senti uma forte pancada na cabeça que me fez apagar instantaneamente. *Accidenti*! [15]

Mantenho meu foco na mulher, que faz o seu trabalho de forma eficaz. Agarro fortemente o seu pulso, interrompendo o que ela está fazendo, e a vejo se assustar. Ela está com os olhos quase esbugalhados.

— Diga o nome — minha voz sai baixa, mas ela percebe que não estou para brincadeiras.

— Mais cedo ou mais tarde descobrirá, senhor — ela fala e, em um átimo de segundo, minha palma toca em seu pescoço.

— Diga!

Há medo em seus olhos de tonalidade amendoada.

— Por... favor... — ela suplica.

— Tem somente cinco segundos antes que eu aperte exatamente o ponto crucial que a fará perder os sentidos e, imediatamente, ir para o inferno.

— An...kys — ela sussurra com um esforço tremendo.

Sinto um ódio mortal transbordar em mim como um vulcão em erupção. O *maledetto* Anthony? Não pode ser ele. Nós o considerávamos um aliado. *Porca miseria*! [16] Com qual intuito? Que porra! Estamos cercados de traidores? Primeiro um “aliado” americano, e agora o velho Anthony?

Solto o pescoço da mulher devagar enquanto me ergo do colchão, sentindo uma leve vertigem. Ela me olha amedrontada, como uma presa assustada, e põe as mãos ao redor da pele avermelhada do seu pescoço.

— Me ajudará a sair deste purgatório ou terá o mesmo fim que Anthony — digo, seguro.

— Não conhece a maldade desse homem. Ele não permitirá — ela responde, soluçando. — Apenas cumpro ordens.

— Devo dizer que desconhece os meus métodos, mas te garanto que preferirá os dele aos meus se não me ajudar — asseguro-lhe.

— *Afaste-se da mulher* — uma voz robótica entoa pelo cômodo e eu detecto que o recinto está sendo monitorado. Obviamente.

— E se eu não obedecer, vai fazer o quê? — questiono com deboche.

Analiso possíveis esconderijos de câmeras, já que o quarto não contém outra mobília além da cama. Logo noto alguns pontos na parede, e a ventilação também não é natural, visto que não tem janelas aqui.

Sem aviso prévio, sinto um choque atravessar a minha carne.

Imediatamente meu corpo pende para o solo e eu caio de joelhos, finalmente detectando as tornozeleiras elétricas.

— *Se não obedecer, será eletrocutado* — a voz poderosa ecoa.

Observo a mulher abandonar o lugar com passos apressados, como se estivesse fugindo do próprio inferno.

(...)

Pela milésima vez analiso minhas alternativas. Já é o meu segundo dia no cativeiro e me encontro na mesma situação.

Maldição! Será que todos os soldados foram mortos na emboscada?

Não faço a mínima ideia, mas acredito que Hardy já está inteirado da situação. Provavelmente, as últimas horas de Ankys já estão se encerrando como a de uma ampulheta.

Porra! Este cubículo estreito está me deixando entediado. No entanto, devo reconhecer que as acomodações não são de todo ruim, como deveriam

ser para um prisioneiro. Até mesmo um pequeno banheiro tem no cômodo.

Alguma coisa me faz acreditar que existe algo a mais por trás desse episódio. Anthony não seria tão idiota de mexer com a *famiglia* sem ter uma ideia em mente. Antes de eu apagar por completo, escutei uma voz de comando comemorando que obteve êxito no plano de sequestrar o "*capo*"

dos Dvorak. Se Ankys está agindo sozinho ou com algum inimigo, esse detalhe será averiguado.

Desde que cheguei aqui, aguardo ansiosamente pelo nosso encontro.

Todavia, como o covarde que ele é, ainda não apareceu.

Eu estava tão distraído em minhas divagações e planos de como quebrar cada maldito osso daquele *maledetto*, que somente neste instante me atento de que não estou sozinho no quarto.

Maledizione![17] Vejo uma pequena mulher entrar no espaço minúsculo e sinto meus instintos em ebulição. Meus olhos, de imediato, são atraídos por um par de pernas torneadas que me deixam de queixo caído. O

sobretudo cor de vinho deixa pouco para a imaginação fértil de um homem.

Logo imagino a bela *ragazza* com uma lingerie da mesma cor e semitransparente por baixo da vestimenta, e, instantaneamente, sinto meu pau endurecer e minhas bolas pesarem.

Caralho! Nem parece que fodi há poucas horas. Minha libido deveria estar sob controle.

Apesar de ser pequena, a figura da mulher é mignon e me deixa enfeitiçado. Não consigo desgrudar os olhos do contorno sensual. *Cazzo*! O

patife me enviou uma *puttana*[18] gostosa para cacete.

Mas por mais que eu aprecie uma boa rodada de sexo quente e desapegado, um ódio visceral me domina e somente me imagino colocando as mãos no pescoço do desgraçado do Anthony. Depois enviarei o *figlio di puttana* para o inferno. Aí sim poderei pensar na *puttana* gostosa que está em minha frente. Tenho o lugar perfeito para a abrigar: na nova boate da *famiglia* que será inaugurada daqui a um mês. Eu serei o primeiro cliente a estrear todos os buracos do seu corpo. A *bambolina*[19] será exclusivamente

minha até que o súbito interesse que ela acabou de me despertar, evapore. Já posso me imaginar com o meu pau atolado até as bolas na sua bocetinha suculenta e apertada.

Com os pensamentos indecentes que tomam a minha mente, o meu cacete enrijece ainda mais. Porra! Já posso sentir a tora dura e encorpada entre as minhas pernas. Como um animal irracional e com os instintos primitivos ativados, desejo saborear lentamente o que me é oferecido.

Avalio os seus quadris generosos, verificando que ela aguentará as minhas estocadas vigorosas. No mesmo instante, imagino seu bumbum farto todo vermelhinho, provocado por algumas palmadas mais intensas na sua pele macia e suave. *Sí,*[20] *cazzo*, eu desejo marcá-la.

Apesar de ela ser uma puta, algo doce e angelical nas suas feições me atrai como se houvesse um ímã poderoso. É um sentimento irracional e absurdo. Neste momento, reconheço que necessito corrompê-la.

Contudo, refreio-me a tempo. Não posso agir por insensatez. Pelo menos não ainda, considero.

CAPÍTULO 05

ANTONELLA ANKYS

Quando entro no quarto, estagno no lugar. Eu estava esperando algum velho babão e asqueroso, mas o desconhecido diante de mim parece um modelo saído de alguma revista famosa de moda. O corpo é alto e moldado em músculos. Ele é lindo demais, apesar de sua aura ser intimidadora, sombria, e sua expressão ser de poucos amigos. Aliás, estou diante do inimigo. Ele poderia acabar com a minha vida com apenas uma mão.

Constato isso ao observar o vigor do seu punho rígido.

Intimidada pelo seu olhar hostil, dou dois passos vacilantes para trás.

Estremeço somente ao imaginar esse espécime cometendo alguma atrocidade. Considero que essas mesmas mãos já tenham cometido vários crimes aterrorizantes. Deus santo! Noto a figura aterradora frisar os lábios, irritada.

— *Maledizione*! Eu sabia que Anthony era um covarde e que agia de modo traiçoeiro, mas mandar uma *bambolina* para fazer o trabalho sujo?

Ele não passa de um maldito bastardo. — Ele me encara de modo sarcástico como se eu fosse um abominável inseto a ser pisoteado. — É melhor dar meia-volta.

O homem pensa que estou aqui para negociar? Eu sou a droga do acordo. Anthony só pode estar louco de me oferecer como uma maldita oferenda para o sujeito diante de mim.

— Bem, senhor, eu estou aqui com outro propósito. Não fui mandada aqui para negociar, e sim para... lhe servir — quando as palavras saltam da minha boca, tenho ânsia. Sinto o gosto amargo da bile subir pela minha garganta. Estou me comportando como uma puta.

— Isso eu já constatei desde o minuto em que entrou por aquela porta. — Um sorriso pretensioso se ergue em seus lábios bonitos.

Observo o olhar do desconhecido passear vagarosamente por mim.

Ele parece se atentar ao meu corpo e ao meu traje sedutor. O sobretudo cor de vinho mal chega ao meio das minhas coxas e eu estou quase nua por baixo da vestimenta. Apenas um conjunto *sexy* de lingerie da mesma cor complementa o traje. Eu nunca tinha me vestido com roupas tão reveladoras. Automaticamente, seguro com maior firmeza o laço que prende o sobretudo ao meu corpo, como se, dessa maneira, eu pudesse impedir que o desconhecido ultrapasse alguma barreira.

Oh, céus! Mas o que estou fazendo? O propósito é exatamente esse: seduzi-lo. E quanto antes eu concluir a tarefa, melhor será.

Comprovo o olhar abrasador de um azul profundo e escaldante deslizar de forma indecente pela minha pele, depois subir pelas minhas coxas e, de forma atrevida, parar no meu busto. Ele está me despindo com os olhos. Sinto instantaneamente meus seios pesarem e os bicos intumescerem em resposta. De algum modo, um calor inesperado atravessa o meu organismo, pois sei que o homem apreciou o que está sendo oferecido.

Na mesma hora repreendo esse pensamento tolo. O plano é apenas eu me deitar com o inimigo e conceber um bebê dele, não ao contrário: eu me deixar ser seduzida por ele. Estou seduzindo o chefe da *famiglia*, o plano é claro e objetivo.

Entretanto, noto suas feições mudarem abruptamente de desejo para escárnio.

— Por que Ankys te mandou até mim?

Meu Deus! Meu rosto arde de constrangimento, de modo que tenho certeza de que ele já percebeu perfeitamente minhas intenções. Todavia, seu propósito parece ser escutar isso dos meus lábios.

— Não está evidente? É necessário que, além de eu estar vestida como uma prostituta, tenha um letreiro na testa?

— Então, o seu objetivo é apenas que eu a foda? — ele pergunta com deboche.

Somente meneio a cabeça afirmativamente e sinto meus olhos se encherem de lágrimas. É extremamente desagradável ser tratada como um objeto sem nenhum valor. Suas palavras queimam em meu subconsciente.

— É uma proposta tentadora, *ragazza*. Devo reconhecer que é uma bela *puttana*. Só... que eu não fodo com prostitutas. — Seu sorriso é desdenhoso.

Se eu não tivesse aprendido no convento que uma dama não deve proferir palavrões, eu já teria dito umas poucas e boas para o senhor arrogante e presunçoso.

— Acontece que não sou nenhuma puta. Se estou sendo coagida a agir como uma, há um propósito. — Sinto um bolo carregado de aversão se formar em minha garganta.

— Claro. Deixou evidente qual é — assegura de forma sarcástica.

— Proporcionar-lhe prazer — afirmo, engolindo o orgulho, e com um meio-sorriso sensual mordo o lábio lentamente. Também faço uma pose que considero sedutora.

Só espero não estar falhando miseravelmente nesse processo e estar agindo como uma idiota. Mas não é hora de eu me fazer de acanhada, já que o meu propósito é exatamente o contrário.

— Um presente de grego? — Ele ri, sem humor. — O que isso me custaria depois? — Aproxima-se de mim lentamente, como uma pantera negra. Tão letal e predador quanto o próprio felino.

Com um certo receio da ferocidade que vejo em suas írises azuis, dou duas passadas para trás e esbarro contra a parede. Minha respiração está agitada e minha caixa torácica bate desenfreadamente para tentar conter o meu temor.

— Está com medo? Não já está acostumada a lidar com homens como eu? — Ele se aproxima de mim a fim de me encurralar contra a parede.

— Eu... Eu... Eu nunca estive com um homem como o senhor — digo em um fio de voz sem, de fato, raciocinar com clareza.

Mas, de certa maneira, é a verdade: nunca estive com um homem antes, ainda mais se tratando de um espécime tão dominante como o que está em minha frente.

Os ângulos do seu rosto são muito bonitos, porém contêm uma letalidade que faz qualquer espécie do sexo feminino sucumbir. As mulheres devem fazer fila em sua cama para terem o prazer de desfrutar dos seus talentos sexuais.

Apesar de eu ter crescido em um ambiente totalmente severo, a energia erótica e predadora que emana do homem diante de mim é palpável.

Ele parece faminto.

Papai só podia estar fora do seu juízo perfeito ao esquematizar um plano maluco como esse. Por que uma garota simples como eu, saída recentemente de um convento, agradaria um homem como Hardy Dvorak, o temido *capo* da *famiglia*? Sua reputação já atravessou os quatro cantos do continente europeu. Ele é frio e sanguinário.

— Então, como pretende me satisfazer? Sou muito exigente na cama, pirralha. Acha que dá conta? — sua pergunta me surpreende. Ele está mesmo considerando a minha oferta?

— Está tentando me intimidar?

Um sorriso pecaminoso surge nos seus lábios firmes.

— Talvez. Está disposta a descobrir? — Ele sopra em direção ao meu ouvido e sua voz intimidadora logo ressoa pelos meus tímpanos. — Preste atenção agora , *ragazza*.

Nesta posição parece que ele está rendido à minha patética tentativa de sedução e que estamos trocando carícias. Sua mão poderosa sobe lentamente pelo meu braço em um terno afago e ele resvala delicadamente a minha pele. Seu polegar esbarra em um lado do meu seio e eu sinto meus bicos ficarem túrgidos em resposta. Fico mortificada. O sorriso profano surge em sua boca quando ele compreende o seu efeito sobre mim. Seus olhos estão cravados em meus seios e eu coro feito uma adolescente tola.

Hardy Dvorak é um homem que exala sedução e sabe perfeitamente disso.

— É muito sensível, *bella*[21] — fala com segurança.

— Eu... Eu... — Não sei o que, de fato, responder, pois os únicos homens com quem já convivi foram papai e o meu primo, Nathan; e, claro, alguns subordinados de papai. Mas o homem que está diante de mim, mesmo sendo somente um prisioneiro na condição atual, exala poder e perigo por cada músculo do seu corpo poderoso.

Não posso negar também que ele possui uma beleza inigualável e que, mesmo estando aprisionado, cheira deliciosamente bem.

Analiso seus ângulos masculinos com curiosidade e logo ouço o seu tom convencido.

— Gosta do que vê, *ragazza*? Não sou nenhum dos moleques com quem já deve estar acostumada a trepar. Sou um homem que aprecia os perigos e as intensidades de uma foda bem dada.

Sinto um ódio me percorrer ao comprovar o quanto ele foi pretensioso na sua pronúncia. Que abusado! Se eu tivesse outra alternativa, agiria de modo tão frio como a Antártica.

— Percebo que tem um ego enorme, senhor Dvorak — rebato causticamente.

Parece que minha fala não fez um único arranhãozinho no seu ego.

Seu sorriso permanece cínico. Ele sabe o efeito que causa nas mulheres e se beneficia dessa vantagem.

Meu Deus! Ao mesmo tempo em que desprezo a sua afirmação, sinto tanto calor, que pareço derreter como uma bola de sorvete sob o seu olhar cálido.

— Não estou sendo soberbo, *bella mia*,[22] só não sou cego e percebo os detalhes — o cretino sussurra rente ao meu ouvido, fazendo com que os pelos dos meus braços fiquem eriçados e os bicos dos meus seios fiquem

ainda mais proeminentes. — E pode acreditar que não é só o meu ego que é enorme.

O que ele quis dizer com a última afirmação?

Logo percebo seu polegar deslizar lentamente pela abertura do meu sobretudo e contornar o topo dos meus montes sensíveis. Mas ele não atravessa a barra do tecido, apenas faz com que eu tenha consciência da minha vergonha. Por que ele tem que ser um mafioso tão lindo como um pecado? Neste momento, creio que eu preferiria lidar com um velho babão.

Repreendo esse pensamento ao imaginar o sórdido do Sanches.

Apesar de ser um convencido, Hardy Dvorak é um homem belo e sabe do seu magnetismo com o sexo oposto.

— Está enganado. — Tentei afirmar com convicção, mas creio que falhei terrivelmente.

— Não é o que a sua linguagem corporal está demonstrando. — Olha fixamente para os meus seios.

Que descarado. Ele diz que não me deseja, mas aproveita bem o que está sendo oferecido.

— Sinto muito arranhar seu alter ego, mas qualquer mulher reagiria da mesma forma — comento energicamente. — E se estivesse realmente atento ao espaço em que nos encontramos, notaria que o clima está mais frio do que o habitual. E é claro que nosso corpo reage às temperaturas do ambiente.

Touché! — comemoro internamente ao ver um vinco se formar em sua testa.

— *Piccola bugiarda*,[23] se quer negar algo tão evidente, precisa ser mais convincente. — Ele se aproxima do meu pescoço como um predador nato vagarosamente. Parece apreciar o meu perfume. — Pensei que o plano era me seduzir, não negar que sentiu uma forte atração assim que me viu.

Acredite: para mim não é surpresa alguma, pois você não é a única. Todas, geralmente, reagem do mesmo modo — sussurra, rouco.

Maldito convencido! Por que tem que ser bonito como um anjo caído?

Clareio a minha mente e tento focar no plano. O que esse desconhecido está fazendo comigo, para estar deixando o meu cérebro entrar em pane?

— Se quer acreditar nisso para afagar a sua vaidade masculina, fique à vontade, mas saiba que só existe uma verdade.

Ele ergue uma sobrancelha, zombeteiro.

— Que seria? — inquire.

— Toda essa situação está sendo imposta a mim. Acredite. Do contrário, eu estaria bem longe deste lugar. Que mulher se agradaria de estar sendo usada como uma puta?

A descrença estampa o seu rosto.

— *Che bella cagna*. [24] — Ele sussurrou com as pupilas escuras dilatadas pelo desejo? Seria possível? Hardy parece travar uma luta. — Mas não estou aceitando a sua oferta. Dessa maneira, não precisa estar aqui.

Quando quero comer uma *puttana*, eu mesmo a escolho, não ao contrário.

Filho da mãe! Ergo a mão para estapear o seu belo rosto, mas sou detida quando ele segura o meu pulso com uma pegada firme. Minha respiração está ofegante. Tenho o conhecimento de que ele pode me matar unicamente com um golpe.

— Seu teatrinho não funciona comigo, *ragazza*. Por que se finge de ofendida, quando estou somente dizendo a verdade? — Ele sorri com deboche.

— Não é o que parece. Eu não sou uma puta, fui criada em um convento e...

Sua risada abafada é de total descrença. Depois vejo um sorriso torto surgir no canto dos seus lábios firmes e diabólicos.

— Só falta me dizer que é tão intocada e virgem como uma freira.

— E se fosse esse o caso? — minha pronúncia sai no automático, sem tempo de eu refletir.

— Uma puta virgem? Impossível. Nunca tente me ludibriar. Eu não acredito em contos de carochinha, *bambolina*.

— De qualquer maneira, não acreditará em nada que eu disser.

— Tem razão. Então, é melhor não gastar sua preciosa saliva — ele diz, implacável. Ogro insensível. — Agora, preste atenção, pois te darei uma única chance de sair viva daqui, *bambolina*. Me ajude a fugir deste lugar asqueroso, e eu pouparei a sua vida — sua voz é baixa e perigosa.

Neste momento compreendo a sua atitude. Ele sabe que o quarto está sendo monitorado e está atuando como se tivesse me aceitado como oferta.

Claro que não tem a certeza plena, mas imagina algo assim vindo de papai, que não deixaria um prisioneiro à deriva, principalmente um tão valioso.

— Acha que tenho alternativa? — Meus olhos estão marejados. — Se eu tivesse uma maldita escolha, já teria posto abaixo cada parede imunda desta zona asquerosa. Porém, aprendi que não adianta eu gritar, porque ninguém virá me socorrer.

Ele toca em meu pescoço sutilmente e eu arfo com o seu contato. Se ele quer me matar, que faça isso de uma vez. Já estou farta de viver nessa incerteza.

— Tem consciência de que basta um leve movimento meu, e eu quebro o seu gracioso pescoço, *ragazza*?

— Então, faça isso. Não fará a mínima diferença por qual mãos sucumbirei.

Vejo-o trincar o maxilar fortemente e de modo rude.

— *Maledizione*! Saia daqui! — rosna, furioso, afastando-se de mim com uma destreza impressionante.

— Eu sinto muito, mas estamos no mesmo barco — saliento, sentindo uma onda angustiante me sufocar.

Ele apenas me olha com um desprezo nítido e se afasta de mim enquanto a porta é aberta. Atravesso por ela como se estivesse fugindo do próprio inferno.

CAPÍTULO 06

ANTONELLA ANKYS

Depois do fiasco que foi a minha patética tentativa de sedução, fico trancada a maior parte do tempo no quarto que me foi destinado. De certa maneira, estou feliz por ter fracassado, mas a recordação do olhar intenso do homem enigmático ainda permanece em minha mente. É como se, de algum modo, ele tivesse me marcado.

Olho pela janela. Por ela, posso ver algumas movimentações no jardim do castelo. O lugar parece bem mais vigiado do que o habitual, como se fosse alguma barreira. Senhor Deus! Papai supõe realmente que toda a *famiglia* Dvorak não está em busca dos responsáveis pela afronta?

Estremeço somente ao me lembrar disso. É provável que não deixem pedra sobre pedra do castelo. Ele já deve estar ciente de que fracassei no seu plano doentio de seduzir o chefe. Só espero que esse episódio lamentável traga de volta algum resquício de juízo à sua cabeça-dura antes que possa ser tarde demais e não exista mais nenhum recurso que possa impedir uma guerra sangrenta e brutal entre máfias.

Minhas preces parecem não ter sido atendidas, visto que Yrine acabou de entrar no quarto e, pelo que percebo, ela não está sozinha. Papai a acompanha, e sua expressão não é das mais amigáveis. Comprovo isso ao ver a máscara rígida de frieza contornar sua face.

— Pequena imprestável! — ele vocifera assim que adentra o cômodo.

Tenho a compreensão de que ele já se inteirou do meu fracasso na tentativa de sedução. Seus olhos estão vermelhos, em pura fúria.

— Eu não tenho culpa, papai, se ele não me deseja — justifico-me à medida que noto sua figura aterradora se aproximar de mim rapidamente.

— É uma maldita vadia, igual à sua mãe! — Estapeia o meu rosto, que, com o impacto, pende para um lado.

Eu mal me recupero do baque que seu golpe me causou e ele pega abruptamente o meu queixo. Seus olhos são tenebrosos e macabros, em uma escuridão doentia. É como se eu estivesse caindo em um abismo sem fundo.

— Se não conseguir seduzi-lo, vou te entregar ao velhote do Sanches.

Talvez ele ainda queira você — rosna, enfurecido. — É uma maldita inútil, igual à sua imprestável progenitora. — Ele aperta fortemente o meu queixo.

Até penso que irá quebrá-lo com a pressão que exerce.

Só a menção desse nome me apavora. Meus olhos estão marejados pelas lágrimas. Não posso crer que o homem diante de mim seja o meu pai.

Minha vontade é de cuspir no seu rosto e arcar com as consequências, mesmo que ele arranque meus últimos suspiros a golpes. Mas, ao mesmo tempo, não posso ser imprudente e colocar a vida de Lua em perigo. Ela é a única família que tenho.

— Qual a porra da dificuldade de abrir as pernas para o Dvorak?

Nenhum homem consegue resistir a um convite desse. Não é tão bonita quanto a sua falecida mãe, contudo, todos os mafiosos têm o sangue quente por natureza e não resistem a uma boceta e a um sexo ardente, principalmente um Dvorak, que são predadores natos — ele ruge, enfurecido, e me empurra.

Acabo perdendo o equilíbrio, caio na base da cama e me machuco.

Um gemido sofrido abandona meus lábios sem hesitar. Mas Anthony não parece se incomodar se sua atitude me causou algum dano.

— Pequena inútil! Se não colaborar com o meu plano, vai conhecer realmente do que sou capaz de fazer por poder. O peso da minha mão cairá sem piedade em cima de você, e então conhecerá todo o meu furor.

Encaro-o com todo o desprezo que carrego dentro do peito, pouco me importando se irei conhecer a sua fúria neste instante. Contudo, imediatamente, surge um sorriso cruel e satisfeito nele.

— Petulante. Gosto disso, me faz desejar ainda mais esmiuçá-la. Mas preste atenção, maldita *ragazza*: volte àquele quarto e faça o que tem que fazer, ou então... — sua advertência é nítida.

— Ou então o quê? — elevo a voz, já não suportando as suas humilhações e brutalidade. — Me matará? — Rio, sem humor, ainda segurando o meu quadril machucado.

Ele apenas me observa como se eu fosse um monte de esterco.

— Matá-la? — Coloca as mãos nos bolsos do casaco. — Não, querida Antonella. Eu ainda tenho planos para você. Sua mãe não me deixou outra alternativa além de te barganhar.

— E se eu me recusar?

Ele dá um sorriso frio que me faz estremecer. E, sem que eu percebesse, rastejei-me para longe dele, mesmo que o meu quadril ainda estivesse latejando devido à pancada.

— Acha que tem alternativa? Grande engano. Se não fizer o que estou mandando, sofrerá as consequências — adverte-me.

— Eu não me importo! Se quiser me matar, me mate de uma vez, mas não farei o que pede! — grito, mesmo que ele vá me fazer de saco de pancadas.

Seu sorriso é de escárnio e intimidador neste momento.

— Talvez prefira que sua irmã seja a barganha.

Encaro-o, assustada. Penso que meu coração parou de bater apenas por ele ter tocado no nome da minha irmãzinha.

— Lua é somente uma criança — protesto.

Meu coração está prestes a sair do peito, com um sentimento de medo aterrorizante.

— Sim. — Um sorriso irrealista cruza sua face. — Existem rumores de que o velho Sanches aprecia meninas novinhas que ainda não tenham pelos, muito menos os peitos crescidos. Deve se lembrar bem disso, Antonella. Recebi inúmeras propostas por você, mas sou um homem ambicioso — pronuncia cinicamente, como se não estivesse falando da própria filha.

Minha pele se arrepia, em pura agonia, e chego a sentir um gosto amargo na boca. O velho Sanches é um homem gordo e asqueroso, um forte aliado de papai. Ele era uma presença constante aqui em casa. Embora eu fosse só uma criança, consigo me lembrar. Nunca gostei da forma predadora que as pupilas escuras e demoníacas dele me encaravam. E apesar da vaga lembrança ser de anos atrás, sinto calafrios ao pensar naquele sujeito, que, mesmo não detendo tanto poder no meio da máfia, é um homem com algumas posses. Nunca permitirei que aquele ser desprezível encoste um dedo sequer na minha irmãzinha.

— Se recorda dele, querida? — sua pergunta em um tom calmo contém a letalidade necessária para me desarmar, e ele tem consciência desse fato.

Meu pai sabe perfeitamente que me deixou sem alternativa.

— Ele gostava bastante de você quando era pequena. No entanto, nos meus planos, eu tinha que manter sua virgindade.

Minha pele se arrepia no mesmo segundo com o nojo tremendo que sinto. Ele não está se referindo que teria me entregado para aquele velho asqueroso, certo? O meu próprio pai, o homem que, supostamente, deveria me proteger. Ainda me lembro do modo lascivo como aquele velho sórdido beijava o meu rosto quando eu era pequena. Eu detestava o seu toque na minha pele e o seu beijo cheio de cobiça no canto dos meus lábios. Tudo parecia inofensivo aos olhos de quem estava ao nosso redor, mas eu sentia a sombra da maldade emanar do seu ser. Mamãe sempre me advertiu para nunca ficar sozinha com ele.

— Muito bem, papai — cuspo as palavras de forma cáustica. Quero que ele saiba o quanto o desprezo por estar me sujeitando a agir como uma prostituta.

É loucura, no entanto prefiro me submeter ao temível chefe dos Dvorak a ter que ser uma barganha para o Sanches. Não suporto aquele velho asqueroso, muito menos permitirei que aquele ser perverso se aproxime de Lua e roube a sua inocência.

— Excelente. O tempo está se esgotando e terá que agir rápido, pois a segunda parte do plano precisa ser colocada em execução o mais breve possível, ou algo poderá falhar. E não permitirei. Então, cumpra o seu papel. — Ele olha para mim com desprezo. Ainda estou no solo e percebo que o agrada me ver nessa posição inferior. — Deveria ser muito grata a mim. Vou torná-la uma mulher influente quando estiver carregando o futuro herdeiro Dvorak, e será bastante útil, pois eles aceitarão facilmente a criança. Se encarregue apenas de que seja um menino — ele fala como se eu fosse a responsável por escolher o sexo do bebê. — Yrine irá abordar...

alguns assuntos peculiares com você. O que irá facilitar o seu serviço, digamos assim. Mas saiba que se fracassar mais uma vez, será aquela pirralha imunda que irá pagar. Não admitirei mais erros. — Abandona o quarto.

Somente depois de ele deixar o ambiente, Yrine vem ao meu auxílio.

CAPÍTULO 07

ANTONELLA ANKYS

Depois de tomar um banho e cuidar do hematoma que ficou em meu quadril, retorno ao quarto, envolvida em apenas um roupão rosa felpudo.

Meus cabelos estão envoltos em uma toalha. Percebo alguns apetrechos em cima do colchão, juntamente com algumas lingeries. Yrine já está me aguardando. Quando me aproximo da cama, fico perplexa com os itens que estão sobre as cobertas. Meus olhos se ampliam ao máximo assim que observo os brinquedinhos indecentes.

Misericórdia! Se alguma das irmãs se inteirasse de algo impróprio como esses objetos, ficaria chocada.

Na superfície da cama estão algumas bolas, frascos contendo alguns líquidos ou géis e pênis de borracha de diferentes tamanhos e formatos.

Meu rosto queima somente por eu contemplar esses itens em questão. A maioria, eu não sei identificar para o que serve. A única coisa que indica que eles se tratam de brinquedos eróticos é o fato de os pênis estarem entre os demais produtos.

— Não precisa se preocupar, Ella — comenta Yrine.

A mulher parece ter percebido o meu desconcerto diante desses objetos. Mas é claro que não é a primeira vez que vejo algo referente ao órgão reprodutor masculino. Já vi figuras ilustrativas, obviamente.

— Apenas estou usando algo para explicar a mecânica em que ocorre o sexo — ela explica.

Meu Deus! A mulher pensa que sou alguma espécie de noviça retardada? Já estamos no século XXI. É óbvio que por mais que não fosse explícito o assunto de sexo no convento, eu tenho o conhecimento básico de como é realizada a mecânica da coisa, desde a troca de carícias até o momento da união dos corpos e um prazer intenso. Uma das irmãs me

confidenciou sua vida mundana antes de decidir abdicar dos seus hábitos e pecados da carne, optando por se dedicar somente ao Senhor.

Não, eu não posso negar que já sonhei em encontrar o meu príncipe encantado. Afinal, as menininhas são incentivadas a divagarem sobre essas tolices. Mamãe sempre cantarolava uma canção para mim e me chamava de princesa, dizendo que um dia eu encontraria alguém que me amaria a ponto de querer sacrificar o que mais amasse por mim, que curaria minhas feridas e não me trataria com desdém ou desprezo, e sim como algo extremamente precioso.

Creio que os abusos sofridos ao longo dos anos ao lado de papai a fizeram querer me anestesiar da verdade do nosso mundo sombrio. Talvez ela tivesse

pensado que me poupando de certos detalhes sórdidos, eu poderia vislumbrar um futuro diferente.

Porém, há muito tempo a realidade deu um soco na minha cara quando compreendi que no mundo em que vivemos, esses príncipes não existem, somente monstros sanguinários e cruéis que sacrificam sonhos em busca de poder.

Só quando vejo um estalar de dedos na frente do meu rosto para me chamar a atenção, saio das minhas divagações.

— Tudo bem? — Yrine questiona.

— Sim. Eu estava apenas me recordando de algo do passado.

Ela arqueia as duas sobrancelhas bem moldadas. Yrine tem uma elegância clássica inquestionável.

— Bem... Não é momento para divagações, querida, temos que focar no plano. Agora vou ensiná-la sobre o principal. — Ela pega um pênis de borracha. Não sei por qual motivo acabou escolhendo o maior, de maneira que não pode haver algo enorme como isso. Esse deve ter uns 35 cm. O

que, em humanos, seria algo incomum e bizarro. — Veja. Sinta a textura entre os seus dedos. — Coloca o item em minhas mãos. — É assim que um homem geralmente fica quando se sente atraído, tentado por uma mulher. O

seu pau fica duro, quente e latejante. Assim, eles não têm controle sobre o

próprio corpo ou desejos, pois são guiados apenas pelo instinto básico de machos fodedores. Nessa hora, eles agem como criaturas irracionais. Por isso, se a mulher for esperta o suficiente, tem eles presos pelas bolas.

Assusto-me com a sua segurança. Ela parece ser uma mulher versada na arte da conquista e da sedução masculina.

— O quê? Eu não quero algo como isso, somente devo me deitar com o chefe e conceber um bebê. Não preciso que ele se apaixone por mim.

— Quem falou em sentimentos? — O seu sorriso é de sabedoria. —

Estou me referindo aos prazeres e desejos despertados em um homem. Eles, habitualmente, se consideram criaturas racionais, mas quando estão envolvidos pelo tesão e pela mistura louca de excitação, se deixam guiar pelo que têm entre as pernas. Acredite, poderia ganhar muito com isso. É

uma *ragazza* muito bonita, e no jogo da sedução vale tudo. — Bate com o pênis de borracha na palma da mão. — E está enganada, pois necessitará desse conhecimento para realizar o método, mesmo que Dvorak não esteja em total consciência dos seus atos.

Deus santíssimo! Ao que a mulher está se referindo?

— Como? — questiono.

— Simples: ele estará dopado.

Um terror imenso percorre o meu organismo. Como poderão fazer isso com uma pessoa? Papai não pode estar articulando algo tão monstruoso.

— Então, como conseguirei fazer... fazer... — Faço um gesto claro com a mão. Apenas por imaginar, coro como uma colegial.

— Como conseguirá realizar o ato sexual? — Afirmo com um aceno de cabeça. — Não se preocupe. O *capo* não estará tão debilitado a ponto de não poder cumprir com o que tem que ser feito ou reagir aos seus estímulos.

Na verdade, um homem para não corresponder a uma mulher com os métodos que lhe ensinarei, só se estiver morto. No entanto... — Faz uma breve pausa, analisando-me antes de prosseguir. Tenho medo do absurdo que ainda irei escutar. — Você terá que conduzir a foda e precisará fazer

todo o processo de sedução. É por isso que necessitará de conhecimentos, porque tem que saber como tocar nele. — Começa a demonstrar no pênis de borracha os movimentos. — Eles têm grande sensibilidade nesta área específica, então deve manipulá-la até que ele chegue ao ponto de cumprir o ato. Eles também amam ter o pau ordenhado pela boceta. Sendo assim, precisa conhecer o seu poder de mulher — fala sem pudor. — Não saia de

cima dele antes de se certificar de que ele gozou dentro, garanta que ele se satisfaça. Creio que não é nenhuma estúpida de não fazer o que o seu pai deseja, pois garanto que ele cumprirá suas ameaças e te entregará aos soldados dele, ou até mesmo àquele velho asqueroso, caso falhe. E não queira passar por essa humilhação. Eu já senti na pele o que é ser tomada sem a minha permissão. Essa dor carregamos na alma para sempre; é como uma ferida aberta que nunca se cicatriza. Nos vestimos diariamente com uma couraça, mas, no fundo, somos ocas. É como se o nosso espírito vagasse sempre a clamar por justiça, só que ela nunca vem — finaliza com a voz levemente embargada.

Fico triste pela sua confissão e percebo que a recordação a trouxe lembranças dolorosas.

— Eu sinto muito. — Tento lhe transmitir um pouco de conforto.

— Tudo bem. Já faz muito tempo e, de certa maneira, aprendi a usar essa dor em algo proveitoso. — Ela me lança um sorriso amarelo e, em seguida, volta a pegar os apetrechos de cima da cama, acredito que com a intenção de desconversar o assunto anterior, do seu abuso. — Compreendeu pelo menos o básico? Se dessa vez fracassar, eu também pagarei.

— Tem conhecimento de que isso que papai está me obrigando a fazer é perverso e doentio? — Ela anui com a cabeça. — Terei que perder a minha virgindade com um desconhecido — lamento.

Meus olhos estão marcados pela tristeza, visto que, no fundo, sei que não existe outra alternativa, apesar do homem de olhos escuros de um azul profundo ser tão lindo como um anjo da morte caído. Ele pode ser a minha salvação ou destruição.

A mulher me encara, incrédula com minha afirmativa.

— Ter aquele homem do outro lado da cama não é nenhum sacrifício.

A beleza morena e perigosa dele é tentadora. Muitas mulheres morreriam para ter a oportunidade que estão lhe oferecendo. Ele é o *capo*, e seu pai já tentou fazer uma grande aliança com ele.

— Como pode me dizer essas bobagens? Isso não muda o fato de que vou cometer algo absurdo. E, de qualquer forma, ele não está disposto a compartilhar seu corpo comigo. Ele me rejeitou e não me deseja. Já se esqueceu de que fracassei em seduzi-lo? — ressalto com uma expressão melancólica por não ter conseguido cumprir logo com o propósito.

— Talvez ele a deseje, só está resistindo porque é um presente do inimigo. Pois, de qualquer modo, depois do que Ankys fez, não estamos mais sob a proteção da *famiglia*. O *capo* não é tolo. — Dá de ombros. —

Creio que seu pai não analisou bem os riscos. Talvez se você o tivesse abordado em alguma boate e dado em cima dele, ele transaria com você —

ela fala como uma mulher conhecedora das artimanhas femininas.

— Yrine, eu nunca faria isso — repreendo-a. — Não sei nada desses jogos sensuais e não sou bonita o suficiente. Papai já me disse inúmeras vezes.

— Anthony é um homem cruel e louco. Mas não se sinta deprimida por isso. Estou falando a verdade: é uma *ragazza* muito bela. Puxou a beleza etérea e encantadora da sua falecida mãe. Um mafioso tem o sangue quente e não teria resistido a você, de fato.

— Meu Deus! Eu não conseguirei pôr em prática esse plano maluco.

— Trago as mãos ao rosto.

— Talvez, por esse motivo, seu pai decidiu essa tática, senão você só teria uma oportunidade com o chefão dos Dvorak. Ele pode ter temido que, por ser uma virgem criada em um convento, você não conseguisse seduzi-lo como uma perita prostituta.

Ela tem razão. Não me imagino em uma boate lotada seduzindo o chefe. Ele logo perceberia que eu era somente uma farsante.

— Mas vejamos pelo lado bom: você o seduzirá e não precisará temer que ele a rejeite. Eu lhe darei todas as instruções de como deverá proceder.

Provavelmente, será doloroso e incômodo, já que terá que montar nele e será sua primeira vez. Ele parece ser um garanhão que não está acostumado a ser domado, mas, no fim, conseguirá. Só terá que ter um pouco de cuidado. Ele parece ser um destruidor infalível de bocetas.

— O quê?

— Calma, *ragazza*. Em breve descobrirá. — Seu sorriso é pretensioso e enigmático.

Somente confirmo com a cabeça, enquanto Yrine termina de me repassar as últimas instruções. Por último, ela me entrega um frasquinho com um gel, informando-me de que irei necessitar dele.

CAPÍTULO 08

ANTONELLA ANKYS

Adentro o cômodo apertando com uma maior firmeza o laço do penhoar em volta da minha cintura. A porta é fechada logo em seguida com o som do *click*. Observo lentamente o ambiente à minha volta e foco na grande cama e na figura gigantesca que está sobre ela. Como Yrine me comunicou, ele já está pronto para que seja colocada a próxima etapa do plano em ação. Então, tudo somente dependerá de mim.

Atento-me ao corpo robusto sobre o colchão. Meu Deus! Ele deve estar completamente pelado por baixo do tecido. Penso isso ao comprovar que o seu torso está nu e que há somente um lençol sobre os seus quadris.

Aproximo-me devagar dele. Ele parece estar apenas dormindo. Subo na cama um pouco nervosa e analiso a estrutura gigante de músculos rígidos ocupar quase o colchão inteiro. Noto uma trilha de pelos, que segue juntamente com a parede musculosa e trincada da sua barriga, sumindo abaixo do seu abdômen. A coberta está posicionada somente na região estratégica, ocultando sua nudez.

Não é à toa que o homem tem um ego enorme. Seu corpo é uma obra de arte.

Volto a minha atenção ao rosto bonito de ângulos marcantes. Sua aparência é vulnerável neste momento. Uma mecha de cabelo está caída sobre a sua testa, deixando-o com um aspecto de garotinho indefeso.

Indefeso? Foco nos seus punhos, que devem ser forjados em puro aço e que já devem ter acabado com várias vidas.

Mas, de alguma forma, sinto uma ânsia desconhecida de lhe tocar.

Senhor! Assusto-me com esse pensamento e me recrimino no mesmo segundo. O homem diante de mim é a peça principal do jogo ambicioso de papai.

Mesmo assim, essa recordação não me impede de querer traçar seus lábios lentamente e gravar cada toque. Por que esse interesse súbito? Talvez seja por eu nunca ter visto um homem pelado antes. E se vou ter que perder a minha virgindade com o desconhecido, quero pelo menos sentir que já o conheço.

Deus! O que vou fazer é algo sórdido e desprezível. Ele não está consciente dos seus atos e eu estou me aproveitando da sua condição débil.

Céus! Isso é um absurdo.

No entanto, tenho que desempenhar o meu papel — penso com determinação, recordando-me da minha irmãzinha Lua.

Lentamente, minha mão toca na frágil barreira do tecido que oculta a sua nudez dos meus olhos curiosos. Tiro o lençol do seu corpo, observo com atenção sua parte íntima e me assusto com o tamanho e a grossura do seu pau. Se em estado natural, ele já é imenso, imagina quando estiver pronto para a ação. Agora compreendo o que Yrine sugeriu com a expressão “destruidor de bocetas”.

Essa coisa não tem nada a ver com os desenhos que a irmã Mônica mostrava sobre as diferenças entre um homem e uma mulher. Pessoalmente é uma experiência muito mais instigante e tentadora.

Tento me recordar de tudo que Yrine me instruiu.

— Você deve acariciá-lo e tocar nele. Ele não conseguirá resistir.

Homens adoram sexo, independentemente de qualquer situação. Apenas saiba usar suas cartas femininas e o terá rendido aos seus pés. Acaricie-o e o estimule com movimentos precisos, mas sempre com uma pitada de mistério. Nunca revele todas as suas facetas femininas — ela sussurra ao me ensinar com um pênis de borracha como devo fazer o processo de excitá-lo. — Coloque o pau dele na boca e o sugue como se saboreasse um delicioso sorvete. Tenha cuidado com os dentes, apenas tente manuseá-lo até ele estar pronto para o sexo, já que ele estará levemente dopado —

comenta com um sorriso amarelo. — Terá que seduzi-lo, mas creio que conseguirá. Já tem todas as técnicas e não é uma virgem burra, apesar de

ter sido criada em um convento. Estou certa? — ela finaliza, já bastante cansada.

Toco em seu peito, sentindo as batidas rítmicas do seu coração. A quentura da pele masculina me deixa, de certa maneira, eufórica. Não posso negar que senti uma forte atração por ele desde que o meu olhar cruzou com o seu pela primeira vez. Sei que é algo tolo e absurdo e me repreendo por estar participando de algo tão baixo.

Ouço um leve gemido abandonar seus lábios e vejo o seu corpo se contorcer levemente, em apreciação. Continuo as carícias ousadas, tocando em cada milímetro da sua pele morena. A tarefa não é nem um pouco repulsiva, muito pelo contrário, estou gostando bastante de acariciar cada relevância. Minha palma começa a descer vagarosamente, contornando a parede rígida do seu abdômen, e meus olhos recaem diretamente sobre o seu membro. É impressão minha ou aquela coisa imensa está mais encorpada e volumosa? Minhas mãos anseiam em tocá-lo e o ver, pessoalmente, endurecer. Distribuo uma trilha de beijos ao longo da sua barriga trincada, forjada em músculos, até chegar àquela parte interessante do seu corpo, que me desperta tanta curiosidade. Logo rodeio seu membro semiereto entre os meus dedos e começo a estimulá-lo. A pele é quente e macia. Quase que imediatamente vejo a mágica acontecer diante dos meus olhos: seu pau começa a inflar, a ganhar vida.

Um estranho fascínio me domina quando contemplo os efeitos dos meus afagos. Sinto a estrutura robusta pulsar, ansiosa, entre os meus dedos.

Para facilitar os movimentos, pego o minúsculo frasco que eu trouxe e despejo uma pequena porção do gel em minha palma. Isso vai auxiliar no processo de deslizamento. Passo-o lentamente na sua longa estrutura, que já se encontra rígida pelos manejos anteriores. Sinto as veias salientes e grossas se alongarem ainda mais sob o meu contato.

De certa maneira, sinto-me poderosa. Todo esse processo de seduzi-lo me deixa excitada. Sinto um palpitar secreto no meu centro íntimo, que chega a doer com a necessidade de algo inexplorado.

Seu membro é grosso, pesado e está quente e latejante sob o meu toque. Mas é uma mera ilusão. Tudo isso não é desejo por mim, já que ele está praticamente dopado. É provável que se tivesse sóbrio, apertaria o meu pescoço lentamente pela minha ousadia. Isso sim.

Creio que seu pau já tenha alcançado a dureza necessária para o sexo.

Ele está tão firme entre os meus dedos; macio como se fosse veludo e, ao mesmo tempo, revertido como se fosse forjado em aço. A experiência excitante não é nada comparada ao pênis de borracha.

Seu pau é enorme. A cabeça rosada está levemente umedecida e eu sinto uma necessidade urgente e premeditada de sentir o seu sabor entre os meus lábios. Assusto-me com a intensidade desse pensamento. Se as irmãs tivessem conhecimento do que se passa em minha mente neste momento em relação a esse mafioso, provavelmente, eu nunca mais teria abrigo em um convento.

Por ele ser enorme, tenho a compreensão de que não conseguirei abrigá-lo inteiramente em minha boca. Mas, de certo modo, desejo ter essa experiência. Umedeço os lábios ligeiramente com a ponta da língua e me inclino um pouco sobre o corpo poderoso. Noto sua estrutura corporal inquieta. É como se ele estivesse sonhando com cenas indecentes e impróprias. Suas feições demonstram uma certa tensão e prazer ao mesmo tempo.

Acaricio suas coxas másculas, buscando por firmeza antes de me posicionar para o ato atrevido. Seguro em sua base, e assim que coloco a cabeça do pênis na minha boca, quando minha língua entra em contato com a carne macia e rígida, ouço o seu rosnado primitivo rasgar entre seus lábios. O que me causa um frenesi luxurioso. Um leve gosto de morango, por conta do lubrificante comestível, preenche o meu paladar. Logo a umidade e um calor viciante tomam conta dos meus sentidos.

Toco em suas bolas, acariciando-as vagarosamente, sentindo o seu peso e textura rugosa. Tudo isso é incrível e extraordinário, além de que me causa um sentimento de empoderamento contemplar seu semblante de quem está totalmente entregue.

— Porra! Que delícia! — seu sussurro é baixo, mas fica perceptível o seu agrado e descontrole. Posso notar suas pálpebras semicerradas. — Que boquinha quente e deliciosa, *ragazza*. Sinto calor e fogo por cada fibra do meu corpo — murmura, entorpecido pelo tesão. — Eu vou foder a sua boca gostosa. — Seu gemido excitante de prazer sai descoordenado e totalmente entregue ao momento.

Eu não estava preparada para o que veio a seguir. Quando ele ergueu os quadris em um impulso involuntário, aprofundando-se em minha boca, meus olhos se encheram de água no mesmo instante, pois me engasguei com seu pênis enorme. A cena seria cômica se eu não estivesse morrendo sufocada por um pau. E não é um pau qualquer, mas o de um pauzudo inconsciente dos seus atos. Tento contornar a situação, retirando-o da boca e voltando ao controle. Com uma mão em sua coxa, impedindo qualquer movimento impensado seu, começo uma leve sucção ao redor da glande, no local onde Yrine me garantiu que é o ponto mais sensível. Ele geme, alucinado e embevecido de desejo, deixando-me no controle novamente.

Seu corpo está agitado, inflamado pelo tesão. Considero que chegou o momento crucial e fico temerosa, apesar de sentir minha intimidade palpitante e molhada. Conseguirei tomá-lo para dentro de mim?

Afasto a incerteza para o lado. Não posso correr o risco de falhar mais uma vez, visto que papai não perdoaria mais um fiasco. Eu me recordo da ameaça

contra Lua, e a lembrança daquele velho asqueroso e perverso explode com força em minha mente. Ele nunca chegará perto dela.

Sem chances para pensar com clareza, livro-me do penhoar e da camisola que cobre meu corpo. Deslizo a calcinha lentamente pelas minhas pernas e posso comprovar que ela está manchada pela excitação. Não sou uma ignorante e sei o que isso significa. Mesmo não sendo uma *expert* no sexo, reconheço que o desejo e meu corpo lhe correspondem neste instante.

Subo em seus quadris, tentando me equilibrar. Assim que a ponta larga do seu membro desliza em minha fenda, sinto-me estremecer. Seguro a sua base dura e latejante e tento introduzi-lo dentro de mim. Mordo os lábios quando comprovo quão difícil será a tarefa de colocá-lo em meu

interior. O homem é grosso demais, ou eu sou muito estreita para o acomodar, ainda mais sendo uma virgem e tendo que fazer o processo sozinha. Forço um pouco mais e, finalmente, consigo inserir a cabeça, que já é bastante avantajada.

Mordo o lábio inferior, tentando reprimir um gemido sofrido. Ao sentir a glande grossa me rasgando, penso que fracassarei no intento de seduzir esse homem.

Da sua boca, os únicos sons audíveis são de prazer, que são misturados aos meus gemidos de dor. O processo é doloroso e parece mais difícil do que supus, já que eu terei que fazer todo o trabalho. Sinto como se ele já estivesse todo em meu canal, contudo comprovo que não entrou nem a metade da sua estrutura inchada e firme. O meu corpo se nega a ceder à sua posse. Somente uma parte do seu membro está dentro de mim, e sem outra alternativa, escolho a opção mais dolorosa: desço até o talo na sua rigidez de uma só vez, sentindo meus músculos cederem passagem ao membro grosso. Logo um grito agudo escapa da minha boca, com a sensação de ser partida ao meio. A dor é surreal.

Lágrimas chegam a nublar a minha visão e eu soluço baixinho ao sentir a minha membrana romper com a sua posse. Caramba! Nunca pensei que perder a virgindade fosse ser tão dolorido. O meu ato de desespero apenas faz com que eu sofra ainda mais a sensação de queimação e aflição

dilacerante. Fico imóvel, esperando amenizar a dor. O que é quase impossível com um taco deste tamanho enfiado entre as minhas pernas.

Encaro suas feições e me deparo com o tom negro e quente das duas gemas azuis como o oceano sobre mim. Ele tenta erguer os quadris, em um ato de instinto selvagem e natural. O que me causa mais sofrimento. Sinto-me alargada e cheia com o seu pau.

— Por favor, não se mova — suplico, com toda a excitação que senti anteriormente sendo evaporada.

Como as mulheres conseguem praticar algo como isso? É horrível —

resmungo mentalmente, ainda sentindo meu organismo queimar em flagelo.

Parece que a coisa enorme está me rasgando ao meio. Como ele consegue andar com algo desse tamanho entre as pernas? Será que aleijou alguma mulher ao longo da sua vida? Porque depois desta noite, provavelmente, precisarei de uma cadeira de rodas.

Apesar de sentir minha intimidade arder, dou início aos movimentos do ato sexual. Espalmo minha mão em seu peitoral firme para adquirir estabilidade e começo a subir e a descer de encontro aos seus quadris, com lágrimas turvando a minha visão. Ainda há dor, no entanto tenho que cumprir com o propósito de Anthony, mesmo que nesse processo, eu me quebre inteira.

CAPÍTULO 09

ALEXEI DVORAK

Depois da última refeição que a mulher que cuidou dos meus ferimentos me trouxe, meus sentidos ficaram embaralhados, o corpo letárgico e pesado como chumbo, e eu senti uma confusão entre o raciocínio lógico e o irracional, que travavam uma batalha feroz em meu subconsciente. O real se misturava ao ilusório. *Dannata donna*![25] Vou matá-la pela ousadia.

Nada faz sentido, nem mesmo o sonho erótico e louco que eu estava tendo com a *ragazza* gostosa que dispensei no dia anterior, mesmo que o meu tesão tenha gritado mais alto e minha ânsia fosse somente me enfiar entre

aquelas coxas fabulosas, que me fizeram arder a noite inteira com o pau pesado e dolorido pela incontida ereção.

Será que foi por esse motivo que eu estava divagando com a deliciosa *puttana*? A sensação era muito real. *Cazzo*! Mãos pequenas tocando em meu corpo e lábios molhados e doces envolvendo o meu pau.

Gemo, dominado pelo desejo feroz ao qual meu corpo é submetido.

Uma overdose violenta de tesão se apodera do meu organismo e, rapidamente, sinto meu sangue ferver como um vulcão prestes a expelir lavas. Meu cacete já está duro como uma viga de aço. A sensação é de eu estar flutuando em mundos paralelos. Meu corpo reage aos estímulos, mas meus pensamentos estão tumultuados e incongruentes.

Ao constatar o corpo pequeno e delicioso sobre o meu, sinto-me estremecer. A visão é sublime demais. Os seios espetaculares estão completamente à minha disposição e ela sobe e desce, ordenhando o meu pau, quase me esfolando, de tão apertada. Eu observo o doce balanço dos montes firmes e perfeitos e minha boca saliva, no desejo de tomá-los, de mamá-los. Os bicos são de um rosa-escuro e me deixam famintos apenas por eu os imaginar na minha boca sendo chupados com ferocidade.

Englobo os seios divinos e aperto os bicos firmes entre os dedos. No primeiro momento, ela se assusta com o meu contato, mas não me repudia.

Que porra! Grunho, irritado, sem conseguir distinguir se isso é somente ilusório. Mas que se foda. A sensação é muito real e deliciosa. A recordação da sua boca quente e macia me chupando minutos atrás me maltrata. Isso quase me levou ao nocaute.

Algo me deixa confuso quando contemplo o seu rosto. Sua expressão não é de prazer, e sim de dor. Sua face está banhada em lágrimas.

Diferentemente da minha sensação. É fenomenal estar enterrado até as bolas na boceta quente e apertada. Ela é uma *puttana* deliciosa. Tento me concentrar no doce prazer que a *ragazza* gostosa me proporciona. Se esse é um maldito sonho, irei aproveitá-lo ao máximo.

Foco em nosso encaixe. Quero ver sua boceta gulosa engolir o meu caralho enquanto ela cavalga. Deve ser uma cena deliciosa e excitante.

Porém, no instante seguinte me assusto ao ver meu pênis com vestígios de sangue. Eu a machuquei?

Cazzo! Apesar do forte prazer que domina o meu corpo, tento afastá-la de cima de mim. Contudo, ela não permite e desce até o talo, englobando minha longa estrutura ruidosamente dentro de si. Logo escuto o seu gemido agudo de dor. Porra! Tão malditamente apertada e quente. Muito quente.

Que delícia.

Entretanto, meu raciocínio lentamente me sinaliza. Uma virgem?

Porca miseria! Ela estava falando a verdade? Mas por que se portava como uma prostituta? Não quero machucá-la.

Levo a mão ao seu rosto de porcelana, que está contornado pela dor.

O processo é quase um sacrifício, meus braços parecem ter chumbo. Suas lágrimas molham os meus dedos e eu apenas sinto quando ela crava as mãos em meus ombros como se eu fosse sua tábua de salvação. Vejo a figura miúda descer em minha direção e sinto seus lábios macios tocarem nos meus de forma débil e desajeitada. Seus lábios são doces e saborosos, apesar de ser nítido que ela não domina a arte de beijar.

Que porra! Eu só posso estar morto e no limbo aguardando julgamento antes de ser mandado para o inferno.

— Por favor, não me rejeite, só goze — ela sussurra como uma súplica.

— Isso é um sonho? — questiono, sem conseguir distinguir o que é real ou ilusão.

Rejeitá-la seria impossível. Não quando a doce mulher está me proporcionando um prazer incomparável.

— Eu bem que gostaria que fosse, mas, para mim, isso é um pesadelo.

Como as mulheres conseguem suportar algo tão terrível? Eu sabia que isso iria doer, por eu ser virgem, no entanto esta coisa enorme está me partindo ao meio — ela fala com a voz amargurada e volta a se mexer de encontro aos meus quadris, mesmo que os movimentos estejam lhe causando dor.

Compreendo que tenho uma grossura considerável e que não sou pequeno.

O ato faz com que eu me atente ao pequeno detalhe da carne íntima e nua dela contra o meu pau. A mulher está me tomando sem barreira alguma.

É a primeira vez que acontece algo assim. *Porca miseria!* Nunca fodo sem preservativo. *Cazzo*!

Todavia, meus pensamentos brutais são dissipados e eu volto a mergulhar no turbilhão de prazer que a *bambolina* me proporciona.

Observo-a flexionar o corpo em um trote frenético, ordenhando o meu cacete com determinação. É impossível não reagir a ela, e o raciocínio ilógico volta a me comandar. Não demora muito para que eu possa sentir o meu saco se contraindo em puro êxtase. Tendo a compreensão do que irá acontecer, sem demora, sou assolado por um prazer surreal que me desnorteia dos pés à cabeça. Gozo em sequência, em um jato violento, dentro dela.

Percebo quando ela cai sobre o meu peito e posso sentir suas lágrimas molhando a minha pele. Apesar do imenso prazer que ainda percorre o meu organismo, sinto-me frustrado por não ter sido recíproco para ela.

Merda! Eu nunca tinha deixado uma mulher insatisfeita antes.

Quando ela sai vagarosamente de cima de mim, sua expressão está demonstrando dor e seus movimentos são descoordenados devido ao incômodo entre as pernas. Reparo que sua boceta está vermelha. É provável que ela esteja machucada. Posso comprovar também minha porra escorrendo pelas suas coxas. O que me torna ainda mais irracional e primitivo. Eu nunca antes havia marcado nenhuma mulher com a minha porra, e essa pequena *ragazza* não usou nenhum método de prevenção.

Um ódio visceral me domina e meu último pensamento coerente antes que meu subconsciente seja tragado pela escuridão é de que vou esmagar

Anthony como um maldito inseto. Somente uma frase ecoa em meus sentidos: “A vingança é um prato que se come frio”.

CAPÍTULO 10

ANTONELLA ANKYS

Depois de ter cumprido com a missão que papai me ordenou, sigo direto para o meu quarto. Ainda sinto um rastro de fogo percorrer minha intimidade, mesmo após aplicar a pomada que Yrine me instruiu a usar, dizendo que aliviaria o meu desconforto. Mas pelo menos consegui cumprir com o que era esperado, pois de modo nenhum poderia falhar e deixar aquele velho asqueroso chegar perto da minha irmãzinha. Preferi sacrificar a minha virgindade para o homem enigmático.

Confesso que fiquei surpresa com a sua reação ardente diante do meu toque, já que ele deixou claro que não me considerava atraente no dia anterior. Mas é óbvio que ele não estava consciente dos seus atos, pois Yrine o preparou para mim de maneira que não poderia resistir.

Trago uma mão ao meu ventre, imaginando as consequências que surgirão do ato insano ao qual papai me coagiu. Deus! Um bebê? Será possível? O pior de tudo é saber que meu pai usará a criança para algo monstruoso. Meu semblante logo se entristece. Se eu tivesse oportunidade, fugiria.

Senhor! São tantos questionamentos, que, sem me dar conta, uma lágrima molhou minha face. Enxugo-a, melancólica, com os pensamentos em um turbilhão de conflitos.

De repente levo um tremendo susto ao escutar a porta ser brutalmente aberta. Vejo a figura sombria adentrar o quarto como um touro bravo.

— Maldição! — meu pai resmunga, parecendo furioso.

Levanto-me da cama, assustada com o seu ataque histérico. Minhas feições se contorcem quando sinto uma dor aguda na minha intimidade que faz eu me lembrar de que obtive êxito no plano louco do homem odioso diante de mim.

— O que houve? Consegui cumprir com o que me obrigaste a fazer.

Não está satisfeito? — minha voz é carregada de todo o desprezo que sinto por ele.

Um sorriso ardiloso surge no seu rosto sombrio. Acredito que nada mais me surpreenderia vindo de papai. Que tipo de insanidade ainda poderia pairar sobre sua mente?

— Já estou ciente. Caso tivesse dado errado, acredite: nesta hora você e sua irmãzinha inútil já estariam sendo despachadas para o seu novo lar —

seu tom é de satisfação ao enfatizar isso.

Deus santo! O homem não tem palavra. Será que o convento é um lugar seguro para a Lua?

— Deixe a Lua fora disso. Eu já fiz o que tinha que fazer — sussurro quase em súplica.

Ele me olha com uma carranca estarrecedora. Sua mão está no cós da sua calça e eu vejo brilhar a fivela do cinto de couro. Estremeço. É outra disciplina que ele gosta de aplicar quando não tem o maldito “chicote da obediência” ao seu alcance. Recordo-me dos vergões em minha pele e de *mamma* sempre que algo o desagradava e não saía como o seu planejado.

Ele gostava de descontar sua fúria em alguém.

— Não é ninguém para me exigir nada, sua inútil. Acredito que o tempo que passou no convento não foi tão eficiente. Talvez eu deveria ter jogado você e a pirralha da sua irmã em algum depósito velho do castelo.

Teria me saído mais barato e estariam sob minha rígida disciplina.

Posso notar uma veia pulsar no meio da sua testa, que penso que irá se romper a qualquer instante.

Permaneço em silêncio. Temo avivar a sua ira e Lua, de algum modo, acabar pagando por minha insolência. Ela é um anjinho puro e não merece

vislumbrar o que, na verdade, é pertencer ao mundo obscuro da máfia.

— Espero que tenha conseguido êxito e concebido o herdeiro, pois não terá outra oportunidade de foder com o Dvorak — ele diz friamente.

Meu organismo estremece assim que imagino no que implicaria outro encontro com o chefe e a coisa enorme. Nada das instruções que Yrine me deu me preparou para aquilo.

Observo o homem andar impaciente pelo quarto e me distancio ainda mais da sua presença.

— Uma fonte segura me informou que a tropa já está planejando o resgate, ou uma guerra ocorrerá. Então, preciso agir rápido e pôr o plano em prática. Não posso permitir nenhuma falha. Um novo herdeiro irá surgir para comandar a *famiglia* em breve, e por meio dele conseguirei toda a minha glória. — Ele finaliza com uma estrondosa gargalhada e, em seguida, instrui-me a ficar somente no quarto e a não me retirar do lugar em hipótese nenhuma.

(...)

As horas passam devagar. Estou entediada dentro do quarto. Se ao menos eu tivesse um telefone, poderia ligar para o convento e saber como Lua está. Mas, infelizmente, quando cheguei ao castelo confiscaram o único dispositivo eletrônico que eu tinha para me informar do mundo exterior. Eu o tinha ganhado de uma das irmãs e era o único meio de eu me manter informada das notícias que ocorriam fora das muralhas da enorme construção do convento.

O sorriso doce da minha irmãzinha atravessa a minha mente, e o meu coração se aperta. É a primeira vez que ficamos separadas, e sei que ela deve estar sentindo a minha falta. Meu único contato no momento é Yrine.

Aparento mais ser uma prisioneira.

Bufo, irritada com toda essa situação.

Observo, através da janela, que o movimento continua intenso no pátio do castelo. Temo por algo pior com o prisioneiro. Yrine me confidenciou que depois do meu encontro com o chefe, papai não permitiu que ninguém mais entrasse no quarto. Até mesmo ela foi proibida de entrar

lá. Somente espero que Anthony recupere um pouco de sensatez enquanto ainda há tempo, ou todos poderemos pagar pela sua conduta estupidamente terrível.

Hardy não parecia ser complacente com seus inimigos. E depois do ato covarde que Anthony orquestrou, não teremos mais a proteção da *famiglia*.

Sou tirada das minhas divagações pessimistas com o retorno de Yrine ao cômodo. A mulher entra com uma bandeja repleta de comidas. O aroma delicioso impregna no ambiente, mas não sinto fome. Ela parece nervosa com algo, posso perceber sua postura rígida. Vejo-a depositar o objeto sobre uma mesinha próxima e me olhar, inquieta.

— O que houve? — questiono.

— Uma catástrofe está prestes a ocorrer. O castelo não é mais um local seguro, e creio que o melhor é partir — comenta como se estivesse pressentindo o pior.

Um calafrio aterrorizante perpassa todo o meu ser.

— Fui orientada a me manter aqui. Infelizmente, não posso fugir —

lamento.

Se a mulher está se referindo a algo terrível, tem os seus motivos.

— Sua porta não está sendo vigiada por nenhum soldado — ela revela.

— Mas sabe perfeitamente que por todo local do castelo tem câmeras instaladas, provavelmente.

— Realmente seu pai deve estar confiante de que não agirá com estupidez, mas a questão é: não é insensatez permanecer aqui? Estamos prestes a

presenciar uma guerra. Ankys é muito soberbo para admitir que calculou erroneamente seu plano “infalível” — ela ressalta de maneira desdenhosa.

Devo admitir que há um fundo de verdade em sua afirmação.

— Eu não tenho alternativa.

— Sinto muito, mas eu não poderei permanecer no castelo. Até porque depois de ter aceitado participar da estratégia despropósital do seu pai, já sou considerada uma traidora, ainda mais depois de ter dopado o poderoso Dvorak — a mulher relembra, temerosa.

Não desejo que algo ruim lhe aconteça, visto que ela foi somente mais uma peça usada no plano insano de papai.

— O homem deve estar querendo me esfolar viva — ela sentencia.

Imagina o que ele fará com a mulher que o usou para um propósito ganancioso. É provável que se eu cair em suas mãos, nem mesmo minha alma escapará. Estremeço apenas por considerar isso, pois sei perfeitamente bem os tipos de crueldade que esses homens podem cometer.

Alguns minutos depois, Yrine abandona o quarto, deixando-me com os pensamentos em um turbilhão de divagações angustiantes. Reflito sobre o que ela me falou, mas, para mim, parece ser algo impossível deixar a antiga construção. Infelizmente, não tenho escolha: terei que permanecer aqui e aguardar a segunda fase do plano diabólico de papai, a não ser que surja algum milagre e eu consiga fugir ilesa desse inferno. Penso, melancólica, encarando ao longe o portão extenso e observando a chegada de um furgão preto. Logo uma ideia mirabolante atravessa a minha mente e eu vislumbro uma possível luz no fim do túnel.

CAPÍTULO 11

ALEXEI DVORAK

Estou preso diante de uma guilhotina.

Que *maledizione*!

Esbravejo internamente ao passo que lamento a minha estupidez de ter subestimado um inimigo que antes era considerado um aliado. Parece que estou em um filme antigo e medieval. Meu corpo está cheio de hematomas devido às últimas horas de torturas às quais fui submetido, desde choques a afogamentos.

O ódio me domina e somente uma única palavra martela em minha mente: vingança.

Depois da noite ardente de prazer que a pequena *ragazza* me proporcionou, não obtive mais nenhuma regalia. O covarde do Ankys resolveu mostrar sua verdadeira face.

O *stronzo*[26] não fez nem mesmo um maldito interrogatório. Ele tem prazer em distribuir crueldade gratuitamente. Mas não imagina que os joguinhos dele não chegam perto do que o farei sentir. Os ossos do verme maldito serão triturados um por um e seus míseros dias de vida estão em contagem regressiva desde o momento em que ele teve a ousadia de desafiar a *famiglia*.

Travo o maxilar, tentando reprimir o ódio que sinto neste instante.

Vejo o *figlio di puttana* do Anthony se aproximar de mim lentamente com um sorriso de vencedor e uma máscara fria no rosto, enquanto a minha é indecifrável. Nem mesmo o supercílio cortado e um leve inchaço no local, por conta dos golpes, impedem que eu o enxergue com perfeição. Quero gravar cada sorriso doentio dele, já que em breve eles serão substituídos por sons de puro terror.

— Ora, ora... Quem diria que um dia eu teria o chefão dos Dvorak de joelhos? — Ele para a centímetros da guilhotina. — Deseja implorar por

sua vida miserável? — Solta uma sonora gargalhada que predomina em todo o recinto.

Estamos no subsolo do castelo e a temperatura gélida é gritante.

Muitos barris estão depositados aqui, levando-me a crer que além do local ser usado para torturas, serve de abrigo para armazenamento de contrabando.

Alguns soldados caminham despreocupados pelo extenso lugar. A maioria usa um capuz escuro que deixa somente a parte dos olhos visíveis.

Anthony também usava um, o qual foi abandonado recentemente quando ele fez questão de que eu soubesse quem era o babaca estúpido que ousou trair a organização.

Mas isso não fez a mínima diferença, visto que eu já tinha esse conhecimento.

Observo quando o homem estúpido dá mais um passo à frente. Se eu não estivesse preso, amarrado pelos pulsos, provavelmente já teria pulado em sua jugular e o estraçalhado como um animal.

— Deseja esse ato de benevolência? — ele indaga, sarcástico.

— *Vai al Diavolo*![27] — minha voz é baixa, porém letal.

— Olha o palavrão, chefinho. Parece que os golpes que recebeu foram poucos — ele comenta com descaso. — Não é sensato testar a minha paciência. Se não percebeu, o jogo virou agora. Estou no controle e não tenho nada a perder, ao contrário de você, que não tem nada a seu favor —

provoca o maldito.

Ele vem para trás da guilhotina, onde estou em uma posição humilhante e de completa submissão. Logo sinto o primeiro golpe: um chute certeiro no estômago. A dor é dilacerante e esmagadora, fazendo-me perder o precioso ar. Trinco os dentes para que nenhum som de protesto saia da minha boca. Quando eu colocar minhas mãos no bastardo, ele será um homem morto. Vou torturá-lo lentamente, nem que para isso precise vir do purgatório.

— Seu traidor de merda! — A dor latente ainda se faz preponderante, mas o encaro com um ódio mortal. — Você era o nosso maior aliado na Sicília. O que pensa que ganhará com isso? Mais território? Poder? Grande engano. Sabe que a *famiglia* vai te caçar como se fosse um animal e que não terá nenhum buraco na face da Terra em que poderá se esconder.

Acredite, seu ato covarde não ficará impune.

O bastardo se acha esperto, mas em nenhum momento percebeu que pegou o irmão errado.

— Eles nunca descobrirão que fui eu o traidor. — Um sorriso maquiavélico contorna o canto dos seus lábios desprezíveis. — Ainda mais com a existência de um herdeiro — ele sibila a última frase e eu congelo.

— Do que está falando? Que herdeiro? — Retorno a atenção ao bastardo que está em minha frente.

— Em breve um novo membro da *famiglia* surgirá ainda mais forte e impiedoso, fortalecendo a nossa aliança. Eu mesmo treinarei o meu neto e farei dele um homem poderoso, já que o pai dele não estará mais no poder.

Seu nome em breve será somente uma lenda, enquanto meu futuro herdeiro será uma máquina de destruição. Eu me certificarei disso. — Fico puto com tal afirmação. Ele só pode estar em algum surto psicótico. — Não deveria ter recusado a minha oferta de aliança, Dvorak.

Recordo-me do acordo proposto por Ankys para uma aliança mais sólida entre as nossas famílias. Há alguns meses, ele ofereceu a mão da sua filha em casamento para o meu irmão, Hardy, no entanto ele recusou. Até porque ele não poderia aceitar outro casamento, visto que já é casado.

Poucas pessoas sabem da sua condição atual, tendo em vista que seu casamento foi algo discreto e não repassado à mídia. Ele preferiu dessa maneira, já que sua esposa, Brianna, não faz parte da máfia e do nosso mundo. Pode-se dizer que ele considerou manter o sigilo para garantir a sua segurança. Mesmo assim, quando ela descobriu sobre o mundo sombrio em que vivemos, isso não impediu que ela fosse embora.

Quando Ankys se der conta do equívoco e perceber que pegou o irmão errado será tarde demais.

— O nosso acordo já era mais do que vantajoso, mas optou por trair a lealdade que a *famiglia* depositou em você. — Encaro suas feições e posso ver um lampejo de insanidade cruzá-las. — Saiba que nenhum acordo surgirá e que a sua ruína estará valendo a partir de agora, Ankys — garanto.

— Está enganado em relação a isso — afirma com uma segurança inquebrantável.

— De que porra está falando, seu crápula *miserabile*? [28]

— Na noite passada te mandei um presente que, pelo que pude comprovar, você apreciou bastante — sussurra com satisfação.

Imediatamente flashes da noite passada perpassam meu subconsciente.

Macia, apertada e quente. Muito quente.

Interrompo meu fluxo de divagações devassas, encarando o desgraçado.

— *Maledetto bastardo*![29] — rosno, enfurecido.

Eu sabia que aquilo era uma armadilha deliciosa. A *puttana* era gostosa, reconheço, mas foi uma armação, de qualquer forma.

— Eu sou bastante astuto, isso sim. Hoje mesmo enviarei sua cabeça para a *famiglia*, e seu corpo estará do outro lado da fronteira, em território rival. Dessa maneira, os Dvorak pensarão que foram os inimigos os responsáveis por sua morte. Depois surgirei com o futuro herdeiro das famílias Dvorak e Ankys. Eu serei o seu tutor e o tornarei o maior de todos

— ele revela seu plano doentio.

Não tenho tempo de contestar o seu estratagema miserável, pois logo ouço uma voz doce preencher o espaço do galpão subterrâneo.

— Papai! Papai, por favor, não faça isso! — Uma figura miúda e desgrenhada vem em direção ao velho Anthony.

A voz doce e macia exprimiu toda a angústia do momento. Ela me encara e eu posso comprovar pesar em seu olhar. Que inferno! Não desejo

sua piedade. O que ela está fazendo aqui, em meio a toda essa carnificina e degradação? Não deveria estar em um shopping ou em outro evento corriqueiro?

Meu cérebro logo processa as primeiras palavras que ela proferiu.

Ela é a porra da filha do inimigo? Meu presente de grego? Não é uma simples *puttana*, como imaginei. Ankys me enviou sua própria filha.

Porca miseria! O plano do homem é mais insano do que supus.

— Eu fiz tudo o que me ordenaste. Por que precisa de mais sangue?

— ela tenta argumentar e eu noto, pela expressão assassina de Ankys, que ele poderia matá-la aqui mesmo por tal ousadia. A *ragazza* é corajosa, tenho que reconhecer. — Não é o suficiente o que já foi derramado? Não pode, simplesmente, matá-lo. Não percebe que está assinando a sentença de morte da nossa família?

Um baque seco é escutado em sequência. Quando observo a mulher, ela está no chão com a mão protegendo a bochecha machucada.

Figlio di puttana! Anthony está machucando a sua própria filha? No mesmo instante sinto a adrenalina e um desejo insano e obscuro percorrerem meu organismo. Tento me desprender das cordas amarradas em meus pulsos, mas é completamente inútil.

— Cale a porra da boca, sua vadia! Não fez mais do que sua obrigação com a *famiglia*. Não passa de uma maldita imprestável! —

Maldito covarde.

Vejo-o caminhar em direção à mulher e segurar fortemente as madeixas longas e castanho-escuras, levantando-a abruptamente, causando dor em seu couro cabeludo. Posso perceber isso pelas suas belas feições distorcidas.

— Agora saia daqui, vadia! Eu avisei para não deixar o quarto. Eu só não vou te dar uma lição porque, no momento, você está carregando o meu neto. Mas suma daqui antes que eu cometa outras atrocidades. Sabe que o meu pavio é curto e que não tolero incompetência, muito menos desobediência. — Ele a solta, empurrando-a.

Ela apenas o mira de volta com ódio nos seus olhos azuis brilhosos destacados por algumas lágrimas retidas. Todavia, já se recompõe e some por um corredor estreito.

— Muito bem. Onde paramos? — Anthony se expressa, ainda furioso, desamassando algo imaginário na camisa, e volta a me fitar na guilhotina. — Chegou o momento finalmente. Estou ansioso por essa ocasião, Dvorak.

Eu já tinha compreensão da crueldade e frieza de Ankys. Era esperado essas características de um homem da máfia. Entretanto, nunca imaginei a perversidade dele com o seu próprio sangue.

Três dos seus capangas estão se aproximando da guilhotina. Eles estão encapuzados e suas posturas são neutras. Parecem bonecos, seres inanimados, sem vida. Os grandalhões estão prontos, aguardando a última ordem do seu superior.

E mesmo estando em uma posição humilhante, eu não me intimido nem sinto medo. Já estive em situações piores, portanto me sinto preparado para o melhor ou o pior.

Ouço quando o bastardo ordena a um dos soldados que me coloque na posição de execução. Não temo a morte. Se cada um tem o seu dia, por que eu deveria temê-la? O dia do julgamento chega para todos. Sou um homem que carrega muitos pecados e que não tem uma prece misericordiosa para esse momento.

Ankys não será minha absolvição e este galpão não será palco do meu *gran finale*, [30] como ele deseja. A única oração que faço é pedindo para ser o fantasma particular a atormentá-lo pelo resto da eternidade.

CAPÍTULO 12

ALEXEI DVORAK

O soldado segue sua ordem, prendendo-me na guilhotina em posição de mutilação. Meu último pensamento é de que retornarei do inferno e levarei Ankys comigo. O *stupido*[31] não durará muito na face da Terra.

Tenho a plena certeza de que meu irmão, Hardy, não demorará muito para perceber quem foi o responsável por essa deslealdade com a *famiglia*.

Mesmo em uma posição inferior agora, sorrio com a minha vitória.

Será uma grande decepção para o maldito do Anthony perceber que pegou o irmão errado. Se a pequena *ragazza* tiver conseguido o seu propósito, o bebê será um bastardo. Ele irá se surpreender quando a desolação e a fúria da *famiglia* o atingirem.

Com essa concepção em mente, começo a rir.

— Do que está rindo, maldito? Ir para os braços do capeta o satisfaz?

Ele é descontrolado, percebe-se. Um tolo soberbo que em breve cairá do seu frágil pedestal ilusório.

— Pode apostar que o que mantém o meu humor é ter a compreensão do seu trágico destino, Ankys. Você é uma piada — digo, seguro, embora esteja em desvantagem.

— Maldito! Esteja ciente de que daqui a pouco não estará rindo.

Tenho um império para comandar. Ouvirá falar muito do meu nome, Dvorak.

— É um homem intoxicado pela ganância ao poder, Ankys, mas nunca mereceu ou merecerá apreciar tal feito. Pode pensar ter alcançado a grandeza, no entanto será sugado e exterminado como um maldito verme, pois não é alguém leal. Até mesmo entre os mais sórdidos dos homens é preciso cultivar tal grandeza para se tornar digno em um mundo de escuridão.

— Maldito Dvorak! Cale a porra da boca! Está enganado. Logo ouvirá sobre o meu triunfo lá do inferno. E como cada rato dos Dvorak será eliminado um por um, em breve só existirá uma única aliança, e essa será inquebrável, pois será forjada por uma mão de ferro sólida — sibila com muita certeza. — Agora, já chega de conversinha fiada. Deseja um último pedido antes de ir diretamente ao inferno?

— Claro. — Ergo um pouco a cabeça, o quanto a posição incômoda me permite. — Eu vou arrancar o seu coração, colocá-lo em uma bandeja de prata e assistir, lentamente, às suas últimas batidas desprezíveis. Ele se corroerá até parar de bater. Se arrependerá por ter agido como um *stupido*, idiota.

— Já chega! — Percebo que ele está com o rosto vermelho pela cólera incontida e que sua respiração está mais agitada que o normal. —

Execute o prisioneiro agora — ruge, apontando para o soldado.

O que ele não imagina é que eu sou como um cavalo selvagem em uma baia pronto para fugir no momento oportuno. Então, até que a lâmina afiada separe a cabeça do restante do meu corpo, meu único juramento é me vingar de Ankys.

De repente um dos barris do galpão começa a derramar um líquido e o cheiro de vinho tinto se espalha pelo local. Reconheço esse sinal: foi um tiro com uma arma com silenciador. Sorrio ao observar um dos soldados, que estava distraído, ser abatido e cair no solo. Ankys fica desorientado por um momento, sem saber de onde está surgindo o ataque.

— Maldição! Estamos sendo atacados — ele vocifera ao processar o que está acontecendo. — Abaixe a lâmina agora, seu imprestável! —

ordena ao soldado responsável pela minha mutilação.

Preparo-me para o pior, mas nada acontece. É quando vejo Ankys tirar a arma do coldre e mirar para o soldado por ele não o ter obedecido de imediato.

— Vamos, seu idiota inútil! Se não abaixar a porra dessa lâmina agora, quem vai diretamente para o inferno é você. — Ouço somente

quando ele derruba a arma no chão. Um tiro certeiro atingiu sua mão. Em seguida, outro soldado chega, rendendo-o. — O que diabos está acontecendo aqui? Estou cercado por incompetentes? — grunhe, envolvendo a mão machucada.

Um dos nossos homens o acerta com um porrete na curvatura atrás dos joelhos, fazendo-o ficar em uma posição de sujeição. O jogo virou em um piscar de olhos. Posso ver alguns corpos de inimigos caídos e outros soldados sendo rendidos.

Sinto quando alguém desamarra a corda das minhas mãos, ajudando-me a me erguer do solo e da posição humilhante. Identifico quem está próximo a mim.

— Me perdoe pela demora, irmão, mas até que gostei de presenciar o espetáculo de Ankys. Até onde o homem chega pela ganância ao poder?

Mas já está tudo sob controle — Hardy me abraça.

Somos muito unidos e temos uma ligação muito forte. Se tem uma coisa pela qual morremos, é pela família.

— Porra! Por que demorou tanto? Eu quase fiquei sem a cabeça —

resmungo.

Prontamente, ele retira o gorro e começa a rir.

— Está se queixando, irmãozinho? Quase perdeu a cabeça de cima por pensar apenas com a de baixo — ele me repreende pelo meu descuido.

Deve saber que caí em uma cilada após uma visita a uma das casas de luxo.

— Como conseguiu me encontrar? — mudo de assunto e lhe agradeço em seguida.

— Simples: Ankys é um idiota soberbo. Tinha câmeras na boate de prostituição. Só tivemos que planejar o resgate. Até mesmo a segurança do *stronzo* era frágil e não tivemos dificuldade de entrar com o furgão. A sorte é que tínhamos um aliado aqui dentro, que nos informava de tudo o que se passava, e lhe repassávamos também o que era conveniente.

— *Cazzo*! Está brincando? Veja o meu estado. — Mostro-lhe alguns hematomas pelo meu corpo.

— Bem... Esse último foi um imprevisto. Ankys é um lunático volátil.

Não foi prevista essa última ação dele. — Hardy dá de ombros. — Mas não tem nenhum osso quebrado. Estou certo?

— *Accidenti*! Estava aguardando que eu me ferrasse mais? —

pergunto, irônico.

— Não exagere.

Escutamos Anthony resmungar, chamando-nos a atenção.

— Maldição! Como é possível dois bastardos idênticos? Que espécie de ilusão é essa?

Encaro a figura inútil no chão completamente rendida. Ouço seu resmungo de dor quando Vicenzzo o amarra pelos pulsos e pelos pés como um porco. O desgramado não terá chances de escapar agora.

— Veio do inferno? Deveria estar morto, igual ao maldito Alexandre.

— O idiota pensa que morri no mesmo atentado que matou o meu pai.

— Cale a porra da boca, seu *sacco di merda*! [32] — esbravejo, indo ao seu encontro, e dou um chute em sua costela. — Agora, sim, podemos acertar as contas, *maledetto*.

O bastardo se contorce de dor e eu me sinto eufórico.

— E o que vai fazer? Não pode me matar. Eu tenho forte influência no meio da máfia e... — O desgraçado não tem tempo de dizer absolutamente nada, porque dou um chute certeiro em sua boca e noto o sangue minar.

— Eu disse para calar a merda da boca, seu... — Sou interrompido por um grito agudo e feminino. Paraliso na hora, reconhecendo a voz da pequena garota. — *Cazzo*!

Hardy apenas observa, surpreso, quando pego a arma que ele estava portando e saio correndo em disparada em direção ao som do grito. Chego

ao corredor estreito e encontro uma pequena sombra. Um dos nossos soldados está apontando uma arma para algo que está encolhido em um canto. Reconheço a silhueta suave e paro no mesmo segundo, percebendo a intenção do homem e quem será o alvo.

— Se você apertar o gatilho será um homem morto — advirto-o severamente.

Ele me encara, assustado com a minha chegada repentina ao local.

— Sinto muito, senhor. Eu não ia machucá-la de verdade, é que a garota me mordeu — justifica-se, mostrando sua mão machucada.

— Você deve tê-la assustado.

Sigo até o canto da parede, onde ela está acuada como um animal indefeso. Seu corpo está curvado como se ela se defendesse de algo.

Diavolo! [33] Lembro-me de que ela pode estar carregando o meu herdeiro. Meus membros paralisam no mesmo instante com esse pensamento após eu ter me recordado do breve diálogo com Anthony. Era esse o propósito daquele verme maldito.

Accidenti! Um bebê? Óbvio que no momento em que me encontro, nunca pensaria em ter um bebê, principalmente um que fosse gerado de uma foda qualquer em um cativeiro. Porra! Eu sabia que a garota era uma armadilha. Deliciosa, devo reconhecer, mas uma armadilha, de qualquer maneira.

Mas, definitivamente, ninguém rouba o que é meu. Considero que manter a filha do inimigo por perto será a melhor escolha até eu ter certeza de quais providências devo tomar em relação a isso tudo e à mulher em minha frente.

— Venha, *ragazza* — chamo-a, segurando em seu braço.

Quando ela escuta o som da minha voz, encara-me, parecendo não acreditar que estou vivo.

— Você... Você... — ela murmura, choramingando, e seus olhos se ampliam, em descrença.

A pequena tola tenta se afastar de mim, estatelando-se no chão frio.

Ainda não percebeu que agora sou sua tábua de salvação, já que o miserável do Anthony está rendido e não a ofereceria nenhuma proteção. Torço os lábios, em desgosto. Depois do jeito que presenciei o desgraçado tratar a própria filha, duvido muito desse último feito. Proteção seria algo impensável para Ankys. Talvez a palavra correta fosse “desolação”. É

exatamente isso que o homem deixa pelo caminho. Porém, em breve essa erva daninha será ceifada da *famiglia.* Considero isso com um imenso prazer.

Porra! Em todo caso, o maldito não sairá vivo daqui.

— Por favor, não... Não... — a mulher murmura de modo débil, tentando se desvencilhar do meu contato.

Vejo seus olhos azuis lindos como duas pedras de turmalina se fixarem na arma que está em minha mão e se cerrarem ligeiramente, como se eu pudesse sumir da sua presença em um passe de mágica. O que ela não imagina é que será impossível se livrar de mim.

— Tudo bem. Sua vida por enquanto estará protegida. — Guardo a arma para não a assustar.

Sua vida estará intacta por ora, pelo menos até eu ter certeza se ela carrega o meu herdeiro ou não. Assim pondero.

De qualquer maneira, essa garota é uma incógnita para mim. Eu ainda não sei o que farei com ela, mas tenho consciência de que sua pele suave sob os meus dedos me traz recordações perigosas que devo aprisionar.

Ela ergue as pálpebras e me encara.

— O que irá fazer comigo? — Levanta-se lentamente, a fim de se livrar do meu auxílio.

— Eu já disse: por enquanto nada.

Ouço passos vindo em direção ao corredor e constato que é Hardy.

Cazzo! Ele está segurando a porra da cabeça decepada de Anthony pelos cabelos com olhos esbugalhados. O semblante dele está distorcido,

parecendo somente uma máscara de cera de um filme de terror.

Porra! Hardy começou a brincadeira sem mim? Não acredito que ele decepou a cabeça do desgraçado. Grunho, irritado.

Ouço o pequeno grito de horror da mulher atrás de mim, que chama a atenção do meu irmão para a sua presença.

— Quem é a garota, Alexei? — ele questiona com o cenho franzido.

— Ela é uma questão minha, irmão. Tenho assuntos pendentes com a *ragazza*. — Hardy já sabe que estou pedindo a sua permissão para lidar com a garota. Reparo quando ele ergue uma sobrancelha, zombeteiro. —

Tenho o seu consentimento?

Ele faz um gesto de indiferença.

— Faça o que quiser — dá-me o seu consentimento. — Mas agora, o que devemos fazer com isso? — sua voz sai áspera e sarcástica ao mesmo tempo.

Quando ele suspende a cabeça decepada, reparo que tem uma poça de sangue no chão. A cena é forte, então é compreensível que embrulhe o estômago da pequena mulher. No entanto, diferentemente dela, eu já estou acostumado com toda essa carnificina.

Logo percebo que a mulher atrás de mim não suporta o horror da cena e, sem demora, fica curvada em um canto qualquer do cômodo e começa a

vomitar.

Lanço uma ordem a um soldado próximo para a levar em segurança, já que agora ela será a minha prisioneira. Todavia, advirto-o para que não a machuque e que se algo acontecer a ela, ele pagará com a própria vida.

Observo o homem arregalar os olhos com a minha pronúncia enérgica e depois analiso as feições pálidas e aflitas da *piccola*[34] a me encarar quase em desespero. Deve estar temendo ter o mesmo destino do pai. Porém, tenho planos para ela.

Hardy apenas observa a cena e, em seguida, volta a atenção para mim, erguendo a cabeça decepada de Ankys.

— Vou pendurá-la no ponto mais alto da cidade. Servirá de alerta para os demais inimigos — ele afirma.

— Faça o que quiser. Mas eu prometi que arrancaria o coração do *maledetto* e assistiria ao seu último pulsar. Me tirou esse prazer quando deu fim à vida do bastardo. — Cerro os dentes e respiro fundo. Tenho que pensar com lógica. Sempre nos foi ensinado a controlar a raiva, ou ela se torna a nossa ruína, a nossa pior inimiga oculta. — Promessa é dívida: tenho que arrancar o órgão antes que esfrie.

Não me importo com a cara de horror da pequena *ragazza* ao me encarar.

CAPÍTULO 13

ANTONELLA ANKYS

Fixo meu olhar em um ponto qualquer da grade de aço, tentando acalmar a minha mente do terror que vivi poucas horas atrás. Se eu tivesse seguido a minha primeira intuição assim que abandonei o meu quarto, talvez teria conseguido fugir com Yrine. Mas quando detectei um movimento diferente indo em direção ao subsolo do castelo, algum impulso maior me levou até lá. E eu não pude, simplesmente, conter-me ao ver as atrocidades que papai estava pretendendo cometer contra o prisioneiro. Ele iria executá-lo de uma

forma tão bárbara e perversa. O seu ato louco acabou levando a sua própria vida.

Papai já não existe mais e o seu império ruiu aos seus pés. Ele sempre foi soberbo além da conta e teimoso como uma mula. Eu deveria me sentir triste, pois ele é sangue do meu sangue, mas por que a dor que sinto não é referente à perda? Porque o seu fim representa a minha liberdade e um novo recomeço com a minha querida Lua, longe de todo o horror que é pertencer à máfia. Contudo, não conseguirei fugir da minha nova realidade. Talvez eu esteja, agora, em mãos mais cruéis do que as do homem que me manteve como uma maldita barganha a ser usada quando surgisse a melhor oportunidade.

Senhor! E a compreensão de que são dois me deixa desnorteada.

Gêmeos! E me deitei com o irmão errado, pelo que pude comprovar.

Alexei. Gravo o seu nome lentamente na memória. Anthony deve estar se revirando onde quer que esteja.

O soldado que faz a minha escolta passou a viagem inteira me encarando como se quisesse me esganar pela ousadia de quase ter arrancado um pedaço da sua mão. Ele não me dirigiu uma única palavra, somente fez o que o seu superior lhe ordenou e me jogou nesta cela imunda, deixando-me sozinha.

Algum tempo depois, uma senhora franzina e de meia-idade vem ao meu auxílio. Ela me leva para um banho e me traz alimentos. Todo esse procedimento é atentamente monitorado pelo soldado carrancudo. Parece que, a qualquer instante, ele irá querer separar a cabeça do restante do meu corpo. Sua vigilância é constante. Assim, ele não me permite nem mesmo trocar algumas palavras com a mulher de aparência meiga e delicada, pois eu poderia angariar sua simpatia e ela me ajudaria a escapar do meu novo cativeiro.

Que absurdo. Provavelmente, ela não me ajudaria. Deve ser muito leal aos patrões.

Estou divagando sobre a minha atual condição de prisioneira em um lugar totalmente hostil, quando me dou conta de uma figura gigantesca na entrada da cela. Então comprovo de quem se trata: o gêmeo que seduzi por engano. Percebo que ele está com um pequeno curativo próximo à sua sobrancelha protegendo o corte que macula seu rosto de ângulos perfeitos.

Ele também tem um pequeno inchaço no lábio inferior.

Mas nada ofusca a sua beleza masculina.

— Espero que tenha apreciado suas novas acomodações, *ragazza*. —

Posso detectar que ele permanece irritado.

Não digo absolutamente nada. Não quero correr o risco de despertar a sua fúria.

— Não vai me dizer nada? Nem mesmo suplicar por sua vida?

Respiro fundo, estremecendo com sua pergunta. Meus olhos se enchem de água e eu tento me manter firme. Não desejo desabar em sua frente. Se a minha sentença for a morte, eu a aceitarei de bom grado. Por que imploraria? De qualquer modo, minhas súplicas não seriam ouvidas.

Estou diante de um mafioso que foi brutalmente torturado por papai. De certa forma, sinto-me culpada, porque ele deixou claro que não me desejava, entretanto me aproveitei do seu estado débil de semiconsciência, embora eu também não tivesse alternativa a não ser executar o que me foi imposto.

— Sinto muito. Eu fiz o que tinha que fazer — digo em um fio de voz, sentindo minha garganta secar de repente.

Desvio meu olhar do seu antes que eu desmorone na sua presença letal. O seu semblante não é amigável neste momento. Parece que ele está travando uma luta interna com algo terrível. A determinação nas feições do homem misterioso me faz considerar que ele está imaginando as várias formas de

tortura que pode realizar. Jogos psicológicos talvez sejam piores do que danos físicos.

Ouço a sua risada sem humor e retorno a minha atenção para ele, comprovando uma máscara imperturbável se formar em seu rosto. Todos os seus sentimentos parecem estar sob controle neste instante. Se não fosse pelo seu queixo arrogante cerrado.

— Claro. Me foder fazia parte do plano — ele diz com desdém. —

Talvez não contasse com a pequena falha no plano metódico e “infalível” de Ankys: eu sou o irmão errado.

— Talvez não tenha sido. Não para mim — respondo sem refletir com coerência.

A verdade é que até prefiro o homem diante de mim do que o outro irmão, que exala agressividade e arrogância por cada parte do seu corpo.

Ele me analisa com curiosidade, e eu apenas abaixo a cabeça novamente. Sua próxima pergunta me surpreende por vir de um mafioso.

— Como você está?

Encaro-o ligeiramente, sem compreender sua pergunta, de fato. No mesmo segundo meu rosto queima, ficando vermelho igual a um tomate maduro, quando ele direciona seu olhar para a junção entre as minhas pernas. Remexo-me, inquieta, recordando-me daquela coisa enorme entre as minhas coxas.

— Eu não queria machucá-la durante o ato, mas notei em um determinado momento que sua boceta estava vermelha.

Jesus! Ele não conhece a palavra “sutileza”? Claro que não. Ele é um mafioso e, provavelmente, a última coisa que o preocupa é ter filtro na língua, já que vive infringindo as regras da sociedade. Estou agindo como uma garota ingênua.

Recrimino-me no mesmo momento em que o pensamento surge em minha mente caótica.

Como não lhe dei um retorno de imediato, seu semblante fica inquieto.

— Por favor, não precisa prosseguir. Eu já entendi ao que se refere.

Fui criada em um convento, mas não sou ingênua. Acredite, lá também tínhamos aula sobre os órgãos reprodutores.

— Isso eu já pude comprovar. Não é nenhuma tola. Na verdade, é uma jovem bastante sagaz. Me diga, *piccola*: foi lá onde aprendeu a chupar um pau e a como foder um mafioso?

Meus olhos imediatamente se ampliam e meus lábios se abrem e fecham repetidas vezes. Não acredito em sua ousadia de dizer essas palavras obscenas e indecentes.

De certa maneira, meu subconsciente teima em me recordar de que até certo ponto foi instigante conhecer cada milímetro do seu corpo poderoso. Tê-lo em meus lábios foi a coisa mais erótica que já me ocorreu.

— Meu Deus! Você é tão asqueroso. Não te interessa saber onde aprendi aquelas... Aquelas coisas. Até mesmo porque não acontecerá novamente. — Estou ofegante e sinto meu peito subir e descer, descompassado.

Seu olhar recai diretamente em meus seios. Que depravado! Como chegamos a esse momento? Antes a sua expressão era assassina sobre mim, e logo em seguida de desejo? Minha vontade é de me cobrir do seu olhar lascivo e sensual, entretanto sinto uma corrente de algo desconhecido me inundar.

Observo atentamente o rosto de ângulos belos e, ao mesmo tempo, tenebrosos. Depois vejo se formar nele um sorriso pretensioso.

— Devo discordar de você nesse ponto, *piccola*. Não depois de ter quase me nocauteado. Mas não é o momento de eu analisar algo que me deixa desestabilizado. Admito que as recordações que carrego daquela noite... me

deixam, no mínimo... irritado — ele calcula as palavras antes de pronunciá-las.

Claro. Ele deve me odiar pelo jeito que o tomei, visto que foi algo sujo e cruel, sem o seu consentimento. Que homem aceitaria tal afronta?

E por que ele está citando aquela noite? Eu pensei que não se recordaria de absolutamente nada. Oh, Deus! Eu vou matar a Yrine. Como assim ele se lembra do jeito ousado que toquei em seu corpo?

— Ainda não respondeu a minha pergunta. Está bem ou necessita de algum cuidado específico? — Isso foi preocupação em sua voz?

Censuro-me no mesmo instante. É algo impensável. Por que ele estaria preocupado?

Tento clarear a minha mente, porém sua aproximação está prejudicando o meu raciocínio. O homem diante de mim, provavelmente, está pensando nas várias formas de torturas que irá me infligir. Só posso estar ficando louca ao supor que o seu gesto é alguma gentileza.

— Eu estou bem. É que você é demasiadamente grosso e... —

Interrompo o fluxo de palavras quando percebo que externei os meus pensamentos mais profanos em relação a ele.

Em sequência, posso ver o seu sorriso presunçoso.

Meu Deus! Eu só queria que um buraco gigantesco se abrisse agora e me absorvesse. Estou muito envergonhada com esse tipo de conversa constrangedora.

Desvio meu olhar da sua face, contudo, por infelicidade, ele acaba recaindo diretamente no zíper de sua calça. Ele está com as mãos nos bolsos, fazendo com que um volume indecente se forme na parte frontal da roupa. Logo me lembro daquela coisa tão dura e latejante. Chego a sentir minha boca seca e, imediatamente, dou dois passos para trás, afastando-me rápido para longe do seu alcance.

Um sorriso de deboche desenha sua face tão bela como um pecado.

— Está com medo de mim? — sua voz poderosa entoa pelo pequeno recinto da cela, fazendo-me estremecer.

— Não deveria estar? — rebato. — Você não está me fazendo uma simples pergunta, sei que isso se trata de algum maldito interrogatório. Está agindo como um anjo da morte e decidindo qual será a minha sentença?

— Está sendo bem atrevida. Não está temendo a sua punição?

— Digamos que já aceitei o meu destino — digo, sendo insolente, por mais que eu esteja sentindo um medo quase paralisante.

Apenas noto o mesmo sorriso convencido de sempre nele.

— Gosto da sua sagacidade, *bambola*.[35] Pelo menos não é uma covarde como era o miserável do seu pai — cospe as últimas palavras com muito ódio ao se referir ao Anthony.

— Eu só suplico que seja algo rápido... E... E...

— “Rápido” não é exatamente o que tenho em mente para a sua...

sentença. Digamos assim, *piccola*. Na verdade, o plano é que seja bem lento. Quero aproveitar cada mísero segundo do que tenho em mente para você — sussurra baixo e letalmente, como se fizesse uma promessa.

Meu coração unicamente entra em um galope desenfreado dentro do peito, relembrando-me do seu prazer perverso ao jurar que arrancaria o coração de Anthony.

Vejo-o arquear uma sobrancelha e se dirigir lentamente até mim.

Tento escapar da sua proximidade perturbadora, contudo acabo esbarrando na beirada do pequeno catre[36] desgastado. Sem outra rota de fuga para mim, ele me alcança. Sinto suas mãos poderosas tocarem em meus ombros, e no mesmo segundo fecho os olhos. Não quero que ele perceba o medo refletido em meu olhar. Monstros como ele brincam com os sentimentos das

suas vítimas, por isso temos que ser neutras e imparciais. Mesmo que o medo me domine, quase fazendo o meu coração parar de bater. Temo desmaiar aos seus pés.

Mas me surpreendo quando sinto seus dedos tocarem na pele do meu rosto lentamente, mas não de forma invasiva, e sim como uma terna carícia.

— Tão macia — sua pronúncia sai próxima aos meus lábios e eu sinto meu corpo estremecer. Não sei definir exatamente as sensações que me assolam neste momento. — Minha curiosidade só aumenta, *bambolina*. É

tão macia lá embaixo também e tão doce quanto o mais puro mel italiano?

Sua linguagem crua faz com que eu reaja à sua provocação. Senhor!

Jesus! Creio que estou com o rosto pegando fogo. Sua fala me deixou ofegante e quente como se estivesse em um estado febril de desejo.

Desejo? Assusto-me com esse pensamento. O homem gigantesco diante de mim pode me causar qualquer outra reação, menos desejo.

De repente abro os olhos e empurro o seu tórax másculo. Nos seus olhos escuros e tempestuosos como um mar em fúria, vejo uma mistura de excitação e algo mais intenso que chega a ser indecifrável, como uma fome voraz que necessita ser saciada. Ele me tomará à força? Fará comigo o mesmo que fiz com ele? Logo me recordo da dor atroz que tudo aquilo me causou e a culpa me consome. Tenho consciência do ato desprezível que cometi, e ele estaria em pleno direito de me devolver na mesma moeda o dano que lhe causei. E se ele me entregar para os seus homens? Fico trêmula com tal pensamento sombrio.

— O que irá fazer? Me tomar à força? — Meus olhos ficam marejados e minha garganta fica seca com o puro horror desse pensamento.

Contudo, minhas expressões faciais voltam a relaxar quando noto as dele mudarem drasticamente para incredulidade.

— *Porca miseria*! Absolutamente, não sabe nada sobre mim, *bambolina*. Eu não necessito utilizar esse meio sujo para ter uma mulher em minha cama. Nunca tomei uma mulher à força, mas já enviei muitos bastardos para o inferno por cometerem tal prática desprezível. Para mim, eles não passam de uns covardes, *figli di puttana*.[37] — Seu cenho está franzido como se ele tentasse conter a raiva.

— Mas eu... Eu... — Hesito ao me lembrar do modo infame como o tomei.

Apesar de suas feições terem demonstrado, nitidamente, que ele sentia prazer com o ato sexual, isso não deixa de ter sido algo insano e inusitado. Mas naquele momento não tive opção, pois era aquilo ou papai poderia descontar toda a sua ira em Lua. E eu nunca permitiria algo tão cruel.

— Sinto muito. Você deve me odiar por ser filha de quem sou.

— Já chega — percebo irritação em sua voz. — Não precisa me recordar a cada dez minutos por qual motivo eu deveria estar querendo apertar o seu gracioso pescoço, *bambolina*, em vez de fantasiar como seria fodê-la estando no controle total do meu corpo e da minha mente. Quero sentir minhas bolas batendo em seu belo traseiro enquanto meu pau estiver todo dentro de você — sussurra, exasperado, afastando-se de mim.

Logo em seguida, observo-o passar, impaciente, as mãos pelos seus cabelos negros, enquanto caminha agitado pelo pequeno cubículo da cela.

Eu fiquei completamente estática com a sua pronúncia acentuada e quente.

Oh, Senhor! Meu corpo se aquece, fazendo-me ter pensamentos indecentes com o inimigo. A verdade é que ainda consigo imaginar cada pedaço de músculo dele que tateei. É como se eu tivesse gravado na memória a perfeição masculina. Todavia, a lembrança da dor voraz que aquela coisa enorme provoca me deixa temerosa e acabo me afastando ainda mais do seu alcance, indo para um pequeno canto da cela, como se, assim, eu pudesse me proteger do caos interno que a presença dele me causa.

Como um desconhecido pode mexer tanto comigo? O homem enigmático a quem entreguei a minha virgindade.

— *Maledizione*! Meu irmão tem razão: tenho que parar de pensar com a porra do pau. O sangue que corre nas suas veias já deveria ser a sentença final. — Ele hesita, soltando um longo suspiro, e fixa a atenção em mim outra vez.

Percebo que cutuquei a onça com vara curta, porque vejo o ódio distorcer seu belo rosto apenas por eu ter mencionado alguma referência ao homem que me gerou.

— Mas eu não consigo te fazer mal. Como punição, dormirá nesta cela até eu decidir o que farei com você, *ragazza* — ele sentencia e deixa o local. Parece furioso.

Somente fico olhando-o abandonar o cubículo onde me encontro e fechar as grades que me separam do lado exterior. O que me torna uma prisioneira. A sua prisioneira.

CAPÍTULO 14

ANTONELLA ANKYS

Meu corpo treme pelo frio incessante que teima em penetrar em meus ossos. Não tenho nem mesmo um agasalho. Remexo-me no estreito colchão de um lado a outro, tentando encontrar uma posição cômoda. A noite já está bem adiantada, percebo pelo brilho reluzente do luar que entra pela fresta da pequena abertura na cela. Depois de incontáveis minutos e vencida pelo cansaço das últimas horas, adormeço.

Eu estou correndo em uma floresta e o medo domina o meu ser. Sinto o peso nas pernas e pareço correr em círculos. Algo vem atrás de mim, mas é indistinto, não consigo decifrá-lo. Meu único instinto é fugir da sua presença aterradora. Vejo uma enorme árvore e corro para tentar me esconder atrás dela. Minha respiração está inconstante e o medo e a angústia se misturam, dominando o meu corpo. Ele está próximo, posso sentir. Meu coração parece querer sair pela boca e eu sinto algo subindo pelo meu corpo, esmagando o meu peito. Preparo-me para soltar um grito dilacerante, mas algo tapa a minha boca e lágrimas grossas molham o meu rosto.

De repente desperto. Não foi um sonho, foi um pesadelo. Mas uma figura sombria realmente está pairada sobre mim. Uma mão imunda está cobrindo a minha boca, impedindo-me de gritar por socorro, e a outra está apalpando o meu seio, apertando fortemente o meu mamilo sem minha permissão. Sinto rastros salgados molharem o meu rosto e reconheço as lágrimas. Sua mão asquerosa continua seu manuseio nojento pela minha pele.

Quando percebo sua intenção monstruosa, saio da inércia em que me encontro e tento entrar em uma luta corporal com o meu algoz. Porém, falho miseravelmente ao comprovar, para o meu desespero, que meus pulsos estão amarrados com um pedaço de tecido.

— Calminha, princesa. Não precisa se agitar. Eu só quero brincar um pouquinho — o homem nojento sussurra.

Reparo que é o mesmo soldado que estava com o outro que fazia a minha vigilância. Meus olhos estão quase saindo das órbitas enquanto sinto sua mão odiosa subir pelas minhas coxas a fim de chegar à minha calcinha.

A saia que uso não é nenhum impedimento para a sua monstruosidade.

Logo a mão inescrupulosa afasta o frágil tecido para o lado e ele começa a tocar em minha vagina sem o meu consentimento. Um nojo tremendo envolve o meu corpo e eu me sinto violada pelo seu contato sujo.

Começo a me remexer, tentando chutá-lo, apesar da tentativa de afastá-lo ser quase inútil, pois o seu corpo robusto está limitando os meus movimentos. Isso faz com que ele abandone o que estava fazendo e leve os dedos à boca para os sugar. Tenho ânsia de vômito neste momento.

— Apesar de estar seca, ainda assim é deliciosa — ele sussurra e volta a lamber os dedos. — Deu para um dos chefinhos, então, por que não podemos brincar um pouquinho também? Adoro me divertir com as *cagne*,

[38] e o chefinho tem um ótimo gosto. Nunca me decepcionei com as suas escolhas, pois são deliciosas as putas que ele escolhe. Apesar de serem umas *cagne*, não são muito usadas. Sinto um prazer descomunal em foder

os seus restos. Ninguém precisará saber dessa nossa diversão, não é verdade, *puttana* gostosa?

Balanço a cabeça de um lado a outro, implorando com os olhos para que ele não faça nenhuma maldade. Mas em suas írises escuras e demoníacas, posso perceber que ele não se refreará de seu propósito cruel.

— Quieta, *cagna*![39] Me deixou a tarde inteira com o pau duro. —

Tenho nojo de suas palavras. — Eu apenas estava aguardando o momento certo. Eu ia só bater uma te admirando, mas é muito linda. É a porra da filha do inimigo, no entanto tem uma beleza incomparável.

Fico ainda mais horrorizada constatando que ele não escutará minha súplica silenciosa. Será essa a minha punição por ter participado de algo tão sórdido e desprezível? Foi isso que o homem com quem tive a primeira vez

sentiu? Nojo e repúdio? Embora ele estivesse duro de tesão, foi algo forçado, porque ele estava drogado, não teve opção.

Começo a me debater, tentando me libertar do ataque asqueroso.

Mesmo com os punhos amarrados, começo a lhe desferir golpes. O soldado apenas sorri. Mas em um descuido, quando ele tira brevemente a mão da minha boca, aproveito para encher os meus pulmões de ar e gritar o máximo que consigo. O meu gesto o deixa ainda mais irado e eu acabo recebendo um forte soco na face, que chega a me deixar tonta. O gosto metálico de sangue logo preenche o meu paladar, deixando-me brevemente desorientada.

Ele tira um pedaço de tecido do bolso e amarra a minha boca. Minha cabeça ainda está girando em consequência do golpe brutal que recebi.

— Maldita *cagna*! Eu disse para ficar quieta. Veja o que me fez fazer.

Amanhã estará com um enorme hematoma. Terei que inventar algo para justificar isso. Direi que você tentou fugir. Mas seu gesto apenas me atiçou.

Adoro foder irado, por isso não vou me conter, vadia. Então, se prepare, porque amanhã estará toda arrebentada. E se contar para alguém o que fiz aqui, além de ficar arrombada, perderá a porra da língua — ele me ameaça com muito ódio.

Minha cabeça começa a doer e a latejar. Lágrimas grossas inundam minha visão e eu fixo meu olhar na arma que está no coldre em sua cintura.

Eu só queria que ele acabasse com o meu sofrimento.

Ele, percebendo meu olhar para o local, dá um sorriso irônico.

— Tenho outro brinquedinho no meio das pernas bem mais interessante, *cagna*. Seja uma boa *puttana* e apenas abra as pernas para mim

— manda odiosamente e começa a rasgar a minha roupa.

Minha blusa em poucos segundos está em farrapos, e como não estou usando um sutiã, meus seios ficam visíveis ao olhar do desgraçado.

— Que belezuras — ele elogia, apertando os meus seios sensíveis.

Sinto apenas nojo e tento anestesiar meu cérebro para amenizar o impacto do que está acontecendo. — Agora, vamos ao que interessa. — Sinto-o

chegar à parte do zíper da minha saia e fazer o mesmo processo monstruoso.

Copiosamente, lágrimas começam a desabar pela minha face sem controle algum.

— Suas lágrimas não me comovem, vadia, pelo contrário, me deixam ainda mais excitado. — Ele está prestes a me quebrar.

O medo é tão grande, que eu não tinha me dado conta de que não estamos mais sozinhos na estreita cela. Em um determinado momento, o soldado está em sua posição de superioridade, e no minuto seguinte, sua expressão de deleite é substituída por incredulidade e martírio. Seus olhos grandes e demoníacos estão prestes a pularem para fora das órbitas, e em seguida seu

corpo asqueroso cai pesadamente no solo imundo da cela. Noto um buraco em sua testa, do qual está emergindo sangue, e constato que um tiro certeiro o atingiu.

— *Maledizione*! — uma voz poderosa e conhecida troveja ferozmente pelo recinto e o meu coração angustiado imediatamente vibra com a sua presença. — Porco miserável! — O homem blasfema uma enxurrada de palavrões italianos na sequência, chutando o corpo inerte e disparando mais tiros contra o soldado que, provavelmente, já está sem vida.

Assusto-me com a sua agressividade. Ele somente para quando acaba a munição que tinha na arma.

Encaro a figura sombria e estremeço ao ver o ódio refletido nela, mesmo percebendo que esse sentimento não é dirigido a mim. Sua próxima atitude me surpreende: ele vem em minha direção, desamarra os meus pulsos e tira a mordaça da minha boca. Observo que ele examina meu corpo detalhadamente. Nesse processo, apesar da ânsia que sinto de me cobrir, por estar exposta e vulnerável, o seu contato não me causa aversão como quando eu estava nas garras daquele sujeito desprezível.

De alguma maneira, sinto que ele não me fará mal. É um pensamento ridículo, tratando-se de um mafioso, mas é o que sinto no meu íntimo. É

como se eu pudesse ver além do seu exterior arrogante e pragmático que ele sempre tenta manter evidente na superfície.

— *Dannazione*! [40] Ele a machucou. — Não foi uma pergunta, e sim uma afirmação.

Quando ele toca no lado da minha bochecha marcada, gemo pela dor.

— Sinto muito, *bambolina*. Talvez eu tenha chegado tarde demais. —

Sua mandíbula trava e ele prende o ar. — Ele a violentou?

— Não... Não... Mas era o seu propósito — afirmo o óbvio.

Na verdade, pelo meu estado, fica bem evidente qual era a perversa intenção daquele sujeito.

Vejo o seu olhar, vagarosamente, descer para os meus seios e ir em direção ao restante do meu corpo. Sua análise minuciosa não tem nenhum apelo sexual, mesmo assim sinto uma enorme vontade de me cobrir e de chorar. Todavia, permaneço inerte, quase sem reação. Observo quando ele, devagar, começa a desabotoar a própria camisa branca. Fico surpresa com a sua atitude: ele me veste com a camisa, envolvendo meu corpo frágil com o tecido macio. Logo o cheiro poderoso e amadeirado preenche o meu olfato.

Suas mãos são ágeis ao lidarem com os inúmeros botões, e quando ele finaliza a tarefa, sinto o meu corpo ser erguido pelos seus braços fortes.

Sem outra alternativa, envolvo o seu pescoço poderoso, sentindo quão bom é estar em seus braços. Posso escutar as batidas frenéticas do seu coração ao encontro do meu rosto quando me aconchego ao seu peito firme.

Sem hesitar, ele caminha para fora da cela. O corredor está sob uma penumbra e minha pele se arrepia pelo frio constante. Mas logo o sinto me aconchegar ainda mais ao seu corpo, que me transmite todo o calor que necessito.

Alguns soldados estão em suas posições e eu ouço Alexei bradar furiosamente uma ordem que não compreendo.

Saímos do subsolo e chegamos ao corredor principal do Palazzo.

Noto que o outro irmão gêmeo vem em nossa direção. O chefe mantém uma

expressão sombria e nos olha com uma curiosidade apática. Seu semblante demonstra, claramente, objeção.

— *Dannazione*! Agora resolveu brincar com a prisioneira? — sua voz é repleta de escárnio e desdém.

— Sem gracinhas, Hardy. Ela é um problema meu.

— Ela é a filha do inimigo, então devo decidir qual será a sua sentença — ele fala em um tom inflamado.

Aninho-me ainda mais ao peito firme. Tenho conhecimento de que o irmão gêmeo não será tão complacente comigo pela afronta de papai.

— Acabei de matar um dos nossos homens por ter tido a ousadia de tocar nela. Sabe que o respeito, irmão, e que tenho uma grande admiração por você, mas pedi sua permissão para eu mesmo tratar do assunto, e me concedeste — relembra-o.

Atento-me à expressão do homem diante de nós. Ele parece imperturbável em sua fisionomia, mas uma pequena veia em sua testa pulsa freneticamente, demonstrando que ele faz um esforço tremendo para buscar controle. Neste momento fico imensamente feliz que o plano maluco de papai tenha saído equivocado e que ele tenha pegado o irmão errado.

— Em meu escritório em meia hora — o chefe exige com autoridade.

Uma feição carrancuda adorna o seu belo rosto. Como ele pode ser tão cruel? Em seguida, afasta-se de nós, seguindo pelo extenso hall.

— Sinto muito... Obri...gada. — Sei que essas não eram as palavras adequadas para eu dizer no momento.

O meu salvador apenas absorve o agradecimento em silêncio e começa a subir as escadas comigo ainda nos seus braços. É como se o meu peso fosse mínimo. Creio que ele tem a compreensão de que eu não conseguiria me mover um milímetro sequer. Meu corpo ainda está envolvido por um torpor momentâneo causado pelo último incidente e minha mente tenta bloquear, a todo custo, a sessão terrível de horror à qual fui infligida minutos atrás. Mas o meu cérebro permanece um caos.

Chegamos a um quarto e eu sou depositada com suavidade sobre um colchão amplo e tão macio quanto o veludo. A sensação de estar acolhida em nuvens me envolve e, sem demora, ele some por outra porta. Apenas fico letárgica, sem reação. Ouço um barulho de água vir do mesmo compartimento que ele adentrou.

Alguns minutos depois, Alexei surge novamente no cômodo. Vejo-o me analisar. Seu torso ainda está desnudo e eu logo me atento aos pelinhos do seu peito, que salpicam a parede de músculos vigorosos. Alguns hematomas são perceptíveis e a culpa me queima.

— Obrigada, Alexei — sussurro de forma débil, apreciando, pela primeira vez, deslizar o nome poderoso entre meus lábios.

Ele arqueia uma sobrancelha, sarcástico.

— Só quero agradecer corretamente ao homem que me salvou de um possível estupro. Salvou minha vida duas vezes hoje — minha voz se mantém baixa e quase em um sussurro.

— Não deveria me agradecer, pois eu te coloquei naquela cela. Se eu não tivesse... — Trinca a mandíbula para tentar reprimir a ira e sacode a cabeça lentamente, não concluindo o seu raciocínio.

Suas expressões estão exasperadas por ele se recordar do episódio. É

como se travasse uma luta interna. Tenho a impressão de que a figura gigantesca queria planejar uma morte lenta e dolorosa para aquele sujeito.

Vejo apenas quando ele segue até outra porta do quarto e retorna alguns minutos depois trajando uma camisa.

— Preparei um banho de banheira e coloquei alguns sais que ajudarão a relaxar seus músculos. Consegue fazer a tarefa sozinha ou precisará de auxílio?

Um estranho sentimento de alívio me abrasa e eu foco minha atenção em seu rosto. Contudo, estremeço quando comprovo que uma expressão agressiva continua presente nele.

— Consigo... fazer sozinha. Obrigada — confirmo com a voz entrecortada e sinto um pouco da terrível tensão ser dissipada do ambiente.

— Muito bem, *ragazza*. Agora, preste atenção: em hipótese alguma abandone este quarto — ele fala, terminando de abotoar a camisa.

Não quero ter tanta consciência de sua presença máscula, por isso sou obrigada a desviar brevemente o olhar da parede estupenda de músculos que outrora já mapeei e guardei na memória. Minha boca seca no mesmo instante em que me lembro do ato ousado e de como não foi nada desagradável tocar nele e o ter sob o meu comando.

— Não me decepcione, ou terá que lidar com consequências — ele adverte, duro desta vez.

— Não irei a lugar algum. Você me salvou daquele... Daquele sujeito horrível — respondo, relembrando ainda o toque asqueroso na minha intimidade.

Será que Alexei sentiu tanto asco assim quando toquei nele de forma visceral?

Imediatamente, sua presença sombria se aproxima devagar da cama e sua sombra paira sobre mim. Sua face ainda demonstra uma grande fúria, no entanto ela está reprimida por um controle ferrenho. Também posso detectar, com alívio, que todo esse sentimento não é dirigido a mim.

— Perfeito. Mas não pense por um segundo que sou um homem bom, *ragazza*. Eu a salvei, mas tenho um propósito para você. — Meu coração dispara dentro do peito. — Não permitirei que nenhum outro execute o meu julgamento — ele ressalta e passa levemente um dedo em minha bochecha machucada. — Eu sou o único que posso lhe tocar. Somente eu posso decidir o seu destino — sussurra com posse.

E, de certo modo, eu sei que suas palavras contêm um fundo de verdade.

A figura enorme está tão próxima a mim, que posso sentir o cheiro da sua colônia amadeirada. É um sentimento louco e inacreditável, mas por que, de algum jeito, sinto-me segura? Eu não desejaria estar em outro lugar.

E onde mais poderia estar? Com o meu primo, que é a cópia fiel da crueldade de papai? Céus! Levo um tremendo susto ao pensar somente agora que não sei o que houve com o seu paradeiro. Teria tido o mesmo destino trágico de papai? Varro esse pensamento sombrio para longe de

mim, visto que não é importante o que aconteceu com Nathan agora. Até porque ele não me serviria de segurança ou alento, acabaria me usando mais cedo ou mais tarde em algum propósito hediondo. Tudo o que motiva uma mente tão perversa quanto aquela é a ambição ao poder.

O homem se ergue com passos apressados e abandona o quarto. Fico alguns minutos na cama, envolvida em uma bolha íntima de pensamentos inconstantes, e depois sigo até o amplo banheiro. Fico admirada com a opulência do lugar. O ambiente tem mais suntuosidade que o antigo castelo, sendo um espaço enorme. Uma imensa banheira em tons de dourado e branco se encontra em um canto do cômodo e eu posso verificar que a leve espuma e o aroma de frutas vermelhas vindo da água são bastante convidativos. Em poucos segundos estou usufruindo do delicioso banho.

Sinto a água morna e perfumada abranger meus músculos e, por fim, permito-me relaxar.

Pego uma bucha e começo a lavar o meu corpo de forma vigorosa.

Logo lágrimas grossas escorrem pela minha face quando penso nas últimas cenas do meu terror. Nenhuma mulher merece passar por aquilo. Agora, realmente, compreendo as palavras dolorosas de Yrine. Como pode existir seres tão maldosos?

Um pesar me atinge. Espero que ela tenha conseguido escapar.

Alguns minutos depois, com a pele ainda vermelha, mas com a mente mais calma, retorno ao quarto. Meu corpo está envolvido por um roupão branco. Comprovo que o tecido felpudo tem o cheiro do homem que está dominando os meus pensamentos.

Fico surpresa ao ver uma bandeja com vários alimentos saborosos em cima de uma mesinha, como ravióli, lasanha, bolinho de arroz e até mesmo um bule com chá. Estou em dúvida se isso é para mim. Por que o homem iria querer me ajudar? Todavia, espanto as incertezas para longe ao sentir

minha barriga roncar alto, em protesto, até porque já estou há muitas horas sem uma refeição decente. Decido desfrutar do pequeno manjar que está

sendo oferecido a mim.

Depois de degustar a refeição saborosa, deixando por último a xícara de chá, recolho-me em uma das poltronas que está diante da porta de vidro que dá acesso à sacada do imponente quarto. Está uma noite fria ao lado de fora e os vidros estão um pouco embaçados, mas aqui dentro está um clima agradável e aquecido, diferentemente da friagem na cela úmida.

Analiso a bela lua e a infinidade de estrelas ao seu redor. Começo a contá-las e acabo bocejando algumas vezes. Vencida pelo cansaço extremo, deixo a exaustão das últimas horas me abraçar.

CAPÍTULO 15

ALEXEI DVORAK

— *Cazzo*! — rujo pela milésima vez, estourando mais um saco de boxe.

Meu corpo está todo suado e os nós dos meus dedos latejantes, porém o que mais anseio é extravasar toda a minha fúria que, neste determinado momento, ainda é como um tornado descontrolado. Sou adepto à prática de calistenia, gosto de desafiar a força do meu próprio corpo, mas agora só desejo extravasar a cólera socando algo.

Apesar de eu ter eliminado de forma satisfatória o maldito soldado que tentou abusar da garota, eu desejaria que tivesse sido de forma lenta e dolorosa. Queria ter tido tempo de lhe infligir uma tortura demorada e extremamente agonizante. Queria ter lhe aplicado o tratamento VIP de estupradores.

Porca miseria! Flashes de um passado longínquo voltam com força total a atormentar o meu subconsciente. As lacunas são profundas e latentes, como uma dor infernal que carrego na alma. A pequena Gabriela era somente uma garota jovem e alegre que não merecia ter tido sua vida destruída por um estuprador de merda, que além de ter abusado do seu corpo, tirou seu último suspiro de vida. Ela era filha de uma *famiglia* aliada, uma linda adolescente de cabelos ruivos e grandes olhos azuis expressivos demais. Eu a ensinei a atirar e ela sempre dizia que era apaixonada por mim, mas nunca levei suas

declarações a sério. Gabby falava que um dia nos casaríamos e construiríamos uma família. Eventualmente, levei na brincadeira a sua paixonite de adolescente, mas ela não viveu o suficiente para conhecer ou encontrar um amor de verdade. Sinto meus olhos umedecerem.

Sem demora, espanto essa emoção de fraqueza e tento focar em extravasar a minha raiva.

Capturamos o maldito abusador de Gabby e o torturamos por horas a fio, até que o infeliz morreu por hemorragia interna depois de ter seu intestino bruscamente dilacerado pelo cacetete de ferro que introduzimos no seu rabo, após o termos castrado e o feito comer as próprias bolas.

Por isso sinto o peso da tensão e da culpa me dominar. Também sinto que meu ódio ainda me domina neste instante. Porque, infelizmente, mandei o bastardo do soldado insolente que tentou abusar da pequena *ragazza* para o inferno antes da hora.

Noto quando Hardy entra na sala de treino. O seu semblante é insondável. Volto a minha atenção para ele.

— Eu o estava aguardando em meu escritório — ele enfatiza.

— Sinto muito, irmão, eu não estava em condições — justifico-me.

— Não pretende matar a garota. — Foi uma afirmação, não uma pergunta.

Solto um suspiro devagar, analisando a sua colocação. Claro que não causarei nenhum dano a ela.

— Eu ainda não sei o que fazer com ela — confesso —, mas não quero que ninguém a machuque.

Algo primitivo e visceral desencadeia uma força dominadora dentro de mim que somente quer protegê-la. Sinto que ela não é como o maldito do pai, até porque se fosse, a *piccola ragazza*[41] estaria usando métodos de sedução para tentar conquistar a minha simpatia e conseguir fugir de alguma punição. Mas a *bambolina* parece ser alheia à própria beleza.

Cazzo! Só posso estar ficando louco. E se for unicamente mais um teatrinho feminino? A garota ingênua que finge precisar de proteção, enquanto tudo é uma teia de mentiras. Tenho que descobrir mais sobre ela.

— Tem que decidir o que fazer com ela. Não se esqueça de que ela é a porra da filha do traidor e que pode estar fingindo apenas para tentar se safar. Se não quiser acabar com a moça, eu posso fazer isso rapidamente e

de modo indolor — meu irmão sugere com um sorriso cínico estampado na face.

Imediatamente, uma carranca se faz presente em minhas feições.

— Ninguém a toca. Eu já disse que ela é minha — meu sussurro sai quase como um rosnado.

— Ela é sua? — ele pergunta, sarcástico, erguendo uma sobrancelha.

— Sabe perfeitamente o que eu quis dizer. Ela é minha responsabilidade, então decidirei o que fazer com ela. — Solto um suspiro longo, pego uma toalha e seco o suor do meu rosto.

— É melhor ir descansar. Conversaremos amanhã sobre esse assunto.

Estou aguardando alguns detalhes que Vicenzzo está reunindo, que logo serão encaixados no quebra-cabeça. — Torce os lábios, em desgosto.

Apenas assinto e o olho abandonar a sala de treino.

Decido ir direto para o vestiário tomar uma ducha gelada. O que aquela *piccola ragazza* faz comigo?

(...)

Quando adentro o quarto, meu olhar recai diretamente sobre a cama, que está completamente intacta. Que inferno! Onde se meteu a garota estúpida? Imediatamente, a raiva nubla as minhas expressões, mas pouco tempo depois ela é dissipada quando percebo a *bambolina* deitada em uma poltrona próxima à porta de vidro que dá acesso à sacada. Ela está em uma

posição incômoda, pouco confortável, no pequeno estofado. Se permanecer por muito tempo dessa maneira, amanhã acordará com um tremendo torcicolo. Reparo que ela está vestindo o meu roupão, que fica grande demais no seu corpo.

Resolvo colocá-la na cama. Tiro-a da poltrona e a levo até o colchão.

Não posso deixá-la com a peça úmida ainda pelo banho. Considero que o único propósito para isso é o seu bem-estar, pois não desejo que ela pegue um resfriado, no entanto, no meu subconsciente, sinto uma necessidade primitiva de vê-la nua. Abro o laço do tecido felpudo e analiso descaradamente o seu corpo pequeno e delicioso. Puta que pariu! Linda demais. O corpo da pequena mulher foi moldado para o pecado. Seios médios, cintura estreita e quadris largos. Instantaneamente, sou fisgado pelo paraíso íntimo e feminino. Sua boceta é perfeita. Não dá para eu ver nada de mais além da fenda doce que guarda os seus segredos, mas a cena inocente é excitante para um caralho.

Meu pau pulsa bruscamente, respondendo à visão devassa, enrijecendo-se, endurecendo nas minhas calças. Se eu fosse um cavalheiro não estaria desfrutando de tal cena libidinosa e estaria cobrindo-a do meu olhar cobiçoso. Sorrio, pretensioso. O problema é que não sou um cavalheiro ou a porra de um príncipe encantado.

Em seguida, algo me capta a atenção e eu toco em sua pele morna.

Merda! Em seu quadril há um enorme hematoma arroxeado. Também posso perceber algumas manchas pelos braços. *Maledetto*! Aquele covarde, desgraçado, espancava a própria filha.

Ouço um leve gemido de dor e percebo que meu aperto a está machucando mais. *Accidenti*!

A única coisa que consigo imaginar é o quanto estou fodido. Porra! A menina me desestabiliza completamente. Por ela, sinto uma ânsia premeditada de mandar para o inferno qualquer filho da puta que ouse sequer maltratá-la. Agora ela é minha.

Assusto-me com a intensidade desse pensamento de posse. Que tipo de pensamentos absurdos são esses que me assolam?

Se eu não me afastar logo da pequena mulher, cometerei alguma estupidez.

Sigo para o closet e retorno com uma camisa. Ela está tão cansada, que não desperta um minuto sequer enquanto a visto. O calmante que

solicitei que Olza colocasse em seu chá deve ter surtido efeito. A garota passou por muitas emoções, e eu só queria dissipar a experiência terrível que ela teve com o maldito soldado.

Se o bastardo, figlio di puttana, estivesse vivo ainda, eu o estaria torturando lentamente — penso, irritado.

Ela se remexe no colchão, sem despertar, e eu sou atingido por uma vibração diferente quando sinto o leve cheiro feminino em minhas narinas.

Imediatamente sou golpeado por reações contraditórias e indesejadas. Que *maledizione*! Ela está fodendo com o meu psicológico. Constato isso ao comprovar que necessitarei de outro banho gelado para resfriar o meu ardor.

CAPÍTULO 16

ANTONELLA ANKYS

Desperto sobre um colchão macio. Como vim parar aqui? A última coisa que me recordo é de que eu estava na poltrona. Assim que piso no solo, sinto que um tapete macio está sob os meus pés. No mesmo momento sinto lambidas na minha pele e levo um tremendo susto. Eu encaro a criatura em questão e meu coração dispara dentro do peito. Penso que a qualquer instante ele saltará pela boca.

Uma coisa enorme e com a pelagem preta está lambendo a minha perna. Posso sentir o hálito quente e sinistro do animal em contato com a minha carne. A criatura é imensa. Solto um grito de terror e salto da cama, correndo para bem longe dele. Fico estática, encostada na parede. Não tenho como fugir da fera, visto que a porta fica na outra extremidade. Sinto

meu coração ainda martelando, descoordenado dentro da minha caixa torácica. A minha respiração está agitada, e o medo aterrorizante do animal paralisa os meus músculos. Senhor! O bicho é gigante e poderia me deixar em pedaços com suas presas extensas e afiadas.

Devo ter feito algum ruído no cômodo, pois, sem demora, escutei o barulho de uma porta sendo aberta de maneira abrupta. Imediatamente avisto a imagem gigantesca de Alexei saindo do banheiro com apenas uma toalha em volta dos quadris. Esqueço-me brevemente do terror momentâneo que percorre o meu organismo ao me deparar com o homem sob o meu foco. As gotículas de água que descem pelo seu peito forte, perdem-se dentro do tecido da toalha. Ofego baixinho.

Entretanto, minha atenção logo retorna à besta quando a vejo avançar em minha direção. O bicho já está praticamente a milímetros de mim e eu estou prestes a desmaiar, sentindo taquicardia, ao me inteirar da fera negra me farejando. Alexei, compreendendo a situação em que me encontro, intervém de imediato com apenas uma palavra de comando.

O monstro imenso, de pelos negros e lustrosos, reconhece a voz do dono e o obedece, sentando-se em minha frente. Em seguida, coloca a língua para fora. Esse gesto me faz ficar ainda mais temerosa com que a fera, que se assemelha a um lobo, avance para cima de mim. Ele deve ser um predador nato igual ao dono.

Alexei deve ter percebido o meu medo, pois logo se aproxima de mim, confiante.

— Não precisa se preocupar, *ragazza*. O Cam não fará nada. Na verdade, ele gostou de você — assegura, acariciando a cabeça do animal, que reage amorosamente.

Mas minha atenção já não está nele, e sim no seu dono.

Consequentemente, meu olhar vai para a parede de músculos rígidos do seu tórax. A consciência do seu corpo másculo seminu próximo a mim faz eu compreender a situação em que me encontro. Levo as mãos ao laço do

roupão para prender a peça ainda mais ao meu corpo, e então me dou conta de que não estou com o roupão, e sim com uma camisa masculina.

Céus! Não tenho lembrança de tê-la vestido ontem à noite. E somente com a percepção de que o homem em minha frente me vestiu, coro como uma colegial. Assim, entendo que estou completamente nua por baixo da camisa.

— Viu só? Cam é um menino obediente — Alexei afirma, alheio aos meus pensamentos incongruentes.

O cachorro me encara e dá um passo à frente como se quisesse provar que não quer me fazer mal. Mas sua atitude inesperada faz com que eu me aproxime lentamente do corpo masculino como se buscasse refúgio. Vejo o homem focar suas írises azuis quentes em mim e ouço a sua voz potente advertir:

— Isso pode ser perigoso, *bella mia*. Se não percebeu, estou somente com uma toalha em volta dos quadris. Uma peça duvidosa para ocultar o meu estado de excitação .

Na hora em que sua afirmação quente surge, é quase inevitável que meu olhar não recaia diretamente sobre a zona em questão. Com isso, identifico um volume considerável formado. Sinto minhas bochechas pegarem fogo com a visão, e uma lembrança despudorada incendeia a minha mente. Aquela coisa é dura como uma pedra, macia como o veludo e letal como uma espada de dois gumes. Recordo-me e estremeço.

O senhor “imune” não é tão indiferente assim à minha presença, pelo que posso ver. E de algum modo, regozijo-me com a sua resposta. Mas a percepção do que aquela coisa enorme pode me causar me faz recuar, de maneira que prefiro que ele não me considere atraente.

— Eu... Eu sinto muito. Não foi intencional... Mas poderia afastar o animal de mim, por favor?

O grandalhão negro, como se percebesse que estou me referindo a ele, começa a me farejar. E eu fico apreensiva, com o corpo rígido, prendendo a respiração.

— Ele gostou do seu cheiro. E devo concordar com o Cam: é uma delícia. — Alexei me olha com aquelas írises brilhantes e repletas de tesão.

Rapidamente, um sorriso convencido surge em sua face bonita. Penso que ele não afastará a fera negra de mim, no entanto, para o meu alívio, leva-a para o lado de fora do quarto.

De repente sinto minhas bochechas arderem com a recordação das palavras ousadas.

Alexei retorna sua atenção para mim e, neste minuto, o quarto parece pequeno demais. Agora tenho a total noção de que estou praticamente nua e que a única barreira que me cobre da nudez completa é a camisa, que, por pura coincidência, é desse homem. Céus!

Claro, é nítido que ele está na mesma situação que eu. Esse é um acontecimento incomum e completamente inusitado. São tantos questionamentos que se passam em minha mente tumultuada, que fica difícil processar de modo ágil cada informação. Primeiro tenho que descobrir quais planos ele tem para mim: a filha de um mafioso traidor que

o usou em um objetivo insano. Segundo: tenho que dar um jeito de entrar em contato com as irmãs do convento para saber notícias de Lua.

Reparo que Alexei está perto de mim. Seus olhos estão misteriosos e escuros como um céu em tempestade e seu escrutínio é intenso. Ele parece querer penetrar em minha alma e me desnudar sem pudor.

Precisamente neste momento, eu me dou conta de sutis detalhes que ontem passaram despercebidos devido ao meu estado de choque: a decoração do quarto é ricamente masculina, nas cores dourado e azul-escuro. Meu Deus! Eu vim parar direto na cova do leão?

— Este... Este é o seu quarto — afirmo.

— Sim, *ragazza* — ele apenas confirma as minhas suspeitas.

— Mas... Mas no quarto só tem uma cama... Se eu dormi nela, onde você dormiu?

Ele somente arqueia uma sobrancelha, zombeteiro.

— Essa é uma pergunta tola, pois você sabe perfeitamente a resposta

— ele diz, seguro.

— Não consigo me recordar de absolutamente nada, só que eu estava bastante exausta — digo, tentando obter mais detalhes sobre a noite passada.

Ele não me tocaria sem minha permissão.

Não me lembro de praticamente nada do que houve ontem, já que depois do jantar apaguei.

Mas minha amiguinha está intacta, não senti nenhum incômodo nela desde que acordei.

Então, a coisa enorme não se aproximou de mim — penso com alívio.

— É compreensível. Estava em estado de choque pelos últimos acontecimentos. Deve ser difícil perceber que não pode usufruir mais da sua vida de dondoca.

Fico vermelha de raiva com a sua escolha de palavras.

— Dondoca? Acha que sou uma garota fútil que apenas servia para torrar a grana do papai enquanto ele me arranjava o melhor partido mafioso?

Ele está com a sua testa ampla franzida.

— E não era exatamente esse o plano? Como o meu irmão não aceitou a aliança com o Ankys, ele tentou forçá-la na base da deslealdade.

— Sinto muito... Mas esses eram os planos de papai, não os meus —

justifico-me.

— Não importa. Você foi cúmplice desde o momento em que aceitou participar.

— Eu... não tive uma maldita escolha, como supõe.

— Já chega. Suas justificativas inúteis não vão me convencer do contrário, *bambolina* — ele fala à medida que seu olhar ousado varre, com uma lentidão indecente, um ponto específico na zona dos meus seios.

De imediato, sinto meus seios se avolumarem e os bicos enrijecerem sob o tecido. Fico vermelha como um coral ao imaginá-lo colocando a camisa em meu corpo, já que essa é a única lógica.

— Você me vestiu?

— Foi necessário. Você não estava em condições de realizar tal tarefa.

— Ele dá um sorriso de predador.

— Eu não tenho nenhuma outra vestimenta.

— Não me importo com que use as minhas camisas.

Que filho da mãe! Ele parece bastante satisfeito com o meu embaraço.

— Não tenho calcinha — revelo sem raciocinar com clareza. Só agora percebo a minha indiscrição.

Misericórdia! Como fui tonta. É evidente que ele sabe.

Em seguida, mordo o meu lábio inferior.

Paizinho amado, seria pedir muito que uma cratera enorme se abrisse neste momento e me tragasse?

Alexei caminha em minha direção lentamente. Caramba! Não posso me esquecer de que ele está apenas com uma bendita toalha em volta da

cintura. É provável que esteja... Esteja... Oh, céus! Completamente pelado.

Meu subconsciente teima em me lembrar, a cada instante, da presença enigmática dele.

— *Cazzo*! Não sabe a maldita consciência que tenho do seu corpo e o quanto estou tentando reprimir essa informação arduamente no meu cérebro. Pode apostar, *bambolina*: se soubesse o tipo de devaneio que se passa em minha mente neste momento, sairia correndo do quarto.

Meus olhos se ampliam ao máximo com a sua pronúncia crua e enérgica. Em que ponto os assuntos se tornaram de cunho sexual? Pois é nítido que se trata exatamente disso: desejo, mistério e atração. Não posso negar que ele exala uma aura de perigo e sensualidade que me desperta completamente. Alexei Dvorak é quente como uma fornalha e está prestes a me derreter no seu calor italiano.

CAPÍTULO 17

ALEXEI DVORAK

A *ragazza* despertou algum sentimento dentro de mim que é difícil de reconhecer. Ainda assim, acho que é somente tesão. Inferno! E o conhecimento de que a única barreira que a protege da minha lascívia desenfreada é a minha camisa no seu corpo me deixa como um insano.

Somente uma noite e ela já me deixou com as bolas pesadas e o pau dolorido. *Maledizione*! Que porra! Não estou me reconhecendo, porque nunca fiquei fissurado por uma boceta antes. Por esse mesmo motivo sempre optei por prostitutas. Elas não fazem joguinhos e sabem perfeitamente o seu lugar.

Mas a compreensão de que quero devorá-la como uma besta selvagem e me lançar dentro do seu corpo me atormenta.

Cazzo! Eu nunca tinha desejado tanto uma mulher.

Respiro profundamente, considerando as malditas consequências.

Que merda! Ela me intriga. Além de ter extraído cada gota da minha porra, quer foder com o meu juízo?

— Eu... Eu não posso ficar no seu quarto. É preferível que eu retorne à cela — ela fala como se lá fosse um lugar seguro que possa protegê-la da minha fome.

— Prefere a cela fria a compartilhar a cama comigo? — Rio, sem humor. — Sinto muito desapontá-la, *ragazza*, mas continuará dormindo neste quarto, e na minha cama.

Observo-a ampliar os olhos ao máximo. É como se eles fossem saltar das órbitas.

Sinto-me como se tivesse proposto algum acordo indecente. Mas não nego que várias safadezas se passam em minha cabeça neste momento, de preferência com ela completamente arreganhada sobre aquele colchão

enquanto eu a devoro com intensidade. Sinto o meu pau latejar com o pensamento pervertido.

Cazzo! Tenho que manter o controle. É melhor que eu mantenha a besta da luxúria enjaulada.

— Mas só tem uma cama. — Ela aponta para o móvel. — Eu posso continuar na poltrona.

Dou um sorriso pretensioso. A sua ingenuidade é cativante. Por outro lado, tenho certeza de que ela é uma safada deliciosa, uma mistura perfeita de anjinha e diabinha.

Mas logo me recordo de que sua atitude atingiu diretamente o meu ego. Ela é a primeira mulher que, claramente, demonstra alguma objeção em conhecer a minha cama, apesar de ter feito todo um esforço de me seduzir para gerar um bebê. Com esse pensamento, torno duras as minhas feições.

— Bem... Acredito que não terá problema em compartilharmos a cama por algumas noites. Não é como se ainda fosse uma virgem.

— Aquilo foi diferente. Eu já disse que não tive escolha.

— Eu também não tive — relembro-a com minha voz soando mais cáustica do que eu gostaria. No fim, o meu ódio é centrado em um único ser: Anthony. — Eu fui mantido como um maldito prisioneiro, espancado e usado em um plano sórdido do seu papaizinho. Fui drogado com alguma substância e fiquei lá apenas pronto para satisfazer os seus desejos — digo em uma rajada colérica.

— Sinto muito. — Ela desvia os olhos de mim.

Por mais que eu esteja irritado, a causa não é ela, muito pelo contrário, seu rosto de porcelana e carinha de *angelo*[42] me deixam fascinado. É uma sensação latente que nunca tive antes. Neste exato minuto meu corpo todo queima com uma ânsia visceral que me faz sentir dor e latejar de tesão e necessidade.

Porra! Uma necessidade crua e selvagem de jogá-la contra a parede e arremeter dentro do seu corpo quente e apertado em uma estocada rude e profunda.

Che Diavolo! [43] Não devo ter esse tipo de devaneio, mas a simples recordação da boceta deliciosamente pequena e apertada me engolindo me deixa duro para caralho. Quero lhe mostrar como é ter um homem como eu a fodendo.

Entendo que a *bella ragazza*,[44] claramente, não gostou do ato sexual, já que não estava estimulada o suficiente. E na ânsia de cumprir o que o pai ordenou, acabou se machucando, por ainda ser virgem. Meu lado predador deseja mostrá-la como é sem dor. Eu vou chupá-la e a sugar todinha. Minha boca se enche de água apenas por eu imaginar seu sabor rosado e quente em minha língua. Eu a quero bem molhadinha e gotejando, implorando pelo meu pau. Em breve estarei enterrado todo dentro dela. Quero ouvir seus sussurros e gemidos. No entanto, diferentemente da primeira vez, os sons emitidos dos seus doces lábios serão de puro prazer.

Sorrio, convencido desse fato.

Suas mãos estão em volta do seu corpo pequeno como se pudessem protegê-la dos meus pensamentos devassos.

Tento me convencer de que esse é o único motivo pelo qual estou agindo desse modo possessivo. Ela é muito bonita, não posso negar, mesmo que seja filha de um traidor. Seu corpo pequeno é bem proporcional e seus olhos azuis inocentes me incitam a introduzi-la no mundo obscuro da luxúria e do prazer. Seus cabelos escuros e longos só me fazem pensar nessas sacanagens. Já posso imaginar as longas madeixas enroladas em meu punho enquanto a como com estocadas enérgicas e profundas.

Por essa mesma razão, tento me convencer de que não a deixarei sozinha naquela maldita cela. Não quero ter que matar outro soldado *figlio di puttana* que ouse sequer olhar em sua direção. Dessa maneira, todos entenderão que, de certo modo, estou reivindicando-a para mim. Pelo menos por um período ou até eu poder confirmar se ela está esperando um bebê.

Merda! Hardy tem razão: eu só penso com a cabeça de baixo. Mas que se foda. Não sou eu que tenho a obrigação de gerar um herdeiro para assumir um dia o legado da *famiglia*, mesmo que seja provável que um futuro membro já esteja a caminho. Meu irmão sempre soube que gosto de desfrutar das belas coisas que a vida pode oferecer.

E não sou nenhum eunuco que tenha feito votos de castidade. Com certeza o pau dele já está enferrujado, esperando o retorno espontâneo da sua querida esposinha — penso, irônico.

Quem diria que o temido *capo* da *famiglia* Dvorak seria laçado por uma boceta?

— Eu sei que você deve pensar coisas ruins de mim, ainda mais pelo modo como nos aproximamos. Tenho a consciência de que foi suja e desprezível a forma como te toquei. — Ela desvia seu olhar do meu e seu rosto fica rubro.

Ela fica ainda mais deliciosa vermelhinha. E deve ficar muito mais gostosa depois de um orgasmo.

Porra! A garota só me faz pensar em safadezas.

Na verdade, o seu toque não me causou aversão. A única coisa que me deixou indignado foi eu não estar em plena consciência dos meus atos.

Queria tê-la preparado para a minha posse e a chupado demoradamente enquanto ela se contorcesse com vontade em minha boca. A simples projeção dessa imagem me queima de desejo. É como se eu pudesse sentir o gosto da sua boceta doce e viciante em minha língua. Ela é deliciosa demais e me deixa louco, embaralha o meu raciocínio.

— Eu não tive como fugir dessa obrigação que papai me impôs. —

Ela tenta me encarar novamente. Seus longos cílios escuros parecem um pouco úmidos devido a algumas lágrimas retidas. Posso comprovar seu olhar mais brilhante. — Quero que entenda que não estou tentando justificar o meu ato. Tenho a compreensão de que tenho minha parcela de culpa, e assumirei o que me for imposto.

— Fico bastante satisfeito que pretenda colaborar, até porque se estou nessa situação é por conta do plano engenhoso do seu papaizinho.

— Naquela noite, eu posso ter agido como uma prostituta, mas não faria nada propositadamente. Eu tive medo de que papai machucasse alguém que amo muito.

Depois que ela justifica o seu ato, uma raiva incontrolável me nubla os sentidos. Ela é uma mulher jovem e bonita. Seu corpo é divino e delicioso. E não sou idiota, percebo o modo como os homens a olham. Eles a desejam. Todavia, ela é unicamente minha.

— Está admitindo que me fodeu apenas por uma maldita imposição de Ankys? Que fez tudo aquilo para proteger alguém? — condeno-a.

Será que ela sacrificou a virgindade por causa de um maldito moleque? Ela é apaixonada por outro homem? Teria aceitado todo o joguinho do seu pai apenas para poupar a vida de algum babaca miserável?

Maledizione! Eu vou matar o infeliz. Meu instinto assassino é ativado e minha única vontade é de sair à caça desse suposto desgraçado.

— Eu... Eu... — ela balbucia, assustada com o meu tom de voz.

Respiro profundamente, tentando aplacar a minha fúria. Tento amenizar o meu furor comprimindo os lábios fortemente até formar uma linha fina. Vejo-a me encarar e se afastar em direção à parede. O corpo miúdo está atrás de uma mesinha. Ela está acuada e assustada com a minha carranca terrível.

— Agiu daquela maneira para salvar alguém? Responda, *ragazza* —

inquiro com precisão. — A forma como me tocava não parecia ser nada desagradável — minha voz sai mais possessiva do que eu desejava apenas por eu reprisar seus lábios saborosos envolvendo o meu cacete latejante em sua cavidade deliciosa.

Fico duro. Que inferno! Sinto minha longa estrutura vibrar com esse pensamento devasso. Como podem existir sentimentos tão irracionais relacionados a essa *ragazza*? Em um momento quero montar nela com força e sem piedade; no outro, esganar seu delicado pescoço. Que diabos!

— Por favor... Esqueça o que falei anteriormente — ela suplica e eu ouço o seu soluço baixo.

Isso me inflama as entranhas. Ela está implorando pela vida miserável de outro homem?

— Quem você está tentando proteger? — insisto.

— Ninguém — ela responde tão rápido, que tenho a total certeza de que está mentindo.

Instantaneamente dou vazão à besta que me domina, esmurrando a parede próxima. Na mesma hora sinto os nós dos meus dedos doerem e latejarem com o golpe abrupto. Mas não ligo a mínima. Vejo a garota se encolher ainda mais no canto da parede.

O caralho que vou esquecer. Se existe outro homem, ela já pode considerá-lo morto. Nenhum outro irá tocar nela.

De repente me assusto com esse sentimento insano, todavia, que se foda. Não sei o que está acontecendo comigo, mas não consigo controlar o desejo de posse que se apodera dos meus sentidos. Vou arrancar o couro do desgraçado sem pressa antes de enviá-lo diretamente para os braços do capeta. Irei me certificar de averiguar essa informação. Ela pode ter me dado a honra de ser o seu primeiro homem, porém existem outras formas de sexo. Caso eu descubra que outro a experimentou de algum jeito ou provou da sua doçura viciante, terei o prazer imenso de brincar com o desgraçado.

Cortar a sua língua vai ser somente um lembrete, além de desmembrá-lo, arrancando seu pau e suas bolas fora.

Bufo, furioso. E ao encarar a figura feminina encolhida e abraçada aos próprios joelhos, percebo que tipo de insanidade cometi. Eu sou uma besta mesmo. Estava tentando buscar sua confiança, mas acabei de assustá-la mais ainda.

Em passos firmes sigo até o closet, visto-me rapidamente e, em sequência, abandono o quarto sem focar na direção dela .

CAPÍTULO 18

ALEXEI DVORAK

Depois que deixo o quarto, tento buscar algum controle. *Accidenti*!

Ainda estou imensamente irritado, mas não com a *ragazza*.

Vejo Olza passar pelo saguão e a chamo. Instruo-a a comprar roupas novas para a *bambolina* e as levar até o quarto. Oriento-a também a lhe servir o café da manhã. A mulher miúda e de meia-idade, que está há muitos anos servindo a *famiglia*, anui com a cabeça e corre para cumprir as minhas determinações com precisão.

Com os ânimos sob controle, sigo até o escritório de Hardy.

Entro no espaço requintado e sombrio sem anunciar minha presença.

Com isso, percebo que meu irmão está com um semblante fechado. Ele está sentado em sua poltrona e analisa a minha entrada com uma expressão indecifrável. Sua arma está sobre a mesa de carvalho. Noto também que ele está bebendo, pois tem uma garrafa de uísque em cima da mesa, junto com um copo vazio. Ele está abusando do álcool mais do que o habitual. Tem sido assim desde que a sua esposa o deixou: ou extravasa na bebida ou enfia a cara nos trabalhos lícitos e ilícitos da *famiglia*.

É evidente que ele nunca delegou as responsabilidades com a organização, e eu diria que está ainda mais implacável e temível, mas, de algum modo, sinto que minha cunhada, Brianna, levou um pedaço valioso seu embora.

— *Buongiorno*[45] — cumprimento-o.

Não obtenho resposta. Ele está com uma carranca terrível.

— Que porra de estupidez você cometeu naquele maldito cativeiro?

— ele rosna com seu mau humor matinal.

O seu semblante permanece fechado e uma máscara fria gela suas expressões, deixando-o ainda mais austero.

— Do que está falando? — questiono, sem compreender.

— Veja você mesmo a merda que provocou. — Ele aponta para o notebook em cima da mesa.

Logo o vejo se levantar da poltrona, caminhar em direção à janela e contemplar o jardim do Palazzo. Sem demora, sigo até o computador portátil e noto que um pen-drive está conectado a ele. Um arquivo de mídia está pronto para ser assistido, basta apertar o *play*. Assim que começo a assistir, fico estarrecido. Porra! Aquele *maledetto* do Anthony, mesmo depois de morto, está me atormentando do purgatório? *Accidenti*! Isso não poderia ter acontecido.

Trata-se de uma cena de sexo entre um homem e uma mulher. A figura feminina está cavalgando no homem. Na mesma hora, flashes daquela noite inusitada surgem em minha mente. O corpo pequeno e curvilíneo sobre o meu, seus gemidos de dor, a boceta pequena e apertada esmagando o meu cacete, os seios deliciosos em um doce balanço... *Putz*!

Caralho! Somente ao vislumbrar a imagem, sinto um fogo visceral e incontrolável percorrer as minhas entranhas e o peso do tesão se concentrar em minhas bolas.

Cazzo! Parece que necessito de outro banho gelado. A mera recordação de que a garota se encontra agora no meu quarto me deixa ainda mais aceso de luxúria, apesar do nosso último encontro ter sido com os ânimos acalorados.

Inferno! Recrimino-me profundamente. Que maldição! Sim, desejo uma reprise daquela noite peculiar, porém quero estar totalmente sóbrio.

Mesmo que eu estivesse drogado, pequenos flashes sempre surgem daquela noite incomum. A gravação não mostra o meu estado de debilidade, apenas que a minha companheira conduziu a foda. Pelo ângulo da câmera, as feições da pequena *ragazza* não estão nítidas.

Maledizione! Sou capaz de quebrar cada osso de qualquer maldito que ousar se aproximar dela.

— Esse era exatamente o plano de Anthony — rebato de forma enérgica, tentando resfriar o meu ardor e a raiva de toda essa situação, pois ela não merecia ter sido exposta dessa maneira.

Que tipo de pai era Anthony? Arranco abruptamente o pen-drive do notebook e o esmago. Se o *maledetto* ainda estivesse vivo, eu faria questão de arrancar seu coração novamente.

— Como conseguiu isso? — questiono.

— Estava junto com o material apreendido por Vicenzzo. — Ele aponta para uma pequena pasta em cima da mesa.

Pego o conteúdo e o folheio rapidamente até encontrar o que me interessa, de fato. Analiso as informações com uma curiosidade súbita e esmagadora.

“*Antonella Ankys, 20 anos, criada desde os 10 anos no convento Mother Úrsula, na Pensilvânia. Filha de Anthony Ankys e Cassy Ankys, herdeira de Franklin Freston.* ”

A garota disse a verdade, pelo menos parcialmente. Considero, jogando a pasta sobre a mesa novamente sem me detalhar ao restante das informações. Eu as analisarei com mais calma depois.

Giro sobre os calcanhares e, sem hesitação, vejo Hardy retornar a atenção sobre mim.

— Já imaginou se isso vaza? Não se esqueça de que pode haver outros aliados fiéis de Ankys que desejam retaliação ou até mesmo queiram usurpar os seus negócios. Temos que estar sempre preparados e atentos.

— Evidente — apenas confirmo.

— Por que não consegue manter a porra do pau dentro das calças? —

condena-me veementemente.

— Acredite, eu tentei... Mas foi impossível — soo brutalmente honesto.

Nesse quesito não me deram alternativa, mesmo que eu tenha me encantado por ela desde a primeira vez que pousei os olhos nela.

A expressão do meu irmão demonstra, claramente, incredulidade.

— Compreende que esse esquema de Anthony pode ter obtido êxito, já que seu objetivo era destruir a *famiglia*? Por esse motivo, ele inventou essa estratégia mirabolante de tentar um sucessor por meio da sua filha.

Dessa maneira, se eu fosse eliminado, ele forjaria uma falsa aliança secreta, apresentando provas irreais desse suposto acordo. No entanto, o idiota não esperava sequestrar o irmão errado. Mas, de qualquer maneira, o êxito pode ser existente, já que está evidente que colaborou com o plano maluco do

traidor ao se deitar com a filha dele — Hardy diz, inflamado, passando as mãos pelos cabelos escuros, desalinhando-os.

Ele caminha de um lado a outro como uma fera imponente. Seu olhar azul recai sobre mim com um lampejo de desaprovação.

Engulo em seco, de modo que tenho a compreensão da magnitude dessas consequências, e permaneço em silêncio.

— Que porra, Alexei! Por que comeu logo a *puttana* da filha do Anthony? — ele rosna, enfurecido. Seus lábios estão comprimidos em uma feição de puro desgosto.

— Ele não era considerado inimigo até nos trair. E ela não é nenhuma puta, era uma virgem quando se deitou comigo. — Senti a necessidade de corrigir essa informação, mas terei que omitir outras. Não quero entrar em detalhes sobre aquela noite. Isso poderia condenar a *ragazza* ainda mais perante seus olhos.

De alguma forma, meu instinto primitivo anseia por protegê-la.

Merda! Não sei que tipo de insanidade me domina, mas que se foda.

— Que *maledizione*! Isso não justifica. — Seu suspiro de pesar é evidente. — Eu deveria ter imaginado que não conseguiria manter a porra do seu pau sem ser enfiado em uma boceta. Onde estava o seu lema de só se divertir com as prostitutas? Tinha que foder exatamente essa garota e colaborar com o plano infeliz de Ankys?

Apenas torço os lábios, omitindo os detalhes dos fatos, de como tudo aconteceu. Não posso dizer que a garota, simplesmente, tomou o que

queria.

— Sinto muito, irmão, mas eu não fiz votos de castidade igual a você.

Se tem uma coisa que sei bem é como apreciar as boas coisas da vida e as mulheres. Mas respondendo ao seu...

— Filho da... — ele começa, mas eu o advirto.

— Cuidado com o palavreado. A mamãe não se agradaria nem um pouco do seu linguajar se estivesse neste cômodo.

— Merda! Sinto dor de cabeça toda vez que me recordo das palavras doentias de Ankys. Lembro-me perfeitamente de que ele se referia a um herdeiro. *Maledizione*! Agora tudo faz sentido. — Ele parece chocado ainda com as peças do quebra-cabeça da estratégia falha do traidor. — A garota pode estar grávida. — Suspira pesadamente. — Que inferno! Eu só vejo uma solução para esse impasse. Se ela estiver grávida, será necessário mandá-la para bem longe daqui, pois ninguém pode saber de um bastardo na *famiglia*. — Hardy enumera as opções como se eu também não estivesse envolvido nesse processo. — Se for comprovado que não existe nenhum bebê, eu a enviarei para alguma casa de luxo da *famiglia*. Já que ela não tem mais nenhum tutor legal, é de minha responsabilidade — assegura com praticidade como se tudo já estivesse solucionado.

— *Cazzo*! — rujo, com o ânimo inflamado. — O inferno que vai mandá-la para um prostíbulo. Não se esqueça de que me deu permissão para tratar da garota.

Hardy rapidamente foca sua atenção em mim, sondando-me com uma expressão de curiosidade.

— Por que está tão exaltado por uma mulher? — Seu cenho está franzido, demonstrando seu interesse com a minha atitude.

— Não estou exaltado, mas não permitirei que envie Antonella a lugar algum. — Respiro profundamente, procurando me controlar, apreciando seu delicioso nome pela primeira vez. — Como mencionou anteriormente, ela pode estar esperando o meu bebê, já que gozei dentro do seu corpo. Se ela estiver grávida, essa criança será carne da minha carne e

sangue do meu sangue. Portanto, se existe alguma possibilidade ínfima de ela estar esperando o meu herdeiro, eu arcarei com as consequências.

Assusto-me com a velocidade dos meus pensamentos em propor uma solução. Mas que se foda. Não permitirei que ninguém a leve de mim.

— Eu não vejo alternativa para esse dilema além dessas opções. Não pode manter para sempre a filha de Ankys no seu quarto — ele ressalta com desdém, comprimindo os lábios.

— Existe uma maneira, e será a única possível e aceitável — deixo claro a minha determinação.

— E o que sugere? — Analisa-me curioso, aguardando ouvir o que tenho em mente.

— Ankys queria uma aliança com os Dvorak. Eu me casarei com a *ragazza*. — A proposta em outro momento seria tão amarga como o fel, mas agora, pelo contrário, sinto-me muito bem com a ideia.

— *Maledizione*! Está raciocinando com clareza, irmão? Tem noção do que pode significar algo dessa magnitude? Sabe perfeitamente que os casamentos na *famiglia* são indissolúveis. Terá que renunciar as suas saídas às nossas casas de luxo. Está disposto a abrir mão do seu estilo desapegado por uma garota? Onde está aquele discurso de que só se casaria com 60

anos e se fosse extremamente necessário? Tem somente 34 anos. Devo recordá-lo? — Sua sobrancelha se ergue sarcasticamente.

Respiro fundo, tendo um ponto a defender. De algum modo, um lado protetor meu foi ativado por Antonella. Não desejo que ninguém lhe faça mal.

— É evidente que tenho conhecimento das responsabilidades que terei que assumir com essa decisão, mas estou disposto a arcar com as minhas escolhas.

A sala é tomada por um silêncio esmagador, o qual somente é quebrado pela voz imperturbável de Hardy.

— De acordo. — Fico surpreso por meu irmão ter aceitado a minha proposta. Mas ele me conhece bem e deve ter percebido a minha determinação. — Se deseja realmente a garota, não vou me opor, mas não se esqueça de que todo esse tesão pode ser somente fogo de palha. Está realmente disposto a sacrificar a liberdade que tanto defendia com afinco apenas para aplacar esse desejo? — Seu sorriso é cético, no entanto ele tem convicção de que não desistirei da minha decisão, que já está tomada. A garota será minha.

— Seu casamento com a Brianna foi fogo de palha? Em algum momento se arrependeu de ter se casado com ela? — Fico convicto de que estou jogando baixo quando observo suas feições chisparem em uma reação inesperada e violenta de surpresa e algo mais.

Um estrondo seco se faz preponderante quando ele soca a mesa de carvalho com uma força desnecessária.

— *Maledizione*! Sabe perfeitamente a resposta. Apesar da minha mulher não estar sob o mesmo teto que eu, continua sendo a minha esposa.

Eu só estou dando um tempo para que ela assimile tudo. Em breve Brianna retornará ao lugar ao qual verdadeiramente pertence.

Aquiesço com um meneio de cabeça. Eu não queria, de fato, ter trazido à superfície a devastação à qual o seu casamento foi assolado.

Minha cunhada, de qualquer maneira, faz parte da família, e como tal, faremos de tudo para a proteger. O que ela não sabe é que é vigiada 24

horas por dia. Hardy sabe cada passo que a esposa dá. Tenho pena de cada desgraçado que tentou se aproximar da minha cunhada nesses últimos dois anos. Eles devem ter tido um destino trágico.

Depois de acertarmos os últimos detalhes da minha proposta, resolvo sair um pouco. É necessário que eu assimile tudo que está em jogo com a minha decisão repentina. Caralho! Não sei que espécie de insanidade me tomou para que eu pudesse propor um acordo tão ilógico quanto esse. Não seria

preciso que eu me casasse com a garota, eu poderia aceitar as imposições de Hardy numa boa. Contudo, não consegui me controlar.

Algum instinto irracional de posse me fez agir daquele modo. A verdade é que eu desejo Antonella.

Resolvo ir para o meu escritório próximo ao porto. Preciso de ar puro antes de conversar com a *bambolina* sobre a sua nova condição dentro da *famiglia*. O casamento terá que ser em breve. A *piccola* que vem drenando toda a minha sanidade pode estar esperando o meu bebê.

(...)

Dois dias depois, estou em uma missão com Vicenzzo. Uma carga de mercadoria de alta espionagem está prestes a ser desembarcada no porto e estamos monitorando-a para o sucesso do nosso propósito. Apesar de sentir meu corpo ainda dolorido, já voltei à ativa, pois detesto ociosidade e prefiro sentir a carga potente da adrenalina.

Já faz dois malditos dias que não vou ao encontro da *bambolina*.

Achei sensato lhe dar um tempo para processar as mudanças que ocorreram em sua vida. Estou ocupando outro cômodo do Palazzo, no entanto sei de absolutamente tudo referente a ela.

A missão foi concluída com êxito, e Vicenzzo e eu vamos comemorar no escritório do porto com uma boa e velha dose de uísque. Em outra ocasião, eu estaria festejando em uma casa de luxo com algumas *puttane* gostosas, todavia isso não me desperta mais entusiasmo, apesar do meu corpo já estar sentindo o peso da abstinência. Caralho! Alguns malditos dias sem foder e minhas bolas estão pesadas como chumbo. Nos últimos dias os banhos gelados foram minha companhia certa.

Logo meu pensamento retrocede à *bella donna*[46] que vem se infiltrando de maneira eficaz em meu subconsciente. Mas que porra! É

como se ela fosse uma maldita droga a me nublar os sentidos coerentes. É

como se tivesse se instalado em minha corrente sanguínea e deixado sua marca peculiar. A recordação do seu corpo quente e apertado me deixa em chamas e, sem demora, sinto a primeira pontada dolorosa me maltratar.

— E que tal comemorar o sucesso da missão na casa de luxo que vai inaugurar amanhã? Ouvi dizer que as garotas de lá são verdadeiras coelhinhas misteriosas.

— Vou ter que dispensar dessa vez. O que eu quero está bem longe de uma casa de luxo.

— Está falando da garota? Está mesmo disposto a se casar com ela?

— Vicenzzo me questiona, referindo-se à minha futura noiva.

— *Sí*. Em breve a *ragazza* será minha esposa. — Sem eu me dar conta, um meio-sorriso surgiu em meu rosto, mas ele se desfaz com a sua nova colocação.

— Sorah ficará desapontada — refere-se à *puttana* que comi duas vezes.

Porra! Isso foi uma exceção. Mesmo que ela seja a mais exclusiva e talentosa, foram somente momentos de diversão.

— Se quiser, pode aproveitar — eu o provoco e ele faz uma careta engraçada.

— *Cazzo*! Sabe perfeitamente que eu prefiro as loiras do que as ruivas. Elas têm um temperamento muito volátil.

— Pagará com a língua, Vicenzzo — sentencio.

— Vire essa boca pra lá, Alexei. Mas, pensando por esse lado, até que a ruivinha de temperamento instável tem uma bela comissão de frente.

— Então aproveite, meu caro.

Ele começa a rir.

Em um determinado momento, perdido em meus devaneios ardentes em relação à minha futura noiva, ouço um *bip* de notificação e pego meu celular. Eu encaro a tela e minhas expressões se contorcem em uma raiva desmedida. Antonella não pode agir estupidamente, de maneira que suas ações resultariam em uma punição.

CAPÍTULO 19

ANTONELLA ANKYS

Faz exatamente dois dias que não vejo Alexei. O mafioso não retornou ao quarto depois daquela explosão violenta de fúria, então não faço a mínima ideia de como está a minha situação com ele. Mas creio que ele está ocupando algum outro cômodo do Palazzo.

De qualquer modo, espero que ele tenha se esquecido do assunto.

Nunca poderá descobrir sobre Lua. É tão perverso a ponto de machucar uma criança e a usar somente para me atingir? O homem é uma incógnita.

Deus santíssimo! Tenho que proteger Lua de quem quer que seja, ainda mais agora, que somos somente nós duas. Não permitirei que ninguém lhe faça nada que possa machucá-la.

Com os pensamentos tumultuados, saio da inércia que me domina, vou até a varanda para clarear a minha mente e admiro o belo pôr do sol. O

espaço do Palazzo é bem amplo e cercado por um esplendoroso jardim.

Altos muros rodeiam o lugar. Como aqui aparenta ser somente uma propriedade tradicional de uma família italiana, ninguém nunca desconfiaria que existem celas para prisioneiros em seu subsolo.

Solto um longo suspiro, vou até a mureta de proteção e analiso sua altura até o solo. Já imaginei mais de um milhão de vezes fazer uma corda de tecido e fugir deste quarto, mas isso seria impossível. A vigilância dos soldados é constante pelo jardim. Além do mais, não desejo cruzar meu caminho com nenhum brutamonte daqueles. Ainda estremeço com a

lembrança asquerosa daquele soldado me tocando sem a minha permissão, como se eu fosse somente uma boneca inflável sem vontades. Chego a sentir um gosto amargo na boca com o pensamento tenebroso.

Mas tenho a percepção de que preciso sair logo deste lugar. Não posso esperar pacificamente a próxima jogada de Alexei Dvorak, principalmente depois do seu acesso colérico. Ele pode, a qualquer

momento, descontar sua fúria na pequena para me atingir. E de jeito algum permitirei uma monstruosidade assim.

Analiso um carro escuro abandonar a mansão. Não sei se é Alexei ou o irmão mal-humorado. Vejo Olza atravessar o gramado apressada, seguindo para a entrada principal da mansão. Ela é uma senhora simpática, mas percebe-se que é fiel aos patrões. Há dois dias, depois da explosão de raiva de Alexei, a mulher surgiu em meu quarto algum tempo depois com várias sacolas de compras nas mãos. E não eram quaisquer objetos, ela trouxe roupas, lingeries, produtos pessoais e calçados. Lembro-me disso ao tocar no vestido tubinho floral de marca que estou usando. O tecido é tão gostoso ao toque. Suponho que eu nunca tinha sentido tanta suavidade em contato com a minha pele.

Por que Alexei está agindo diferente? Ou ele está querendo descobrir algo por intermédio meu? Está perdendo seu tempo se sua intenção é essa, pois papai nunca me confidenciou nada a respeito do seu mundo sombrio.

Dissipo essa divagação tola para longe, retornando ao foco dos meus planos. Preciso conseguir minha liberdade, sair daqui. Volto ao quarto, sentindo-me desanimada. Em algumas horas Olza trará o meu jantar, como faz todas as noites. Analiso que talvez terei uma oportunidade de fugir. No entanto, não consigo pensar em nada desleal contra a mulher, visto que ela não tem culpa se o seu chefe me mantém como uma maldita prisioneira.

Mesmo que eu esteja em um quarto de luxo, ele não deixa de ser uma gaiola dourada.

Vou até a porta para me certificar de que ela está trancada e, de repente, surpreendo-me com o barulho. Ela estava aberta. O que significa isso? A

mulher se esqueceu de fechá-la? Agora não é momento para questionamentos tolos, pondero. A oportunidade surgiu, então a agarrarei com unhas e dentes.

Lentamente, reparo que o corredor está sem nenhuma vigilância. O

Senhor escutou as minhas súplicas. Com cuidado, deixo o cômodo e sigo com cautela, escondendo-me entre as sombras. Desço as escadas devagar e com precaução, não desejando me encontrar com nenhum cão sarnento

asqueroso como aquele homem horrível que tentou abusar do meu corpo.

Só de me lembrar desse fato, sinto um frio horripilante.

Quando percebo que não tem nenhum sinal de algum soldado no corredor, sigo em frente, tentando relembrar o trajeto que fiz no dia em que me trouxeram aqui como prisioneira. O Palazzo é um lugar bonito e requintado. Várias obras de artes e estátuas complementam a decoração.

De repente ouço duas vozes próximas e meu corpo entra em alerta.

Escondo-me atrás de um enorme vaso e escuto o som de uma porta sendo aberta e fechada rapidamente. As vozes vão sumindo lentamente e eu solto o ar, com o coração ainda em descompasso como uma bateria de um show de rock. Eu nem mesmo tinha percebido que prendi o ar, tamanha a apreensão.

Depois de analisar o corredor mais uma vez, prossigo, apreensiva, com medo de me pegarem a qualquer instante. E quando chego próxima à entrada principal, percebo dois brutamontes em posição de vigília. Penso em retornar, mas é impossível, já que eles olharam em minha direção.

Então, tento transmitir confiança, pois assim eles poderão pensar que Alexei me deu permissão para abandonar o quarto e andar pela mansão.

Ergo os ombros e começo a andar de modo imponente.

Por Deus! A roupa que estou vestindo me ajuda nesse processo, mas não é só isso: sinto uma força maior vir de dentro de mim.

Quando me aproximo da saída, um dos soldados me faz uma breve reverência.

— Senhorita — o mais jovem, de sorriso galanteador e dócil, murmura.

Depois o mais velho lhe dá uma cotovelada na altura do estômago, repreendendo-o.

— Se não quiser ter o mesmo destino que Mayson, é melhor esconder os dentes na boca, rapaz, e respeitar a propriedade do *consigliere*. — Ouço o mais velho sussurrar.

— Ai! Mas o que eu fiz? — o jovem protesta, levando a mão ao abdômen.

— É muito jovem e tolo — o outro comenta com uma carranca aterradora.

O que ele quis dizer com "propriedade do consigliere"? Agora, além de prisioneira, serei tratada como uma mercadoria? — analiso com ironia.

— Se me derem licença... — Tento demonstrar uma confiança que estou longe de sentir.

Aprendi desde cedo a aprisionar o medo e a exibir coragem, mesmo que, na maioria das vezes, eu não a tenha, de fato. O medo sempre será nosso pior inimigo, por isso a necessidade constante de driblá-lo.

Neste momento meu coração está frenético. Somente quando vejo o guarda anuir, ele começa a voltar ao ritmo normal. Atravesso o jardim em passos rápidos, mas, infelizmente, é uma falsa liberdade, algo ilusório.

Observo a vasta plantação de centáureas. Belas flores que formam uma linda tonalidade de arco-íris, em várias cores, pelo jardim. Um leve perfume se desprende delas e chega ao meu olfato. O cheiro é muito bom. Pego um pequeno botão de flor, arranco-o e o coloco atrás da orelha. Esse gesto me traz um sorriso bobo quando me recordo de que mamãe me fazia coroas de flores e enfeitava meus cabelos, sempre me chamando de princesa.

Fecho os olhos para apreciar o momento, mas os abro abruptamente quando ouço uma voz potente sentenciar:

— Tentando fugir, *ragazza*?

Céus! É ele.

— Que susto. Claro que não — minha voz sai quase em um sussurro estrangulado.

Alexei me analisa com olhos semicerrados como se não acreditasse na minha defesa. Mas suas feições demonstram neutralidade, muito diferentemente da cólera profunda que moldava seu rosto belo no nosso último encontro.

— Saiu do quarto sem a minha autorização.

— Eu... Eu... — Tento formular algo rápido. — A porta estava destrancada, por isso imaginei que pudesse pelo menos respirar um pouco de ar puro. Eu não tenho para onde ir. Qual o problema em passear um pouco pelo jardim?

Reparo que a figura imponente me encara com uma certa aspereza no seu olhar escuro. O que, rapidamente, é suavizado.

— De acordo. Não é mais uma prisioneira.

Percebi bem a diferença de sua pronúncia e o encaro, surpresa. Posso ver um sorriso pretensioso surgir nos seus lábios firmes e, no mesmo minuto, sinto as minhas bochechas quentes, pois me lembro do beijo que lhe roubei e do calor da sua boca cálida em contato com a minha. Sinto minha pele formigar com a lembrança ardente do meu primeiro beijo.

Putz! Sem demora, o meu coração flutua, parecendo querer fugir do peito. Por que estou sentindo reações contraditórias? O homem me desperta algo misterioso que desconheço. Mas assim como veio, espanto essa estranha emoção momentânea. Não posso me esquecer do nosso último encontro e do seu acesso de fúria. O que me faz pensar na segurança de Lua e no que eu deveria fazer para a manter protegida.

— No entanto, desobedeceu a uma ordem. Diga-me, *bambolina*: tem problema com disciplina? — Seu olhar quente, de um azul-escuro, fita-me

de modo predador.

Sinto o seu olhar vaguear pelas minhas pernas e subir lentamente para os meus seios. Prendo a respiração com sua minúcia. O homem está quase me incendiando com os olhos. Percebo que tem um pequeno braseiro em minhas bochechas devido à sua intensidade.

— Há dois dias eu não o vejo. O que queria que eu fizesse?

— Sentiu minha falta, *ragazza*? — O sorriso arrogante e pretensioso continua adornando o seu rosto duro, belo e implacável.

Senti? — interrogo-me internamente.

Não sei a resposta ao certo, mas, de algum jeito, eu talvez o tenha idealizado como uma espécie de âncora.

Caramba! Que absurdo pensar assim, ainda mais depois do nosso último encontro. O que eu poderia esperar?

Ele, ao perceber que continuo em silêncio, prossegue:

— Poderá andar pelo Palazzo, mas não tem permissão para deixar as muralhas seguras da construção.

— Algum dia me permitirá ir embora? — Desvio o olhar dele, com receio da resposta. Notei uma breve mudança na sua fisionomia.

— Aqui é o seu novo lar. Quer dizer, em breve nos mudaremos para a minha mansão ou talvez para a minha ilha particular.

Só ao escutar a última parte, estremeço.

— Me levará para uma ilha? Mas por qual motivo? — pergunto, assustada, considerando que de uma ilha seria mais difícil tentar fugir.

— Será minha esposa.

Um choque congelante atravessa o meu corpo, causando-me uma leve vertigem. Sua pronúncia foi direta e firme, como se ele não me desse escapatória.

— Mas... Mas... Está falando sobre casamento? — murmuro com debilidade, ainda tentando processar isso.

— É necessário. Você pode estar esperando um filho meu. Se não nos casarmos, ele seria considerado um bastardo.

— Meu Deus! Acha que não compreendo isso? No entanto, Anthony não está mais aqui. Ninguém precisa saber. Não é necessário se sacrificar, casando-se com a filha do traidor.

Ele me olha intensamente. Céus! Sinto-me derreter como a cera de uma vela.

— Não é nenhum sacrifício, *bella mia*. Você me faz arder como um maldito pivete cheio de hormônios descontrolados.

Encaro-o, constrangida por conta da sua linguagem despudorada e crua. Minha pele se arrepia com uma ânsia nova e desconhecida.

— Isso é referente ao sexo e ao poder. Não foi você mesmo que disse que não se envolve com prostitutas?

— Você era uma doce virgem. Eu nunca esperei por aquilo, *bella mia*.

Mas a ideia de você agir como uma puta em minha cama não me desagrada.

Meu Deus! O homem não tem discernimento? Isso faz o meu rosto corar violentamente. A lembrança daquela coisa me rasgando me faz ter a certeza de que nunca mais quero passar por aquilo.

— Me disse que não sou uma prisioneira, então me deixe ir. Eu posso cuidar do bebê — tento demovê-lo da ideia absurda de casamento.

Ele sorri, irônico.

— Com que dinheiro? Suas condições não são das mais favoráveis.

Mas isso mudará com o casamento.

Maldito arrogante! Ele fala como se eu não tivesse onde cair morta.

Claro... Realmente não estou em uma situação oportuna, todavia usaria minha experiência no convento a meu favor. Não sou nenhuma dondoca, como ele pensa. No convento trabalhávamos duro. Eu tocava divinamente bem o piano e as demais irmãs sempre elogiavam a minha voz para o canto.

Além, claro, da minha prática com as atividades domésticas.

— Eu posso trabalhar.

— *Cazzo*! Já que foi criada em um convento, deveria ter mais senso.

O simples fato de carregar o meu filho não a torna uma mulher livre. É

minha, e eu cuidarei dos dois.

Estremeço com a sua afirmação de posse. Ele tem uma força e uma virilidade intensa, como nunca senti antes. Age como um maldito alfa das cavernas da era primitiva há muito tempo extinta.

— Te desagrada a ideia de ser minha esposa? — Sinto seu leve afago em minha bochecha e me afasto dele, assustada. — *Dannazione*! Eu não sou o maldito do seu pai.

— Eu sinto muito, foi somente um reflexo. Digamos que o nosso último encontro não foi muito amistoso.

Ele solta um longo suspiro.

— Tem razão, *bella mia*. Mas eu nunca usaria um meio sórdido para a machucar.

— Nem mesmo com a filha do traidor? — Quando as palavras saltam da minha boca, minha vontade é de morder a língua.

Alexei torce a boca, em um desgosto evidente.

— Em breve essa página será virada. Carregará o meu sobrenome e nunca mais se ouvirá falar no sobrenome Ankys.

— Mas... — Tento formular algo coerente para tentar trazê-lo à lógica, contudo ele parece firme em sua decisão.

— Faz muitas indagações, Ella. As respostas em breve surgirão. Está escurecendo. É melhor que retorne ao quarto e se prepare para o jantar.

Nessa noite você será apresentada à *famiglia* oficialmente como minha noiva. Dentro de uma semana nos casaremos, então os preparativos precisam ser agilizados.

Apenas balanço a cabeça, concordando, percebendo que não tenho alternativa.

Noto que ele está prestes a seguir para o Palazzo e, em um reflexo, seguro em sua mão. Sinto quando uma leve corrente elétrica atravessa a minha pele e vejo o olhar azul-escuro e tempestuoso se voltar para mim e se fixar na minha mão envolvendo a sua.

— Perdão. — Solto-o rapidamente. — Posso te pedir algo?

Observo-o franzir o cenho e me olhar com dúvida. Ele confirma com um gesto.

— Prossiga.

— Tenho consciência de que não estou em situação de pedir absolutamente nada, mas... — Engulo em seco. — Será que me permitiria

ligar para o convento? Prometo que será breve. Só quero saber como estão as irmãs. Sinto saudade delas.

Alexei inclina um pouco a cabeça e parece pensar em minhas palavras. Só espero que ele realmente acredite que se trata apenas disso.

— Que tal uma troca?

Olho-o, descrente, pois não tenho definitivamente nada para lhe oferecer. Ele tem conhecimento da minha situação. Por mais que esteja sendo permitido eu andar pelo Palazzo, sei que sou somente uma prisioneira ainda. Não sou estúpida para pensar de outra forma.

— Sinto muito, mas não tenho nada para oferecer.

Um sorriso indecente nos seus lábios firmes me faz desejar esbofeteá-lo, porém colocar em prática minha vontade seria uma loucura.

— Um beijo: essa é a minha condição. Irá aceitar, *la mia fidanzata*? [47]

Penso que ele está apenas brincando com os meus sentimentos, visto que tem a compreensão de que eu não tenho essa experiência. Entretanto, posso ver no seu semblante que ele está falando sério. Jesus!

— Eu... Eu não sei fazer essas coisas.

Por que um homem como ele iria querer me beijar? Logo um calor latente começa a subir pelo meu corpo, concentrando-se em meu rosto, que deve estar avermelhado como as labaredas de uma vela.

— Naquele dia parecia bem mais disposta a negociar do que agora.

Então, é pegar ou largar, *bambolina*. Me roubou um beijo enquanto eu estava semiconsciente.

— Te roubei muito mais do que isso.

— Tenho ciência disso, e estou disposto a pagar da mesma maneira.

Penso ter escutado algo incoerente e estremeço.

— Como disse?

— Esqueça. Não vou lhe dar o poder de adivinhar o que se passa em minha mente.

Antes que evapore a minha determinação, beijo-o, encostando pateticamente meus lábios nos seus. Depois me afasto dele com pressa. Foi um processo tão rápido, que nem pude sentir a textura da sua boca na minha.

Avisto surpresa em suas feições enquanto minhas bochechas esquentam muito mais.

— O que foi isso?

— O beijo. Agora, me permitirá ligar para as irmãs?

— Isso, definitivamente, não foi um beijo.

Meu rosto fica rubro pela humilhação. É óbvio que ele deve estar brincando comigo. Por qual motivo iria desejar um beijo na boca da garota que tocou nele sem sua permissão? E ele está certo. Nunca fui beijada, então, como poderia saber de algo que parece tão simples e comum para outras meninas?

— E não compreendeu a minha proposta. Eu disse que o trato seria um beijo, mas não disse em que lugar eu daria. A escolha é minha, e não abro mão disso. Então, *bella*,[48] está pronta para negociar?

Somente assinto com a cabeça, sem outra alternativa. É certo que farei qualquer coisa para obter notícias da minha irmã. Preciso também adquirir um meio de continuar pagando as despesas dela no convento. Com a morte de papai, terei que arcar com os custos da sua estadia lá. Farei tudo que puder para garantir a sua segurança.

CAPÍTULO 20

ANTONELLA ANKYS

Na noite passada fui apresentada oficialmente como a noiva de Alexei Dvorak. Só alguns membros da *famiglia* estavam presentes. Vicenzzo, eu já tinha visto brevemente pelo jardim e sabia que ele tinha um cargo de confiança; e a mãe de Alexei, dona Catharina, é uma jovem mulher, ainda na faixa dos 55 anos, muito vivaz e encantadora. O único que não parecia

feliz com a notícia do casamento era o temido chefão dos Dvorak, que vez ou outra me olhava com uma expressão aterradora.

Ontem à noite ainda Alexei me permitiu ligar para o convento. Claro que ele permaneceu o tempo todo no escritório. Sua vigilância era constante, mas eu não esperava que fosse de outra maneira. Minhas perguntas foram discretas e nada reveladoras, pois eu só queria me assegurar da segurança e bem-estar da minha irmãzinha. Segundo o que as irmãs me informaram, estava tudo em perfeita ordem e Lua estava bem, só que já tinha se recolhido para dormir.

Estou no jardim neste momento com a dona Catharina aproveitando um delicioso café da manhã. Eu e ela hoje sairemos para comprar meu vestido de noiva.

Quando me atento à minha volta, às vezes me assusto com as reviravoltas que a vida me proporcionou, pois, de certo modo, o plano insano de Anthony meio que deu certo. Uma aliança com os Dvorak está prestes a ser consolidada. Céus! Claro que isso somente foi possível por causa do plano mirabolante de papai. Toco em meu ventre delicadamente.

Um movimento incomum na entrada da mansão chama a minha atenção. Vejo meu noivo. Ele está tão lindo e imponente. Em seguida, observo a outra figura idêntica e sombria surgir. De qualquer modo, eu conseguiria distingui-los. Dois carros escuros estão aguardando-os com alguns soldados.

Ele, em nenhum momento, olha em minha direção, apenas adentra um dos veículos e segue para a entrada principal.

Ouço um pigarro próximo e fico constrangida por ter deixado a dona Catharina falando sozinha. Ela é uma senhora muito acolhedora.

— Perdão — digo. — O que dizia?

— Acho que temos aqui uma jovenzinha apaixonada. — A verdade está bem longe disso. Se ela soubesse de que maneira suja submeti o seu filho a mim, com certeza pediria a minha cabeça em uma linda bandeja de ouro. —

Estou muito feliz com o anúncio do casamento do meu filho Alexei, mas... percebo uma certa apreensão e incerteza no seu olhar. Não está contente com esse matrimônio?

— A verdade é que o nosso encontro foi um tanto incomum e ainda não sei qual é o meu valor nesse arranjo, afinal sou a filha de um traidor, e se eu não carregasse algo que ele deseja, acredito que estaria em outro lugar.

Será que ela já tem conhecimento de que existe a possibilidade de um bebê?

— Bem, querida, deixe-me te contar algo: eu e o pai dos meus filhos, Fernando, éramos de famílias rivais, mas por conta de uma trégua, a aliança surgiu. Da minha parte, eu confesso que só desejava cravar uma adaga no coração do meu marido. — Ela leva a xícara de chá aos lábios. — E quando ele se foi em uma emboscada, eu senti que tinham cravado um punhal em meu peito. O que eu quero dizer com isso, Ella? Às vezes pode ser dolorido, mas a paciência valerá a pena. O que posso ver do meu menino é que ele sente algo por você.

— Sente algo por mim? Ele me mantém prisioneira — enfatizo.

— Onde estão as algemas e a cela? — ela questiona como se soubesse de algo.

— Estive em sua cela e quase fui abusada por um dos seus soldados

— confesso em um choramingo.

— Sinto muito, querida. Nenhuma mulher merece passar por uma situação tão macabra como essa. Porém, também fiquei sabendo que Alexei eliminou o soldado em questão. De qualquer maneira, não está mais naquele lugar e é certo que, desde aquela noite, passou a ocupar a cama dele. Isso deve dizer algo sobre o meu filho.

— Não é o que está pensando. Não transamos. Quer dizer... — Deus santíssimo! Como eu sozinha consigo fazer de um simples diálogo algo tão sórdido?

O que posso dizer?

“Fodi com o seu filho enquanto ele estava dopado”?

— Eu compreendi que o caso de vocês surgiu quando Alexei ainda era somente um prisioneiro, não é isso?

— Sim. Eu fiz coisas terríveis com ele.

— Deve ter sido coagida a isso. Posso ver que é uma moça boa e cheia de virtudes. Aliás, não costumo me enganar com as pessoas.

— Não deveria me dizer essas coisas sem conhecer o que, de fato, aconteceu.

— Não estou julgando-a. Como eu disse, o meu casamento no início também não foi um mar de rosas, mas o amor prevaleceu no final. E um dos dias mais tristes foi aquele em que tive que enterrar o amor da minha vida.

— Eu sinto muito, senhora Catharina.

— Tudo bem. — Seus olhos estão um pouco marejados. — Já se passaram longos sete anos, mas a dor continua latente. Eu desejei ter ido com ele. Foi um golpe duro, mas tive que me fortalecer e seguir em frente pelos meus meninos. — Ela enxuga delicadamente algumas lágrimas.

Somente aperto a sua mão, tentando lhe transmitir conforto. A dor à qual ela se refere, consigo sentir ainda mais profunda dentro de mim devido à perda da mulher mais incrível, a que me trouxe ao mundo.

— Mas chega de falarmos de lembranças tristes por hoje. É certo que devemos celebrar. Um casamento é sinônimo de alegria, cumplicidade e

muito amor — ela diz com um sorriso maternal. — Agora, vamos nos aprontar. Paolo já está chegando com a nossa carona. — Aponta para a entrada da mansão, onde uma BMW escura está nos aguardando. Dois soldados também estão em posição, esperando-nos.

(...)

A manhã passou rápido demais. Visitamos inúmeras lojas e boutiques de alto padrão. As funcionárias corriam para nos atender como se fôssemos da realeza.

Estou simplesmente fascinada com tudo ao meu redor e pareço uma criança em frente a uma loja de doces. O sobrenome Dvorak faz portas se abrirem. Eu já tinha saído algumas vezes do convento com a irmã Mônica, mas era tudo relacionado a algum afazer cotidiano. O lazer estava fora de cogitação. A maioria do meu conhecimento sobre o mundo aqui fora veio por meio da internet e de alguns livros um tanto peculiares que sempre guardei a sete chaves embaixo do meu colchão. Ainda me recordo das várias regras que tive que burlar para ter esse acesso precioso.

Depois de termos andado por várias lojas, finalmente encontro o modelo que realmente faz o meu coração disparar pela perfeição dos detalhes. É um discreto e conservador assinado por uma estilista famosa, Kristen Amazotty, conforme informado pela vendedora. Quando vejo o preço do vestido quase desisto. Já bastam as várias peças de roupas e acessórios que a senhora Catharina me comprou.

Ela, com o seu enorme poder de persuasão, incentiva-me a experimentar o vestido, já que ele me agradou tanto. Com relutância, sigo até o provador e o visto. Assim que me observo no imenso espelho, meus olhos se umedecem. O tecido primoroso e de acabamento impecável se ajustou com perfeição ao meu corpo, como se tivesse sido feito exclusivamente para mim. Sinto-me uma princesa. Como eu queria que mamãe estivesse presente nesse momento tão importante.

Logo espanto a estranha emoção que me tomou. Caramba! O que estou pensando? Eu não estou me casando porque amo o meu noivo, esse casamento é somente por causa do possível bebê.

— Ficou perfeito, Ella. Parece realmente uma princesa — dona Catharina diz, emocionada. — Levaremos esse?

De fato, não posso negar que é fabuloso o tecido macio em contato com minha pele, e o caimento é perfeito. Sem outra justificativa que me impeça de levá-lo, apenas assinto com a cabeça. O vestido precisará passar por alguns pequenos ajustes, já que sou baixinha, e em dois dias o enviarão ao Palazzo.

Em seguida, dona Catharina me leva a um SPA, onde passo por diversas seções, como massagens, corte de cabelo, depilação, entre outros procedimentos estéticos. Eu nunca tinha me sentido tão mimada em toda a minha vida.

Infelizmente, pensar em fugir está fora de cogitação. A vigilância sobre nós é constante, apesar de discreta. Sei que nossa escolta está por toda parte. Dona Catharina já está habituada a isso, visto que ela não parece incomodada.

Chegamos ao Palazzo já perto do anoitecer. Meus pés estão me matando e tudo o que quero é me jogar na cama. Assim que adentro a mansão, deparo-me com a presença sombria. É Alexei. Ele está prestes a entrar no escritório, mas quando me vê, para abruptamente e me analisa com suas pupilas escuras. Seu semblante esboça surpresa e, ao mesmo tempo, fascínio. Porém, logo suas feições se tornam neutras novamente.

Vejo-o vir em nossa direção e meu coração dispara dentro do peito. Sinto minhas mãos suadas, de nervoso.

— *Madre*.[49]

— *Mio figlio*. [50] — Ele cumprimenta sua mãe com um beijo no rosto.

— Sua noiva está entregue. Agora vou ajudar a levar essas sacolas lá para cima. — Ela me lança um sorriso cúmplice, levando as várias bolsas para o quarto com a ajuda de um dos soldados.

A dona Catharina some pelo corredor e Alexei se volta em minha direção.

— Cortou o cabelo, *ragazza* — é a primeira coisa que ele diz.

Por puro instinto, passo as mãos nas minhas madeixas, e na mesma hora me lembro de que era uma das exigências de papai eu manter sempre os cabelos compridos. Será que serei penalizada por isso? Toda vez que suponho ter tido algum progresso, volto à estaca zero com Alexei.

— Sinto muito. Eu não sabia que era uma restrição. Mas só aparei um pouco as pontas.

Noto uma expressão repentina de surpresa nele com a minha pronúncia defensiva.

— E não é, *la mia fidanzata*. Apenas fiz uma observação. *È ancora più bella*, [51] se é que é possível. — Meu suspiro de alívio é perceptível.

Também coro energicamente, como uma virgem colegial, ao constatar que ele me fez um elogio. — Percebo que não está acostumada com elogios, mas eu só disse a verdade, *principessa*. [52] É melhor subir agora e descansar um pouco. Nós nos vemos na hora do jantar. Não quero que se atrase nessa noite, estou faminto. — A intensidade do seu olhar sobre o meu demonstra outra coisa latente e forte: ele não quer, de fato, deixar eu ir.

Contudo, aproveito a oportunidade e saio do corredor como se estivesse fugindo de algo feroz. Só quando já estou na base da escada, arrisco olhar para trás e o vejo com um sorriso malicioso adentrando o escritório.



CAPÍTULO 21

ANTONELLA ANKYS

Eu estou exausta e o jantar parece interminável. Apesar de estar muito saborosa a refeição, mal consigo aproveitá-la. Alexei não desgruda os olhos de mim, com sua minúcia despudorada. O que me deixa um pouco desconfortável. Ele está flertando descaradamente e todos ao redor da mesa estão atentos a isso. Ele até foi advertido pelo irmão duas vezes, mas pareceu não se incomodar com a dura reprimenda. Coro por conta de todo esse constrangimento.

— Está prestes a dispensar a refeição e devorar a sua noiva, irmão.

Devemos adiantar a celebração? — as palavras de Hardy, apesar de duras, soam sarcásticas.

Alexei apenas solta uma sonora gargalhada, afirmando que por ele poderia ser até mesmo nessa noite. Neste instante só desejo profundamente que um buraco me sugue para, assim, evitar o meu constrangimento.

Depois do jantar, eles seguem para o escritório e eu dou graças aos céus que, por fim, vou conseguir me refugiar em meu quarto e ficar livre do olhar predador do meu noivo.

Fico quase meia hora na banheira. A água perfumada e quentinha me faz relaxar completamente. Com a mente mais tranquila, abandono-a e enrolo meu corpo em um roupão felpudo, sentindo a maciez do tecido na minha pele. A verdade é que, apesar de eu ser proveniente de uma família rica, nunca usufruí de coisas tão boas. Se eu pudesse escolher, teria preferido uma família humilde e repleta de amor. O único amor verdadeiro que conheci foi o maternal e o da minha pequena Lua. Farei de tudo para proteger a minha pequenina deste mundo cruel.

Saio do meu devaneio, tentando organizar meus pensamentos. Ainda não posso crer que dentro de uma semana será o meu casamento com um mafioso. O sonho de papai está se concretizando, porém totalmente ao contrário do que ele previu. Não será o seu império que irá se sobrepor, mas sim o do seu inimigo que se estabelecerá sobre os seus escombros. Uma

aliança vantajosa, igual ele sempre idealizou. Se ele estivesse vivo, eu me regozijaria da sua cara. Meu futuro marido não é um homem manipulável, como ele imaginou, e talvez por ter conhecimento desse fato tenha optado por eliminá-lo. Fico trêmula apenas ao supor isso. Algo sórdido assim sempre fez parte da sua personalidade.

Aproximo-me da ampla bancada da pia, de onde um grande espelho me reflete.

A realidade é que esse acordo de casamento ainda me traz grandes incertezas sobre o meu futuro. Será que Alexei permitirá que eu tire Lua do convento algum dia? Tenho medo de que ele descubra sua existência e

acabe agindo de forma cruel, afastando-a ainda mais de mim. O seu acesso de fúria naquele dia ainda me faz estremecer.

Meus pensamentos estão tão tumultuados, em um redemoinho de informações, que registro o reflexo do meu noivo no espelho. Senhor! Estou tão paranoica, que estou começando a ver coisas, até porque seria impossível ele estar aqui, pois me certifiquei de trancar a porta do quarto com a chave. Seu semblante é sombrio, mas seus músculos marcados através da camisa escura deixam tudo mais interessante de ser apreciado.

Fecho os olhos com uma determinada força. Em questão de segundos a figura perturbadora desaparecerá como fumaça, tenho certeza. Entretanto, quando ergo as pálpebras lentamente e foco no vidro do espelho, ele permanece lá, inatingível, inabalável, pronto para foder o meu raciocínio.

— Eu não vou desaparecer se você fechar os olhos, Ella — a voz rouca e intimidadora sussurra.

Um arrepio perpassa pelo meu corpo após a constatação de que não é uma ilusão da minha mente. Alexei realmente está no meu banheiro. Mas o que ele faz aqui? A consciência de que estou apenas com um roupão em volta do corpo me deixa trêmula e ofegante. Sinto meu coração pulsar mais forte dentro do peito enquanto um calor inesperado inunda meu corpo, colorindo as minhas bochechas.

Viro-me abruptamente em sua direção e noto o seu olhar letal de predador devorando cada milímetro da minha pele.

— O que faz aqui?

— É o meu banheiro. Esqueceu, *la mia fidanzata*? — Ele dá um sorriso pretensioso e dissimulado.

Alexei é um exímio jogador. Arrisco-me até mesmo a dizer que ele faz as negociações.

— Claro. Essa parte é bem óbvia. Mas ele está ocupado no momento

— digo, ríspida.

— Em breve vamos dividir muito mais do que um banheiro, *bambolina*. Então, é melhor ir se acostumando. — Um sorriso sedutor preenche seus lábios carnudos e firmes. — Seu rosto está levemente vermelho, e tenho certeza de que não foi devido ao vapor da água quente —

afirma com uma confiança imperturbável.

Fico irritada por ele insinuar que isso é devido à sua presença. Óbvio que se eu for honesta comigo mesma admitirei que a presença máscula dele mexe com os meus hormônios de um jeito que nunca senti. Entretanto, não inflaria ainda mais o seu ego, que já aparenta ser enorme.

Vejo a figura gigante dar um passo na minha direção. Seus olhos, de um azul quente, escaldante, sobre mim, deixa-me extasiada. O meu coração martela de forma desenfreada dentro do peito, acredito que por estarmos no mesmo espaço. O que não é adequado. Não consigo ser imune à sua aura sedutora, de modo que não sou nenhuma ignorante para não reconhecer a fome explícita em seu olhar. Não estou sabendo como lidar com os diversos sentimentos que ele me desperta. Como ele pode me fazer desejar estar perto dele e, ao mesmo tempo, longe?

Amarro ainda mais forte o laço do roupão felpudo ao redor da minha cintura, como se, de algum jeito, ele pudesse me proteger das sensações perturbadoras e inebriantes que o meu futuro marido me provoca. Eu poderia

me render facilmente à promessa prazerosa do seu olhar ardente, porém a recordação daquela noite resfria todo o meu entusiasmo e a curiosidade de descobrir mais sobre o sexo. Sexo não pode ser tudo aquilo que Yrine me confidenciou, citando-o como algo estupendo e fenomenal.

Pelo menos a parte da consumação foi muito dolorosa para mim, apesar de eu ter apreciado senti-lo em minha boca e tocar em seu corpo poderoso; e até mesmo tocar na coisa enorme e sentir sua textura quente e latejante entre os meus dedos.

Envergonho-me no mesmo instante por pensar dessa maneira. É certo que o homem não desejava a minha atenção naquela noite em que o tomei de forma inescrupulosa, independentemente de, no momento, ele estar como um lobo faminto prestes a me devorar com a sua fome crua e despudorada.

— É muito *bella*, [53] e fica mais ainda estando completamente ruborizada. Não sabe quantas vezes a imaginei nesses últimos dias na minha cama, ofegante, depois de eu a ter penetrado profundamente no auge do prazer — ele enfatiza, vencendo a pouca distância que nos separava.

Tento me afastar da sua proximidade máscula, entretanto acabo me esbarrando na bancada de pedra do banheiro.

— Não pode me falar essas coisas. Não estamos casados, e é extremamente indecente — repreendo-o, sentindo-me ofegante e pateticamente tola.

— Indecente? Agora está falando como uma freirinha. — Ouço a sua gargalhada sarcástica. Em seguida, ele me fita com suas írises escurecidas pelo desejo. — Não vejo nada de obsceno na forma como imagino a minha mulher — ele fala, todo possessivo, segurando a minha cintura. Sua pegada é tão firme, que sinto como se seu contato fosse na minha carne nua e não existisse a barreira do roupão. — Se acha imprópria a forma inocente como a fantasio, imagina se tivesse conhecimento dos pensamentos mais devassos que rodeiam a minha cabeça — seu sussurro quente rente ao meu ouvido faz com que os pelos dos meus braços fiquem eriçados. Senhor! O homem é um perigo constante. — E pode apostar, *bambolina*, que não estou me referindo somente à cabeça de cima. — Um sorriso libidinoso se forma em seus lábios firmes e, lentamente, ele afasta uma mecha do meu cabelo e deposita um

beijo suave na curvatura do meu pescoço, aspirando o meu perfume devagar. É como se quisesse gravar o meu aroma na sua memória.

— Até o seu cheiro, *la mia piccola*, [54] me instiga em uma ânsia violenta de querer corrompê-la, reivindicá-la.

Sua linguagem é tão crua e direta, que me deixa quente. Sinto uma palpitação misteriosa no meu centro úmido que chega a doer, na premeditação de algo que ignoro completamente.

— Por... favor — imploro sem ter a consciência exata do motivo maior que me induziu a suplicar por algo inexplorado.

Seu sorriso emoldura seus lábios bonitos.

— São exatamente essas palavras que quero ouvi-la gemer quando meu pau estiver todo dentro de você, comigo te cavalgando como se não houvesse amanhã. Ainda vai acrescentar: “Quero que me foda duro e forte”.

Com essas palavras libidinosas, saio da bolha sensual em que estava envolvida, relembrando-me de que isso implicaria a coisa enorme.

— Não... Por favor. — Seu semblante se fecha levemente quando tento empurrá-lo para longe de mim. Todavia, seu corpo poderoso não se move um milímetro sequer.

— Acredite, *piccola*, logo você vai me implorar para a comer exatamente assim. — Ele contorna a minha bochecha com um dedo, acariciando suavemente a minha pele. — Não precisa ficar assustada. Essa não era a minha intenção, mesmo eu tendo a compreensão de que em breve saciarei a minha fome e que você será somente minha.

Sinto os seus lábios depositarem um beijo em minha testa como se ele tentasse me tranquilizar. Prefiro esquecer a parte em que terei que me submeter à cama do meu marido.

Ele volta a me fitar e eu constato a luxúria crua e visceral refletida em suas feições.

— Não vejo a hora de tê-la apenas para mim na minha ilha isolada próxima à Sicília.

Minha respiração pesa, descompassada.

— Não deveríamos ter esse tipo de conversa, pois de maneira nenhuma você pode me tomar antes do casamento. Seria algo... Algo inaceitável.

Imediatamente, uma de suas sobrancelhas perfeitas se ergue, em uma clara expressão de escárnio.

— E o que me impediria de tomar a minha noiva exatamente neste instante? Não é mais nenhuma virgem — ele retruca e eu percebo um leve ar divertido em sua face.

Fico vermelha como uma cereja. A verdade é que quero seu pênis longe da minha amiguinha o máximo que eu conseguir, ainda mais porque depois daquela noite compreendi as palavras de Yrine: “Destruidor de bocetas”.

A sua pegada firme em minha cintura se intensifica e Alexei afaga levemente a minha pele. Estremeço com o seu contato. Não sei definir a sensação que ele me causa, porém sei que não é medo. No meu íntimo, sinto que ele não me faria mal.

Ofego lentamente, soltando um gritinho de apreensão, quando o sinto me levantar e me pôr sobre a bancada do banheiro. Meu Deus! Fico ainda mais vermelha com a constatação de que o meu noivo está no meio das minhas coxas. E, para a minha completa humilhação, lembro-me de que estou totalmente nua por baixo do roupão. A sorte é que as laterais ainda estão perfeitamente vedadas. No entanto, a noção de que basta somente um movimento seu para eu ficar aberta e exposta em sua direção faz com que eu core.

Como se ele lesse o meu pensamento, no mesmo minuto coloca a sua mão libidinosa na pele macia da minha coxa e me encara com intensidade.

— Não precisa temer, *bella mia*. Meu intuito é somente te proporcionar prazer. Na noite em que me tomou, como era uma virgem inexperiente, sei que não apreciou o sexo. Eu pude sentir em meus dedos a sua dor por meio

das suas lágrimas. Mas ao contrário de você, para mim foi inevitável controlar meu próprio prazer.

— Como consegue se recordar daquela noite? Me garantiram que estaria completamente dopado.

Meu corpo todo esquenta, e agora creio que não é somente o meu rosto que está vermelho. Céus! Sinto-me muito constrangida.

— Eu não me recordo de tudo exatamente, mas alguns flashes sempre surgem em minha mente.

— Eu... Eu... — Ele coloca o dedo indicador em meus lábios.

— *Shii*... Não quero lamentações ou desculpas sobre aquela noite.

Meu único propósito aqui é que não chegue à minha cama como se fosse uma virgem temerosa na noite de núpcias. — Sinto a mão que está em meus lábios descer vagarosamente e ficar próxima ao meu seio. — Confia em mim? Tenho sua permissão para tocar em você?

— Qual o seu objetivo com isso? — Engulo em seco, de modo que parece que eu não conseguirei fazê-lo mudar de ideia. Somente meneio a cabeça.

— Vou iniciar cobrando o meu beijo. Ainda temos um acordo. Não pode quebrar a sua palavra, principalmente quando negociou com um mafioso.

— Onde exatamente irá me beijar?

Ele me dá um sorriso cafajeste e eu me sinto tremer.

— Saborearei os seus doces lábios, *bambolina*. Se eu confessar que estou louco para beijar a sua boceta, é provável que fique muito assustada e saia correndo do banheiro.

Quando ele termina a sua pronúncia devassa, tento sair da bancada de imediato. Entretanto, não é possível, visto que ele está no meio das minhas pernas. Que pervertido. Ele não colocará a boca lá de jeito nenhum. Sinto meu rosto quente apenas ao imaginar isso. Para piorar a minha situação, a

lembrança ardente do seu pau duro entre os meus lábios me atinge com força. Ele se recorda dessa parte também?

— Acalme-se, *ragazza*. Prometo que vai gostar. — Alexei toma os meus lábios com os seus.

O contato da sua boca masculina na minha me causa um calor inesperado. Não quero parecer uma tola desajeitada e começo a mover os lábios na mesma sincronia que os seus. Seu sabor é quente, instigante e me deixa mole como geleia. Parece que estou flutuando em uma bolha colorida.

Ele beija bem. Na verdade, beija deliciosamente bem. Logo sinto sua mão ousada apalpando o meu seio por cima do roupão e gemo entre o beijo.

Meus mamilos, instantaneamente, correspondem ao seu comando. Posso

senti-los contra as suas palmas, sob o tecido, e de repente desejo sentir suas mãos em minha carne nua.

Assusto-me com a velocidade dos meus pensamentos, contudo não tenho tempo de reagir. Com presteza, Alexei insere duramente sua língua ousada em minha boca, varrendo o meu interior e dissipando minha indecisão para longe. Meu futuro marido me saboreia, suga-me sem pressa e, instintivamente, minha língua busca a sua na mesma medida. Somente quando estou quase sem fôlego, ele abandona meus lábios. Um sorriso predador está estampado no seu rosto devastadoramente belo.

Ele, de modo lento, segura os meus seios nus com suas mãos firmes e leva à sua boca pervertida e deliciosa meu mamilo rígido. Não tenho tempo de protestar ou até mesmo de raciocinar. O calor de sua boca quente e de sua língua áspera em contato com a minha pele nua me faz gemer.

Como ele conseguiu abrir o meu roupão? Ou melhor: como eu não percebi antes a sua intenção libidinosa? É difícil manter o raciocínio coerente quando ele me faz ter consciência dos desejos adormecidos do meu corpo. Alexei tem o poder de ir quebrando a minha resistência em mil pedaços.

— Oh! Isso é... — Mordo o lábio para tentar conter um gemido.

Meu noivo está sugando meus seios com força, mas não a ponto de me machucar. Ele aprecia o comando, isso é da sua natureza. E a sensação que ele está causando em minha pele é deliciosa. Sinto algo pulsando lá embaixo.

— *Sí, ragazza*, você é deliciosa. *Dio mio*![55] Foi isso que imaginei durante todo o jantar — ele confessa com sua voz instável.

Sinto quando ele abandona meus seios e começa a trilhar vários beijos quentes pelo meu abdômen em direção... Em direção... Senhor! Ele não vai colocar a boca lá.

— Não vai me beijar aí — murmuro com debilidade.

— Estou quase morrendo apenas por sentir o seu cheiro, *ragazza*.

Está excitada. A verdade é que nunca estive tão louco para chupar uma

boceta. — Ele mantém um sorriso ousado nos seus lábios bonitos. — E

nunca me diga que não posso algo, pois vou te provar exatamente o contrário.

— Oh! — ofego lentamente quando sua mão ousada fica próxima à zona de perigo. Assim, meu noivo devasso poderá comprovar o quanto suas palavras sujas me deixam úmida e latejante.

Estou aguardando o seu toque na minha intimidade, mas ele não vai diretamente ao meu ponto pulsante. Sua carícia começa devagar em minhas coxas e sua mão atrevida afaga deliciosamente a minha pele. Posso sentir sua respiração morna em minha barriga e uma tortura infindável ao mesmo tempo em que desejo saber como é ser tocada dessa maneira tão íntima.

Quando ele me toca, fico surpresa. Alexei realmente beija a minha boceta e depois começa a lamber a minha extensão vagarosamente. Sua língua atinge com força o meu ponto dolorido e pulsante. Mordo o lábio, impedindo um grito agudo de prazer. É uma sensação delirante de ondas elétricas querendo se expandir para o restante do meu corpo. Ele me chupa ainda mais forte e eu me sinto umedecer à sua volta. Sinto algo cutucando a minha abertura e

me retraio, mas relaxo ao comprovar que são os seus dedos brincando em minha entrada, não aquela coisa enorme. Alexei insere um dedo em minha abertura, sondando-me e dedilhando as minhas dobras íntimas e molhadas.

Sinto-me estremecer com o seu contato libidinoso em um local pouco explorado.

— *Cazzo*! É deliciosamente apertada, *la mia amata*, [56] e isso fode completamente com o meu raciocínio — ele sussurra rudemente e sua boca perita contorna o meu clitóris em uma chupada vigorosa que me faz ver pequenos pontos escuros.

Alexei usa uma técnica exata e precisa para fazer eu me contorcer em sua boca. Nem mesmo eu sabia que poderia sentir tanto prazer nessa área.

Ele, ao perceber que algo maior está prestes a me atingir, continua a manusear o meu ponto latejante com sua língua habilidosa, e eu sinto um

tornado se formar em minha pélvis. Eu encaro sua face de ângulos belos e a cena indecente me golpeia prazerosamente. Vejo a satisfação masculina refletida em suas írises azuis. Nelas, posso ver também o fogo do tesão.

Minha única vontade é de me lançar nesse fogo, mesmo que minha sentença seja me consumir em sua chama de devassidão.

Não tenho tempo para raciocinar mais nada. Meu corpo todo explode em prazer, vibrando à sua volta. Meus músculos se fecham ao redor dos seus dedos e eu sinto uma enorme energia me atingir como uma onda gigante de prazer a elevar o meu corpo e, em seguida, relaxá-lo. Estou ofegante e tremendo. O que foi isso? Sinto o meu raciocínio embaralhado e meu coração acelerado, mas a sensação de deleite ainda percorre deliciosamente o meu organismo. Um sorriso idiota contorna os meus lábios, e só quando me dou conta da satisfação diabólica estampada nas feições do meu noivo, retorno à realidade.

Meu Deus! Estou toda molhada, aberta e exposta, além de muito envergonhada pelo que acabou de acontecer. Eu acabei de gozar na boca de Alexei. E pelos traços de regozijo em seu rosto, suponho que era exatamente esse o seu objetivo.

Sem pressa, sua mão firme e ousada abandona a minha intimidade. E

a sua próxima ação me deixa ainda mais chocada: ele leva os dois dedos que estavam dentro de mim à sua boca e os suga vagarosamente. Eu ouço o seu leve gemido e um suave arrepio transpassa pela minha pele. Ele gemeu ao sentir meu gosto em seu paladar? A sua outra mão possessiva continua firme em minha coxa, percorrendo, em uma tortura lenta e picante, cada milímetro da minha pele. Sua carícia em uma parte sensível minha está quase me enlouquecendo, e ele ainda nem me tocou. Pelo menos não com a coisa enorme e dilaceradora de virgens.

— Seu gosto é fodidamente delicioso e sua excitação é doce e quente.

— Ele olha fixamente para a minha boceta. Ainda continuo exposta sobre a bancada. — *Cazzo*! Ver você assim, aberta e encharcada para mim, me dá um tesão do caralho — confessa. — Eu sabia que ficaria ainda mais alucinado quando provasse da sua doçura, *la mia fidanzata* — sua pronúncia é devassa.

Sinto-me quase incendiar. Ele devia ser perito em seduzir mulheres apenas com suas palavras cruas, sujas e indecentes. Sua cama, decerto, sempre era mantida ocupada. Assim que imagino essa cena, sinto uma pontada aguda no peito. Por que pensar nele fazendo isso com outras me dói? É claro que não posso esperar que o nosso casamento seja algo real, porque ele se casará comigo apenas como uma forma de vingança e por causa do possível bebê que carrego. Por isso mando essa estranha inquietação para longe.

Alexei me suspende da bancada da pia, coloca-me no chão vagarosamente e fecha as laterais do roupão em volta do meu corpo.

Percebo um volume considerável na frente da sua calça e o ignoro, desviando o olhar para outro ponto qualquer do banheiro.

Ouço a sua risada com a minha atitude.

— É somente minha. Eu sou capaz de matar qualquer um que tentar roubar os seus doces gemidos de mim. Agora eles me pertencem, *bella mia*

— ele ruge, tocando em meu queixo. Depois toma os meus lábios de modo profundo e selvagem.

Posso sentir meu gosto em sua boca e gemo, acalorada. Meu corpo está quente, em um frenesi desconhecido de desejo. Sim, reconheço a sensação em um turbilhão indescritível ainda percorrendo, com leves espasmos, o meu baixo-ventre. Essa é uma experiência nova. A parte de ter aquela coisa enorme e grossa na minha boceta pode ter sido dolorosa, mas a sua boca deliciosa e despudorada me levou à loucura. Eu poderia morrer feliz com essa parte do seu corpo me proporcionando esse prazer e não necessitaria daquilo me rasgando. Assim penso ao senti-lo firme em meu abdômen.

Alexei interrompe o beijo e me fita demoradamente. Suas írises estão escurecidas pela excitação. Posso perceber um breve lampejo de raiva nelas e, instintivamente, dou um passo para trás. No entanto, ele não permite que eu me afaste, segurando em meus ombros de modo firme. E de qualquer jeito, eu não poderia fugir. A bancada do banheiro atrás de mim me impediria.

— Então, é melhor começar a orar para que eu nunca descubra por quem você foi capaz de sacrificar a sua virgindade. Eu não teria piedade do desgraçado — ele sentencia.

Meu corpo treme, em uma ânsia aterrorizante. Esse é o mesmo homem que me fez desmanchar em sua boca? Meus olhos ficam marejados, com as lágrimas prestes a virem à tona, mas percebo que essa atitude o irritaria ainda mais e poderia induzir a sua fúria. Não posso colocar a vida de Lua em perigo. Eu não suportaria se algo lhe acontecesse por minha estupidez. Como eu posso ter esquecido, por milésimos de segundos, quem ele é e do que é capaz?

Depois de me advertir duramente, Alexei me deixa no banheiro e segue para o quarto. Eu o sigo. Ainda estou trêmula devido à sua última censura. Vejo-o vestir o casaco negro que estava sobre a poltrona e pegar um par de luvas da mesma cor do seu bolso para calçar. Em sequência, ele vai até a sacada e repara em algo ao lado de fora. A presença sombria logo retorna ao quarto e vai à porta.

— E tenha em mente, *ragazza*, que não será uma porta, uma muralha ou qualquer outro objeto que me manterá afastado de *la mia fidanzata* —

ele enfatiza antes de deixar o ambiente.

Enquanto fico aqui com o meu corpo tremendo com os últimos vestígios do desejo saciado e despertado no meu organismo pelo meu noivo, reflito sobre a advertência incoerente dele. Agora sinto uma ânsia enorme no meu coração.

Somente quando vou trancar a porta que dá acesso à sacada, percebo o carro escuro o aguardando. Em seguida, um dos homens entra no veículo, seguido de Alexei.

É certo que todas as noites orarei para que meu futuro marido nunca descubra sobre a existência de Lua.

CAPÍTULO 22

ANTONELLA DVORAK

Uma semana depois

O dia do casamento deveria ser uma ocasião importante para qualquer mulher, no entanto para mim significa uma prisão dourada. Depois daquele dia em que o meu futuro marido me proporcionou o melhor orgasmo da minha vida, ele não me deu mais atenção, ignorando a minha existência completamente. Na verdade, acho que ele não estava no Palazzo, diferentemente do seu irmão ranzinza e mal-humorado, que em algumas ocasiões encontrei pelos corredores. Desde então passei a fazer minhas refeições no quarto, evitando me encontrar com o irmão errado. O ditado

“Deus escreve certo por linhas tortas” nunca esteve tão certo. Se o meu caminho tivesse se cruzado com o do todo-poderoso Hardy Dvorak, meu destino seria outro.

Já a dona Catharina faz questão de me visitar todas as tardes para um chá.

Estou perdida em meus pensamentos caóticos enquanto a BMW

escura me leva ao meu novo destino. Minha sogra está ao meu lado, segurando um pequeno buquê de flores. Minha única vontade é de chorar, porém engulo em seco e volto a erguer os meus ombros caídos. Respiro profundamente, tentando me acalmar. De jeito algum permitirei que as lágrimas venham à tona, até porque não posso estragar minha maquiagem e chegar ao meu casamento com os olhos borrados. Caso isso acontecesse, seria capaz de eu receber minha sentença ali mesmo, perante todos.

A noiva que está sendo forçada a se casar. Não que isso não seja comum no nosso meio, mas chegar ao altar com a aparência desmazelada e borrada pelas lágrimas é algo inadmissível na atual circunstância.

Imediatamente, vem-me à memória o sorriso doce de Lua. Eu sei que farei de tudo por ela. Não posso me esquecer de que também posso estar carregando um bebê. Toco delicadamente em meu ventre por cima do vestido de noiva, e o movimento discreto passa despercebido por dona Catharina. Meu bebê não tem culpa de nada.

Perco-me em pensamentos, olhando para a paisagem quente ao lado de fora. A Sicília é um lugar de belezas singulares.

Noto alguns veículos nos seguindo. Será somente uma precaução ou meu futuro marido teme que eu fuja? Deixo de lado meus raciocínios perturbadores quando percebo que o carro parou em frente à catedral de Monreale. A arquitetura normanda e os mosaicos bizantinos dão ainda mais beleza à construção antiga.

Dona Catharina parece perceber a minha aflição interna.

— Está radiante como uma *bella fiore*[57] italiana, Ella.

— Obrigada, senhora. Pena que não me sinto assim — respondo, transparecendo o meu pesar.

— Bobagem, querida. Aproveite o que lhe está sendo oferecido. —

Somente assinto com a cabeça. — Acredite, certas circunstâncias surgem para o bem. E se o destino te ligou ao meu filho, é porque isso deveria acontecer por algum motivo.

Meneio a cabeça, em concordância. Ela aparenta ser uma mulher muito sábia. Reconheço que posso estar em uma situação desastrosa, mas seria pior se eu estivesse como prisioneira em sua cela e sujeita às várias atrocidades que me quebrariam pouco a pouco. De certa forma, Alexei me deseja ao seu lado, nem que seja só pelo possível bebê que carrego. Por isso devo aproveitar essa oportunidade e conseguir sua confiança. Quem sabe ele permita que eu trabalhe e, com isso, eu possa manter os custos de Lua no convento. Essa possibilidade me traz um novo ânimo.

— Como prefere ir ao encontro do meu filho sozinha, irei aguardá-la lá dentro. — Donna Catharina me tranquiliza ao segurar em minhas mãos e depositar nelas o pequeno buquê de rosas. — Não se esqueça de que eu

estarei lá. Caso precise de qualquer coisa, não hesite em me pedir. Promete, *bambina*? [58] — Aguarda a minha resposta.

— Eu farei isso — asseguro-lhe.

— Agora eu quero um sorriso estampado em seu rosto, além de ver você pisando naquele tapete vermelho como uma legítima dama da máfia.

Observo o seu sorriso maternal e o retribuo, assentindo com a cabeça.

Talvez ela tenha percebido que eu precisava de um colo de mãe neste momento. Ela desce e eu respiro fundo, tentando manter meu emocional estável. Em poucos minutos serei a esposa de Alexei Dvorak.

Alguns minutos depois, o soldado abre a porta do meu lado e eu percebo que chegou o meu momento. É possível eu ver alguns homens disfarçados fazendo a segurança do local. Mesmo que eu não tenha um olhar tão aguçado tratando-se desse mundo sombrio, reconheço que se faz necessário essa precaução.

Quando estou na entrada da catedral, ouço o som da marcha nupcial ser tocada e, em sequência, sigo em direção ao meu noivo. Vejo Alexei imponente e majestoso com seu terno feito sob medida para o seu corpo perfeito. Ele me olha de modo intenso e eu noto o desenho de um sorriso confiante brotar em seus lábios bonitos.

Comprovo vários pares de olhos indagadores sobre mim e estremeço.

Um em específico me chama a atenção. Uma ruiva estonteante está com as írises azuladas cravejadas em mim. Em seu olhar, posso ver um toque de inveja e ambição, todavia não faço a mínima ideia do motivo de tais sentimentos.

Esforço-me para não demonstrar as minhas emoções. Estou nervosa e sinto minhas mãos suadas e levemente trêmulas ao segurar o buquê. Sinto uma imensa vontade de dar meia-volta e sair correndo para longe do futuro incerto que me aguarda, entretanto sei que seria impossível tamanha façanha.

Reparo que dona Catharina olha com suavidade em minha direção.

Ela está sentada no primeiro banco da catedral e seu sorriso permanece

caloroso, como se me transmitisse todo o apoio. Diferentemente dos demais convidados, que suponho que façam parte da máfia. Eles ocupam uma parte considerável dos assentos da antiga construção e me observam atentamente.

Devo ser a atração deste casamento, mas não por ser a noiva, e sim pela curiosidade gerada pela minha origem. Percebo alguns burburinhos entre todos. Eles são as testemunhas dessa união.

O plano de papai está se concretizando: eu me tornarei a propriedade de um mafioso — penso, amarga.

Consigo, por fim, chegar ao altar. Meu noivo toca levemente em minhas mãos e seus olhos azuis se chocam com os meus. Não há hostilidade neles. Alexei deve ter sentido meu tormento íntimo. Noto o seu cenho levemente franzido, como se ele quisesse desanuviar qualquer incerteza da minha mente.

Ele é um homem muito bonito, apesar de ter um porte intimidante. O

seu perfume almiscarado e singular chega até minhas narinas e eu sinto um leve formigamento em meu baixo-ventre se aquecer. Seu toque tem esse efeito sobre mim. Logo o medo é dissipado e seu olhar está carregado de promessas ocultas e prazerosas. É isso que ele me permite decifrar.

Pela primeira vez meus lábios se erguem em um suave sorriso natural.

É como se, desta vez, eu pudesse trazer a verdadeira Ella à tona, não a figura patética que Anthony tinha idealizado e moldado.

— Não tema, *la mia fidanzata*.

— Acreditaria em mim se eu confessasse que, de algum modo, você fez o medo ir embora? — confidencio-lhe.

— Eu sou um exímio estrategista, minha *bella* esposa — seu timbre de voz é rouco e firme. — Agora, precisamos prosseguir com a celebração.

Os convidados estão ansiosos para conhecer a minha noiva, a mulher que roubou o meu coração — murmura de forma enigmática.

Não consegui decifrar se ele estava somente brincando com os meus sentimentos, mas não tenho tempo de analisar absolutamente nada. Alexei

segura firmemente em minha mão, levando-me até o sacerdote para a realização da cerimônia.

(...)

Estou há mais de dez minutos olhando fixamente para a aliança dourada e cravejada com pequenos diamantes em meu dedo. Ainda parece algo inacreditável que agora eu seja a senhora Dvorak. Apesar da música e agitação ao meu redor, nada parece estourar a bolha na qual estou envolvida, nem mesmo a presença imponente que está ao meu lado. Posso sentir a força do seu olhar queimando a minha pele, porém o ignoro propositalmente.

Ao longo da festa fui apresentada a vários rostos, mas todos pareciam apenas um amontoado de borrões indistintos em minha mente. As boas comidas e bebidas italianas também não me fazem esquecer o que está prestes a acontecer: em algumas horas Alexei reivindicará o meu corpo e eu não poderei protestar, muito pelo contrário, será minha obrigação lhe proporcionar prazer. Isso é o que está descrito no manual Ankys de como ser uma futura dama da máfia perfeita. Mas somente a vívida recordação do seu membro me rasgando me faz tremer, apagando completamente a sensação

deliciosa que tive na bancada do banheiro naquele dia. Dessa vez ele não estará dopado ou algo do tipo, poderá me machucar se quiser.

— Está pálida como uma cera, esposa. Parece até mesmo que viu o dono do submundo. — Ele leva o copo de uísque à boca de lábios firmes e tentadores.

Apenas aquela lembrança promíscua faz eu sentir o meu corpo em chamas. Logo sinto as minhas bochechas arderem como um braseiro.

— Desculpe. Eu só estava pensando.

Seus dedos tocam em meu maxilar e seus olhos quentes e azuis vêm ao encontro dos meus. Como ele pode ser tão bonito e, ao mesmo tempo, tão intimidante? É certo que uma aura nebulosa e sensual o rodeia.

— Espero que esses pensamentos tenham a ver com o seu marido, porque desde que entrou na igreja com o seu belo vestido de noiva, eu só penso em desnudá-la — seu sussurro é indecente.

Ofego baixinho com o seu linguajar cru e despudorado. Meu coração dispara dentro do peito e eu sinto algo indefinido percorrer o meu corpo e se concentrar com força em meu baixo-ventre. Devo estar vermelha como uma pimenta, porque de repente sinto um calor inesperado. Seus olhos me encaram como se estivessem hipnotizados, e eu compartilho da mesma emoção. Todavia, algo atrás de Alexei chama a minha atenção, quebrando a nossa conexão. Percebo a estonteante ruiva a me fuzilar com suas írises azuladas. Ela estava acompanhada de Vicenzzo na celebração, e neste momento está sozinha, com uma taça de champanhe nas mãos. Isso não parece contê-la ao me analisar com agressividade.

— Quem é ela? — pergunto ao meu marido.

Ele parece sair do estupor somente agora e repara à nossa volta, focando na direção que estou olhando. Depois retorna a sua atenção para mim, duro e implacável, sem deixar nada transparecer nas suas fisionomias atraentes.

— Ninguém — murmura apenas.

— Ela não parece ser ninguém. A ruiva não para de olhar para cá, e isso está me incomodando — confesso baixinho.

— Vou mandar arrancarem seus dois olhos, e o seu nome será extinto da face da Terra.

Arregalo os olhos ao ouvir sua sentença fria que me faz tremer, já que notei verdade em suas palavras.

— Não! Está louco?

— Ela está incomodando a minha esposa. Eu vou me livrar do problema — responde, ácido, como se fosse algo corriqueiro para ele matar uma pessoa por uma questão trivial.

Porém, logo me recordo de que mafiosos agem exatamente assim: são implacáveis, duros e cruéis quando são contrariados e se algo não sai conforme as suas vontades.

— Não é isso. Eu quero que você realmente me diga quem é ela.

Apenas isso. Não quero que mate ninguém por minha causa. Por Deus!

Alexei, este é o nosso casamento, e nenhuma noiva deseja que esse seja um dia banhado em sangue.

Vejo-o suspirar, impaciente.

— Sorah é uma prostituta das casas de luxo da *famiglia*. O seu preço é extremamente caro. Ela é uma *puttana* exclusiva e muitos fazem fila para a ter em sua cama, mas poucos a têm. Eu a fodi algumas vezes. Está satisfeita, esposa?

Sinto o fogo latente do ciúme me corroer. Não pensei que ele confirmaria a minha suspeita e, ainda, daria tantos detalhes.

— Você a ama? — Quando solto a pergunta estúpida, tenho vontade de morder minha própria língua. Estou agindo como uma esposa com ciúme, quando, sinceramente, meus sentimentos estão bem longe dessa realidade. A

verdade é que ele pode transar com as prostitutas que desejar, eu não me importo.

Todavia, a vívida lembrança do que houve naquele banheiro há alguns dias me faz ficar quente: a sua língua habilidosa entre as minhas pernas me sugando e buscando respostas, e os dedos possessivos e talentosos indo fundo dentro de mim, me proporcionando algo que eu desconhecia completamente. Sinceramente, não quero que ele faça aquilo com nenhuma outra. A ideia de que ele deseja continuar sua vida promíscua com outras mulheres faz com que eu me sinta péssima.

Assusto-me com a miríade de sensações que meu marido me desperta.

Acabei de descobrir que sou uma mulher ciumenta.

Quando encaro suas feições de ângulos bonitos e perfeitos, seu cenho está franzido diante da minha indagação débil. É como se ele me questionasse se eu estou louca ou se tomei um porre de álcool.

— É realmente necessário que eu responda a essa pergunta, Ella? —

ele retruca.

— Não. Desculpa. — Sinto-me ainda azeda de ciúme. — Você sempre deixou claro que escolhe as suas prostitutas, então não me surpreenderia se continuasse o seu caso com a ruiva.

— Seu raciocínio estaria correto, esposa, só que se esqueceu de um pequeno detalhe. — Ele me analisa minuciosamente. Parece querer buscar respostas. — Agora sou um homem casado e seria inadmissível essa atitude. Do mesmo modo que me honrará com o seu corpo e lealdade, eu a honrarei.

Fico surpresa com a sua afirmativa. É certo que muitos chefes dentro das organizações ainda mantenham uma tradição rígida referente à fidelidade matrimonial. Muito diferente da forma como papai costumava tratar mamãe. Ele só faltava comer as putas que iam ao castelo na nossa frente. Mesmo que eu fosse ainda só uma criança naquela época, recordo-me dolorosamente disso. Seu desprezo e constante infidelidade eram coisas que deixavam minha mãe arrasada.

Mando a lembrança nefasta para longe quando sinto o toque quente do meu marido em minha mão. Ele contorna a aliança em meu dedo.

— Desde o instante em que passou a carregar a minha aliança, sua primeira obrigação é com o seu marido, Ella. Consegue compreender isso, senhora Dvorak? — Sua pergunta enérgica me faz tremer.

Essa colocação foi como um juramento. Você deve ser leal ao seu marido, chegar imaculada em sua cama, sem nenhuma mancha, e, dessa maneira, demonstrará à organização que é leal a ela também. A fidelidade é algo levado extremamente a sério. E os que não a levam a sério, são ceifados sem piedade ou misericórdia da organização.

— Sim, eu compreendo.

— É um novo recomeço, esposa. Agora é uma dama respeitável da máfia. Ninguém poderá desonrá-la ou subjugá-la, pois os que fizerem isso

conhecerão rapidamente o caminho do inferno — ele garante de modo implacável.

Alguns minutos depois observo o irmão ranzinza surgir na outra extremidade do jardim e, instantaneamente, Alexei olha em sua direção.

Como se eles se comunicassem por telepatia, Hardy faz um gesto discreto e, sem hesitação, meu marido vai ao seu encontro.

Em um determinado momento, dona Catharina aparece na minha mesa, sorridente, alegre e vivaz.

— Ella, querida, é hora de ir para o quarto. Venha. Eu a acompanharei.

Meu rosto se incendeia com a sua colocação. Sei perfeitamente ao que isso se refere: estou indo direto para a toca do lobo.

CAPÍTULO 23

ANTONELLA DVORAK

Uma hora depois

Ainda consigo escutar alguns sons, ao longe, da festa. Dona Catharina foi um doce comigo e me trouxe até o quarto que, a partir de hoje, ocuparei com o meu marido. A mansão de Alexei é o meu novo lar. Senhor! Mal posso crer que o plano de papai deu certo, que a sua ambição de uma aliança com alguém de grande influência e poder se concretizou.

Estou nervosa. Aliso o tecido do penhoar e o amarro mais forte ao redor da cintura. Estou somente com uma camisola semitransparente cobrindo o meu corpo. Sinto-me como uma virgem ingênua, apesar de esse não ser o meu caso. Estou temerosa com esse novo rumo em minha vida.

Eu deveria ter chegado a esse momento ainda virgem, mas não terá sangue nos lençóis. O que será que é esperado de mim? É somente uma ligação de famílias? Que vantagens Alexei espera que eu traga a essa aliança? E se eu não estiver grávida? Será que tudo isso é só por vingança?

Suspiro, sentindo um nó na garganta. Meu pai e Nathan estão mortos, então os Dvorak não terão nenhum empecilho para tomar posse do território que era comandado por papai. A não ser, é claro, que eu seja somente uma barganha, pois talvez outros chefes me cobicem também. Seriam mais homens na disputa pelo domínio do território.

Mando os pensamentos perturbadores para longe, sinto minhas mãos frias, vou até uma pequena adega que tem no cômodo e me sirvo uma dose generosa de uísque. O líquido amarelado parece atrativo neste instante e me revestirá de coragem para encarar a fera. Porém, quando levo o copo aos lábios, lembro-me de por qual motivo me foi proibido ingerir sequer uma gota de álcool durante a celebração: meu bebê. Não posso colocar em risco a sua saúde. Se é que estou mesmo grávida. Mas é melhor prevenir.

Com relutância, deposito o copo sobre a mesinha do aparador novamente. A iminência das lágrimas virem à tona se torna real, já que logo sinto os meus olhos lacrimejarem. Preciso relaxar, por isso vou em direção à porta de vidro que dá acesso à sacada, abro-a lentamente e sinto a brisa da noite bater em meu rosto. O som animado da comemoração chega com maior nitidez aos

meus ouvidos. Imediatamente, meu corpo fica relaxado quando sinto a brisa noturna que vem das flores do jardim.

Em um determinado momento, ao ouvir um pigarro, percebo que não estou mais sozinha no quarto. Então vejo meu marido no cômodo.

— Pensei que encontraria minha adorável esposa na cama coberta dos pés à cabeça, como uma coelhinha assustada — ele sussurra de modo sarcástico ao retirar a gravata e desabotoar alguns botões da camisa, deixando-me entrever um rastro de pelos que surgem do seu peitoral poderoso.

O homem agora lê pensamentos? Senhor santíssimo! Esse foi exatamente o meu primeiro pensamento ao chegar ao quarto.

Levo minhas mãos trêmulas à cintura, certificando-me de que o laço está bem posicionado no meu corpo.

— Espero que não tenha ficado desapontado, de modo que não encontrará nenhuma virgem em sua cama.

Vejo o brilho intenso do seu olhar azul repleto de luxúria queimar a minha pele.

— Eu já tive o prazer doce da prova do seu sangue virginal melando o meu pau, *ragazza*. — Suas írises estão focadas em mim Eu prefiro assim, visto que não desejaria passar por mais um sacrifício daqueles. A dor que ele me infligirá, eu já conheço. Não será nenhuma surpresa.

— E me agrada muitíssimo essa constatação. Não quero passar por todo o processo de desvirginá-la. É muito mais interessante meter fundo e gostoso, até as bolas, sem ter nenhuma barreira.

Que ordinário indecente! Posso me lembrar com nitidez das palavras sábias de Yrine: “Só tem uma cabeça que funciona quando o assunto é homem e sexo”.

Encaro-o, confusa, já que naquele primeiro encontro ele me rejeitou.

Todavia, penso na cena imprópria no banheiro do Palazzo e não sei por qual motivo me sinto quente.

Noto quando a presença gigantesca e sombria se aproxima de mim com duas passadas.

— Mesmo assim continua a me temer, por mais que eu tenha demonstrado que não te machucarei.

Balanço um pouco a cabeça, envergonhada. De fato, ele já demonstrou de várias formas que não é um ser tão perverso igual ao meu pai. E ele tem uma superioridade nata somente pela voz e postura de comando. Mas por que me ajudaria?

Seus dedos firmes tocam lentamente em meu queixo, erguendo-o, fazendo-me encará-lo de novo. Alexei está como um predador a me venerar.

— Olhe para mim, Ella. Nos casamos por um bem maior, *bambolina*, mas não precisa me temer. Podemos aproveitar o que temos. E acredito que a química é mútua. — Seu rosto está a milímetros da minha orelha. Seu sussurro quente e indecente me deixa trêmula. — Diga-me, *bella*, que não está com a boceta encharcada neste instante, desejando o que posso te proporcionar. Aquela experiência no banheiro foi somente um aperitivo.

Seu gosto é fodidamente delicioso e continua impregnado nas minhas papilas gustativas. Estou morrendo de vontade de te chupar novamente.

Dio! Estou quase morrendo somente por imaginar essa possibilidade, Ella.

Meu Deus! A sua pronúncia devassa faz com que eu responda ao seu anseio sem hesitar. Sinto a poça indecente em meu centro úmido. Seus braços fortes me enlaçam com uma possessividade selvagem e faminta. De imediato, suas mãos peritas e despudoradas percorrem, com agilidade e eficiência, cada ponto erótico da minha pele, fazendo-me derreter como uma bola de sorvete sob o calor. Ele beija o meu pescoço e o sangue flui

com rapidez para o restante do meu corpo. Estou entorpecida pela sua sedução eficaz e agora sou como um bebê indefeso.

Somente quando percebo o seu afago quente próximo às minhas coxas, em direção à minha área íntima, e as pontas dos seus dedos afastando e subindo o tecido diáfano até a proximidade da minha boceta, saio do estupor sensual em que me encontrava. Seguro o seu pulso firmemente, dando um passo para trás, impedindo-o que comprove a minha vergonha.

— Nã... Não — sussurro debilmente sob o efeito do seu toque quente em minha pele.

Ouço o seu riso abafado. É como se ele tivesse obtido a resposta que tanto almejava.

— Vamos, querida. Deixe-me provar o quanto estou certo. Te garanto que se eu te encontrar tão seca quanto o deserto do Saara, tem minha palavra de que não tocarei em você — ele diz de forma suja e eficiente, já tendo comprovado o seu poder sobre mim.

— Eu te odeio, sabia? — sussurro, na defensiva, empurrando o peito musculoso violentamente, como se assim pudesse conter os sentimentos que ele me desperta.

Todavia, sou contida pelos seus braços fortes. Sua essência masculina e natural penetra rapidamente em minhas narinas, deixando-me vulnerável e completamente à mercê da forte atração que ele exerce sobre mim.

— Não, minha querida Ella. Não me odeia, só está descobrindo os prazeres que o seu corpo pode te propiciar. Não sabe como fode com o meu psicológico a compreensão de que fui o primeiro homem a lhe tocar e a me deliciar com o seu doce mistério de mulher. Deixe que o seu corpo fale.

Prometo que dessa vez não existirá dor, apenas prazer.

— Prazer? É difícil imaginar algo do tipo com uma coisa tão desproporcional que tem no meio das pernas. Tem certeza de que nunca assassinou uma mulher com aquilo antes? — indago sarcasticamente.

Ele começa a rir.

— Está viva. Não é verdade, minha *bella*? E te proporcionei prazer naquele outro dia — assegura, obsceno. — Prometo que vou meter devagar e gostoso. Não precisa temer. É grande, mas vai caber.

Que cretino presunçoso! Ele falou piscando um olho imoral para mim apenas para me provocar. Por acaso pensa que irei implorar pelo seu pau?

Está muito enganado. É melhor que *tire o cavalinho dele da chuva*. Eu só quero distância daquilo.

— Eu não estou com medo de você — afirmo, encarando-o fixamente, tentando demonstrar atrevimento. Mas a verdade é que talvez eu nunca esteja preparada para aquela coisa.

— Eu não queria te machucar naquele dia. Tentei tirá-la de cima de mim, mas você sentou com força. — Meu Deus! Agora meu rosto deve estar como uma maldita fornalha com o pensamento daquela coisa enorme me partindo. — Vai ficar muito apavorada se eu confessar que estou louco para a tombar sobre essa cama e a foder duramente? — sua voz sai rouca pelo tesão.

Afasto-me um pouco da sua presença dominante. Minha respiração está ofegante e agitada. O homem exala testosterona por todos os poros.

— Não — minto. — Eu já sei o que me espera.

— Verdade, *bambolina*? Então não ficará surpresa se o meu primeiro desejo for vê-la nua. — Fico trêmula. — Vamos, querida, tire a camisola —

sua ordem sai crua e decisiva.

Ergo vagarosamente as pálpebras e encaro seus ângulos belos, notando um sorriso torto. Percebo que é um teste. Mesmo nervosa, não vou cair na sua armadilha.



CAPÍTULO 24

ALEXEI DVORAK

Tenho conhecimento de que Ella ainda está agindo como uma virgem assustada e que sua ousadia de minutos atrás não passou de um blefe, uma armadura para ocultar o seu nervosismo em compartilhar comigo a minha cama. No entanto, não a pouparei nessa noite. Ela será minha. Rujo internamente como um animal faminto.

Desde o primeiro instante em que adentrei o quarto e a brisa suave da noite chegou até as minhas narinas, trazendo o seu cheiro, o seu doce cheiro

de mulher, senti meu corpo ferver em luxúria. A verdade é que quero prová-la, saboreá-la, reivindicá-la. Não abrirei mão dela.

Tento resfriar o meu estado brutal de excitação, ou acabarei fazendo o papel ridículo de gozar nas calças. Porra! Estou como um *maledetto monello*[59] apenas por imaginar minha mulher nua e esparramada naquela cama. É uma fantasia muito ousada devanear algo tão diáfano e sensual quanto Ella deliciosamente nua enquanto aguarda o seu marido?

— Tire o penhoar, Ella. Deixe-me vê-la e apreciar o quanto *la mia amata* está desejosa para compartilhar minha cama comigo. Tenho sido paciente, doçura, e tentei manter minhas mãos longe de você durante todos esses dias que antecederam o casamento, mas nessa noite você será minha, e não abrirei mão disso. Despertou o animal que existe em mim, *piccola*, e agora deve saciar a minha fome — digo, sendo brutalmente sincero.

Vejo-a se retrair. Parece que seus lindos olhos azuis vão sair das órbitas. Ela está assustada com a minha crueza, mas, mesmo assim, é linda demais. A figura miúda se afasta lentamente de mim como se isso fosse me impedir de tê-la. Ledo engano, esposa. Nessa noite você será minha.

Reparo que o par de seios deliciosos segue uma sincronia exuberante.

Porra! Necessito dos seus montes inchados em minha boca. Neste momento ela parece uma linda coelhinha apavorada que está pronta para o abate. Sua próxima atitude me deixa irritado, por ela não obedecer à minha ordem de

imediato. Por instinto, Ella leva as mãos ao laço do tecido, deixando-o ainda mais forte ao redor do seu corpo.

— Qual o problema, querida? Não pode me recusar — recordo-a, apesar de que não a tomarei à força.

— Perdão. Não era essa a minha intenção.

Noto quando ela balança a cabeça e fixa a sua atenção em algo no solo, como se sua vida dependesse disso, enquanto suas mãos trêmulas começam a desatar o laço do penhoar lentamente. Assim, a peça sensual cai aos seus pés, deixando-a somente com uma camisola semitransparente. O

meu olhar sobe pelas suas pernas esbeltas e torneadas, devorando libidinosamente a pequena mulher.

Puta que pariu! Meu pau endurece entre as pernas com a cena indecente. Minha esposa, definitivamente, está testando se eu não terei um ataque cardíaco hoje. O tecido é quase transparente, fazendo-me ver com perfeição todas as curvas luxuriosas da sua pele branca como o leite. O

formato do corpo pequeno é de uma ampulheta, desestabilizando-me completamente, desde o desenho perfeito do volume dos seios firmes e empinados ao vértice da boceta suculenta que anseio devorar. A imagem é mil vezes mais sensual e tentadora do que qualquer fantasia.

Diavolo! Ela está completamente nua por baixo da camisola e o tecido escolhido foi feito com o único propósito de matar qualquer ser do sexo oposto. Não resisto à potente química que a minha esposa me causa, e em uma só passada firme, estou diante dela. Pego-a no colo inesperadamente e encontro surpresa em sua expressão angelical. Carrego-a em direção à cama e a deposito abruptamente no colchão. Minhas mãos alcançam a extremidade do tecido em frente aos seus seios alvos e firmes, e em um único movimento rasgo a frágil vestimenta do seu corpo de uma ponta à outra.

Ouço o seu grito por conta da minha atitude primitiva e me refreio a tempo. *Accidenti*! O que estou fazendo? Estou parecendo uma *besta no cio*.

Comprovo que a figura pequena está com os olhos fechados e apavorada.

— Me perdoe, Ella. Eu não deveria ter agido de modo irracional, mas não consegui me conter quando a vislumbrei nua pelo tecido transparente da camisola. *Cazzo*! — Ela apenas balança a cabeça e abre as pálpebras lentamente. Parece menos temerosa agora. — Podemos começar de novo, esposa?

— Creio que é um pouco tarde para isso. Minha camisola não retornará à forma original. — O seu tom foi descontraído, por isso sorrio.

— *Dio*! Quem a instruiu a usar apenas uma camisola transparente e sem nada por baixo na noite de núpcias? Queria testar o coração do seu marido? — Dou um meio-sorriso.

— Era uma das instruções do manual — ela se justifica.

— Que manual? — Franzo o cenho. Minha esposa é um potinho de surpresas.

— Era um livro que continha instruções de como eu deveria me comportar para ser uma dama da máfia perfeita. Papai me entregou há alguns anos. — Sua pele cora lindamente.

Meu suspiro de pesar é audível.

— Esqueça essa maldita lista e todas as baboseiras contidas nela. A única coisa que quero é que seja você mesma e me mostre a verdadeira Ella.

Ankys não está mais entre nós, e se ele estivesse, eu o mandaria mil vezes para o inferno — digo, ríspido, somente por imaginar os tipos de atrocidade que Anthony infligiu à minha pobre Ella e que ele a deixou assim, como um animal acuado, sempre na defensiva.

Porém, no fundo, sinto que a Antonella que está em minha frente tem uma força interior desconhecida. Ela é aquela mulher que faz de tudo sempre para proteger aqueles que ama.

Meu rosto está pairado acima do seu e eu a observo morder seu lábio rosado naturalmente. E, porra, só consigo imaginar meu pau entre seus lábios macios sendo levados fundo na sua garganta, como naquela vez. Sua boca

macia ao redor da minha envergadura quase me fez explodir. Mesmo com as lembranças escassas daquela noite peculiar, recordo-me brevemente da sua intrepidez. Sei que existe uma Ella quente por baixo dessa freirinha recatada.

— Sinto muito. Eu pensei que gostaria — ela confessa sem ter a compreensão de que me deixou com uma puta de uma ereção que chega a ser agonizante.

— Pode ter certeza, esposa, de que eu apreciei malditamente a camisola que escolheu. Mas eu desejaria que tivesse sido uma opção sua.

Suas pestanas escuras estão um pouco úmidas pelas lágrimas contidas. Ela meneia a cabeça delicadamente. Minha perna está entre suas coxas delicadas e eu sinto a quentura emanar da sua pele morna. O seu cheiro de mulher é excitante para caralho e me deixa desnorteado. Minha Ella quer me dar, só não se deu conta das respostas do seu corpo ainda, assim como o meu corpo a deseja com um tesão esmagador. Evito olhar para o vértice das suas coxas, onde posso comprovar o brilho viscoso de sua excitação, que escorre por elas.

Cazzo! Não posso colocar tudo a perder. Essa garota me desestrutura completamente. Contudo, dá para notar que ela está deliciosamente receptiva ao meu contato, apesar de eu ter agido como um animal no cio.

— Tenho sua permissão para lhe tocar novamente, *la mia amata*?

Mesmo que a sua resposta possa me deixar de bolas azuis e com o pau dolorido a noite inteira, acatarei a sua decisão. De fato, se a última hipótese acontecer, terei que me aliviar com um maldito banho frio.

Observo-a cerrar as pálpebras lentamente, depois abri-las e focar em mim.

— Sim. Pois de um modo ou de outro, isso tem que acontecer. Seria algo completamente inapropriado se o nosso casamento não fosse consumado. E eu já sei que será doloroso.

— Que tipo de dor espera em minha cama? — Ergo uma sobrancelha zombeteiramente. Ela só deve se lembrar da perda da virgindade dolorosa.

— Está brincando comigo? Você sabe a qual parte me refiro. Beijar e tocar é bom, mas a outra coisa é insuportável.

— Hum... Se refere a isso, *bella mia*? — Apalpo os seus seios. A carne macia e quente preenche as minhas mãos. Aperto os bicos suavemente entre meus dedos, e logo as pontas cor de cereja se enrijecem sob o meu contato. Minha boca saliva somente com essa confirmação. —

Gosta quando eu lhe toco?

— Essa parte é interessante. — Ela evita olhar em meus olhos no momento e eu a ouço resfolegar, tentando controlar a sensação que o meu

toque lhe provoca.

— Do que mais gosta, *ragazza*? Em que parte do seu corpo gosta de sentir a minha boca? — indago, cheio de lascívia.

Ela não me responde. Seus olhos estão anuviados pelo tesão. Sim, reconheço e gosto do que vejo. Cacete! E ainda nem toquei nela, de fato.

Mas minha boca se enche de água apenas por eu memorizar o gosto da sua boceta quente e escorregadia. Não preciso olhar para a junção no meio das suas coxas para comprovar o quanto a minha esposa está molhada, desejosa e ansiosa pelo toque ardente do seu homem.

Volto a pressionar os botões duros e excitados.

— Vamos, esposa. Quero uma resposta. Não deve ser tão difícil. Onde gosta de sentir os meus lábios?

Seus olhos agora focam em mim, embevecidos pelo desejo. E o choque do tesão se concentra violentamente no meu pau quase em desespero para a possuir. Mas, mesmo que eu esteja terrivelmente louco para socar até o talo na sua bocetinha apertada, tenho que me controlar.

Penso que Antonella não me responderá, porém ela logo toca em minha mão por cima do seu seio alvo.

— Gosto quando beija os meus seios. E os meus lábios, você beija maravilhosamente bem.

Um meio-sorriso cínico se forma no canto da minha boca.

— E gosta quando eu beijo a sua boceta? — Usei uma palavra suave.

Tenho a nítida impressão de que se eu demonstrasse toda a minha avidez pelo seu corpo, ela sairia correndo do quarto.

Vou fodê-la a noite inteira. Caralho! Há quantos dias estou sem transar, esperando esse momento? Desde a noite em que a pequena *ragazza* decidiu que eu seria dela. Nenhuma outra me desperta o mínimo interesse.

Ella tenta fechar as coxas após ouvir o meu sussurro obsceno, mas a minha perna está estrategicamente posicionada. Seu ofego entrecortado chega aos meus ouvidos como uma música luxuriosa. Sim, reconheço os

seus gemidos e as suas súplicas. Ela me deseja, porém tem medo das respostas do seu corpo.

— Eu vou saborear todo o seu corpo, esposa, e não quero que contenha os seus gritos de prazer. Todos me pertencem — digo, duro e firme, notando o brilho doce e incontido do seu olhar azul.

Ela cerra lentamente os olhos como se, assim, pudesse esconder a paixão inflamada que desperto nela. Subitamente, substituo os dedos pelos lábios, e sou eu quem quase gemo de tesão ao sentir o seu sabor. A carne macia do bico cor de cereja se endurece dentro da minha boca instantaneamente. Seu gosto é fodidamente fascinante; tão doce e muito delicioso, assim como morangos camarosa.

Ella arqueia levemente as costas como se buscasse maior contato comigo.

— Seus seios são deliciosos, *ragazza*. São cheios na medida certa —

rujo, inflamado pela atração incontrolável que a minha esposa me suscita.

Chupo um seio e dou a devida atenção ao outro, alternando e brincando com a carne macia e saborosa deles. Inconscientemente, ela logo está com as mãos suaves em meus cabelos, instigando-me a prosseguir com a tortura impiedosa da minha língua nos montes suaves.

— Oh! — um gemido impaciente surge dos seus belos lábios quando meus dedos experientes sondam a abertura da sua boceta encharcada.

Caralho! Minha esposa está malditamente molhada somente para mim. Meu lado medieval branda internamente, regozijando-se desse fato.

Noto quando ela morde o lábio delicadamente para tentar conter o seu ardor de prazer. Contorno o clitóris inchado e sinto o seu corpo se desmanchar em meus dedos. *Cazzo*! Necessito sentir o seu gosto em minha língua. Em um determinado momento já estou com a cabeça enfiada entre suas pernas, explorando sua carne mais sensível enquanto a penetro com os dedos e colho os seus doces gemidos de prazer. Seu sabor é extremamente viciante. Por mim, eu passaria horas apenas reverenciando com a língua a beleza crua, nua e íntima dela.

Ella parece inebriada pelas sensações aguçadas. Agora se solta livremente e vez ou outra arqueia os quadris voluptuosos para buscar ainda mais contato comigo como se sua vida dependesse disso. Quando ela está prestes a gozar em minha boca, desacelero o movimento e constato, quase que no mesmo instante, seu olhar assassino em minha direção. Por isso sorrio internamente. Quero ouvir seus adoráveis lábios dizerem para eu a possuir e a marcar impiedosamente.

Castigo-a à minha maneira por não realizar a minha fantasia masculina.

Noto a sua respiração em descompasso e os seus seios perfeitos subirem e descerem desordenadamente, em um doce balanço. Os mamilos estão durinhos e arrepiados e sua face está rosada. Ella olha fixamente para mim e eu encontro suas pupilas dilatadas. Está prestes a ser lançada ao abismo sem retorno do orgasmo. Vejo-a somente arquear o quadril, em uma súplica silenciosa, enquanto, de forma descontrolada, joga a cabeça para trás, deixando-se ser engolfada pelas sensações delirantes e devastadoras da luxúria.

Sugo com mais intensidade o seu ponto palpitante e delicioso de mulher. Seus lábios vaginais estão levemente avermelhados pela excitação.

Ter a minha esposa entregue e dominada pelo prazer que a assola, deixa-me profundamente em êxtase. Minha linda mulher pode não ter proferido as palavras que eu desejava ouvir, mas sua linguagem corporal revelou muito mais.

Seu corpo ainda está se recuperando do orgasmo que a atingiu e a figura pequena parece letárgica e satisfeita. Um sorriso delicioso contorna a sua fisionomia bela. Contudo, o seu prazer não me refreia, apenas me alimenta. Eu me sinto furiosamente faminto pelo seu corpo. Necessito entrar nela para aplacar a minha própria fome. Termino de despi-la dos restos dos frangalhos da sua camisola e começo a me livrar bruscamente das roupas que estou usando. *Diavolo*! Sinto-me tão malditamente excitado, que não sei como minha enorme ereção não perfurou o tecido fino da calça.

Porca miseria! Tenho que me conter. Não posso me esquecer de que Antonella é muito pequena e que posso machucá-la se agir como um tolo, um moleque sem controle.

— *Cazzo*! Vou ficar louco se não meter em você, *la mia bella moglie*[60] — digo impensadamente.

Ela arregala os olhos azulados, ainda quente pelo recente orgasmo, e os fixa no meu pau. Depois os fecha. Observo o seu rosto tão branco quanto a neve.

CAPÍTULO 25

ANTONELLA DVORAK

Apesar de estar com as pernas bambas pelo recente orgasmo, estou temerosa, pois agora chegou o momento mais temido. Todo o prazer que senti se perde no meu turbilhão de medo. Neste momento, o homem nu diante de mim agora é meu marido, que me proporcionou um prazer gigantesco, e eu não posso negá-lo. Aliás, ele provavelmente não me daria alternativa, considerando a força do seu desejo bem explícito. Aquela coisa grossa e pesada está totalmente ereta. Sua excitação é nítida.

Eu sei exatamente o que é senti-lo dentro de mim. A carne dura e letal como uma faca de dois gumes. Já me preparo mentalmente para a dor brutal que o ato me provocará e cerro os olhos com força. Minha respiração está descompassada e meu coração está martelando tanto com uma fúria dentro do peito, que penso que a qualquer instante ele saltará para fora.

— Abra os olhos, *bambolina* — sua voz poderosa sibila como se desse uma ordem.

Estou quase choramingando pelo medo. O prazer que senti agora a pouco está se dissipando vagarosamente.

— Não, por favor — sussurro quase em uma súplica. — Só faça o que tem que ser feito. Eu vou suportar — digo, relembrando-me da dor da posse.

Sinto seus dedos longos acariciarem minha bochecha. Sem demora, seu corpo forte se pressiona sobre o meu. Sinto seu pau roçar em minha coxa e estremeço. Surpreendo-me quando sinto seus lábios firmes tomarem a minha boca em uma urgência voraz. Em poucos segundos estou correspondendo ao beijo como se a minha vida dependesse disso. Seu beijo é cru e despudorado. Sinto um frenesi de desejo, ansiando por algo que é muito maior e longe do meu alcance. Sua língua atrevida vasculha a minha boca com uma petulância inigualável.

Que estranho feitiço esse mafioso detém sobre mim? Posso sentir meu gosto em seus lábios, e isso me deixa ainda mais excitada. Percebo que ele é um perito em todas as áreas. Seu beijo é delicioso.

Minhas mãos automaticamente buscam as suas costas musculosas, marcando-o. Sinto algo cutucando a minha entrada e noto a sua intenção, mas não me retraio, apenas deixo acontecer. Seu membro entra em meu canal lentamente, abrindo-me para o receber. Surpreendo-me. Apesar de um pouco de incômodo, por ele ser enorme e grosso, não há dor, apenas uma leve ardência, mas ele está sendo cuidadoso. Quando ele estoca profundamente dentro de mim, fica imóvel e interrompe o beijo.

Vagarosamente, ergo as pálpebras. Ele está me olhando com um meio-sorriso obsceno de quem sabe o efeito devastador que causa nas mulheres.

— Eu não quero que suporte, *la mia bella moglie*. Na verdade, quero que exploda de desejo e goze gostoso no meu cacete, deixando-me todo babado com a sua doce excitação. Quero a sua boceta tão molhada e quente me desejando assim como o meu pau está duro e latejante por você neste momento. Pode sentir, *la mia ragazza*? [61] — ele sussurra as palavras quentes ao meu ouvido.

Sinto meu corpo se aquecer, em volúpia, e um palpitar ardente e desenfreado de desejo se faz presente em minha pélvis. Estou ansiando por descobrir um novo mundo que desconheço completamente. É como se eu sempre o tivesse desejado onde está. Ter a sua longa e espessa estrutura dentro de mim está nublando o meu raciocínio. Eu deveria somente suportar, mas estou desejando me entregar. Como eu poderia negar isso?

Meu corpo não conseguiria ocultar o quanto está sendo prazeroso ter o seu toque na minha pele. Sinto-me molhada e ansiosa ao seu redor.

— Eu... Eu...

— Então me diga, esposa: devo continuar ou devo resistir ao seu encanto? Não quero tê-la na minha cama por obrigação — o filho da mãe sussurra, erguendo levemente o meu quadril e se movimentando devagar

dentro de mim. Posso sentir cada milímetro de sua grossura no meu interior, e um arfar sensual abandona os meus lábios.

— Seria capaz de parar? — sussurro debilmente, envolvida por um calor visceral do fogo do tesão. Onde está o medo que eu sentia há poucos instantes?

— Por mais louco de tesão que eu esteja, aceitarei o seu desejo. Como eu disse, *la mia bella moglie*, não quero nenhum sacrifício em minha cama.

Encaro suas feições atraentes, e no seu olhar posso ver promessas ardentes e infinitas de prazer. Isso tudo é muito novo para mim, mas eu anseio por descobrir o que é esse latejar insistente que se infiltra em meu íntimo. Quero me entregar plenamente ao seu comando. Quero senti-lo nas minhas profundezas, marcando-me e me reivindicando como somente sua.

Assusto-me com a intensidade desse sentimento, por não compreender essa nova necessidade. A verdade é que desde o primeiro instante em que o vi, fiquei fascinada por sua beleza italiana e perigosa.

Posso ver que, por mais que ele esteja excitado, cumprirá sua palavra.

Se eu o recusar, ele não me tomará. No fundo, tenho a consciência de que ele não é um ser sem honra, como o maldito do meu pai. A lealdade entre os mafiosos é algo levado bastante a sério no nosso meio. Um cão sarnento sem palavra é dissipado rapidamente.

— Por favor, não pare. — Sinto um formigamento se reacender em meu interior e arqueio levemente meu quadril ao seu encontro, sentindo a longa estrutura deslizar para dentro de mim.

Logo uma sensação deliciosa me toma. Estou molhada e desejosa, ansiando por mais da sua posse. Quero que ele continue.

Um sorriso convencido estampa seu semblante atraente quando ele comprova a minha doce rendição.

— Como essa será praticamente a sua primeira vez, *bambolina*, vou pegar leve com você, mas saiba que “papai e mamãe” não é a minha praia.

Sou adepto a uma foda mais vigorosa, digamos assim. — Pisca um olho imoral para mim, arqueia-se levemente e toca em meus seios de forma rude.

— Creio que você logo também se contorcerá de prazer com as novas posições.

— Por favor... — Suas palavras me deixaram em um tórrido estado de excitação.

Somente agora reconheço as insinuações de Yrine sobre os corpos de dois amantes sedentos em busca do alcance supremo do prazer.

Alexei volta a tomar posse de mim e eu quase me desintegro quando ele vem fundo em meu interior, remexendo lentamente o quadril e me tocando de

modo impiedoso em um ponto estratégico. É como se estivesse conhecendo o meu corpo pela primeira vez.

Meu marido beija o meu pescoço e alterna sua atenção entre meus seios com beijos, lambidas e leves sopros. Eu estremeço por completo.

Como ele conhece o meu corpo melhor do que eu? Parece conhecer cada milímetro da minha pele e as zonas que me dão mais prazer.

Sons incontroláveis saltam da minha boca sem que eu tenha controle nenhum de retê-los. As sensações são gostosas e ele sabe que estou apreciando sua posse e sua invasão rude, porém cautelosa ao mesmo tempo.

Alexei coloca, lentamente, minhas pernas acima dos seus ombros e estoca fundo dentro de mim. Posso sentir músculos internos que nunca senti antes. Meu marido, percebendo as sensações desnorteadoras que me assolam, estimula com pressão o meu ponto palpitante, e quase no mesmo instante me dissolvo pela reação violenta de prazer que golpeia o meu corpo. É como se uma energia gigantesca tivesse se concentrado em meu íntimo e se propagado para o restante do meu corpo, deixando-me, por breves instantes, apagada e com o raciocínio falho.

O que foi isso? Meus músculos internos ainda retêm a carne dura dentro de mim e logo sinto o gozo potente me inundar. Ouço o seu rugido descontrolado e, sem demora, Alexei desmorona sobre mim. Nossos corpos estão suados, as respirações ofegantes e os corações em sincronia, golpeando agressivamente dentro dos nossos peitos.

Sorrio como uma boba. Meu marido parece tão desnorteado quanto eu. Ficamos por alguns instantes em silêncio, absorvendo o momento, quando, em um ato irreflexivo, passo as mãos lentamente pelas suas costas, apreciando o relevo de cada músculo rígido como se fosse forjado em puro aço. Seu peso já está quase me sufocando, mas é boa a sensação de ter a sua pele suada junto à minha.

Mas ele agora parece sair do estupor.

— *Cazzo*! Isso foi muito melhor do que imaginei — ele sussurra e tomba sobre o colchão, saindo de cima do meu corpo e da minha intimidade.

Posso sentir um líquido quente escorrendo pelas minhas pernas e fico ruborizada ao ter noção do que se trata. A perspectiva de ter um bebê volta a me golpear com força.

— Está bem, *la mia amata*? — ele questiona em um tom neutro. Não sei o que se passa em sua cabeça.

O que devo responder? Decerto, ele sabe perfeitamente que me proporcionou um prazer que nunca imaginei. Fazer sexo com o meu marido não me parece tão terrível agora. Não quando ele me fez ter consciência de cada parte do meu corpo.

Um sorriso tolo teima em reinar no meu rosto, mas ele se dissipa quando me recordo de que não usamos preservativo. Claro, é difícil raciocinar coerentemente perto da aura dominante de Alexei. Muitos questionamentos rodam em minha cabeça neste momento e eu fico chateada comigo mesma quando noto a sua expressão indagadora me encarando.

Percebo que não respondi a sua pergunta

— Sim. Não foi tão terrível assim — confesso, sentindo-me dolorida e sensível, mas também satisfeita.

— Claro. Ainda está viva, certo? — Seu meio-sorriso é duro, implacável e devastador.

Fico trêmula ao sentir a energia sensual que compartilhamos há poucos minutos ser dissipada ligeiramente depois do ardor resfriar. Não

posso me esquecer de que este casamento é baseado em um único propósito: ele quer o herdeiro que eu, possivelmente, carrego. E a atração que sentimos é algo físico e momentâneo. Desejo e sexo. Trata-se apenas disso, não posso esquecer desses detalhes.

Em um determinado momento vejo quando ele se levanta do colchão como uma pantera negra letal. O seu olhar escuro e intenso está no meio das minhas coxas, e com essa ação, sinto o meu rosto ficar mais vermelho do que uma beterraba. Ele está encarando a minha boceta descaradamente.

— Essa foi a primeira vez, de fato, que gozei dentro de uma mulher.

— Ele torce o canto dos lábios, em desgosto. — Diferentemente daquele dia em que me arrancaram algo sem o meu consentimento. — Compreendo a parcela de culpa que carrego.

Tento fechar as pernas como se isso fosse amenizar o peso que sinto, porém ele não permite.

— Não faça isso, *bambolina* — ele pede. — De alguma maneira, gosto de ver a minha porra e sentir o meu cheiro em você. — Suas feições estão relaxadas neste instante. — E ter a compreensão de que você foi somente minha fode com o meu juízo. Nunca fui um homem possessivo, mas... — ele revela com o seu olhar letal. — Não pense que serei dominado por uma boceta — adverte-me.

— Você gozou dentro de mim — digo debilmente, observando o seu corpo alto e forjado em músculos.

Sinto uma leve correnteza de prazer ainda percorrer o meu organismo.

A minha intimidade está dolorida, contudo, diferentemente da primeira vez, é uma dor gostosa.

Alexei torce a boca em um gesto de “tanto faz”.

— O plano era esse, não? Queria um bebê? Me dará um herdeiro —

sua voz sai ríspida e o meu organismo se resfria do fogo da paixão que compartilhamos agora a pouco.

Claro... Para ele foi somente um sexo bruto e intenso. Para mim foi uma descoberta de sensações e prazeres inimagináveis. Não posso negar,

por mais que eu tente cravejar em minha mente que foi somente isso: sexo.

Mas de modo algum idealizei que seria algo a mais.

— Eu não tive opção — sussurro, sentindo um nó na garganta.

— Não importa mais. Eu também não tive, porém o plano continuará o mesmo. Não quero decepcionar o Ankys. — Um sorriso zombeteiro se faz persistente em sua face. — Mesmo que o covarde do Anthony esteja ardendo no fogo do inferno, quero que ele veja de lá que o seu plano foi um êxito total.

Sua satisfação me quebra por dentro, pois sei que continuo sendo somente uma barganha neste casamento. Mas o que eu estava esperando?

Casamentos na máfia são premeditados e não envolvem sentimentos como o amor.

Amor! Assusto-me quando enfatizo mentalmente essa palavra. Creio que devo estar divagando sobre algo que não existe nesse mundo, no entanto é certo que deve existir obediência e respeito, ou, provavelmente, eu me tornaria um saco de pancada igual, muitas vezes, presenciei minha mãe sendo.

— Então serei somente isso? Uma incubadora para gerar o seu herdeiro? É assim que você pensa sobre o bebê? Como apenas uma aliança?

— indago, sem conseguir me conter. Minha vontade é de mandá-lo para o inferno.

— Eu não a escolhi, fui o escolhido. Recorda-se, *bambolina*? Não se esqueça de quem usou um meio sórdido para isso — joga em minha cara.

No mesmo segundo sinto meu rosto incendiar com a raiva que borbulha. Ele sempre se lembrará do meu ato desprezível? Mas se ele prefere remoer o passado, que se foda, porque eu cansei de ser a Ella submissa e obediente.

Tento me recompor e sair com alguma dignidade da conversa indigesta pós-sexo. Levanto-me em um sobressalto da cama e tento pegar a primeira roupa que possa me cobrir da lascívia do seu olhar ardente.

Infelizmente, a única coisa que consigo encontrar são os restos da camisola.

Como se ela fosse cobrir algo. Mas é melhor do que nada.

— Aonde pensa que vai, esposa? — Alexei está com as mãos por baixo da cabeça, em uma pose soberana.

A sorte dele é que a luminária está do outro lado e que, no momento, minhas mãos estão ocupadas tentando ocultar a minha nudez do seu olhar ávido.

— O quê? Necessito da sua permissão também para tomar um banho?

— pergunto entre dentes.

— Provavelmente, esposa. Mas eu ainda não terminei com você. Me deixou ardendo de tesão — comunica-me com um meio-sorriso.

Quando meu olhar varre o seu corpo forte, posso ver com nitidez a coisa enorme semiereta. Como isso é possível? Ele acabou de gozar. Sinto um calor em meu baixo-ventre e pressiono levemente as pernas uma na outra.

Foco! Você, há um segundo, estava querendo matá-lo, não montar nele. Até porque ainda se sente sensível e ferida com as palavras dele.

— Sinto muito, marido. Creio que terá que se aliviar de outro jeito. —

Piso duro em direção ao banheiro.

Estou no chuveiro lavando o cheiro dele da minha pele. Logo ele surge e abre, de forma abrupta, o box. Olho-o de soslaio e verifico que ele está com uma carranca assustadora, todavia continua excitado. Prossigo com o meu banho como se nada tivesse me interrompido.

— *Accidenti*! Não me dê as costas, esposa — Alexei sussurra e eu sinto o seu corpo forte me tomar, prensando-me na parede do banheiro. Ele começa a me beijar de modo carinhoso, arrancando-me um doce gemido de prazer. — *Diavolo*! Eu amo o seu cheiro... Amo o meu cheiro em você. —

Pega um pouco de sabonete líquido, coloca-o nas mãos e começa a passá-lo em mim, demorando mais em pontos estratégicos.

Logo estou ofegante. Sei que ele está me seduzindo. Posso ver o seu sorriso de satisfação ao notar os meus mamilos rígidos sob o seu toque.

Também comprovo que o seu membro está totalmente duro. Posso senti-lo rijo em minha barriga.

— Está bem, Ella? — Sua mão atrevida vem para o meio das minhas coxas.

Ele está preocupado se me machucou?

— Você se importa? — retruco, magoada ainda.

— *Porca miseria*! Não sou um babaca insensível. — Eu sinto seu suspiro de pesar e ele alisa meus cabelos molhados, fazendo um leve afago.

— Me perdoe, Ella. Eu sei que às vezes ajo como um estúpido. Recordar-me do seu pai me causa esse efeito.

Seu gesto me pegou de surpresa. Encaro seus olhos azuis e posso ver pesar neles. Apenas meneio a cabeça de forma afirmativa, sentindo o nevoeiro denso e escuro se evaporar lentamente.

— É. Em algumas ocasiões, você age.

— Acho que vai ter que me ensinar a ser menos babaca. Às vezes me esqueço do quanto é diferente das mulheres que conheço. — Ele sorri maliciosamente, pega o sabonete líquido e, desta vez, coloca-o em minhas mãos.

— Vamos, querida. Agora faça o que quer fazer — ele me desafia.

Ergo uma sobrancelha, provocadora.

— Meu marido agora lê pensamentos? — questiono.

— Não preciso lê-los para saber o quanto apreciou me tocar na primeira vez e que deseja fazer isso novamente. Não é verdade, esposa?

De fato, cada experiência tátil e exploratória foi bastante instigante, não posso negar. Meu marido é um homem impressionante. Começo a ensaboar seu peitoral firme. Seus músculos são duros e moldados, mas nada

exagerados. Evito a carne rija que, vez ou outra, roça em meu abdômen, ainda me lembrando da sua textura macia e revestida de aço. Ao se dar

conta de que não irei lhe tocar onde ele deseja, Alexei segura a minha mão, guiando-a, deslizando-a pela sua parede forjada em músculos, até que ela chegue próxima à zona de perigo. Envolvo a carne dura e pesada entre os meus dedos, percebendo o corpo forte pulsar. Faço leves movimentos de vai e vem em volta da estrutura quente e maciça.

Ouço o seu pequeno rugido de tesão. Os ensinos de Yrine fazem mais sentido agora sobre a busca e o controle de prazer. É por isso que muitas mulheres praticam constantemente o pecado da luxúria. O homem diante de mim é um verdadeiro tsunami na cama, e quando ele fode, é para valer.

Ainda sinto a sua posse na minha intimidade e estou dolorida. Se ele me tomar novamente, é provável que amanhã eu acorde toda arrebentada. Mas essa dor é diferente da primeira vez. Alexei me mostrou algo novo, e eu desejo desvendá-lo, perder-me em meio à sua promessa prazerosa.

— *Cazzo*! Perfeita para mim, *ragazza* — ele sussurra indecentemente, encostando-me na parede e interrompendo o meu afago no seu eixo grosso.

Rapidamente, ele suspende uma das minhas pernas e eu sinto seu membro duro na minha entrada. Posso sentir a cabeça volumosa me sondando. Estou molhada e ansiosa somente com os estímulos das suas insinuações cruas e picantes.

— Minha Ella — ele sentencia as palavras com posse enquanto seu pau busca passagem em meu corpo.

Ainda estou sensível pelo nosso recente encontro, porém ele está sendo carinhoso, apesar de ser vigoroso em suas estocadas. Meu marido beija meus lábios e suga meus seios como se me reverenciasse. Em poucos minutos estamos os dois gemendo, descontrolados. Eu enrosco as pernas em volta dos seus quadris estreitos e minhas mãos envolvem o seu pescoço forte, enquanto as suas possessivas cravam em meu traseiro, sustentando-me ao mesmo tempo em que sou tomada com uma maior intensidade.

Após eu ser arrastada pela onda gigantesca de satisfação, Alexei sai do meu corpo antes de gozar. Fico surpresa com a sua atitude e, em seguida, terminamos de tomar banho. Ele, com cuidado, me envolve em uma toalha felpuda e me carrega de volta ao quarto.

CAPÍTULO 26

ANTONELLA DVORAK

15 dias depois

Ser a esposa de um mafioso está sendo completamente diferente do que supus. Meu marido me deixa confusa e desestabilizada. Eu esperava somente um casamento de aparências e submissão, porém, com Alexei me sinto... Na verdade, não sei definir exatamente a torrente de emoções que ele me desperta. E não é só referente ao sexo, apesar de que quando ele está na mansão, é o que mais fazemos. Aliás, ele não perde a oportunidade de me seduzir em vários cômodos da casa, então é difícil encontrar um local onde ainda não tenhamos transado, independentemente do meu medo de sermos flagrados.

Nas raras ocasiões em que me encontro sozinha e sem sentir a vigilância constante de algum soldado, dos empregados ou até mesmo de câmeras, ligo do telefone do escritório para o convento, pois sempre preciso saber como está Lua. Em duas dessas ligações, consegui falar com a pequena. O que me deixou com o coração ainda mais esmagado pela saudade. Mas o que fez eu me sentir péssima foi escutar sua voz me perguntando quando eu iria buscá-la. Naquele momento foi inevitável que meus olhos não ficassem nublados pelas lágrimas. Só pude falar que seria em breve.

A mansão é um espaço menor do que o Palazzo, mas, mesmo assim, é cercado por altas muralhas e tem soldados por todos os lados. Na construção clássica e moderna predomina até mesmo um pequeno heliponto próximo ao jardim. O que facilita as viagens que meu esposo precisa fazer ocasionalmente. Aliás, já faz dois dias que ele está fora, e por algum motivo sinto a sua falta. Na maioria das vezes tenho acordado perto do meio-dia devido às noites intensas e luxuriosas que passo em seus braços. Às vezes é

difícil acreditar que a mesma coisa enorme que me causou tanta dor, agora me proporciona tanto prazer.

Estou com a dona Catharina tomando um delicioso café da manhã.

Sinto o meu rosto rubro por conta das recordações impróprias e uma vibração nova e totalmente diferente. É como se eu pudesse sentir sua posse viril em minha intimidade. Somente por imaginar isso, fico mais enrubescida.

— Ella, querida, creio que seja melhor entrarmos na mansão. O sol já deve estar forte, porque sua pele está levemente rosada.

Meu constrangimento agora deve ser ainda mais notório.

— Não se preocupe, dona Catharina. Acho que ar fresco e sol são exatamente o que necessito — desconverso e pego uma fatia de bolo de baunilha e um pouco de suco de uva.

Logo avisto a presença imponente do meu marido surgir pelo jardim.

Ele está com um terno escuro e deliciosamente irresistível. Contudo, algo capta a minha atenção de imediato: ele está com uma criança. Um choque entorpecente paralisa o meu organismo assim que a reconheço. Levanto-me abruptamente da cadeira, sentindo as lágrimas molharem o meu rosto. A dona Catharina apenas me observa, abismada com a minha atitude.

— Ella, querida, está bem? — ela questiona, mas parece que tenho uma trava na garganta.

Saio da inércia que me paralisou momentaneamente, assinto com a cabeça e corro em disparada pelo jardim.

Vejo a figura pequenina de Lua soltar a mão de Alexei e correr em minha direção. Estamos próximas novamente. Aconchego seu corpo pequeno em meus braços, agradecendo a Deus por tê-la comigo. Minha pequena. Sinto seus bracinhos finos envolverem o meu pescoço e a beijo sem parar.

— Oh, meu amor! Eu não acredito que você está aqui. — Apalpo o seu corpinho a fim de comprovar que não é somente um sonho.

— Ella! Minha Ella! — Lua balbucia, animada com o nosso reencontro.

Vejo Alexei se curvar, ficando à nossa altura.

— *Piccola*, Ella agora é minha, mas posso dividi-la ocasionalmente com você, desde que não a roube de mim — comenta meu marido em um tom de brincadeira com Lua. No entanto, pude detectar a posse em suas palavras. — Já conversamos sobre isso, recorda-se?

— Sim. O senhor me disse que vocês se casaram. Só que estou muito feliz de revê-la. Pensei que nunca mais sairia daquele convento. As irmãs me tratavam bem, mas lá não era o mesmo sem a Ella.

— Eu também estou muito feliz em vê-la, meu amorzinho. Agora, me diga se está bem. Te fizeram algo ou tem algum machucado? — pergunto, ignorando Alexei, e procuro por hematomas em Lua.

É um alívio verificar que ela não sofreu nenhum arranhão.

Olho para cima e percebo o semblante duro dele a me encarar. Olhos tão azuis e tempestuosos como um dia de tormenta. Estremeço. Ele descobriu o meu ponto fraco.

— A menina não está ferida, esposa — assegura, retornando à sua pose fria e habitual.

As ameaças anteriores voltam a martelar em minha mente com força.

— Lua, querida, sei que você gosta de rosquinhas caramelizadas com chocolate. Aquela mesa está cheia de guloseimas deliciosas. Por que você não vai até lá e aproveita?

— Oba! — ela fala, exultante como toda criança. — Eu posso? —

questiona, indecisa, quando vê a minha sogra.

Reparo que a senhora Catharina acena em nossa direção, fazendo um gesto para que Lua se aproxime dela.

— Claro, meu amor. Eu logo irei até vocês. — Eu a beijo no rosto e ela sai em disparada para a mesa de guloseimas.

Levanto-me mais uma vez com o auxílio do meu esposo. Não tenho coragem de encará-lo neste momento. Ele já deve ver estampada a verdade em minha face.

— Não me omita segredos, *la mia amata*. De um jeito ou de outro, eu os descobrirei sempre.

— Sinto muito. Mas como esperava que eu reagisse? Você ameaçou a pessoa por quem eu me sacrifiquei — acuso-o, por fim, encarando seu rosto masculino, e constato que ele está com o cenho franzido, demonstrando incompreensão. Ele não pode ser tão volátil assim. — Você disse que se descobrisse por quem sacrifiquei a minha virgindade, não teria piedade da pessoa.

— *Cazzo*! Não pode me condenar por isso, até porque fui o seu escolhido pelas circunstâncias, não se entregou a mim por livre escolha.

Isso você deixou muito claro, esposa. — Ele passa as mãos pelos seus cabelos, impaciente, e depois volta a fixar o olhar em mim. — A verdade é que pensei que você estivesse apaixonada por outro homem, por isso eu disse aquilo.

— Apaixonada por outro homem? Como isso seria possível? Eu fui praticamente criada em um convento e mal tive contato com outros homens.

Meu pai não me permitia viver de maneira normal e mundana. Desde o início eu já sabia qual seria o meu destino: ser a esposa de um mafioso.

— Ele conseguiu, *ragazza*: é a esposa de um mafioso. Está contente?

— É. De certa maneira, estou. — Encaro-o e vejo um sorriso se elevar nos seus lábios firmes.

Uma tempestade sexual chamada Alexei entrou em minha vida devastando tudo que viu pela frente, tomando-me, venerando-me e me marcando. Seria hipocrisia minha dizer que não estou apreciando estar na sua cama.

— É melhor retornar à mesa, *bambolina*, antes que eu decida levá-la lá para cima e devorá-la duramente por horas consecutivas como um animal. Não sabe o meu anseio de fazer exatamente isso.

Jesus! Ele não pode estar falando sério. Faz somente dois dias que não o sinto, mas é como se fosse uma eternidade. Na última vez que ele me tomou antes de ter que viajar, deixou-me vermelha e inchada. Tive que recorrer a uma pomada na manhã seguinte. Todavia, diferentemente da experiência nada agradável da primeira vez, era uma dor gostosa de posse.

Ele sempre me deixa ansiosa pelos nossos próximos encontros. Devo reconhecer que é muito mais instigante ter um marido jovem e fogoso na cama do que um velho decrépito e asqueroso. Ankys quase conseguiu acabar comigo, mas o destino teve o seu próprio trajeto.

Ao contrário da primeira vez, agora sei perfeitamente que não é um sacrifício compartilharmos os prazeres na sua cama e me submeto a isso com vontade. Em certas ocasiões coro ao pensar na sua dureza enorme e pulsante em minha boceta, proporcionando-me prazer e me atingindo em lugares inimagináveis, os quais eu desconhecia completamente.

Somente esse pensamento faz minha pele se arrepiar, e um latejar insistente me faz ter consciência da sua presença dominante.

— Não me olhe assim, esposa, a não ser que seja exatamente o que deseja que eu faça. — Ouço o seu suspiro de pesar. Ele parece lutar contra algo internamente. — Não é conveniente no momento. *Dio*! É uma tentação constante, Ella, mas não posso delegar compromissos importantes para fodê-la.

— Claro, marido. É compreensível. E não quero ser a causadora do seu atraso. Afinal, não será dominado por uma boceta — a frase ácida pula dos meus lábios, sem controle, depois que me lembro daquele dia e da sua aspereza.

— Você adora me provocar, *ragazza*. — Sinto seu polegar traçar delicadamente o meu lábio inferior. Imediatamente sinto uma quentura gostosa se propagar pelo meu corpo e, por instinto, quase prendo o seu dedo em meus lábios, mas retorno à razão a tempo. — E eu adoro essa boca suja, principalmente quando me implora para comê-la mais forte.

Que depravado! Meu rosto fica rubro no mesmo segundo. Ainda bem que estamos a uma distância segura de outras pessoas, ou eu morreria de

vergonha se alguém escutasse o nosso diálogo.

— Eu não imploro — asseguro sem ter a certeza exata. É possível que, no calor da paixão, eu solte algumas palavras desconexas.

— Não? Pois me certificarei de que na próxima vez implorará, e eu não serei gentil, vou meter fundo e gostoso.

Meu marido é um mafioso indecente e com um ego colossal. É dono de si e sabe do efeito devastador que o seu toque ardente me causa.

Retorno à realidade quando ouço a risada doce da minha irmã. Céus!

Como Alexei consegue me desestabilizar completamente? Como passamos de uma simples conversa sobre a descoberta dele de Lua a um jogo picante e sensual? Ele consegue me desarmar de um jeito que nem eu mesmo compreendo.

Entretanto, é certo que ele não me punirá pela pequena omissão.

Posso perceber nitidamente em seu olhar. Mas ainda preciso saber como ficará a situação de Lua, pois ele não pode afastá-la de mim mais uma vez, até porque isso me destroçaria por completo. O clima erótico já se dissipou da minha mente, e agora só existem dúvidas e incertezas.

Assim que eu o encaro, ele me assegura como se tivesse lido os meus pensamentos:

— Já solicitei à Angela que prepare um quarto para a criança, pois ela agora está sob a minha proteção. Viu só, esposa? Eu não sou nenhum Lobo Mau.

— Ele se aproxima do meu ouvido de forma imoral. — A não ser na parte que se refere a eu devorá-la. Perto de você, sempre me sinto faminto e insaciável.

É inevitável que os pelos dos meus braços não se arrepiem com o seu tom fogoso. E a alegria de confirmar que os meus temores eram infundados me deixa repleta de gratidão. Não consigo esconder as minhas emoções, então os meus olhos se inundam em lágrimas. Meu rosto está molhado. Em seguida, sinto dedos ágeis enxugá-lo lentamente. Céus! Só pode ser os malditos hormônios da gravidez.

— Obrigada, Alexei. Não tenho como agradecer.

— Eu poderia imaginar mil formas, *la mia amata*, mas meu desejo é que venha a mim espontaneamente. — Coro de forma brusca ao me atentar aos tipos de indecências que devem transpassar pela sua cabeça. Seus dedos longos e grossos contornam o meu queixo, fazendo-me encará-lo. —

Necessito ir agora. No entanto, quero que me prometa, Ella, que nunca mais me esconderá absolutamente nada.

— Eu prometo, marido. — Meu coração está irradiando felicidade.

Agora eu seria capaz de prometer toda a constelação estelar para ele.

Mas não é necessário, Alexei é um homem que já possui tudo da sua maneira. E parece que o controle faz parte da sua vida como o próprio ar.

O homem enigmático some pelo jardim, e só quando ouço a voz suave e doce de Lua a me chamar, saio da minha divagação. Depois vou ao encontro das duas e sinto o meu coração transbordar ao ver o sorriso inocente da minha irmã. Encho-a de beijos e de muito amor. Prometo que, a partir deste instante, nunca mais nos separaremos.

CAPÍTULO 27

ALEXEI DVORAK

Alguns dias depois

Depois de mais uma semana agitada e intensa com os compromissos da máfia, finalmente estou em casa. Sorrio com isso. Dá-me um ânimo a mais saber que sempre terei os braços calorosos e macios da minha esposa para retornar. Há algumas semanas esse seria um pensamento ridículo, eu sei, mas de uma forma que não compreendo corretamente, Ella já é uma parte significativa da minha vida, e não somente pelo possível bebê que está gerando.

Analiso os gráficos dos lucros obtidos no último semestre, na tela do computador, e constato que uma quantia substancial foi acrescentada à nossa imensa fortuna. As inaugurações das boates de luxo em todo o território do continente europeu seguem a todo vapor e nos trazem grandes retornos financeiros. Bebidas, jogos clandestinos e drogas ilícitas são despachados nesses locais. Homens e mulheres não são contidos e gostam da devassidão selvagem que esses lugares propiciam. Sexo, bebidas, sigilo e altas doses de diversão são garantidos nesses estabelecimentos. Ninguém imagina que por trás desse mundo obscuro, grandes figuras ilustres da sociedade procuram um lugar desse repleto de orgias.

Abro outra janela em meu laptop e verifico a conta que abri para a minha esposa no banco da família. Uma quantia considerável surge na tela.

Tenho certeza de que nem mesmo ela imagina que é uma mulher riquíssima. Toda a fortuna de Ankys passou para o seu controle, e o território do nosso traidor “aliado” passou para a *famiglia*. Ainda sinto o ódio me tomar só por me recordar da ousadia do *maledetto*, embora ele tenha trazido Antonella para os meus braços.

Mesmo que tudo pareça sob controle, algo ainda me incomoda: as ameaças constantes que Hardy vem recebendo em relação à esposa. É como se um inimigo maldito tivesse descoberto que o meu irmão é casado e esteja usando o seu ponto fraco para atingir a *famiglia* e conseguir muito dinheiro ou até mesmo o nosso território. Mas, infelizmente, são apenas suposições.

Meu irmão não perdeu tempo esperando por algo ruim ou pela próxima jogada que pudesse acontecer contra a sua bela esposa, então agora passa a maior parte do seu tempo em Nova Iorque observando-a, espreitando-a como um animal irracional.

Não posso culpá-lo por agir como um maldito controlador previsível.

É o nosso dever manter a família sempre segura. E minha cunhada, Brianna, sempre fará parte da família, aceitando ou não esse mundo obscuro. Não é porque ela não está sob o mesmo teto que o meu irmão, que não lhe pertence. Tenho a compreensão de que Hardy nunca a deixará partir de verdade e viver sua própria vida, muito menos que outro homem ocupe a cama dela.

Somente agora consigo compreender esse sentimento insano e irracional, já que compartilho dele. Independentemente de existir um bebê ou não no ventre da minha *bella moglie*,[62] nunca permitirei que ela vá embora, mesmo que agora seja uma mulher extremamente rica e não dependa da minha fortuna. A verdade é que nunca a deixarei ir. Ella me descontrola completamente e, de certo modo, eu gosto disso. Sorrio, ambicioso. Pelo menos na cama sou refém da sua paixão.

Levanto-me da poltrona em que estou e me sirvo um copo de uísque.

O líquido amarelado parece muito convidativo neste instante. Beberico-o, sentindo-o queimar minha garganta.

Somente o fato de não conseguir tirá-la do meu pensamento já me deixa cheio de tesão. Porra! A primeira coisa que fiz ao chegar de viagem foi acordá-la com beijos sedentos e carícias ousadas. Ao verificar o quanto a bocetinha apertada dela estava encharcada e quente, não perdi tempo e me desfiz das nossas roupas. Depois estoquei duro e fundo dentro do seu corpo como um maldito animal insaciável em busca da sua fonte de prazer.

Ella é muito quente e responsiva. Sua curiosidade e avidez em relação ao sexo me deixam ainda mais alucinado. Em certos momentos ela me tem, literalmente, de joelhos. Por sorte, minha adorável esposa desconhece o quanto me domina. É difícil imaginar que ela foi criada em um convento, quando deixa o meu pau faminto à espera de mais. Sinto-me tão apertado dentro dela, que é difícil me segurar e não gozar em questão de segundos, principalmente quando sua boceta estreita me esmaga em seu corpo como se não quisesse me soltar jamais.

Ouço o barulho de risadas vindo do extenso jardim e reconheço os sons das vozes doces e distintas de Ella e sua irmã. Olho-as através da janela do escritório e sorrio. Lua está correndo atrás da cachorrinha poodle pelo gramado. Notei que a pequena gosta de animais, e para que ela não fique sozinha nas ocasiões em que eu estou com a minha esposa, mandei deixar na mansão, na manhã seguinte da sua chegada, o animal que escolhi em um petshop. A bola branca de pelos parece fazer a maior bagunça pelo gramado e as duas, aparentemente, estão tentando pegá-la para um banho.

Observo quando Angela surge no jardim e se aproxima da minha esposa, dando-lhe a ordem que solicitei há alguns minutos. Ela está linda em um belíssimo vestido floral que abraça as curvas do seu corpo com perfeição. Eu a deixei somente há poucas horas, mas já me sinto duro, faminto de tesão. Ella é linda demais, no entanto parece não se atentar sobre o quanto é bela. O perfume inebriante da sua doce pele misturado ao do sexo bruto e intenso que compartilhamos ainda queima em meus pulmões, deixando-me embriagado, sedento, esfomeado. Não existe no mundo uma fragrância tão afrodisíaca e potente quanto o aroma da minha mulher depois do sexo. É *sexy* para caralho sentir meu cheiro misturado ao seu marcando a sua pele deliciosa.

A atrevida em breve estará em meu escritório. Tento refrear os meus pensamentos imorais, ou necessitarei de outra dose de Ella. Mas tenho o conhecimento de que a minha pequena esposa ainda deve estar vermelha e inchada do nosso último encontro tempestuoso.

Não demora muito e logo ouço uma leve batida na porta. Autorizo a sua entrada e observo a figura miúda invadir o meu espaço, ainda ofegante.

Sua pele branca está levemente ruborizada e deliciosamente irresistível.

— Bom dia, marido. — Ela mantém o sorriso doce nos lábios, porém seu rosto está tenso e pálido, em apreensão. Algo a está preocupando.

Vejo-a passar lentamente a língua macia pelos seus lábios cor de morango e sinto meu pau endurecer dentro das calças. Caralho! Minha esposa é uma tentação constante. Contemplar a cena inocente me deixou quente, e mesmo que tenha sido despretensiosa a sua ação e nada referente à sedução, a única

coisa que consigo imaginar é o meu gozo escorrendo pelos cantos da sua boca gostosa.

— *Buongiorno, moglie*. [63] — Coloco as mãos nos bolsos da calça para tentar amenizar a dor do tesão, ou acabarei agarrando-a e a jogando sobre a mesa, para depois a foder até que ambos fiquemos exaustos e saciados.

Os olhos de um azul cristalino, assustados, ainda me fitam com reserva. É como se ela me questionasse o motivo da sua presença no escritório. Saio da minha inspeção libidinosa, pego a caixinha que deixei na superfície plana da mesa de carvalho e a entrego. Ela apenas me observa, curiosa.

— O que é isto?

— Um presente, *bambolina*. Abra — ordeno.

Ela observa a caixa com um certo receio, e quando retira a tampa, vê o celular rosé cravejado em pequenos diamantes rosa. No mesmo segundo arregala os olhos. Assim, comprovo que minha adorável esposa não está acostumada a ganhar presentes. Uma garota rica que foi privada de coisas básicas.

— Mas... Mas você já me deu o que eu mais desejava. Não posso aceitar. — Empurra a caixa em minha direção.

Minha garota gosta de me provocar.

— É minha esposa, Ella. Além do mais, é meu dever lhe prover do bom e do melhor. *Cazzo*! É provável que se não tivesse uma *personal*

stylist, compraria suas roupas em um brechó — digo asperamente devido à sua recusa.

Quem em sã consciência rejeitaria um dos IPhones mais caros e exclusivos do mundo?

Identifico um brilho de raiva perpassar o seu olhar azul. Ela fica ainda mais linda irritada.

— E qual é o problema com um brechó? — questiona e já emenda sarcasticamente sua pronúncia. — Claro. Seria inadmissível que a esposa de Alexei Dvorak, o dono de toda a Itália, usasse roupas de um brechó.

— Não coloque palavras na minha boca, *ragazza*. Mas sim, seria inadmissível. Só que a questão aqui é que a minha intenção foi te agradar, já que teve uma vida inteira de privações. Eu só queria...

— Me comprar? Quer se sentir ainda mais o meu dono, me relembrando cada vez mais de que não tenho onde cair morta.

— *Porca miseria*! Por qual motivo chegamos a esse diálogo? Não sabe do que fala. Sempre diz que foi treinada para ser uma dama, então só deveria agradecer o presente, como uma dama, de fato, faria.

— Não pode me comprar com presentes caros.

— *Che Diavolo*! Em nenhum momento foi essa a minha intenção —

digo, duro e cruel.

Merda! O que saiu do controle? Ela prefere que eu compre uma porcaria qualquer em um artigo de coisas usadas?

— Como não? Há três dias chegou à mansão um enorme piano de cauda. Não um qualquer, mas um dos mais caros do mercado. Também me compra tantas joias e diamantes, que nunca conseguirei usar tudo em uma única vida. E agora sou presenteada por um celular que, provavelmente, pode suprir as necessidades de uma família pobre por anos. E só para que saiba, farei questão de abrir o maior brechó da Sicília um dia — assegura.

— *Porca miseria*! Estou tentando compreender até agora que pecado cometi em querer agradá-la? Pode apostar, *bambolina*, que tenho

consciência de cada uma das minhas malditas infrações, mas eu não imaginava que tentar agradar a minha esposa seria uma delas.

Seus grandes olhos azuis estão marejados em lágrimas. *Dio*! Por que mulheres são criaturas tão temperamentais? Respiro fundo, tentando

racionalizar com calma. Eu só consigo imaginar um jeito de calar sua linda boquinha. Depressa, sou assolado por pensamentos indecentes: Ella me mamando, levando-me fundo para dentro da sua garganta quente. Caralho!

Em vez da discussão ridícula me deixar irritado, está me deixando excitado, brutalmente duro de tesão.

Existe uma única explicação para a sua exasperação: os malditos hormônios da gestação estão fora de controle.

— Desculpe. Acho que fiz uma tempestade em um copo d'água. A verdade é...

— Está assim por causa do bebê — considero. — Eu tolerarei a sua impertinência somente por esse fato, esposa — advirto.

Ela nega, sacudindo a cabeça.

— Seria um ótimo pretexto para o meu recente descontrole, mas...

eu... Eu não estou grávida. Então, não tem por que gastar rios de dinheiro com a mulher que, provavelmente, mandará embora, ou seja lá o que for.

Contraio as minhas feições repentinamente, tentando compreendê-la.

— Ao que está se referindo? — Que ideia tola é essa de que a deixarei ir? — Vamos, esposa, diga.

Reparo que seu rosto está um pouco pálido. Merda! Talvez eu tenha exagerado e exigido muito do seu corpo. Eu deveria ter sido mais cauteloso, mas minha esposa gostosa sempre me deixa sedento como um lobo faminto desejando mais.

— Eu... Eu... não estou grávida. Minha menstruação veio durante a semana que você passou fora. Eu...

Um estranho pesar me domina. Eu já tinha me acostumado com a ideia da minha Ella carregando um filho meu em seu ventre.

Antonella continua cabisbaixa como se a culpa fosse dela. Ela levanta o rosto e eu encontro incerteza estampando o seu olhar. *La mia amata* está com medo do que pode acontecer. Que tipo de cicatrizes Anthony deixou na filha?

— Eu sinto muito. Parece que se casou comigo a troco de nada. E se quiser se des... Desfazer do casamento e me mandar embora, eu vou compreender — ela sugere com uma certa calma, só que tudo se trata de uma película de autopreservação.

— *Diavolo*! De onde tirou essa ideia ridícula? Pode não estar grávida ainda, mas o nosso casamento continuará. Eu te disse que seria permanente, até porque você sabe como são regidos os casamentos dentro da máfia. E

não pode ter tanta certeza assim. Não foi somente uma vez que transamos sem preservativo.

— Mas eu pensei que...

— O seu problema é pensar, Ella. Não pense, apenas aprecie as sensações que o seu marido consegue te despertar. Agora, venha aqui. Vou te mostrar o quanto me pertence e que não abrirei mão de você.

Ela se aproxima de mim como um animalzinho acuado de início.

Neste momento tenho vontade de matar Anthony mil vezes.

— De joelhos, *la mia amata* — ordeno, rouco.

Noto quando ela desliza vagarosamente o seu olhar repleto de curiosidade pelo meu corpo. Sua atenção se fixa no volume obsceno que se forma na frente da minha calça.

— O quê? Você quer que eu te chupe aqui no escritório? — Ela cora lindamente quando entende a minha intenção libidinosa. — E se alguém aparecer?

— Às vezes é muito ingênua, *bambolina*. Ninguém seria estupido o suficiente para adentrar esse cômodo sem permissão, ou estaria correndo o

risco tolo de ser deformado pela minha pistola. Agora, faça o que deseja.

Deixe-me louco. Eu sei que te agrada saber que tem esse poder sobre o meu corpo.

Reparo no seu tom de pele rubro. De fato, essa é uma experiência que sei que a agrada, e me deixa ainda mais alucinado ter essa percepção.

Ella se aproxima lentamente de mim, seguindo as minhas instruções, e um brilho sensual e ousado perpassa o seu olhar. Essa mulher é quente. E

as faíscas de desejo que estão em suas írises cristalinas de um azul profundo apenas fazem com que eu anseie por desbravar o seu mar de mistério e sedução.

— *Cazzo*! Veja o que faz comigo, *bella mia*.

Ela começa a abrir a minha calça, descendo o zíper, e, em questão de segundos, meu pau salta em suas mãos, tão grosso e brutalmente dolorido.

Rujo ao sentir seus dedos delicados me envolvendo em uma doce sincronia de vai e vem. Puta que pariu! Meu saco se aperta, contraindo-se dolorosamente. Sinto minhas bolas pesadas pelo crescente tesão. Seu toque é gostoso. Ela passa lentamente a ponta da língua entre seus lábios rosados e depois engole a minha estrutura até onde consegue acomodá-la, sem forçar o seu limite. Seus olhos azulados se esbarram com os meus e eu quase me derramo em sua boca deliciosa. A cena é instigante para cacete.

Contemplar sua boquinha rosada cheia com o meu pau é excitante. Caralho!

Sou o único homem que foderá todos os buracos do seu corpo. Seguro seus cabelos longos em um rabo de cavalo. Minha vontade é de socar até as bolas na cavidade apertada, no entanto me detenho. Ela ainda não está pronta para uma garganta profunda e tenho noção de que sou grande e grosso. Até porque não desejo sufocar minha linda esposa com o meu cacete.

Ela alterna entre lambidas e chupadas. Inferno! Eu quase me derramo quando sinto a língua da minha adorável mulher rodopiar a glande sensível e atingir um ponto específico com precisão. Jogo a cabeça para trás, urrando

de prazer. Antonella me mama com tanta vontade, que sempre me questiono onde ela adquiriu essas habilidades. Refreio a onda violenta que vem à minha mente, pois só de imaginar algum *figlio di puttana* provando dos seus doces encantos, o meu instinto assassino é ativado bruscamente.

Merda! Nenhum outro provará da sua doçura e inocência.

A cólera momentânea é dissipada pelo fogo do tesão que percorre em minhas veias. Porra! O instinto animal se sobrepõe ao racional, e eu desejo corrompê-la e absorver toda a sua paixão.

— Relaxe a garganta e respire pelo nariz, *ragazza*. Eu vou foder sua boca gostosa.

Ela arregala os olhos, assustada no primeiro instante, porém segue minhas instruções. Sinto minha estrutura estremecer com a sua obediência.

Depois a farei gozar gostoso sobre a minha mesa. Ela merece ser punida pela sua insolência de minutos atrás. Irei castigá-la duramente com a minha língua. Esboço um meio-sorriso apenas ao imaginar seu gosto doce em minha boca.

Dou início aos movimentos, preguiçoso, sentindo a cavidade úmida e quente acomodar o meu eixo rijo. Não vou tão fundo para não lhe causar desconforto. Sempre leio as mensagens do seu corpo. Um prazer imensurável me domina quando contemplo a cena excitante do meu pau sumindo entre os seus lábios. Neste instante Ella me tem pelas bolas e nem compreende isso.

Com a forte sensação que me desnorteia, não tarda muito e logo sou atingido pelo forte prazer que minha esposa me provoca. Meu saco se contrai e eu sinto o jato quente ser expelido no fundo da sua garganta saborosa. Urro pela onda gigantesca de satisfação que me toma. Um pouco de sêmen escorre pelos cantos dos seus lábios e eu o limpo com o polegar, fazendo-a sugá-lo lentamente. Ela obedece como uma boa garota.

Depois a levanto, seguro sua nuca possessivamente e grudo os nossos lábios em um beijo selvagem e desesperado, sentindo o gosto da minha porra em

sua boca. Antonella está com o gosto do seu homem. Dessa maneira, nunca se esquecerá a quem realmente pertence.

Estou como um tornado em descontrole. É esse o desejo que minha doce esposa me proporciona. Levo-a até a superfície de madeira de carvalho, depositando-a nela. O seu ofego delirante me deixa ainda mais obcecado. Seguro firme em suas coxas roliças e subo o seu vestido até a altura da cintura. A pele suave se eriça sob o meu contato e ela me encara

com seus lindos olhos azuis quentes. Os lábios empolados do recente beijo me deixam ainda mais esfomeado, dependente da sua paixão.

— É a minha vez de prová-la, esposa. E se for uma boa *ragazza*... —

Sorrio, pretensioso. — Eu a farei gozar mais de uma vez. Agora, se abra para mim e me deixe apreciá-la — ordeno, cobiçoso, afastando o tecido miúdo que cobre sua linda boceta quente e molhada.

Puta que pariu! Ela está muito gostosa. Aperto de leve o seu clitóris e a ouço gemer.

— Ai! Você me beliscou?

Rio, rouco.

— Eu vou fazer muito mais do que isso, esposa.

Sinto o seu doce perfume afrodisíaco entorpecer meus sentidos e puxo bruscamente o decote do seu vestido, quase rompendo o tecido frágil.

Rapidamente, os seios alvos e deliciosos saltam, para o meu deleite. Os biquinhos cor de framboesa já se encontram rígidos e excitados. Minha língua formiga com a vontade insana de mamá-la. Antonella é muito responsiva, apesar de, muitas vezes, eu enxergar surpresa em suas expressões por ela não compreender as próprias respostas do seu corpo.

Meus olhos se chocam com os seus e eu vejo em suas írises o desejo de amar e ser amada. A percepção desse sentimento deveria me deixar em pânico, porém me surpreendo porque essa constatação tem um efeito contrário.

Regozijo-me internamente antes de abocanhar sua carne pulsante e suave e a levar ao precipício extremo da luxúria.

CAPÍTULO 28

ANTONELLA DVORAK

Um mês depois

O salão de festas está lotado. Mantenho um sorriso singelo enquanto sou apresentada a ilustres figuras da sociedade. Imagino que a grande maioria delas tem um lado obscuro mantido oculto.

Alexei parece habituado a esse tipo de evento. Reparo que meia dúzia de mulheres me olha com os semblantes nítidos de desdém estampados em seus rostos que mais parecem de borracha devido ao excesso de maquiagem. Imagino que se deve ao fato de eu ser a esposa de um homem importante. Identifico também uma pitada de inveja nelas ao me verem ao seu lado. Óbvio que não sou cega e compreendo que meu marido é um homem cobiçado e, devo confessar, muito bonito. Na verdade, talvez a palavra "bonito" não se enquadre perfeitamente para externar toda a beleza morena e perigosa que ele exala. Sei bem o efeito que sua mera presença masculina causa nas mulheres, visto que também fui atingida pelo charme italiano de Alexei Dvorak.

Algumas mulheres devem ter ficado tristes ao se inteirarem do casamento e que um dos maiores partido da Itália está fora do alcance delas.

Pelo menos eu espero que esteja, pois não suportaria descobrir que o meu marido mantém alguma amante secreta em algum lugar do mundo, mesmo que as frequentes viagens que ele faça sejam referentes aos negócios da *famiglia*. Ao menos prefiro acreditar nisso, ainda que ele não me comunique absolutamente nada sobre esses assuntos.

O simples pensamento de que ele pode manter alguma amante me quebra por dentro, fazendo com que eu sinta uma dor aguda como se fosse quase física, ainda mais por me lembrar de toda a dor e sofrimento que mamãe teve que suportar durante o seu infeliz casamento. Eu não suportaria

passar pelo mesmo e ter que fingir indiferença, porque, mesmo que ambos não tenhamos tido opção, sinto como se o destino tivesse traçado o jeito certo de como tudo tinha que acontecer. O que poderia ter se tornado o meu pesadelo se transformou em minha única salvação.

Por isso que quando confirmei que não estava grávida, um forte pesar se abateu sobre mim. Era como se já existisse uma pequena vida em meu ventre e eu a tivesse perdido. As lembranças dolorosas de agressões psicológicas que Anthony infligiu em mamãe por anos consecutivos me atingiram com força como golpes de fracasso. E a reação de Alexei me surpreendeu. Aliás, a verdade é que a cada dia o meu marido me surpreende mais e novos sentimentos ameaçam surgir.

Em um determinado momento já estamos sentados à mesa com vários outros convidados. O anfitrião está ocupando a cabeceira, um lugar de destaque. Agora sinto um alívio tremendo, já que meus pés estavam me matando. Não estou acostumada a usar saltos altos.

Uma mulher bela, trajada em um belíssimo vestido negro, senta-se a uma mesa próxima. Ela me parece familiar. Com os cabelos platinados e sob a luz artificial, ela se encontra de perfil, mas quando se vira em minha direção, o reconhecimento é imediato. Yrine conseguiu fugir? Um forte sentimento de alegria me toma e um sorriso bobo estampa a minha face.

Contudo, quando me deparo com o seu acompanhante, o meu corpo gela e meu sorriso morre no rosto repentinamente. Ela está acompanhada do velho Sanches. Eu o reconheço. Mesmo que ele não esteja tão gordo quanto antes, suas feições demoníacas são impossíveis de esquecer. É como se ele fosse o terror das criancinhas inocentes.

O que Yrine está fazendo com um ser tão desprezível quanto o velho pedófilo? Está treinando menininhas para ele? Fico trêmula apenas ao imaginar essa atrocidade. Como ela consegue fazer isso? Ainda mais depois da confissão dolorosa do seu passado.

Seu olhar foca em mim e eu vejo surpresa nele. Ela acena a cabeça, em sinal de reconhecimento. E para o meu completo desagrado, o olhar do velho asqueroso também se choca com o meu. Não sei se ele me

reconheceu, mas me encara com uma intensidade desconcertante. Também capto um rastro de um sorriso nojento nos seus lábios finos e me arrepio, em repulsa. Ele desvia os olhos rapidamente e sussurra algo no ouvido de Yrine.

Sinto um embrulho de repulsa se formar em meu estômago e tomo um gole de água. Agradeço a Deus neste instante por Lua estar protegida em um local seguro. Ele não pode fazer qualquer maldade contra nós.

A refeição tem início, mas o clima está pesado com aquela presença nefasta. Olho para a sopa clássica de minestrone, que exala um aroma maravilhoso, mas parece que tenho uma trava na garganta. A comida parece insípida. Só consigo imaginar os olhos diabólicos e escuros me observando minutos atrás.

O bramido baixo do meu marido me tira da minha análise perturbadora de pensamentos.

— Bando de *figli di puttana*![64] — Ouço o seu sussurro de advertência enquanto sua mão atrevida pousa em minha coxa nua por baixo da mesa.

Coro no mesmo instante ao relembrar que estou completamente nua por baixo do vestido. Se Alexei subir um pouco mais a mão perceberá claramente esse fato.

Repreendo-me no mesmo minuto por ter dado ouvidos à minha *personal stylist*. Onde eu estava com a cabeça ao aceitar sua sugestão?

— *Diavolo*! O que aquela estilista tinha na cabeça ao produzi-la como uma *femme fatale*? [65] Irei demiti-la — ele exclama e leva a taça de vinho tinto aos seus lábios comprimidos, como se tentasse dissipar a irritação.

Céus! Coro com a minha ousadia. O tecido da vestimenta é longo, mas a fenda lateral mostra uma boa parte da minha coxa. Por sorte, Alexei deixa a mão apenas descansando em minha perna nua. Ele é um homem intenso, e somente o seu contato cálido em minha pele me faz arrepiar.

— Mas eu pensei que tivesse apreciado o vestido.

— Está irresistível, e sabe perfeitamente que o apreciei, mas cada homem desse evento está testando a porra da minha paciência, e isso não é um bom sinal. A minha civilização está prestes a se esvair.

— Ao que está se referindo? — Continuo sem compreender, até porque o vestido vermelho é longo e a única coisa que pode classificá-lo como sensual é a fenda na lateral esquerda. Mas, mesmo assim, é considerado conservador.

— Os *maledetti*[66] deste evento não conseguem desgrudar os olhos de você. — Olho-o, incrédula. — Sim, *ragazza*, é muito ingênua e não consegue se atentar aos pequenos detalhes à sua volta. — Deposita a taça sobre a mesa. — Não tenho a pretensão de que na manhã seguinte tenha uma estrondosa matéria sobre alguma chacina de alguns ricaços, porém, se for o que desejam, não me importarei de ser o causador do estopim — seu sussurro é letal como uma lança afiada.

— Não fará isso, de fato, certo? Quer dizer, não é nenhum crime olharem — digo, comprovando somente neste instante três homens na mesa ao lado me encarando descaradamente.

Volto a atenção ao meu marido e vejo um sorriso torto cruzar sua face bela.

— Neste momento é a garota inocente criada em um convento. Mas acredite, eles já estão condenados por seus pensamentos.

Estremeço com sua fala tão ácida, corrosiva, e no impulso, seguro firme e discretamente na sua mão por baixo da mesa. Porém, é em vão. Ele pega o celular, passa uma ordem e, logo em seguida, guarda o aparelho novamente.

— Por favor, eu... — Não tenho tempo de dizer nada, visto que ele me corta.

— Desta vez não, *bella mia*. Eles são adultos e estão fazendo suas próprias escolhas — Alexei afirma e volta a sua atenção para a refeição, degustando-a com vontade, como se não tivesse acabado de proferir uma sentença.

Sua mão volta a pousar firmemente na minha coxa como se ele estivesse me marcando, demonstrando quem é o meu dono. Fico chateada com a sua atitude rude, mas seria um grande equívoco eu pensar que um mafioso teria compaixão por algo.

Foco no prato de refeição à minha frente, entretanto só consigo sentir um desconforto no estômago e ignoro a ceia servida.

Após o jantar, aproveito a oportunidade de ir ao banheiro. O

embrulho no meu estômago persiste e eu necessito de um pouco de ar. Foi um banquete indigesto e eu preciso me recompor. Agora a minha única vontade é de ir embora deste evento.

Mas não posso me esquecer de que ainda pertenço ao mundo da máfia — penso com desânimo.

Encaro o meu semblante no grande espelho do toalete e respiro fundo.

Meu rosto está levemente pálido. Eu me sentia um tanto desconfortável por estar no meio daquelas pessoas. Pego um lenço umedecido e o passo no rosto, tentando me recompor.

Ouço a porta ser aberta e trancada novamente. Instantaneamente, deparo-me com o rosto familiar de Yrine. Ela sorri para mim, eu retribuo e a abraço. No fundo, sei que ela é uma pessoa boa. Não posso culpá-la se as circunstâncias da vida a levaram a buscar refúgio com um dos piores seres da face da Terra.

— Você conseguiu, menina: fisgou um dos chefões dos Dvorak.

Agora é uma dama da máfia. Eu ouvi falar sobre o seu casamento. Confesso que ri muito da estupidez de Ankys em pegar o irmão errado. Temi pelo pior naquele dia, mas, por sorte, consegui sair ilesa. Pensei que você tivesse tido o mesmo destino trágico do seu pai pela ousadia, mas fico tão feliz que tenha usado de maneira sábia os meus conselhos.

— Não de imediato. — Um sorriso amarelo adorna o meu rosto. —

Muitas coisas, para mim, ainda não fazem sentido — confesso.

— É normal, Ella. Você foi criada praticamente a vida inteira em um convento e era virgem. Além do mais, a prática se adquire com o tempo.

Mas, me diga: o plano de Anthony deu certo? Está grávida?

— Não — respondo, sentindo uma dor ainda sufocante. Não sei por que *cargas d'água* eu já tinha me acostumado com a ideia de um bebê em meu útero. Talvez fosse a ânsia absurda de ter uma família.

— Mas ainda é jovem, e pelo que pude ver, o seu marido só tem olhos para você. Meu Deus! A sorte é que pintei os cabelos, ou ele teria pedido a minha cabeça imediatamente quando me visse no salão. — Sorri. — Se bem que acho que ele deveria me agradecer, pois me parece muito satisfeito com o casamento. Além do mais, a feição de ciúme que vi na mesa não me passou despercebida.

— Ciúme? É impossível, Yrine. Alexei apenas gosta de estar no controle. Meu marido é...

— Possessivo e obcecado por você?

— Claro que não. Pelo sexo — afirmo, tentando me convencer disso ao mesmo tempo. Mas devo reconhecer que é uma delícia compartilhar sua cama com ele.

Quando eu soube que não estava grávida, pensei que ele explodiria em cólera e me mandaria embora, mesmo que Anthony não estivesse aqui.

Apesar de morto, seu fantasma ainda me assombra e suas palavras cruéis sempre martelam em fogo na minha mente. Em algumas noites ainda acordo suada, com o coração palpitante e com a agonia das lembranças sombrias.

Encaro a mulher. Seu olhar é de desconfiança.

— Ele parece louco por você. Mas, me diga: está usando as minhas técnicas para deixá-lo delirante na cama? Não é mais nenhuma virgem, já deve ter descoberto que nós temos certos poderes nesse quesito. Os homens só conseguem pensar com as bolas. — Ela revira os olhos e pisca em minha direção.

— Yrine! — repreendo-a.

É inevitável que em meu rosto não se acenda um leve braseiro por eu relembrar as indecências que compartilhamos e a coisa enorme me

marcando, tomando passagem no que ele considera somente seu. Creio que minhas bochechas estão tão vermelhas quanto o vestido que estou usando.

Ela apenas sorri.

— Já obtive a resposta da minha pergunta. Agora, preciso ir, menina.

Meu tempo já se encerrou aqui. Mas quero que saiba que fiquei muito feliz que o seu destino tenha sido mais generoso que o meu, já que não tive muita opção, exceto aceitar ser a acompanhante de um velho babão e, ainda, com fetiches excêntricos.

— Excêntricos? Ele é um velho pedófilo ordinário — digo, com raiva, já ciente dos rumores que envolvem seu nome.

— Sim. Tem muita sorte de ter a proteção dos Dvorak. — Ela dá de ombros. — Eu não posso contar com o mesmo.

— Talvez se eu... — Tento encontrar uma solução. — Meu marido pode te arrumar um emprego em uma das boates. Qualquer coisa seria melhor do que você estar próxima a um ser tão degradante quanto o Sanches.

— Não, menina. Não precisa se preocupar. Eu já estou acostumada a me virar sozinha, não se preocupe — ela assegura, abraçando-me.

Yrine sai do banheiro e eu permaneço por aqui, tentando organizar os meus pensamentos e me recompor. Quando me retiro, sinto mãos fortes me agarrarem pela cintura e estremeço. Meu coração bate em desordem dentro do peito e uma onda de reação violenta ameaça tomar conta do meu organismo.

CAPÍTULO 29

ANTONELLA DVORAK

Entretanto, sinto o meu corpo relaxar e os batimentos cardíacos voltarem ao ritmo normal quando meu olhar se conecta ao azul profundo já conhecido.

— Que susto, Alexei. Eu quase morri pensando que era... — Ele não permite que eu termine a frase, apenas me toma em seus braços e esmaga os nossos lábios em um beijo avassalador, intenso e voraz.

Sua língua atrevida resvala contra a minha, buscando uma resposta que ele logo encontra. Estou tão faminta do seu toque quanto ele está do meu. O aroma amadeirado embriaga os meus sentidos ligeiramente, junto com o seu cheiro peculiar. Sem demora, sinto uma pontada no meu centro íntimo, ansiando pelo seu contato ardente na minha pele. Um soluço de protesto abandona a minha garganta assim que ele interrompe o beijo repentinamente e um sorriso faminto de predador adorna os seus lábios.

Céus! Eu estava tão entregue à sua sedução, que me esqueci completamente de que estamos em um corredor estreito e mal iluminado.

Creio que se meu marido tivesse me tomado contra a parede, eu não teria protestado. Deus santíssimo! Onde estava o meu discernimento? Censuro-me pelo ato impulsivo.

Seus dedos longos se fixam em minha nuca e eu identifico em sua fisionomia que ele está tão desnorteado quanto eu. Sua respiração está ofegante, ainda fora de controle. Sinto seus lábios firmes pousarem em minha testa, depositando nela um beijo suave.

— *Accidenti*! Esposa, você me faz perder o controle. Eu poderia devorá-la contra essa parede neste instante sem me importar com a cena obscena que iríamos proporcionar aos demais convidados. Porra! Me faz arder como um moleque. — Ele aproxima seus lábios cálidos e firmes da pele nua do meu pescoço e eu sinto o latejar de desejo percorrer em minhas

veias. — *Dio*! Posso sentir, minha *ragazza*, seu corpo doce e quente tremendo de desejo. Está melada de excitação, não é verdade?

Seus olhos azuis tórridos de tesão se colidem com os meus e me queimam com uma intensidade profunda que vibra em meu íntimo. Suas palavras cruas e obscenas só fizeram eu ter a consciência da minha boceta encharcada e desejosa da sua posse.

— Deseja se derramar em minha boca, *la mia amata*? — ele continua, indecente, mas não tenho forças para responder às suas palavras devassas.

Só um arfar carregado de luxúria abandona os meus lábios. — *Cazzo*! Estou quase morrendo por isso. Venha. Não vou conseguir me controlar.

— Aonde está me levando? — questiono assim que ele segura o meu pulso e me guia por um caminho pouco movimentado da mansão.

Alexei não me responde, apenas me leva para um compartimento reservado e longe da multidão. É um escritório. Mesmo sob a penumbra, é perceptível. Ouço o *click* de travamento da porta atrás de mim e, sem demora, os braços fortes e musculosos me envolvem. Eu sinto o cheiro único, inebriante, e meu corpo todo se arrepia. Posso sentir a protuberância dura em meu traseiro.

Meu marido me rodopia nos braços e seus lábios firmes me devoram sem piedade. Ele me leva em direção à mesa e eu compreendo a sua intenção libidinosa. Logo estou com o traseiro sobre a superfície dura, com ele entre minhas pernas. Céus! Alexei não pode estar querendo fazer sexo aqui enquanto o jardim está lotado de convidados.

— *Dio*! Eu preciso entrar em você, *bambolina*. Necessito senti-la e saber que é somente minha; deixar o meu cheiro na sua pele deliciosa, para que nenhum *maledetto* bastardo que está naquele jardim possa cobiçá-la.

— Não podemos fazer sexo aqui — digo, ofegante, mesmo que o meu corpo já esteja quente pelas insinuações picantes e despudoradas do meu marido.

— Eu não vou conseguir suportar, *bella*. Estou muito excitado. Você me deixou duro a recepção toda. Porra! Veio vestida como uma pequena

sedutora. Esse vestido provocante mexeu com a minha cabeça a noite inteira — ele murmura entre os nossos beijos, apertando os meus seios por cima do tecido, deixando-os excitados. Estou sentindo-os mais sensíveis ultimamente. Adoro ter o calor escaldante da boca quente dele os envolvendo, e um arrepio me toma apenas por imaginar a cena lasciva. —

Preciso senti-la — ele afirma, possessivo, começando a subir o tecido vagarosamente pelas minhas pernas.

Quando ele termina de levantar o meu vestido até a cintura, encara descaradamente o vértice das minhas coxas. Sinto-me úmida e ansiosa pela sua posse. Ouço o seu rugido primitivo e indecente ao constatar que eu não estava usando nada por baixo da vestimenta. Recosto-me sobre a superfície de madeira, sentindo-me poderosa por desencadear a força selvagem que vejo em seu olhar.

— Puta que pariu, *piccola*! Você me enlouquece ao mesmo tempo em que exala um ar inocente. Ella, você é uma diaba provocadora. Se eu soubesse que estava sem calcinha, eu a teria proibido de vir à festa. Merda!

Vou matar qualquer *figlio di puttana* que ousar se aproximar de você.

— A calcinha estava marcando o tecido, foi necessário — justifico-me, corando com a sua minúcia depravada.

Um sorriso pervertido adorna o seu rosto de ângulos bonitos quando seu polegar afunda na minha carne íntima e escorregadia. Posso sentir minha boceta se contrair com o seu toque.

— Perfeita! Tão ardente e molhada somente para mim, *piccola*.

Ouço o som impaciente do zíper sendo aberto. O membro grosso e orgulhoso salta. Tão magnífico, que minha boca saliva para sentir a sua textura dura e macia. Adoro quando vejo o meu marido perdendo o controle na minha boca ou nas minhas mãos. Nestes momentos alguns truques que Yrine me ensinou fazem sentido.

Eu mordo meu lábio inferior e o safado me provoca, arrancando de mim o resto da minha sanidade.

— Amo os seus doces lábios me mamando, esposa, mas agora preciso entrar em você. *Dio*! Estou ardendo por isso — sua fala é direta e sem pudor. O cretino até parece ter lido o meu pensamento.

Sem demora ou preliminares, sinto o seu membro viril na minha entrada. O pau pesado e quente esmaga o meu clitóris antes de estocar profundamente dentro de mim. Eu ofego com a sensação desnorteadora que me toma e Alexei coloca as minhas pernas em cima dos seus ombros, mantendo-me

totalmente aberta para o seu bel-prazer, enquanto me come com vontade. Suas estocadas são longas e brutas. Tenho que morder os lábios para evitar externar toda a minha satisfação. Ele começa a puxar o tecido do vestido, deixando os meus seios expostos ao seu comando.

Uma luz tênue paira no cômodo sobre os nossos corpos. Os movimentos indecentes dele me comendo formam a cena mais erótica que já vi. O pau grosso tomando passagem dentro do meu corpo. É provável que amanhecerei no dia seguinte toda inchada e vermelha pela sua posse dura.

Mas que se foda. É isso que desejo: ser marcada por ele de uma forma tão visceral, que o sentirei por dias, duro e latejante, em meu interior.

— Gostosa! Tão apertada, *cazzo*! — ele ruge, espremendo os meus seios, enquanto me golpeia fortemente. Eu amo o seu jeito intenso. —

Gosta quando o seu homem a come assim, *la mia amata*? — Eu não respondo sua pergunta e recebo um tapa estalado na coxa. — Responda, esposa.

— Sabe perfeitamente a resposta, marido.

— Sim, *piccola*, mas necessito ouvir dos seus adoráveis lábios. —

Desacelera os movimentos, torturando-me.

Sua boca toma a minha e o seu eixo se afunda profundamente dentro de mim. Minhas terminações nervosas o recebem com uma fome que somente é avivada por ele, por sua posse. Quando ele interrompe o beijo, noto, em seus olhos tempestuosos pelo fogo do tesão, que ele ainda está aguardando uma resposta.

— Sim. Sim, amo as sensações que provoca em meu corpo. Me faz sentir coisas que nunca imaginei serem possíveis. Amo a forma como faz amor comigo. É de um jeito bruto, mas, ao mesmo tempo, é carinhoso. E eu amo... — Refreio-me a tempo e me assusto com a minha própria entrega ao constatar o tipo de asneira que eu iria confessar.

Amor? Será possível?

Mordo os lábios com força e reprimo algumas lágrimas que se formaram em meus olhos. Deus santíssimo! No calor da paixão quase deixei escapar o quanto sua companhia me atrai e seu cuidado me acalenta.

Será que isso é amor? Claro que não, somente sinto sua falta quando ele não está comigo, do seu cheiro na minha pele, do seu excesso de cuidado e proteção, mesmo que às vezes me pareça tão desproporcional...

Céus! Eu amo o meu marido. Amo Alexei Dvorak.

Mas a certeza de não ser correspondida me estilhaça. Tenho que aprender a amar em silêncio e sufocar essa emoção.

Sinto seus dedos em minha face enxugando algumas lágrimas.

— *Dio*! Te machuquei? — Ele para abruptamente.

— Não — sussurro tremulamente. — Eu amo quando faz sexo comigo assim, apaixonado — termino a frase, sentindo o meu peito quase sufocar com a descoberta desse novo sentimento.

— Acredite, *bella mia*, o prazer é mútuo — ele confessa e começa a se movimentar em meu interior; no início lentamente, preparando-me para ser lançada ao abismo sem volta do prazer.

Quando ele aumenta as estocadas vigorosas, desmancho-me em um gozo violento, ainda sentindo suas perícias despudoradas de me proporcionar prazer. Meus músculos se convulsionam em torno do seu pau assim que sou atingida por uma onda imensa de deleite. Sinto a sua essência me preencher e sorrio.

Alexei Dvorak é a minha doce ruína — penso enquanto nos recompomos e retornamos à festa.

Meu marido não me deixa sozinha um segundo sequer e meu rosto arde como um pôr de sol vermelho. Algumas pessoas nos olham com curiosidade e sorrisinhos tortos. Parecem ter notado o nosso sumiço e imaginar o que estávamos fazendo, ou talvez seja alguma paranoia da minha cabeça.

Também observo que os três homens à mesa que me encaravam de um modo intenso na hora da ceia não estão mais presentes na recepção.

Em um determinado momento percebo que o velho Sanches, mesmo acompanhado de Yrine, vez ou outra olha em minha direção. E não gosto do que vejo: olhos demoníacos e presunçosos repletos de devassidão, que parecem um tornado sem controle querendo me sugar. Ou será somente alguma paranoia da minha cabeça?

Sinto uma leve vertigem me golpear. Só não vou ao solo porque os braços fortes do meu marido vêm ao meu socorro.

— Está bem, *ragazza*? Está pálida como uma boneca de porcelana.

Respiro profundamente, já me sentindo um pouco melhor.

— Tudo bem. Acho que só estou um pouco cansada. — Forço um sorriso amarelo.

— Vamos para casa, *piccola*. — Leva-me para fora do evento.

Ainda posso ver o olhar do velhote me seguindo, e uma forte ânsia volta a dominar o meu organismo.

Quando entro no carro escuro e sinto a presença protetora do meu marido, recosto-me em seu ombro e fecho os olhos, sentindo o seu braço protetor me envolver. Apenas assim me permito ser tragada pelo cansaço, porque ao seu lado me sinto segura.

CAPÍTULO 30

ALEXEI DVORAK

Alguns dias depois

Está uma noite fria na Sicília. A madrugada é pintada pela escuridão e alguns pingos de chuva começam a cair na vidraça escura enquanto o carro segue em um movimento suave e tranquilo, diferentemente do caos de

alguns minutos atrás em um dos galpões. Foco no céu nublado com nuvens densas e creio que mais tarde desabará um verdadeiro temporal. Merda!

Depois do fogo apagado, vem a calmaria. Em minhas roupas tem algumas evidências de sangue e cheiro de fumaça. Minha repentina fúria já está contida, mas ainda sinto leves vestígios de cólera percorrerem cada parte dos meus ossos. Tenho ciência de que o maldito motorista era somente uma cobaia, um pobre tolo que perdeu sua vida em vão. Os verdadeiros traidores estão escondidos como uns malditos ratos de esgotos. Droga! Uma afronta inadmissível contra a *famiglia*. Não sei qual é o propósito do imbecil soberbo, porém em breve ele será exposto e liquidado definitivamente.

Fellipo está fazendo as investigações do lamentável incidente, já que Vicenzzo está acompanhando Hardy na missão de Nova Iorque. Entretanto, é certo que a explosão no caminhão que trazia as cargas de bebidas ilícitas foi intencional. E apesar das perdas materiais, nenhum dos nossos homens foi ferido, somente alguns tiveram machucados leves. Eu estava longe da explosão, embora tenha sentido o peso do impacto e o calor das chamas em minhas costas. O que fez com que eu fosse arremessado e lesionado com alguns ferimentos superficiais. *Accidenti*!

A incógnita da incerteza permanece em minha mente. Será que foi premeditado? O causador do incidente esperava que eu estivesse lá? Ou foi somente uma ofensa impensada? *Porca miseria*! Tudo terá que ser

investigado. Tenho pena do pequeno tolo. Teria sido mais fácil terem me mandado diretamente para o inferno, explodindo o galpão por completo.

Sorrio, imperturbável, porque a partir de agora exigirei o couro deles nem que tenha que colocar toda a Sicília de cabeça para baixo.

Chego em casa. Quase todas as luzes estão apagadas. O temporal começa a cair ao lado de fora e os clarões dos relâmpagos iluminam a sala.

Sigo diretamente para o quarto e me deparo com uma luz tênue de uma pequena luminária a clarear o cômodo. Meu olhar busca a minha esposa, aquela que se tornou minha pequena obsessão. Seus cabelos castanho-escuros esparramados sobre os travesseiros só me enchem de tesão.

Cacete! Necessito senti-la e me sentir vivo, e a única maneira é a possuindo.

Che Diavolo! Tenho a maldita concepção de que se o atentado tivesse obtido êxito, eu poderia não estar aqui. Dessa maneira, tenho que ter a minha *ragazza*. Porém, em vez de dar vazão ao meu anseio, ir aonde ela está e a tomar em meus braços, decido tomar um banho antes de apaziguar o meu desejo. Tiro a minha jaqueta e minha arma, uma pistola semiautomática, e a guardo em um local seguro e discreto do quarto: um pequeno baú de madeira com um fundo falso. Para quem vê, aparentemente, é só um objeto sem valor e já bastante desgastado pelo tempo.

Descarto as roupas velhas e sigo nu em direção ao banheiro. Eu queria que minha *bambolina* me acompanhasse no banho, mas não quero despertá-la. Pelo menos não ainda. Antes preciso me livrar dos vestígios de sangue e do cheiro de fumaça em meu corpo, ou seria capaz de ela se assustar com o meu estado.

Vou até o box e ligo a ducha. Os jatos potentes me golpeiam e a água avermelhada começa a descer pelo ralo. Abaixo-me e aproveito para ver como estão os meus ferimentos. Parecem ser todos superficiais. Contudo, ser quase capturado em uma emboscada não era o que eu tinha em mente.

Soco a parede com força até sentir os nós dos meus dedos doloridos. Juro,

em pensamento, que os *figli di puttana* responsáveis lamentarão pelo dia em que nasceram.

Lavo bem os ferimentos e tento dissipar a minha raiva. Somente quando me sinto no controle, abandono o box, enrolo uma toalha em volta dos quadris e sigo para o closet. Pego uma calça de moletom cinza.

Quando retorno ao quarto, minha Ella não está mais na cama, está no meio do cômodo. E minhas roupas estão recolhidas em um canto qualquer.

Encaro as feições delicadas de anjo e, no seu olhar, enxergo medo e questionamentos. Meus olhos deslizam pela sua pele perfumada e macia, devorando a camisola singela, desejando-a nua para o meu deleite. A vestimenta é simples, mas, para mim, é *sexy* para cacete. Só de vê-la, já sinto o meu pau endurecer. Estou vivo, porra. Esse sempre é o efeito da minha

pequena mulher perto de mim. Toda vez que estou ao seu lado, sinto-me queimar e arder de tesão.

Reparo que sua expressão é de assustada ao ver meus pequenos machucados.

— O que aconteceu? — ela indaga, preocupada.

— Nada.

— Nada? Sua aparência está péssima, tem um supercílio cortado, diversos machucados pelo corpo, e me diz que não ocorreu nada?

— Sinto muito, *bambolina*, que a minha aparência não te agrade —

digo, áspero, mesmo que o meu corpo dolorido só deseje arrastá-la para a cama e a foder.

— Sabe perfeitamente ao que me refiro. Agora, venha aqui e me deixe ver esses machucados, senhor Dvorak — ela diz, mandona, ao me puxar pelo braço e me guiar até uma poltrona.

Ela sai em busca de algo nos armários do closet e, depressa, retorna com um frasco pequeno em mãos contendo alguns Band-Aid. Rapidamente, ela se aproxima de mim com um antisséptico e eu a puxo pela cintura, fazendo-a cair diretamente em meu colo.

— Creio que ficará mais confortável aqui. — Sorrio, cafajeste, sendo embriagado pelo seu perfume de mulher.

Porra! Como é bom sentir o cheiro da minha menina-mulher.

— Obrigada, senhor Dvorak, mas acho que tem algo duro cutucando o meu traseiro — ela comenta, esfregando-se de propósito no meu pau dolorido e faminto por ela. Está me maltratando a safada.

— Não se preocupe. Vai dar um jeito nele quando eu o meter gostoso dentro de você.

— Não seja abusado, marido. Eu estou só cuidando de você. —

Desinfeta os meus ferimentos, pega o pequeno Band-Aid e o coloca em meu supercílio. — Agora irá me dizer o que aconteceu? — Ainda encontro medo em seu semblante.

— Somente um aborrecimento. — Ela mantém uma sobrancelha elevada, interrogando-me. — Explodiram um dos nossos caminhões com mercadorias — falo, seco, como se o pequeno incidente não pudesse ter custado a minha vida.

— Meu Deus! — Ela leva as mãos ao rosto, horrorizada. — Você poderia... — Não termina, apenas me abraça.

— Ella... — Afago levemente suas costas e, segurando a sua nuca com possessividade, tomo sua boca saborosa com sofreguidão. Porra! É

muito bom sentir o seu gosto. — Preciso senti-la, *la mia amata* — confesso, rouco, erguendo-a do meu colo e a levando até a cama. Regozijo-me ao sentir a popa macia do seu traseiro nas minhas palmas.

— Não, Alexei. Não podemos.

Fiquei confuso quando ela interrompeu o beijo ofegante. Minha esposa parece tão consumida de desejo quanto eu, por isso não compreendo a sua recusa.

De imediato, vejo-a apontar para um pequeno embrulho na cama e reconheço Lua. A *bambina* está deitada lá. Merda!

— Eu disse que a *bambina* não deveria ficar entre nós.

— Lua tem medo de chuva por causa de uma história idiota que uma das irmãs do convento contou para ela. Eu pensei que você não viria para casa nesta noite, então...

Um sorriso zombeteiro se forma no canto da minha boca.

— Talvez eu nunca tivesse voltado para casa, *ragazza*.

Seu olhar está brilhoso devido às lágrimas incontidas e sua mão macia contorna meu rosto como se gravasse os ângulos duros e firmes. Ouço o seu suspiro angustiado como se ela fizesse uma prece silenciosa.

— Mas você voltou... Voltou para mim. Por favor, deixe Lua ficar aqui somente nessa noite. Ela dorme tão serena, que...

— *Cazzo*! — digo, aborrecido. Eu não desejava dormir com as bolas pesadas e o pau dolorido. — Uma noite apenas, *bambolina* — sentencio.

Deposito-a no colchão e me aconchego junto ao seu corpo. O perfume feminino de rosas enche os meus pulmões, fazendo-me queimar. Prevejo que terei uma noite insone e que o incômodo insistente entre as minhas pernas doerá mais do que os malditos arranhões.

CAPÍTULO 31

ANTONELLA DVORAK

Lua está dormindo tranquilamente, posso ouvir o seu ressonar. Sinto quando Alexei se aproxima da cama e se deita ao meu lado. Prendo a respiração ao constatar seu calor duro ao encontro do meu. Senhor! O

homem é uma chama erótica. Arfo levemente quando sinto um braço poderoso enlaçar a minha cintura com possessividade por baixo do cobertor e ouço o seu sussurro quente ao meu ouvido quando ele afaga levemente a minha barriga, indo em direção à minha boceta. Seguro sua mão impetuosa, impedindo-o. Se ele me tocar, tenho certeza de que não conseguirei conter os meus gemidos. Hoje não podemos fazer absolutamente nada.

Meu corpo continua sentindo os últimos vestígios do medo estarrecedor que me atingiu ao compreender a tragédia que poderia ter acontecido com Alexei. Ainda me sinto trêmula.

— Não podemos — meu sussurro sai abafado.

— Prometo que vou me conter , *la mia amata*, apenas quero comprovar que não serei o único a arder de desejo nessa noite. É algo insano, mas gosto de saber que sou o único homem que desperta o seu corpo.

Estremeço com suas palavras de posse e sinto meu coração pesar ao imaginar que ele poderia não estar aqui neste momento.

Sua mão petulante vem ousadamente próxima à minha calcinha, contornando a borda com delicadeza, depois a afasta para um lado e invade, com os dedos mágicos e habilidosos, a minha intimidade molhada e pulsante. Ouço o seu bramido suave de luxúria.

— Puta que pariu! Está tão pronta, *ragazza* — seu sussurro é sofrido.

— Lua — balbucio enquanto ainda tenho o raciocínio coerente.

— Não se preocupe, *bambolina*. Não vou te foder hoje — seu tom de voz faminto é baixo ao encontro do meu ouvido.

Na mesma hora sinto uma leve fisgada no meu clitóris que me faz soltar um ofego mais alto. Então, instantaneamente, comprimo os lábios rápido para tentar conter um gemido. Filho de uma...

Eu mordo o lábio e ele arrasta o nariz pelo meu pescoço. Estremeço.

— Seu cheiro é delicioso, *piccola*, e seu sabor é viciante. Me sinto como um animal faminto — suas palavras quentes me deixam febril de desejo.

Ele retorna a calcinha à posição inicial e enlaça a minha cintura com possessividade. Posso sentir o membro pesado e firme contra o meu traseiro. Ele está querendo me enlouquecer? Fazer eu perder o controle quando não deveria?

— Agora durma, esposa. — Alexei beija a minha fonte.

O calor que emana do seu corpo abrange o meu, e seu abraço protetor me tranquiliza. É tão bom estar nele, que, sem hesitação, meu corpo se submete ao esgotamento das últimas horas, sentindo que estou segura.

Mesmo que ele tenha despertado os meus desejos ocultos e que meus sonhos nessa noite sejam quentes e insatisfeitos.

(...)

Um forte calor sensual envolve meu corpo. Sinto um formigamento delicioso entre as pernas e gemo, acalorada. Depois ergo os quadris

lentamente, tentando obter mais daquela fonte infinita que está me proporcionando um prazer inigualável. Algo duro, macio, áspero e molhado varre a minha boceta em um ritmo enlouquecedor, ao mesmo tempo me levando ao abismo profundo do desejo. Contorço-me de um lado a outro, buscando mais do deleite que abrange cada milímetro da minha pele.

Esse é o sonho mais louco e erótico que já tive em minha vida. É

como se labaredas intensas de prazer se espalhassem pela minha pele, culminando no arrebatamento de uma sensação sensual e indescritível.

Gemo, descontrolada, com o prazer delicioso que me domina, e repentinamente abro os olhos. No mesmo minuto percebo que eu não estava sonhando. O meu marido está com a sua boca habilidosa entre minhas dobras quentes e molhadas, saboreando-me como se não houvesse amanhã, e minhas unhas estão cravadas nos lençóis da cama.

Assim que ele percebe que acordei, levanta lentamente a cabeça com um sorriso depravado nos seus lábios bonitos e levemente umedecidos pela minha excitação. O homem sabe usar a boca e me deixar quase louca. A minha camisola e calcinha estão no chão.

— *Buongiorno*, *bella moglie*[67] — Alexei me cumprimenta com um sorriso cafajeste. A visão é indecente e prazerosa. Desejo mais da sua boca ardente. — Como você não despertava, decidi tomar café da manhã diretamente da fonte. Devo terminar o que comecei? — justifica-se o safado, tendo o conhecimento de que estou com o corpo em chamas e que se ele ousasse interromper o que está fazendo, eu, provavelmente, o esganaria.

— Por favor... Alexei.

Um sorriso de deleite contorna a sua face bela como um pecado.

— “Por favor” o que, esposa?

— Você sabe.

— Implore. — Seu sorriso indecente faz com que eu queime ainda mais em seu fogo, derretendo-me igual a uma manteiga sob o seu calor.

Mordo o lábio, tentando reprimir a onda de luxúria que se infiltra pelo meu corpo. E Alexei, percebendo a minha intenção, esmaga o meu clitóris em uma tortura deliciosa com os seus dedos. Sinto a iminência do desejo avassalador, que logo vem à superfície. Mas sei que ele não me fará gozar, a não ser que eu clame pela sua posse.

Choramingo quase em uma súplica.

— Me foda, marido.

— Seu desejo na cama é uma ordem, esposa. Agora, seja uma boa *ragazza* e abra mais as pernas para mim. Quero ver o quanto a sua boceta está molhada e quente, ansiosa pelo pau do seu marido.

Obedeço-o rapidamente, sem titubear, e sinto minha intimidade pegajosa e desejosa do seu toque. Quando o vejo analisar minha intimidade descaradamente, sinto um frenesi em meu baixo-ventre. Depressa, um bramido luxurioso escapa dos seus lábios e eu reparo que ele leva às mãos ao cós da sua calça de moletom e se livra dela rapidamente, expondo o seu membro grosso e pesado. É linda e me deixa fascinada essa parte do seu corpo, além de como ele fica tão duro quanto uma barra de aço. A cabeça larga está levemente umedecida.

Salivo com a visão excitante. Realmente fui criada em um convento?

Meu desejo é saboreá-lo também.

— Onde está a Lua? — questiono em um lapso momentâneo de lucidez, vasculhando rapidamente o colchão, e não a encontro.

— Não se preocupe, *bambolina*. Ela já se levantou e agora está com a minha mãe no jardim. Neste momento deve estar degustando um delicioso café. *Mamma* prometeu levá-la a um passeio com aquela bola de algodão branca. E só por precaução, a porta está trancada, então não precisará abafar seus gemidos. — Ele pisca, cafajeste, sabendo do seu efeito sobre o meu

corpo. Afinal, eu também sou humana e seria impossível resistir ao meu marido. — Agora abra as pernas, *moglie*.[68] Estou louco para comer a sua boceta suculenta e vermelhinha.

— Meu Deus! Como consegue ser tão pervertido e só pensar em sexo?

— Correção, *la mia amata*: só consigo pensar em sexo com você.

Você me faz ter esses pensamentos. — Ele cutuca, com a cabeça pesada do seu pau, a minha entrada, e no mesmo instante um gemido cheio de luxúria abandona os meus lábios. — Estou tão faminto do seu corpo, esposa, que é provável que só sairemos do quarto perto da hora do almoço. Ontem à noite

me deixou faminto, e eu acordei esfomeado. — Entra lentamente em mim com uma dura estocada.

Gememos em uníssono. A sensação é inigualável. Logo ele se torna mais enérgico em seus golpes implacáveis em minha carne íntima e eu me mantenho atenta ao nosso encaixe. O membro grosso desbrava o caminho dentro de mim, abrindo-me para o receber. A cena deliciosa me deixa com o corpo quente feito brasas.

— Pensei que meu marido não era um grande apreciador do “papai e mamãe” — provoco-o quando comprovo suas feições distorcidas pelo prazer.

Seus machucados estão visivelmente atenuados nesta manhã.

— Quem disse que é um simples “papai e mamãe”? — Ele dá uma piscada deliciosa, erguendo uma das minhas pernas sobre o seu ombro e me deixando ainda mais aberta para a sua invasão. — Com você, todas as posições têm um novo sentido. Além do mais, é fodidamente gostosa, esposa. E sei que te agrada me ver enquanto a devoro — murmura obscenamente.

E como consequência, retraio-me em toda a volta do seu eixo firme.

Sou recompensada quando a estrutura longa quase perde o controle com o meu movimento atrevido. Vejo Alexei estreitar os olhos e jogar a cabeça para trás à medida que urra como um animal, sem se importar que a mansão inteira pode saber o que estamos fazendo.

— Porra! Que delícia. Repita o movimento, *moglie*. Senti como se estivesse mamando o meu cacete — ele exige quando retorna à normalidade.

— Mas eu nem coloquei a boca em você — digo inocentemente enquanto vibro ao redor do seu membro robusto e firme.

— Tem certeza de que foi criada em um convento? Se eu não tivesse provas de que foi uma virgem em minha cama, pensaria que foi treinada por uma perita prostituta na arte de seduzir.

Se ele soubesse... — penso, manhosa.

— Te incomoda o fato de eu demonstrar o quanto me agrada que me toque e o quanto me derreto sob o seu comando?

— *Per Dio*![69] Não. Quero que demonstre dia e noite o quanto me deseja. Me agrada muitíssimo o fato de se comportar como uma puta em minha cama — sussurra obscenamente, saindo da minha intimidade. — De quatro, esposa! — Ele masturba o seu eixo grosso enquanto eu obedeço à sua ordem, sentindo minhas pernas moles como um pudim. — Maravilhosa, *ragazza* — ele sussurra, rouco.

Sinto a primeira palmada queimar a minha pele quando fico na posição que ele exigiu, e apesar da dor, a minha boceta goteja pelo prazer que me incitou o seu contato.

— Você não tem ideia da visão perfeita que estou tendo, *moglie*. Eu poderia gozar apenas tendo essa imagem erótica e perfeita da minha mulher empinada com esse belo traseiro delicioso para mim. — Seus dedos longos contornam as minhas nádegas, buscando o proibido, e eu me retraio após a leve pressão no local intocado. — Não vejo a hora de comer esse cuzinho gostoso. Necessito da minha porra escorrendo de todos os seus buracos, *piccola*.

— Não está falando sério, certo? — Fico nervosa ao imaginar a coisa enorme no meu traseiro. As faíscas de prazer quase se dissipam instantaneamente quando idealizo essa cena.

— Já deveria saber que não brinco em serviço. Mas não precisa ficar assustada. Sei que ainda não está preparada para esse passo. Antes iremos preparar esse rabo gostoso com uns brinquedinhos, porém deixarei a minha marca um dia nele. Não posso morrer sem antes provar um lugar tão especial — promete o safado, com malícia.

Ele mete duro, bruscamente, dentro de mim. Ofego, sentindo a combustão do prazer me engolfar novamente.

CAPÍTULO 32

ANTONELLA DVORAK

Alguns dias depois

Acordei um pouco indisposta. Aliás, há uma semana me sinto assim: sonolenta e irritada, como se o meu corpo estivesse em uma ebulição desordenada de emoções. Mas o pior é que estou comendo igual a uma leoa e estou percebendo as mudanças no meu corpo. Minhas coxas estão mais roliças e apertadas nas roupas, e também sinto o meu traseiro mais largo.

Olho, com desânimo, para o pequeno relevo que começa a surgir em meu ventre antes completamente plano. Fico com receio de Alexei não me achar mais atraente e procurar outras que pareçam mais interessantes. Esse simples pensamento me quebra por dentro, apesar de ele demonstrar um interesse exorbitante pelo meu corpo quando me toca. É como se me reverenciasse. Suas atitudes fazem com que eu me sinta tão especial.

A verdade é que me considero uma garota normal e sem muitos atrativos. Pelo menos não para captar a atenção de um semideus italiano com um corpo desenhado de músculos, que parece ter sido esculpido por um anjo. Ele não tem um grama de gordura fora do lugar.

Mas, mesmo assim, Alexei me trata como se eu fosse a pessoa mais bela do mundo. É como se ele me visse com outros olhos e não enxergasse os meus defeitos. Talvez eu tenha adquirido algum complexo de inferioridade devido aos abusos psicológicos de Ankys. Definitivamente, alguns homens não deveriam ser pais, do mesmo modo que algumas mulheres não nasceram para a maternidade.

Claro que no quesito sexo, Alexei não tem demonstrado falta de entusiasmo, muito pelo contrário. Quando ele está em casa, isso é o que mais fazemos. Minha libido está em alta e algumas vezes o surpreendo no banho. Isso faz com que tenhamos um sexo gostoso contra a parede ou na

jacuzzi do banheiro. Sinto-me cada dia mais confiante em relação ao sexo.

Será que é por conta de ele fazer com que eu me sinta especial? Mesmo que a palavra “amor” não tenha sido mencionada?

Reprimo esses pensamentos conflitantes. Não quero agir como uma garota com exigências fúteis.

Sem ânimo para brincar com Lua, vou para o jardim e fico sob a sombra de uma frondosa árvore. Uma mesa está disposta com vários tipos de alimentos. Beberico um chá suave, que parece ser a única coisa que acalma o meu estômago pela manhã, e como algumas bolachas de gengibre.

A pequena me chama para participar da sua travessura com Pérola.

Esse é o nome que a minha irmãzinha escolheu para a cachorrinha que ganhou do meu marido. Sorrio com ternura ao perceber que as duas não se desgrudam.

No entanto, meneio a cabeça em negativa, sentindo o embrulho ainda no meu estômago.

Devo reconhecer que Alexei é muito cuidadoso com a nossa segurança. Sempre pode ser constatada a vigilância dos soldados, apesar de ser discreta. Contudo, é notório que tem mais homens vigiando, principalmente depois do último incidente. Meu marido quase não fica em casa, e o seu

irmão gêmeo continua nos E.U.A. Desse modo, sua responsabilidade é maior. Quando chegam as noites e, finalmente, vejo o carro escuro adentrar os imensos portões da mansão, meu coração sente um alívio tremendo. Por que sinto que o conheço de uma vida inteira?

Eu sei, é um pensamento louco, levando em consideração a maneira nada tradicional como nos conhecemos.

O ditado “Deus escreve certo por linhas tortas” realmente nunca fez tanto sentido, mesmo que tudo tenha saído diferente do que o homem —

que era meu pai — queria. Porém, Alexei não pode ser considerado um erro.

Sorrio com a minha estupidez do início do nosso encontro e da minha falta de conhecimento em relação ao próprio prazer e ao sexo. Que garota

em pleno século XXI não sabe sobre sexo? Óbvio, aquela que foi criada praticamente a vida toda em um convento com o único propósito de ser a esposa pura e intocada de um mafioso. Mesmo que eu tenha pesquisado algumas coisas relacionadas à sexualidade, nada me preparou para o furacão Alexei Dvorak e para a marca peculiar que ele deixaria em minha vida.

Um vento repentino perpassa pelo jardim e eu sinto a minha espinha gelar como se tivesse um sentimento de mau presságio. Mas logo mando embora essa momentânea sensação inquietante. Só pode ser devido à angústia das últimas duas semanas pelo terrível incidente com o meu marido. Apenas imaginar aquele episódio ainda me desestabiliza.

(...)

Na parte da tarde, a dona Catharina me convida para um passeio. Já me sinto disposta e sem o cansaço extenuante do período da manhã.

Resolvo aceitar o convite, pois preciso espairecer a mente. Depois de eu informar ao meu marido sobre o passeio, não me surpreende o fato de um pequeno exército de cinco homens estar nos acompanhando.

Minha sogra me leva até alguns pontos turísticos, como galerias e o teatro Massimo, de Palermo. Os locais me deixam ainda mais encantada com a grandeza e opulência daqui. O topo tem uma linda vista para o belo panorama da cidade.

Dona Catharina me conta algumas curiosidades que rondam o lugar.

A construção foi um dos cenários para o filme *O Poderoso Chefão* e, para construir o imenso prédio, foi necessário demolir igrejas que tinham no local, onde, tempos depois, surgiu a lenda do fantasma da freira. Claro que isso vai do imaginário de cada um, mas gosto bastante de saber um pouco mais do lugar.

Já quase no fim do dia, entramos em uma cafeteria para degustarmos um delicioso café da tarde. Estou faminta depois das longas horas de

passeio.

Fiquei tão entretida na degustação dos pratos que solicitei, que somente agora me atento ao olhar azul e questionador de dona Catharina me observando.

— Ella, querida, eu pensei que tinha mencionado que não era uma grande apreciadora de berinjela.

Foco no delicioso prato de caponata em minha frente. Minha boca saliva quando provo a mistura dos diversos ingredientes que compõem o prato, e a textura macia do legume específico me faz ansiar pela próxima garfada.

— Não sei o que está acontecendo comigo, de fato, mas ultimamente tenho desejado experimentar pratos um tanto diferentes do habitual — eu confesso e ela me olha, admirada. — Como banana e calda de pimenta-rosa.

— Eu também tinha esses desejos esquisitos quando estava grávida dos gêmeos. Tive vontade de comer abacate com manteiga de pistache. —

Ela faz uma careta ao se recordar, mas suas feições mudam quando se atenta a algo. — Está grávida, Ella?

Encaro-a, completamente descrente, ao passo que me lembro de que a minha menstruação veio há... Tento fazer um cálculo mental, contudo não consigo precisar exatamente a última vez. Porém, tenho certeza de que não faz tanto tempo. Tento assegurar isso para mim mesma, no entanto a incerteza me predomina.

Olho para a minha sogra sem saber o que falar. A dúvida se instalou com uma força premeditada em minha mente.

O seu costumeiro sorriso meigo surge novamente.

— Creio que é melhor procurar um médico para sanar a suspeita, mas devo confessar que já me sinto imensamente feliz com a possível perspectiva de um bebê, do mesmo modo que lhe agradeço pela vinda daquela pequena *bambina*. Não sabe como aprecio a sua companhia — ela se refere à Lua.

Ambas se dão muito bem. Talvez seja pelo fato da dona Catharina a mimar sempre, tratando-a como se fosse uma filha.

Um sorriso hesitante estampa meu rosto e, subitamente, meu apetite me abandona e minhas mãos começam a suar quando imagino que estou carregando um herdeiro. O herdeiro Dvorak. Ele será um bebê amado e...

Contudo, o medo bobo começa a surgir. Alexei também amará essa criança, certo? Não é possível que o fantasma de Ankys continuará a me atormentar.

Após o fim da refeição, nós nos despedimos e eu entro no carro escuro. Pietro, o soldado de quem mordi a mão quando nos conhecemos, é o responsável pela minha segurança. Pego o meu celular e pesquiso o que desejo na internet, orientando-o a seguir para uma clínica. Penso que ele me fará um interrogatório, mas só obedece às minhas ordens.

(...)

Depois de eu fazer todo o procedimento, uma bateria de exames e ser submetida a uma enxurrada de perguntas, a médica me chama à sala novamente. Parece que faz uma eternidade que estou aqui. Sinto-me nervosa, assustada, aterrorizada e, ao mesmo tempo, ansiosa para ver o

rostinho do meu bebê. Que miríade de emoções é essa? Será que isso é normal?

Entro na sala, sentindo meu coração fora do peito. A mulher de branco aponta para uma poltrona.

— Sente-se, senhora.

— E então, doutora? — pergunto, apreensiva.

— Meus parabéns, senhora Dvorak. Está grávida, e parece ser uma gravidez já adiantada. É necessário iniciarmos o pré-natal o mais rápido possível para acompanharmos o desenvolvimento do bebê.

— Mas eu menstruei — digo o que já tinha informado anteriormente

durante sua anamnese.[70]

— Sim, eu compreendo, senhora. É raro acontecer. Isso pode se suceder pelas oscilações hormonais. Mas é correto que não ocorre mais, como me informou. Estou certa? — Confirmo com a cabeça. — Para esclarecermos essa dúvida, faremos uma ultrassonografia para termos uma melhor precisão do tempo gestacional. — Ela se levanta e depois se dirige para uma maca de exames. — Venha, deite-se aqui. Vamos ver como está o seu bebê — pede, simpática.

Estou com uma calça social e uma blusa mais larguinha que ajuda a disfarçar o ganho de peso, do qual compreendo o motivo agora.

— É ideal que use roupas confortáveis que não apertem a barriga —

ela me orienta.

Quando me deito na maca, ela passa o gel geladinho no meu ventre e desliza o aparelho por toda a extensão do meu abdômen. Vejo alguns pequenos pontos na tela, contudo não compreendo nada. Mesmo assim, sinto meus olhos marejarem. A doutora me mostra a pequena manchinha no monitor. Tão perfeito. Logo sou inundada por uma torrente de lágrimas e emoção. Não existe nada que eu não faria pelo meu filho.

A médica, atenciosamente, explica-me com detalhes cada parte. Posso ouvir o seu coraçãozinho bater e fico ainda mais emocionada. Esse tipo de sentimento só uma mãe consegue entender.

— Está com aproximadamente 15 semanas de gestação. É uma bebê forte e saudável, para o tempo de gravidez.

Atentei-me à sua indiscrição.

— Uma menina?

Ela afirma com a cabeça e eu me sinto inquieta. Ankys desejava um menino para comandar o seu vasto império de sombras. Sempre aprendi onde deveria ser o lugar de uma mulher, ainda mais se tratando da máfia.

Sem demora, sou atingida por cenas horrendas de flashes do passado que

reprisam em minha mente como uma avalanche terrível de acontecimentos dolorosos. Sinto-me como se estivesse em um maldito pesadelo.

“*Você é uma inútil*”.

“*Não serve para absolutamente nada*”.

“*Nem mesmo um filho homem é capaz de me dar*”.

“*O que farei com duas malditas garotas?* ”

“*Cale a boca, maldita pirralha!* ”

É possível Alexei ter a mesma conduta quando descobrir que carrego em meu ventre uma menina, e não um menino, como era esperado? Será que ele me culpará?

As lembranças do passado me golpeiam como se fossem algo real e extremamente letal a me envenenar. O fantasma do Ankys ainda está vivo e é tão assustador, que me faz tremer.

Alexei agirá diferente dele ao comprovar que a mãe natureza tem ido contra os seus ideais?

Espanto essa assombrosa incerteza para longe. Tenho que tomar uma decisão, e preciso ser rápida, antes que coloque a vida da minha bebê em perigo.

CAPÍTULO 33

ANTONELLA DVORAK

Ouço ao longe o som das ondas do mar se quebrando. Estou em um quiosque de rua próximo à praia. O sol já está quase se pondo e vários turistas estão apreciando esse espetáculo. Ainda não sei como fui capaz de driblar a minha segurança e conseguir sair da clínica sem que percebessem.

Uma gentil senhora, funcionária de lá, ajudou-me a sair pelos fundos sem ser vista pelos soldados do meu marido. Meu trabalho foi somente pegar um táxi e escolher um destino.

Encaro o aparelho celular como se ele fosse algum bicho de sete cabeças. Decidi desligá-lo, pois era provável que tentariam usá-lo para obterem minha localização quando descobrissem o que fiz. Mas na hora me senti imensamente em conflito. Às vezes tenho a impressão de que Ankys está vivo, pois suas palavras ainda me causam dor como se fossem uma lâmina afiada.

Mas Alexei não faria isso, certo?

Penso com mais calma. O homem que eu aprendi a amar não me machucaria dessa forma. Ou estou errada?

Não posso agir pela emoção, visto que já cometi muitas besteiras para um só dia. Várias vezes pego o telefone e sei que devo ligar para ele. Como eu fui tola e me deixei levar pelos sentimentos momentâneos de pânico repentino? O que farei agora? No fundo, tenho certeza de que o meu marido não é um monstro como o meu pai.

Olho para o relógio do quiosque e percebo que Lua já deve ter chegado da escola. Tomo coragem, e assim que ligo o telefone, várias chamadas e mensagens pipocam na tela. Quase todas de Alexei. Respiro fundo e retorno a ligação. Agora terei que enfrentar a tormenta que causei.

Ele ficará chateado e, no mínimo, irá me deixar trancada em casa por uns dez longos anos.

Na primeira chamada ouço a voz rouca e potente:

— *Onde está, bella mia*?

Ouvindo sua voz *sexy*, sinto o meu coração martelar dentro do peito.

— Alexei, eu... — Tento emitir algo, mas parece que tem uma bola em minha garganta.

Meus olhos ficam turvos pelas lágrimas repentinas. Que droga! Estar grávida é assim sempre? Essa confusão de hormônios descontrolados?

— *Ella, la mia amata, está machucada*? — Notei preocupação em seu tom de voz.

— Não. Me desculpe, eu apenas... — Paro, tentando me acalmar.

Minhas mãos estão trêmulas e o medo ameaça retornar novamente, mas o dissipo. Eu semeei a tormenta, e agora tenho que o acalmar.

— *Agiu estupidamente ao fugir dos seus seguranças. Accidenti*! —

Ouço o seu suspiro exaltado. Ele parece chateado. Na verdade, a palavra

“encolerizado” é a mais correta.

— Eu... Eu... Eu... — começo a gaguejar.

Sei que estou errada e que me coloquei em perigo com a bebê por causa das lembranças sombrias de Anthony que sempre me assombram.

Escuto um suspiro pesado. Parece que ele está buscando se controlar.

— *Diga onde está, il mio cuore.* [71] *Eu ir ei buscá-la.*

— Alexei, é melhor que eu pegue um táxi. Eu não...

— *Cazzo! Diga a merda do lugar onde está e não saia daí. Chegarei em alguns minutos.*

Respiro fundo. Agi tolamente, e agora tenho que enfrentar a fera. Só espero que ele compreenda que agi no calor do momento por medo.

— Eu estou na praia de... — Logo não escuto nada do outro lado. —

Alexei? — Olho para o aparelho e constato a tela apagada.

Merda! A porcaria da bateria acabou justo agora? Há quantos dias não o carrego? Não me recordo. O melhor a eu fazer agora é pegar um táxi. Eu me comportei como uma garota insegura, mas Alexei, de fato, não me punirá de forma física, até porque a bebê não pode ser machucada.

Guardo o celular na bolsa e, em seguida, deixo o quiosque, à procura de um táxi.

No máximo, ele me trancará em uma torre para que nunca mais eu possa sair de casa — penso, amargurada.

Vejo uma mulher loira vir em minha direção e a reconheço de imediato.

— Yrine.

— Ella, querida, o que faz por aqui? Que coincidência. — Olha de um lado a outro, como se procurasse algo, aparentando nervosismo. — E os seus seguranças?

— Eu fugi deles — revelo, sentindo o peso da minha rebeldia.

— Fugiu deles? Nossa! Agora me surpreendeu. Foi bastante ousada.

A mulher digita algo no celular e, em seguida, encara-me novamente.

Comprovo que ela tem alguns vergões pelo pescoço, e mesmo que tenha tentado ocultá-los pela maquiagem, eles estão visíveis. A vida com aquele velho não deve ser fácil.

— Sim, Yrine, mas foi uma estupidez. Preciso retornar para casa agora — informo, já prevendo que meu marido está furioso.

— Ah, claro. Posso te dar uma carona. Estou indo para a minha prisão também — ela comenta como se fizesse uma piada, mas noto verdade em sua afirmação.

— Não quero atrasá-la, Yrine. É melhor que eu pegue um táxi.

— Não se preocupe, não terá nenhum problema para mim. — Dá um sorriso amarelo. — Aliás, quero saber absolutamente tudo que aconteceu que a fez fugir do seu marido. — Leva-me em direção a um carro escuro com o motorista que a aguarda.

Depois de muita insistência, acabo concordando.

(...)

— Então, está grávida? — ela pergunta, oferecendo-me uma garrafa com água.

Aceito-a e percebo que eu realmente estava com muita sede, pois bebo quase a garrafa inteira. Devolvo-a e agradeço.

— Sim — confirmo, encarando a paisagem lá fora.

Meu cenho se franze quando avisto a Catedral de Palermo

— E por que fugiu? Ele não quer o bebê?

Olho-a, atônita e confusa, ignorando suas perguntas ao me atentar a algo.

— Não já passamos por aqui antes?

Vejo surpresa em sua fisionomia.

— Creio que... o motorista está pegando um atalho — ela comenta, inquieta, olhando para a tela do celular.

— Esse não é o caminho de casa. Ordene que ele vire à esquerda, Yrine. — Um sentimento de mau presságio ameaça se apossar do meu ser e um frio horrendo atravessa a minha espinha.

— Eu não posso. Sinto muito, Ella — sua voz denota tristeza.

Levo a mão à maçaneta da porta, mas comprovo que ela está travada.

— Pare a droga deste carro! — eu ordeno, porém o motorista permanece calado e continua sua atenção ao volante, como se não ouvisse absolutamente nada. É como um boneco, um ser inanimado.

Um gosto amargo predomina na minha boca e eu sinto uma sonolência incontrolável. Levo a mão à barriga como se pudesse proteger a minha bebê e tento me manter acordada. Todavia, o sono é mais forte e não

consigo me manter em alerta. Subitamente, minha consciência é tragada pela escuridão.

Escuto quando a maldita afirma ao telefone antes do meu corpo desabar sobre o estofado do veículo:

— Está feito.

CAPÍTULO 34

ANTONELLA DVORAK

Minha cabeça pesa e o meu raciocínio é incongruente neste instante.

Sinto o meu corpo dolorido pela posição incômoda e tento me remexer no pequeno estofado. Levanto as pálpebras lentamente, tentando me situar, e identifico que estou em um carro. Na mesma hora, flashes das últimas horas pipocam em minha mente.

Droga! Yrine me enganou.

Suspendo um pouco a cabeça e vejo que estou sozinha no veículo.

Tento verificar como está a minha situação, averiguando o perímetro. Um imenso galpão surge no meu campo de visão e, do outro lado, pelo que posso constatar, estou cercada apenas por uma mata densa.

Caramba, Yrine! Tinha que ter me trazido para o meio do nada? E

tudo isso por eu ter agido com estupidez em um momento de fraqueza e frustração. Uma lágrima desce, turvando a minha visão, e eu sinto meu rosto molhar. Levo a mão ao meu ventre, sentindo a pequena protuberância.

Por minha culpa, coloquei a minha bebê em risco.

Mas logo enxugo as lágrimas. Não é hora para lamentações. Tenho que agir rápido, ou não conseguirei sair daqui.

Escuto vozes e passos cada vez mais perto.

— Excelente, Yrine. Provou sua lealdade e executou com perfeição o seu trabalho. Talvez seja promovida a algo maior — sussurra a voz odiosa.

Minha pele imediatamente se arrepia com a repulsa do reconhecimento. Deus! Não pode ser. Yrine não pode ter sido tão perversa para me trazer diretamente à toca do velho pedófilo, quem eu odeio com todas as fibras do meu ser.

— Por favor, só não a machuque. Ela está... — Fecho os olhos ao compreender o que ela revelará, mas só consigo escutar um baque seco.

— Quem pensa que é, maldita puta, para dizer o que devo ou não fazer com a minha noiva? — As palavras descabidas chegam aos meus ouvidos e eu sinto um nojo tremendo e uma forte onda de enjoo. Temo colocar tudo para fora, mas me controlo, pois não quero chamar a atenção do velho babão. Porém, apenas ao imaginar o ser de mãos perversas me tocando, sujando-me com a sua maldade, tenho uma ânsia de aversão incontrolável. — É apenas uma cachorra que fodo enquanto não tenho as minhas menininhas.

Eu farei o que quiser com Antonella. Ela é pequena e mantém um rostinho inocente e jovial; me faz lembrar de quando era uma criancinha e me despertou a atenção. Como desejei tê-la para mim... E

agora ela é minha. Talvez o fato de ela ter sido criada em um convento tenha preservado essas características de pureza. Ela parece um anjo, uma pequena ninfeta de boca doce. Vou adorar ter seus lábios adocicados me mamando. Treinou a *ragazza*, não é verdade? Mal posso esperar para provar dos encantos da minha noiva. Alexei Dvorak em breve estará sete palmos abaixo do chão, enquanto eu vou foder e usufruir de tudo que virá junto com aquela gostosa.

Nojo é o único sentimento que nutro por esse ser desprezível. Suas palavras cruéis e sujas agem como um fogo voraz, rasgando a minha pele.

Meu único intuito é correr desesperadamente para longe desse ser tão sadista. Porém me controlo. Se eu agir precipitadamente, não terei nenhuma chance de sair daqui.

— Por favor... senhor, está me sufocando.

— Isso é para você aprender, cadela ordinária, a quem deve obediência.

O homem só pode ser um louco. Não é à toa que era um forte aliado de Anthony.

Agora comprovo que se eu não agir rapidamente, não terei chance alguma de fugir. Devagar, suspendo o braço e tento destravar a porta. Um forte alívio me preenche quando escuto o barulho suave dela se abrindo.

Prendo a respiração e tento controlar o meu nervosismo. Esta é a hora de eu manter a calma. Abro a porta sem pressa e me rastejo para o lado de fora

devagar. Não sei ao certo que plano seguir, mas creio que o bosque seja a única saída. A semiescuridão da noite será um desafio para mim, no entanto esta é a única oportunidade. Ninguém nesse galpão me ajudaria, de fato.

Olho ao redor e vejo, através do vidro do carro, o velho asqueroso sufocando Yrine. No rosto dela, noto a angústia que está a atingir o seu corpo pela falta de ar. Maldito velho desprezível! Se eu tivesse um bastão próximo, pode ter certeza de que eu não teria pena de usá-lo.

Mas antes que eu tenha tempo de agir, sinto uma presença sombria atrás de mim e um hálito quente próximo ao meu ouvido.

— Pensa em ir a algum lugar, Antonella?

Quando me viro abruptamente, meu coração golpeia dentro do peito, sentindo o tremor que a face conhecida me provoca. Eu pensei que ele tivesse tido o mesmo destino trágico de papai, mas não, o improvável aconteceu e Nathan está diante de mim com uma expressão aterradora e carrancuda, como se sentisse muito ódio.

— Bem-vinda de volta à família, priminha. — Um sorriso doentio se eleva nas suas feições e somente consigo sentir repulsa. — Sentiu saudade?

— Nathan, eu...

— Apreciou brincar de ser a puta do Dvorak — sua afirmação sai baixa, mas é perceptível o seu desdém. — Veja só a minha surpresa ao me inteirar que de refém, passou a aquecer a cama do Dvorak como esposa. —

Suas mãos odiosas me imobilizam estupidamente. Filho da puta! Ele usa uma certa força para me submeter a ele como se eu fosse capaz de fugir. —

Então, você deve ter algum valor para ele. Em breve seu marido virá atrás de você.

— Está completamente louco se pensa que Alexei virá atrás de mim.

— Ele não só virá, como negociará por você.

— Não. Eu fugi dele. No mínimo, ele deve estar querendo me esganar

— digo, nervosa.

— Devo agradecer pelo seu pequeno ato de estupidez, Antonella, pois não teríamos êxito sem a sua ajuda. Mas é certo que ele virá, e o melhor é que o seu exército não está completo. O irmão gêmeo está em viagem, pelo que já estou sabendo. É exatamente esse o plano: quero que o seu marido venha até nós. Sanches acabará com ele e, finalmente, honraremos o nome da família. Você é uma maldita traidora. Meu tio teria nojo de ver que se comporta como uma puta devota, esquecendo-se para quem deve lealdade.

— Você não sabe o que é essa palavra, pois traiu o seu próprio aliado.

Recorda-se? Então, quem traiu quem?

Seu sorriso doentio permanece. Nathan é mais contido do que papai, mas não posso me esquecer de que ele também é uma cria do demônio.

— Anthony conseguiu, de certa maneira. Está casada com o *consigliere* dos Dvorak e é uma mulher extremamente rica. Meu dever é terminar o que meu querido tio iniciou. E acredite que com a ajuda de Sanches, vou fazer isso. Seu marido recebeu um belo presente há alguns dias. Óbvio que não me passou pela cabeça que ele estava no hangar, até porque era para ser somente um aviso. — Solta uma gargalhada. — Mas fiquei muito satisfeito de saber que ele se feriu na explosão.

— Foi você, seu monstro? — Amplio os olhos, horrorizada, apenas ao imaginar isso.

— Não exatamente, mas ajudei a arquitetar tudo junto com o Sanches. Ele foi o único que não me deu as costas e está disposto a enfrentar os Dvorak. — Seu olhar audaz desliza pela minha figura e eu sinto ânsia, mas me controlo. — É evidente que ele tem seus desejos particulares. — Um sorriso de agrado se forma em suas feições. — E ainda sairá com uma vantagem tremenda dessa aliança. Pelo menos Sanches tem os pés no chão, não é tão afoito quanto Anthony e sabe calcular os riscos.

— Está completamente louco se acha que vou colaborar com algo. Eu desprezo o ser que se tornou.

— Pouco me importa, minha querida Ella. Continuará sendo uma barganha, de qualquer maneira.

Fico trêmula com a sua afirmação descabida, porém não tenho tempo de retrucar, visto que ouço passos atrás de nós.

— Minha noiva já despertou. — Sinto um arrepio na nuca ao ouvir a voz do velho asqueroso atrás de mim.

Lembranças sombrias da minha infância voltam a me atormentar e eu sinto minhas pernas quase cederem. Somente não vou ao solo por causa do agarre firme de Nathan. Todavia, não me permito desmoronar.

CAPÍTULO 35

ANTONELLA DVORAK

Observo alguns soldados andarem pelo galpão como se fizessem a ronda. Estou em uma cela minúscula e cheia de infiltração. As paredes frias demonstram que fará frio nessa noite. Mas não é essa a minha preocupação no momento, e sim Sanches e o seu propósito com a minha captura. Minha pele gela apenas por eu me lembrar do seu diálogo tenebroso com Yrine.

Alguns minutos depois, deparo-me com a mulher de frente à cela. Em suas mãos, ela traz uma tigela de sopa, a qual rejeito veementemente. Não posso acreditar em quem me enganou.

— Tem que comer algo, ou vai adoecer.

— Você se importa? — Olho-a com rancor. — Como pôde ter chegado tão baixo e se submetido ao tipo mais sujo da raça humana? —

repreendo-a.

— Eu não tive opção.

— Eu te ofereci ajuda.

— O seu marido não me ajudaria depois de eu o ter dopado.

— Ele teria ajudado — asseguro.

— Eu sinto muito, mas já é tarde — ela se lamenta, deixando a tigela com a comida próxima a mim.

Apesar do cheiro divino, recuso-me a comer.

Em um determinado momento ouço passos lentos e pesados se aproximando da cela. Tenho conhecimento de que é Sanches. A bile chega a subir pela minha garganta, com a onda de repulsa. Não levanto o olhar, no entanto sinto a sua mirada perversa queimando cada milímetro da minha pele.

— É uma bela garota, Ankys. Deveria ter me procurado antes. Eu teria barganhado por vocês duas. Minhas duas menininhas — a pronúncia fétida salta de sua boca desprezível e todo o meu organismo se agita.

— Não vai chegar perto da minha irmã, seu monstro. — Encaro-o com todo o sentimento de nojo estampado em minhas expressões. É

inevitável, não consigo controlar.

Reparo no sorriso zombeteiro cruzando sua face tenebrosa.

— E quem irá me impedir? Seu marido? Aquele bastardo arrogante do Dvorak deveria ter morrido no mesmo atentado que ceifou a vida do pai dele. Ele é astuto, então creio que já desconfia que o ataque que sofreu no galpão foi proposital. — O homem solta uma gargalhada estridente. É

nítido o seu desdém. — Em breve será uma viúva muito, muito rica. É só por esse motivo que está aqui, minha linda garotinha. Será o meu troféu particular.

— Nunca! — afirmo.

Meu propósito era ignorá-lo, mas não me contive diante da sua provocação.

— Está completamente louco. Eu nunca irei me casar com um velho tão asqueroso como o senhor — digo com os olhos crispando em fúria.

— Ora... O que temos aqui? Uma pequena garotinha furiosa. Adoro isso, traz mais excitação ao nosso relacionamento. — Relacionamento? O

homem está completamente louco. O único sentimento que nutro pelo ser sórdido diante de mim é nojo, repulsa. — Isso me lembra a minha segunda falecida esposa. Ela era bem arisca antes de eu domá-la.

Meu Deus! O ser degradante já enterrou duas esposas? Estou em choque. Pobres almas infortunas que cruzaram o seu caminho. Aposto que todas eram muito jovens e com ar de meninas ingênuas.

— Não sou nenhuma égua para que precise ser domada. Eu tenho pena do senhor se me tocar. Alexei revirará cada continente à sua procura e será a sua ruína. Ele só descansará quando cada parte miserável do seu corpo estiver dilacerada — blefo.

Depois da estupidez que cometi, não tenho tanta certeza de que o meu marido seria complacente comigo.

— Verdade, minha menininha? Mas até onde sei, mortos não fazem nada. E seu marido em breve estará fazendo companhia ao próprio Anthony no inferno. Preciso urgentemente de dinheiro, pois muitos dos meus negócios ultimamente vêm me dando muito prejuízo. Você, minha linda garotinha, será a minha mina de ouro.

Estou com tanto ódio, que em um ato impensado, vou perto da grade e cuspo em seu rosto de forma vigorosa. Apenas o vejo limpar a face em um gesto de “tanto faz”.

— O seu desprezo me agrada. Tenho uma preferência incomum pelas que resistem. — O sorriso de dentes amarelos molda sua boca de lábios finos. — Assim dá mais adrenalina e sabor às trepadas. Adoro ouvir os gritos de dor enquanto elas são arregaçadas. — Ele solta uma risada sombria que me causa ainda mais aversão. O homem é um sádico impiedoso. — Sabe, pequena... Devo confessar que desde quando você era apenas uma menininha, eu nutria uma certa tara por você. — Meu corpo treme repentinamente, em agonia, com a afirmação macabra e doentia. —

Seus lindos olhos azuis, seu pequeno corpo franzino e a doce inocência estampada em sua face me deixavam fascinado e duro. Pena que Ankys nunca me permitiu roubar a sua inocência. Sua virgindade era preciosa para ele. Contudo, ele moveu as peças erradas no tabuleiro e acabou como um tolo, perdendo o seu império. Mas eu o restaurarei usando você. — Dá um sorriso odioso.

Sou acometida por uma onda gigantesca de náuseas e não resisto desta vez. Corro para um canto da cela e despejo o líquido amargo que sai queimando a minha garganta em um pequeno balde que deixaram para as minhas necessidades.

Como pode existir um ser tão medíocre assim na face da Terra?

Quantas vidas a figura abominável arruinou?

Eu o vejo chamar alguém e quase me engasgo com a cena humilhante. Yrine está trajando uma vestimenta infantil, um vestido cheio

de ursinhos na estampa, e seus cabelos estão divididos ao meio, presos por fitas de cetim. Com sua maquiagem leve e bochechas rosadas, lembra uma boneca.

Contudo, os olhos escuros e demoníacos de Sanches estão focados em mim e na minha expressão.

— Excelente, Antonella. Isso prova que não é indiferente a mim. E

aprenderá como gosto das minhas garotas. Agora, veja bem como aprecio uma boa chupada. — Ele puxa um lado do cabelo de Yrine e eu posso ver dor nas feições dela. — Agora me chupe, vadia. Mostre para a minha garotinha como o mestre gosta.

Ela se ajoelha em frente a ele, em uma pose de completa humilhação.

Como pode suportar ser tratada dessa maneira, como uma prostituta suja e barata?

— Me chupe, sua cadela. Já sabe como gosto. Se não me fizer gozar, receberá sua punição, como toda criança malcriada — ele diz grosseiramente, ainda puxando as suas madeixas e lhe causando dor.

Observo quando ela desce o zíper da calça do velho lentamente e tira o seu membro flácido para fora. Ela começa a masturbá-lo e a colocá-lo na boca, fazendo o pênis do velhote endurecer. Não é algo impressionante, mas somente o fato do monstro ter acabado com vários sonhos juvenis é o suficiente para eu desejar decepar essa parte desprezível do seu corpo.

Enxergo dor refletindo nos olhos de Yrine enquanto o velho asqueroso a submete a uma das piores violações que uma mulher pode sofrer. Lágrimas molham o meu rosto. Estou impotente diante da cena grotesca em minha frente, sem poder fazer absolutamente nada para a ajudar.

— Isso! Chupa, sua puta! É por isso que ainda a mantenho: sabe treinar as melhores. — Ele urra de prazer.

A cena é odiosa. É nítido o desconforto de Yrine, mas ela segue com afinco, como se tentasse acabar com a tarefa o mais rápido possível. Logo o velhote goza e ela apenas limpa os últimos resquícios do seu sêmen.

Reparo quando ele se recompõe e fixa a atenção em mim.

— Quando for minha esposa, Antonella, aprenderá o que me agrada e se curvará para atender aos meus desejos. Eu sou um marido fácil de agradar, minha noiva, mas também sei administrar um bom castigo em garotas levadas — ele adverte, louco.

Só consigo sentir nojo da cena degradante que presenciei. Nenhuma mulher, muito menos uma criança deveria ficar à mercê de uma besta odiosa como o Sanches. Quantas mais dessa erva daninha têm espalhadas pelo mundo, roubando a vida e a inocência dessas crianças e de outras vítimas indefesas?

— Nessa mesma noite será preparada para mim. Já viu como eu gosto das coisas. Yrine será responsável por trazê-la. Então, até mais tarde, minha querida noivinha — ele sentencia e abandona o local.

A forte onda de enjoo ameaça retornar com força total, mas consigo controlá-la quando solto o ar lentamente, tentando acalmar minhas emoções. O que é quase impossível depois da determinação sádica de Sanches. Eu nunca cederei à sua posse desprezível. Antes ele terá que me quebrar em mil pedaços. Ele não pode saber que estou grávida, ou usaria a minha bebê para conseguir algum benefício. Farei de tudo para manter segura essa vida que está sendo gerada em meu útero.

Por que o meu maior pesadelo de quando eu era criança tinha que surgir para me atormentar?

Vou em direção à garrafa de água que foi deixada aqui e limpo a boca, tirando o gosto amargo dela. Recolho-me no catre velho e com cheiro de mofo. Será impossível dormir hoje, ainda mais depois da imagem repugnante que presenciei e da ameaça latente de Sanches.

(...)

As horas passam lentamente, e tudo parece ainda pior desde que cheguei a este lugar gélido, fétido e sombrio. Parece que tomei uma alta dose de energético que me mantém acordada, mas eu sei que é efeito das ameaças de Sanches. O armazém está sob um silêncio estarrecedor. Eu sinto o frio latejante penetrar em meus ossos, e meus dentes tilintam, mas pelo menos estou sozinha. Decerto, lá fora deve ter guardas, e aqueles dois sórdidos estão em algum lugar formulando as próximas crueldades.

Reparo em um rastro de uma sombra próxima à cela e meu coração acelera violentamente dentro do peito, com o medo absurdo e quase irreal de ser o velhote novamente. Temo pela vida da bebê que carrego, e quando olho para a figura delgada de Yrine, recordo-me das palavras cruéis de Sanches.

Observo-a destravar a cela e sussurrar lentamente:

— Venha, menina.

Estranho o seu comportamento, pois ela parece apreensiva com algo.

Ela quer me levar para o Sanches, e com essa noção, encolho-me ainda mais no catre.

— Por favor, não, Yrine. Eu não suportarei ser tocada por aquele monstro.

Sua expressão demonstra compreensão.

— Não é nada do que você está pensando. Eu vou te ajudar a sair daqui, não vou cumprir a ordem do *mestre*. Fiz coisas horríveis, e me arrependo profundamente disso, mas esse meio é cruel, Ella. — Seu sussurro de deboche ao pronunciar “mestre” foi quase inaudível.

Devo acreditar? Ela me trouxe até a toca do lobo. Por que me ajudaria a sair dela? Qual o seu propósito?

— Está falando sério? — questiono, incrédula.

— Ella, não temos muito tempo. Coloquei sonífero na água dos soldados. E se Sanches acordar e descobrir o que está ocorrendo, não me

poupará. Portanto, se quiser sair daqui, é agora — desta vez o seu tom é sério.

Ela pode estar me levando para o abatedouro do monstro, no entanto não tenho outra opção a não ser confiar nela.

Eu a sigo e ela me retira do galpão por uma porta estreita na lateral.

Posso ver que alguns homens estão caídos. Yrine me guia até o bosque e eu não olho para trás. O meu medo é que, a qualquer momento, algum soldado do velhote ou ele próprio nos pegue. O vento gélido açoita o meu corpo e eu estremeço. Se dentro do galpão estava um clima gelado, ao lado de fora está quase congelante.

Sigo os passos de Yrine. Não tenho noção da hora, apesar de imaginar que já deve ser muito tarde da noite. Ela me leva até certo ponto e me orienta em seguida, apontando para um clarão em um lugar meio distante de onde estamos.

— Ella, está vendo aquele ponto luminoso?

Só balanço a cabeça, confirmando. A sorte é que a lua está clara e facilita, de certa forma, a caminhada. Mas tem muitos galhos e mosquitos nessa mata. Qualquer deslize ou passo em falso pode nos levar ao solo.

— Trata-se de uma residência. Lá mora uma viúva humilde que vai te dar abrigo. Diga a ela que eu te enviei. Ela me conhece. Amanhã a senhora Anguys te orientará a como retornar à cidade e solicitar ajuda.

— Mas você não vem?

E se for uma armadilha?

— Não posso. Me perdoe. — Ela me abraça.

— Yrine...

— Não precisa dizer nada, apenas siga as instruções. Te desejo sorte.

— Observo-a tirar o casaco que ela carrega e me entregar.

A princípio, não aceito, mas ela insiste, colocando-o em mim. Pude detectar arrependimento em sua voz. Logo depois ela segue o seu caminho de volta e eu sigo o meu.

(...)

Aproximadamente meia hora depois cheguei à pequena residência.

Como Yrine mencionou, a senhora Anguys é uma mulher de meia-idade muito gentil. Quando me identifiquei e disse que sou amiga de Yrine, ela abriu um sorriso acolhedor. A sorte é que a senhora ainda estava acordada, até porque não é toda noite que uma estranha bate à sua porta em plena madrugada pedindo por socorro.

A mulher me acolhe, alimenta-me e me oferece abrigo. Sempre serei grata.

— Obrigada, senhora Anguys. Eu não tenho como pagar.

— Não se preocupe, menina. Gentileza se paga com gentileza. Essa é uma grande dádiva do ser humano. Agora, venha. Ficará mais confortável no quarto que pertencia à minha filha. Ela mora a alguns quilômetros daqui com o marido. Amanhã a levarei lá e poderá pedir ajuda à polícia.

Engulo em seco a parte da polícia. Definitivamente, esse será o último lugar que procurarei.

O quarto é muito acolhedor, apesar de simples, como o restante da casa, mas dá para eu sentir a atmosfera de muito amor espalhado pelos cômodos, assim como das flores naturais colhidas diretamente do pequeno jardim lá fora. Deito-me no colchão de solteiro pequeno e confortável, muito diferente do catre velho e sujo, e acaricio a pequena protuberância em meu ventre antes de me permitir ser dominada pelo cansaço.

Qualquer ruído ao lado de fora da cabana me faz acordar e sobressaltar durante as horas que se alongam na noite.

Quando está perto de amanhecer, escuto um barulho de carro se aproximando da casa e, segundos depois, o som da porta da sala sendo aberta abruptamente. Esse ruído é o suficiente para fazer o meu corpo congelar e tremer. Ainda estou sonolenta, mas rapidamente entro em alerta.

Meu coração bate descontrolado dentro do peito e o nervosismo volta a me dominar.

Sanches me encontrou. Senhor santíssimo! O pior é eu ter colocado a vida da gentil senhora em risco. A culpa me golpeia, entretanto tenho que ser prática e pensar, no momento, na minha segurança e da minha filha, já que eu seria impotente agora para a ajudar.

Depressa, vasculho pelo quarto algum esconderijo. Não é possível que aquele velho asqueroso tenha descoberto o meu paradeiro. Se for verdade, a vida de Yrine está em perigo.

Avisto o pequeno guarda-roupa com venezianas, salto da cama o mais rápido que minhas pernas permitem e busco refúgio no único lugar que considero seguro. No móvel tem algumas colchas e toalhas, mas logo me

acomodo e travo a porta em seguida. Estou tremendo ainda com a possibilidade de retornar à prisão de Sanches e ser submetida às suas perversidades.

Respiro e inspiro lentamente, buscando me controlar.

No mesmo instante a porta do quarto é aberta com grosseria. Consigo escutar seu rangido como se tivesse rompido a madeira. Ouço os passos no interior do cômodo e trago a mão à boca, tentando conter o horror. As lágrimas nublam os meus olhos e minha única vontade é de chorar, mas me contenho, ou serei descoberta rapidamente.

É possível eu ouvir os passos firmes e lentos dentro do quarto. Meu coração está tão aterrorizado, que temo desfalecer a qualquer momento.

De imediato, vejo a sombra da figura horrenda se posicionar na frente do armário de roupas. Minha garganta se prepara para gritar e pequenos pontos negros passeiam pela minha vista. Temo desmaiar, quando, de repente sinto a porta ser aberta abruptamente.

Um grito seco escapa pela minha garganta e eu sinto mãos fortes me agarrarem. Preparo-me para morder a mão do meu raptor, porém reconheço o seu cheiro e o seu toque. Um sorriso de alegria brota em meus lábios e meu coração volta a bater em um ritmo normal enquanto me jogo nos

braços do meu marido. É provável que ele ainda queira me esganar pela tolice que cometi, mas agora nada importa.

CAPÍTULO 36

ALEXEI DVORAK

Che Diavolo! Tento me segurar para não romper meu ínfimo controle.

Não posso me esquecer de que Ella ainda é muito jovem e que quase não teve experiência de vida. Sua atitude foi extremamente tola e ela colocou a sua vida e a do bebê em risco. Tive que exercer todo o meu autodomínio

para não matar cada maldito soldado que fazia a segurança da minha esposa e a deixou fugir.

Diavolo! Eles ainda não estão isentos de receber a devida punição e a minha *bella ragazza* não está livre de receber sua sentença também. Levarei em conta a sua condição atual antes de puni-la, porém o certo é que ela não sairá da mansão tão cedo.

Sinto o peso da raiva e da angústia me inundar. Porra! A minha Ella está em perigo e eu tenho que a trazer de volta. *Accidenti*!

Ainda estou tentando compreender por que diabos ela fugiu ao descobrir a gravidez. Será que não quer o bebê? Notei as leves mudanças em seu corpo e já suspeitava da sua condição. Seus quadris estavam mais largos e volumosos, e os seios maiores e sensíveis. Seu corpo carrega o meu herdeiro, caralho, e eu me sinto orgulhoso disso.

Mas que merda! Por que ela não está contente? Talvez a constatação de que o plano de Ankys está se tornando real a apavorou. A mente feminina é, absolutamente, um mistério.

Foi difícil rastreá-la. A droga do seu celular estava desligado e o rastreador da aliança tinha um sinal fraco devido a alguma maldita interferência local. Quando finalmente consegui a sua localização e as imagens do local onde ela estava, compreendi que minha Ella caiu em uma armadilha. *Cazzo*! As filmagens do lugar mostravam minha esposa entrando em um carro com uma loira. Obviamente, reconheci a mulher ardilosa, a acompanhante do velho Sanches. Porém, aquele rosto já me era familiar

antes. Então, não demorei muito para assimilar quem era. Logo soltei uma imprecação quando um lampejo de reconhecimento me veio à mente.

Accidenti! É a mesma mulher que teve a ousadia de me drogar quando eu era um refém de Ankys. Quando eu puser as mãos nela, irei sufocá-la lentamente.

E quanto ao *figlio di puttana* do Sanches, o velhote pensa que sou algum idiota, mas a verdade é que eu já estava a par das suas armações com o

sobrinho de Ankys, que, por infelicidade, acabou saindo impune da carnificina no castelo de Anthony. É provável que o infeliz não estava no interior da propriedade naquele dia. Contudo, depois do atentado ao galpão dos Dvorak, Fellipo começou as investigações e detectou que o suposto motorista tinha ligação com o *vecchio stozzo*. [72] Logo foi feita uma busca de possíveis ligações e aliados, na qual foi comprovado o forte pacto entre os dois *stupidos*.[73] Dessa forma, aumentei a vigilância e a segurança da minha esposa enquanto elaborava maneiras de derrubar Sanches e minar suas reservas. A verdade é que eu já estava atuando, fechando as portas para ele em alguns setores e lhe causando enormes prejuízos. Tenho conhecimento de que a maior fonte de renda do velhote era por meio da rede de exploração sexual infantil, na qual ele próprio satisfazia seus desejos macabros e doentios. Jogos clandestinos e de azar também endossavam a sua renda. Entretanto, alguns deram errado ultimamente.

Regozijo-me com essa constatação.

Minha intenção era que o velho tivesse um infarto fulminante quando comprovasse o rombo em suas finanças, contudo o meu maior prazer agora será vê-lo perder o último fôlego por minhas mãos. Quero sentir o último latejar de sua vida miserável sob as minhas palmas depois de fazê-lo pagar dolorosamente pela ousadia de sequestrar a minha esposa. E seu castigo será pior ainda se tocar em um único fio de cabelo dela. Eu esmiuçarei cada maldito osso da sua mão e terei um prazer gigantesco em macerar cada parte maldita deles lentamente, como uma trituradora de carros velhos. Juro fervorosamente que o seu sofrimento será, no mínimo, lento.

Depois de eu ativar finalmente a localização por satélite e rastrear cada passo para onde levaram a minha esposa, o plano foi traçado e

colocado em prática. Há um considerável número de soldados nessa missão.

Um galpão escondido no meio da floresta. Seria quase engenhoso se eu não tivesse conhecimento de cada polegada do território italiano. Apesar do terreno ter uma parte da área acidentada, tenho acesso com facilidade.

Outro *stupido*[74] igual ao Ankys, que subestimou o poder e a agressividade dos Dvorak. Não é à toa que o símbolo do tubarão representa

a nossa organização. Sanches será devorado e sugado por uma cratera diretamente para o inferno.

Imediatamente, seguimos para o local indicado. Eu acompanhei a movimentação da minha esposa pelo celular, e assim percebi que ela se deslocou do armazém para a floresta. Estranho. *Maledizione*! Para onde a levaram? Estou apreensivo, apesar da minha postura ser totalmente neutra e sisuda diante dos meus comandados. A única coisa que delata a minha inquietude e a ânsia premeditada de acertar as contas com os dois bastardos são os meus punhos rígidos vez ou outra. O meu sangue está fervendo em uma fúria ostensiva. O que demonstra, de alguma maneira, que eu me importo, caralho.

O Jipe blindado finalmente para diante da residência humilde, o local onde aponta no monitor que a minha esposa se encontra. Seria uma armadilha? Adentro a casa com cautela, apesar de já ter chegado anunciando a minha presença por meio do arrombamento da porta. O lugar já está cercado pelos meus homens, sem chances de alguém fugir. Com passadas firmes, vou diretamente para onde mostra o ponto vermelho no monitor. Quando entro no quarto, meu coração ameaça falhar uma batida, pois comprovo que Ella não se encontra em canto nenhum do cômodo.

Que inferno! Só falta ser uma maldita cilada de Sanches, que descobriu sobre o rastreador e preparou uma armadilha enquanto levava a minha esposa para outro esconderijo. Seguro a ânsia violenta de soltar uma rajada de imprecações. *Cazzo*! Não é possível. No entanto, revirarei cada maldito continente se for necessário.

Estou prestes a abandonar o quarto, quando escuto um ofego baixo.

Analiso minuciosamente a esfera do cômodo e avisto o pequeno guarda-

roupa. Quando abro a porta subitamente e vejo a pequena *ragazza* encolhida e aterrorizada em um canto, ouço o seu grito provocado pelo espanto.

Assim que toco na figura miúda, ela está prestes a reagir e a me morder, mas algo muda na sua expressão corporal e, imediatamente, sinto-a se jogar

em meus braços. Fico surpreso com a sua atitude. Ela agiu precipitadamente e fugiu de mim, entretanto, mesmo não querendo demonstrar, sinto o alívio do corpo pequeno envolver o meu. É bom tê-la em meus braços. Porra! É bom para caralho. Apesar de que minha única vontade é de sacudi-la severamente pela tolice que cometeu, colocando-se em perigo com o bebê.

Tento me manter indiferente enquanto ouço o seu choro baixo e de alívio. Antonella está agarrada ao meu corpo enquanto eu permaneço com as mãos em cada lado do seu corpo, sem reagir. Quero que ela sinta que estou puto pela sua atitude. Observo quando ela me encara e eu detecto seus olhos repletos de tristeza por eu me manter sem reação, inabalável.

Demonstrarei somente o que quero que ela veja. Mas a verdade é que, por dentro, eu me sinto em êxtase, compreendendo que a minha mulher está bem e fora de perigo. Porra! Nunca conseguirei ser completamente indiferente a ela.

— Por favor, não machuque a dona da residência e Yrine. Elas não têm culpa de nada, foi insensatez minha — ela sussurra e, em seguida, o seu corpo fica mole e ela perde os sentidos.

Rapidamente, envolvo o seu corpo para que ela não despenque no solo quando perde a consciência. *Cazzo*! Essa é a minha *bambolina*. Até mesmo quando deveria estar preocupada com a sua segurança, implora para que eu mantenha intactas as vidas da velhota e da mulher que a enganou.

(...)

Depois de comprovar que Antonella está bem e que o seu mal-estar foi somente devido às fortes emoções e às tensões que ela passou nas últimas horas, ordeno ao Pietro, o soldado que tem feito a sua escolta, que a leve ao hospital e a mantenha segura. Advirto-o severamente que se ele falhar mais uma vez, conhecerá as chamas do inferno mais cedo. Ele treme como vara verde, mas assente. Eu mesmo a levaria, contudo tenho que acertar as contas com o velho Sanches. Não posso permitir que ele saia impune uma segunda vez. Além de que irei acertar as contas com o babaca do sobrinho de Ankys. As sementes do mal serão extintas da face da Terra e não terei mais dor de cabeça com os idiotas.

Sigo com os demais soldados ao ponto anterior que estava sendo marcado no monitor. Muito astuto o velhote. Um galpão no meio do nada devia servir de algum depósito ilícito para ele. Estou com alguns homens, que logo cercam a construção. Ainda está escuro, porém faltam poucas horas para o sol nascer. Agimos com cautela, já que o lugar está silencioso.

Vejo alguns subordinados do Sanches desatentos. Ao me aproximar e os render, comprovo que eles estão dormindo. *Cazzo*! O velho é mesmo estúpido ou está cercado de incompetentes? Chuto o corpo aparentemente inerte e aponto minha pistola semiautomática para ele. O homem apenas se mexe e me fita, mas está grogue como se tivesse levado uma forte pancada na cabeça e estivesse com o raciocínio embaralhado.

— Senhor, todos os soldados estão na mesma situação — Fellipo me informa.

— É preciso ter cautela mesmo assim. Não sabemos o que houve aqui

— digo, olhando-o.

Analiso os nossos soldados neutralizarem os de Sanches e adentro o galpão com cuidado, ainda prevendo que tipo de atrocidades poderei encontrar. Entretanto, a cena cômica é quase irreal: Sanches e o sobrinho de Ankys estão rendidos, amarrados cada um em uma cadeira, desacordados, parecendo estarem na mesma situação que os demais homens. Quem foi tão intrépido? Se Hardy estivesse aqui, eu diria que ele chegou antes de mim.

Meu irmão sempre foi muito audacioso em suas ações. Primeiro ele atira,

para depois começar o interrogatório. Nesse aspecto, apesar de sermos gêmeos, temos temperamentos diferentes.

Satisfeito, sorrio e solto uma imprecação prazerosa. *Cazzo*! Eu necessito desse sujeito servindo a *famiglia*.

CAPÍTULO 37

ALEXEI DVORAK

Quando é arremessado o balde com água fria em Sanches, ele finalmente desperta meio atordoado.

— Maldita mulher! — sua pronúncia é contida, mas cheia de ira.

Rapidamente, ele se atenta de que está completamente imobilizado, impossibilitado de reagir e rendido.

— Foi enganado por uma mulher, Sanches? — Estreito os olhos sobre a figura patética.

Pelo visto, a tal Yrine é mais astuta do que previ. Não posso me esquecer da mesma ousadia que ela teve ao me dopar.

— Dvorak. — Sua expressão no primeiro momento é de surpresa ao me fitar, mas logo ela se torna neutra, dura e inflexível.

O velho não dá o braço a torcer, e eu adoro isso, pois odeio covardes.

— Estava dormindo serenamente como uma princesinha da Disney —

debocho.

— Eu o estava aguardando, Dvorak, enquanto brincava com a minha menininha. — Sorri.

Creio que ele perdeu o juízo junto com a consciência, visto que o caminho tortuoso que está prestes a seguir o levará a um único desfecho: ao abismo profundo do inferno. De imediato, o meu semblante muda, no entanto ele parece não se atentar e continua o seu diálogo perverso.

— Ela tem os lábios doces. Eu quase a fiz se engasgar duas vezes seguidas quando meti com força na boquinha quente dela. Era como uma linda criancinha gulosa ao engolir um pirulito.

Um ódio visceral me queima após eu ouvir sua afirmação podre. O

homem é um lunático e está querendo me desestabilizar. Merda! Ele não

tocou na minha *ragazza*, de fato. Minha vontade é de partir cada pedaço desse *maledetto*.

Permaneço em silêncio, tentando me recompor, porém é quase impossível. Minha mandíbula já está cerrada fortemente.

— Devo confessar que sempre tive uma tara pela sua esposa. Se Anthony não tivesse sido estúpido, Antonella agora seria a minha mulher.

Mas estou satisfeito, pois consegui o que queria. No entanto, você pode conviver com isso, Dvorak? Ela me pertenceu. De qualquer maneira, pude usufruir daquela boceta gostosa que sempre desejei e da boquinha suave como um veludo que me causou várias noites de insônia.

— *Cazzo*! Cale a porra da boca, seu *figlio di puttana*!

Ele está imobilizado, com as mãos amarradas, e indefeso, mas não resisto ao forte impulso, mandando o maldito controle para longe, e o golpeio com vários socos intensos. Meu desejo é matar o infeliz rapidamente. Ele cai no chão com um baque seco e Fellipo me olha, assustado com a minha agressividade. Sempre tive o temperamento controlado, e mesmo em situações extremas, costumo analisar previamente as circunstâncias antes de agir.

Neste instante, o sobrinho de Ankys acorda com o forte estrondo, parecendo atordoado. Mas não ligo a mínima. Minha única vontade é de me transformar em um animal irracional e dilacerar o *maledetto* do Sanches aqui mesmo, apartando cada maldito membro do seu corpo imundo. Mas ao analisar suas feições de satisfação, percebo o seu jogo. Ele sabe qual será o seu destino. Entretanto, não posso refrear a onda de furor que queima as minhas veias.

Foco na figura patética e imóvel. Apesar de ele estar rendido e ser somente um prisioneiro, é como se tivesse as armas certas por meio da sua língua traiçoeira, que age como uma flecha com destino certo. Ainda não posso ter certeza se ele colocou as mãos sujas em minha esposa ou não, como o maldito insinuou, e isso me corrói por dentro. Aparentemente, minha *bambolina* estava bem, mas estava agitada e nervosa quando a encontrei.

O sorriso doentio permanece nos lábios finos de Sanches, apesar de seu semblante não ser dos melhores agora. Tenho a plena convicção de que antes de eu o mandar para o inferno, ele conhecerá a dor dilacerante que causou em várias de suas vítimas indefesas antes de elas morrerem.

Minha respiração está agitada. Desfoco minha atenção dele por breves segundos, tentando buscar me controlar. Porém, em um canto qualquer do galpão, vislumbro roupas de estampas infantis e enfeites para cabelos jogados no chão, e, instantaneamente, sou atingido por uma onda colérica. Os rumores do velho sádico com criancinhas eram verdadeiros.

Ele fixa o olhar no mesmo ponto que eu e continua me provocando. Seu olho esquerdo está parcialmente fechado devido ao soco, com o inchaço que se formou rapidamente.

— Veja só, Dvorak. Eu e a minha menininha brincamos muito. Ela é tão obediente e devota. Chupa um pau como ninguém. Yrine a instruiu bem.

— Cale a merda da boca, *seu figlio di puttana*! — digo com uma raiva latente ainda percorrendo cada milímetro do meu organismo. — Eu ia somente arrancar o seu couro por ter ousado tocar suas patas imundas em minha esposa, mas conhecerá o tratamento VIP que oferecemos para pedófilos e estupradores.

Observo que Nathan fica quieto, mas apavorado. Ele amplia os olhos, quase os esbugalhando para fora das órbitas, com a minha sentença.

— Sanches, é melhor manter a boca fechada. A mulher nos enganou

— ele alerta ao velhote.

Comprovo um líquido respingar no solo e noto que o pirralho se mijou nas calças. Porra! Odeio covardes.

Sanches parece balancear sua próxima jogada agora.

— Está com medo, Sanches? Não pensou que me provocando, iria somente conseguir um tiro de misericórdia na sua cabeça, certo? — indago de modo

gélido e letal.

Os cantos dos seus lábios estão repuxados para baixo, demonstrando, inconscientemente, que ele está com medo. Entretanto, ele dissipa essa

emoção de fraqueza e eu posso ver seu rosto se tingir de vermelho. De imediato, sua expressão fica tomada pela raiva.

— Bastardo! É provável que se fizer isso, causará uma rebelião.

Solto uma estrondosa gargalhada. É perceptível que sua confiança inabalável de minutos atrás está prestes a se romper.

— Verdade? E quem iria reivindicar por sua alma sórdida? Os vários sonhos infantis que arruinou? — Seu rosto se contorce em puro ódio. — E

não ouse pronunciar o nome da minha esposa — advirto-o severamente.

— Dvorak, eu não sabia que era um homem tão ciumento. Afinal, a garota foi usada em um plano de Ankys, e até onde pude perceber, a minha menininha não nutre nenhum sentimento por você. A prova disso é que ela fugiu de você — ele afirma como se essa declaração justificasse seu ato.

Ainda me recordo das feições da minha esposa. Ela estava abalada quando a encontrei.

— Não sou ciumento, sou possessivo. É diferente. Eu cuido do que é meu. Ella me pertence, independentemente da forma como nos conhecemos.

— Eu sabia desde o início sobre o esquema que Anthony tinha proposto para a filha. Me corroía porque não seria o primeiro a usufruir do seu corpo virginal, já que o idiota não aceitou o que pude oferecer pela garota. Antonella nunca deveria ter sido sua. Eu a vi primeiro e a desejei.

Ela deveria me pertencer.

Sem aviso, desfiro um chute em seu estômago. Ele se curva, fazendo uma careta pela falta de ar momentânea que o golpe o provocou. Até tenta se soltar, mas não consegue.

— Eu disse para não pronunciar o nome da minha esposa. — Tenho que manter um controle ferrenho para não o arrebentar. Sua punição será lenta e extremamente agonizante.

— Me arrancou o ar, maldito infeliz! — O velhote arfa com dificuldade. — Não me diga que está apaixonado, Dvorak.

— Não é da sua maldita conta, *vecchio figlio di puttana*. [75] Você me provocou, e agora vamos ver se aguentará as consequências.

Pego a minha pistola e aponto em sua direção. Ele apenas abre um sorriso sádico. É exatamente esse o plano dele, todavia desvio o meu foco e sigo até a cadeira na qual está o sobrinho de Anthony. Quando abro a sua boca com o cano da arma, vejo-o arregalar os olhos, apavorado, já prevendo a minha decisão. Ele está tremendo, pois sabe o seu destino. É tão covarde quanto o Ankys. Destravo a arma e puxo o gatilho. Uma fenda se abre do outro lado da sua cabeça, espalhando seus restos, e, depressa, o seu corpo tomba para um lado, sem vida, inerte. Sanches desejaria ter o mesmo destino rápido.

— Bastardo! Eu deveria estar abrindo a sua cabeça agora — ele murmura e eu avisto respingos de sangue em seu rosto. Minha camisa também está na mesma condição.

Meu olhar vagueia pelo galpão e eu vejo um cavalete de madeira. É

um pouco estreito, mas pode servir para o meu propósito. Lanço uma ordem ao Fellipo, que, imediatamente, cumpre as minhas instruções, desamarrando o Sanches da cadeira, mas mantendo suas mãos imobilizadas. Ele logo o posiciona no local que designei para o seu castigo.

O velhote começa a se debater e a soltar uma rajada de palavrões obscenos. E, sem demora, outro soldado chega para ajudar. Não dará certo se eu colocar as mãos nele antes da hora, visto que não conseguiria me segurar e não tirar o seu último fôlego de vida a golpes instantaneamente.

Fellipo o retém fixamente para que ele não se mova e abaixa as suas calças para que ele receba a sua primeira punição. Sanches fica louco ao

compreender a sua tortura.

— Não ousaria, seu bastardo. Se fizer isso, meus homens o arruinarão

— ele me ameaça como se tivesse algum prestígio no meio da máfia e não estivesse em uma nítida desvantagem.

Dou um safanão nele com o cabo da pistola, rompendo os seus lábios, e contemplo o sangue jorrar.

— Não seja um maldito covarde, Sanches. Me provocou, e agora colherá os danos.

Vasculho no ambiente algum objeto que eu possa usar para o meu propósito e encontro o que preciso: um porrete que é utilizado para verificar a pressão de pneus em veículos grandes que transportam mercadorias pesadas.

Ele fica nervoso quando me vê analisar o objeto que tem 40 cm aproximadamente. A espessura da cabeça é potente e fará um belo estrago no seu rabo. Sorrio.

— Não, Dvorak! — sua voz rasga o recinto com autoridade, mesmo que ele esteja em posição de completa submissão.

— Estava preocupado se os pneus dos caminhões estariam cheios, Sanches?

— Bastardo! Largue já esse bastão! Se chegar próximo a mim, pagará caro — ameaça-me.

— Ora... Não se preocupe — digo, debochado, recuperando o controle da situação. — Apenas verificarei se as suas bolas estão cheias —

justifico-me.

Lentamente, abro as bandas do seu traseiro com o porrete, fazendo uma leve pressão na sua entrada. Ainda não posso arregaçar o seu ânus, quero fazê-lo sofrer pela agonia do que acontecerá. Com quantas vítimas ele fez isso sem dar uma escolha? Faço uma leve pressão, introduzindo o objeto, e o ouço gritar.

— Está agindo como um maldito covarde, Sanches. Era desse modo que se comportava com as suas vítimas? Elas imploravam por misericórdia, mas você empurrava sempre um pouco mais — rosno, impulsionando o porrete dentro do seu corpo, fazendo as suas dobras cederem para suportar o bastão. Seu grito agudo de dor sai, rompendo o ambiente, como se ele quisesse desmoronar as estruturas do galpão. — *Uhhh*! Tão apertado. Ainda era virgem, Sanches? Nutria uma tara por menininhas puras, mas mantinha o seu rabo intacto? — desdenho.

— Pare, Dvorak! Tire esse negócio de dentro de mim! — ele berra como se o seu corpo tivesse sido tomado pelo próprio demônio.

— Eu ainda não terminei, Sanches, estou apenas começando —

comunico enquanto deixo o bastão atolado no seu rabo e procuro em minha bota o objeto cortante para iniciar minha próxima obra de arte.

— Vamos, Dvorak. Acabe com isso e me dê um tiro de misericórdia.

Já fez o que tinha que fazer.

— Ainda não, *figlio di puttana*. Eu decido quando terminar. Agora, me diga: quero saber um pouco mais do que fez com a minha esposa.

Ele se remexe no cavalete, tentando se soltar das amarras. Sem sucesso. O processo apenas faz com que o cacete de madeira entre ainda mais no seu rabo. Logo ele está ofegante e suado com a dor atroz que o movimento causa, até que seu corpo fica imóvel.

— Bastardo! É isso que deseja. Mas morrerei levando comigo a lembrança doce do quanto foi maravilhoso possuir Antonella. Mesmo que me envie ao inferno, esse pensamento sempre vai te atormentar. Conseguirá conviver com a certeza de que a tive? — Ele sorri, apesar da dor nítida que assola o seu corpo.

— *Cazzo*! — Não consigo dominar o meu ímpeto de fúria e, em uma ação rápida, desfiro um golpe com o meu punhal no seu rosto, infligindo um rasgo horrendo em sua carne imunda.

Ele não pode ter tocado na minha *ragazza*. Não suporto a ideia. E

como um animal selvagem, rasgo a camisa do seu corpo e tatuo um “D”

com a ponta do punhal em suas costas. Em seguida, esfolo a pele do seu dorso, ouvindo os seus gritos agonizantes de dor. Só paro quando termino de esfolar suas costas completamente, deixando-as em carne viva, como idealizei. Meu furor ainda é latente agora.

— Maldito Dvorak! — ele esbraveja ao ver a pele do seu corpo em minhas mãos.

— Dará um belo quadro, Sanches — digo com escárnio, jogando sobre o cavalete o seu couro marcado com o símbolo “D” dos Dvorak.

Ele já pode sentir o cheiro da morte se aproximar como uma poeira escura e densa que sugará sua alma pérfida às profundezas.

— Alexei. — Ouço a voz de Fellipo me chamar e o vejo me mostrar uma bomba.

Posso imaginar onde Sanches iria usar esse artefato e, subitamente, ocorre-me algo. Sorrio, satisfeito.

— Mande lembranças ao Anthony, Sanches, e não se esqueça de nunca se meter no caminho de um Dvorak. Mas é certeza de que não terá uma próxima oportunidade.

Os demais soldados dele estão rendidos e amarrados em um canto do galpão. A sentença deles acabou de ser definida. Repasso para Fellipo o que desejo, e enquanto ele agiliza os preparativos, vou em direção ao Jipe, aguardando-o cumprir com a minha ordem.

Merda! Solto uma imprecação ao observar, de forma criteriosa, o estado lamentável em que se encontra as minhas roupas com vestígios de sangue. Terei que me recompor antes de ir até o hospital para ver como a minha esposa está.

Depois de ativar a bomba, Fellipo vem ao meu encontro e me informa de que está tudo certo. O carro é colocado em movimento, seguido por mais dois veículos. Oito minutos depois, e já a uma distância considerável do galpão, ouço o som impactante da explosão. Um sorriso prazenteiro contempla os meus lábios. Anthony deve estar se revirando no inferno com a visita oportuna.

CAPÍTULO 38

ANTONELLA DVORAK

Estou sonolenta depois do medicamento aplicado no soro. Eu estava desidratada. Após ter perdido os sentidos na cabana, acordei no hospital.

Em um primeiro momento fiquei apavorada com que algo tivesse acontecido com a minha bebê, quando me deparei com um quarto branco, mas logo o médico me assegurou de que está tudo bem com a minha gestação. Estou no cômodo sozinha agora. Dona Catharina acabou de sair.

Ela queria ficar me fazendo companhia, porém eu disse que não era necessário. Além do mais, Lua também precisa dela na minha ausência.

Uma enfermeira vem ao quarto e colhe um pouco do meu sangue, pois eu relatei ao médico que, possivelmente, ingeri alguma substância soníferа na água que Yrine me ofereceu. Não guardo mágoa dela, visto que as circunstâncias da vida não foram generosas com ela, somente espero que ela tenha conseguido fugir de Sanches e Nathan.

Fixo meu olhar na cortina azul-bebê que cobre a janela do quarto.

Estou me sentindo melancólica ao me recordar da atitude distante e gélida de Alexei. Ele não parecia nada contente quando me viu. A última coisa que me lembro é dos braços fortes envolvendo o meu corpo antes que eu caísse no chão. Fecho os olhos, sentindo o cansaço me atingir.

Passam-se alguns minutos e eu ouço a porta do quarto ser aberta lentamente. As passadas são preguiçosas dentro do recinto, como se detalhassem tudo ao redor. Eu não preciso abrir os olhos para saber de

quem se trata. É ele. Seu cheiro único e másculo se infiltra por cada canto do cômodo, dominando não somente o ambiente, como todo o meu ser.

Meu coração bate ligeiramente dentro do peito enquanto sinto a alegria me inundar, mas logo o medo bobo retorna, e mesmo que eu esteja com as pálpebras fechadas, as lágrimas descem pelo meu rosto. Surpreendo-me ao sentir os dedos cálidos as enxugando.

Abro os olhos lentamente. Aqui está ele como um anjo caído, em toda a sua imponência e elegância. Nem mesmo um único fio de cabelo está fora do lugar. Minha aparência não deve estar das melhores, sei que devo estar parecendo um pinto no lixo.

Sua expressão ainda é neutra e sisuda, por isso estremeço. Como posso almejar seu coração?

— Alexei... — sussurro.

As palavras parecem ter evaporado do meu cérebro. Quero contar sobre a bebê.

— Sanches lhe tocou? — sua pergunta direta me surpreende. Seu tom soou como se ele estivesse em desespero.

— Não, mas era o seu propósito. — Ouço o seu suspiro de alívio. —

Ele e Nathan são aliados e...

— Eu já sei de tudo, *ragazza*, não precisa mais se preocupar com aqueles dois canalhas. — Um suspiro pesado abandona os seus pulmões. —

O velhote asqueroso a molestou quando era somente uma menina. — Não foi uma pergunta, mas uma afirmação.

— Ele me olhava de forma imprópria em algumas ocasiões. Minha mãe me instruía a manter distância dele, apesar de que ele sempre procurava me tocar de modo inconveniente, mesmo que estivéssemos em uma multidão — confesso, relembrando-me de algumas situações inapropriadas. — Meu pai ameaçou entregar Lua para ele se eu não me deitasse com você e

concebesse um bebê. — Neste momento é inevitável que as lágrimas não molhem o meu rosto. — Tenho conhecimento de que cometi algo terrível, mas não poderia arriscar que era apenas um blefe de papai.

Ele trava a mandíbula. Parece estar digerindo as informações.

— Temi ter chegado tarde. Você agiu... impulsivamente ao fugir e se colocou em perigo. Acabou caindo no plano sórdido de Sanches.

— Eu... Eu... sinto muito. Fiquei em choque quando soube que...

estou grávida — declaro de uma vez.

Seu corpo forte cerra as mãos em um movimento firme. Tenho a impressão de que ele se segura para não socar algo.

— *Dio*! E não quer o bebê.

Encaro-o, incrédula com a sua afirmação tão veemente.

— Claro que quero... Mas é uma menina. Eu sinto muito se falhei.

Por isso que quando eu soube, fiquei apavorada.

— *Cazzo*! Do que está falando, *ragazza*? Você fugiu porque descobriu que está grávida de uma menina? — A surpresa está estampada no seu rosto de ângulos perfeitos. Apesar da carranca, ele parece tão bonito, que minha vontade é de traçar a perfeição de contorno moreno e belo.

Ele continua com o semblante tenso. Talvez ainda esteja me fazendo pagar pela minha insensatez.

— Eu fiquei com medo de que não desejasse a bebê se soubesse que era uma menina. Na noite de núpcias, você disse que queria um herdeiro.

Eu tive tanto medo de que me rejeitasse quando soubesse que falhei em gerar um filho homem e que carrego uma menina. — Toco em meu ventre.

Minha visão está turva e eu ofego baixinho.

Logo sinto a mão grande cobrindo a minha e encaro suas feições, que desta vez não têm a aspereza que vi anteriormente e um sorriso cheio de promessas ameaça surgir.

— Olhe para mim, *piccola*. — Quando foco na sua face, vejo determinação. — Eu não sou o verme do seu pai. Eu vou querer todas as menininhas que puder me dar, mesmo que esse evento me deixe com cabelos brancos mais cedo, porque, com certeza, eu vou querer matar cada *figlio di puttana* que ousar sequer se aproximar das minhas princesinhas.

Meu coração transborda de amor. Como seria possível não o amar?

Anthony poderia ter me destruído no seu intuito de ambição, mas me jogou diretamente nos braços do meu anjo protetor. Este sentimento de plenitude

dentro do meu peito somente é quebrado por eu saber que não sou correspondida. Como eu poderia ser, considerando a maneira suja como nos conhecemos?

— Eu sei que não fazia parte do acordo, mas acha que pode me amar algum dia? — Meu rosto está transbordando em lágrimas. Pelo menos desta vez posso colocar a culpa nos malditos hormônios.

Sinto o seu contato quente em minha mão e, rapidamente, as fagulhas elétricas percorrem o meu corpo. Ele desvia o olhar para a imensa janela do quarto do hospital, perdendo-se na paisagem ao lado de fora.

Por que ele tem que ter uma postura tão intimidante neste instante, como um bloco de gelo?

— Ella... *La mia amata*, apenas descanse. Não é o momento para isso

— ele sentencia e eu sinto o meu coração quase parar.

— E existirá algum momento? — Quase mordo a língua quando as palavras saltam, sem controle, e reparo que um longo suspiro abandona sua garganta. — Tudo bem, eu já compreendi.

Não quero lhe fazer exigências descabidas. Talvez ele nunca me perdoe pela minha ousadia.

Fecho os olhos. Sinto-me cansada e deprimida. Eu quero ficar sozinha, porém ele não parece disposto a deixar o quarto. Posso sentir sua presença. Tenho que pensar no bem da minha bebê. Por minha própria estupidez, eu poderia tê-la perdido. Acaricio a pequena protuberância arredondada e sorrio como uma boba. A minha filha será muito amada, mesmo que o pai dela não me ame.

A mão cálida e enorme volta a cobrir a minha.

— Ella... Olhe para mim, *bambolina* — ele comanda e minha pele se arrepia com sua voz rouca.

Por que ele tem que ter uma voz deliciosamente *sexy* que me faz eriçar?

— Estou cansada, Alexei. — Será que ele não permitirá que eu repense a minha estupidez em paz? — Será que poderia me deixar sozinha, por favor? — quase o imploro, permanecendo com os olhos fechados.

— Eu não consigo.

É claro que a palavra “amor” não deve existir em seu vocabulário, mas ouvir sua confissão fervorosa de que não conseguirá me amar, doeu como o inferno. Acho que estou ainda mais abatida. Será que sou algum tipo de masoquista?

— Eu compreendo... Mas será que algum dia poderá me perdoar pelo que... — Não consigo concluir a frase, muito menos tenho forças para o encarar, até porque sinto medo de encontrar desprezo em seus olhos.

Lágrimas grossas começam a nublar minha visão novamente.

— Olhe para mim, Ella — ele determina com sua voz carregada de controle e algo a mais que não consigo identificar.

Agora é impossível resistir ao seu comando. Lentamente, ergo as pálpebras, encarando-o. Sinto seu polegar em uma leve carícia em minha bochecha,

enxugando alguns resquícios de lágrimas, e foco em seus olhos azuis, que estão quentes sobre mim. Neste momento penso ter vislumbrado um leve lampejo de emoção, mas temo ter sido somente uma estupidez da minha mente.

— Não consegue ver, *bella mia*? Naquela noite peculiar... você conseguiu mais do que o meu corpo. — Ele pega a minha mão e a leva ao seu peito. O ritmo frenético do seu coração sob a minha palma me faz estremecer e eu sinto meus olhos umedecerem. Não pode ser possível. —

Este órgão vital que pulsa insanamente é seu, *ragazza* — confessa.

É a minha vez de sentir meu peito se expandir em pura felicidade.

— Eu te amo — declaro, pois não vejo motivos para omitir que ele já tem o meu coração.

Um sorriso convencido cruza os seus lábios firmes.

— Eu sei, *la mia amata* — ele diz, presunçoso como sempre. — Me estragou para outras mulheres no momento em que me roubou aquela noite de prazer. — Afaga a minha bochecha ternamente como se estivesse memorizando as minhas feições para elas nunca serem apagadas da sua memória. — Meu único pesar é que não tenha sentido o mesmo.

Coro com a recordação audaciosa. O ato em si não foi prazeroso, mas as preliminares que antecederam a consumação me deixaram quente e ansiosa.

— Você me compensou. Além do mais, a primeira vez é dolorosa mesmo. De algum modo, eu o queria, mas não estava estimulada o suficiente nem tinha experiência para saber buscar o meu próprio prazer.

— É natural, *bella mia*. Como era somente uma virgem saída de um convento, não tinha experiência.

— Eu podia ser uma virgem — digo, corando como um tomate —, mas tive instruções de como deveria proceder.

Ele semicerra os olhos e me encara novamente com seu olhar de um azul intenso e tão profundo.

— A tal Yrine?

Apenas concordo com a cabeça. Só espero que ele não a tenha ferido.

A vida já foi muito dura com ela e, de certa forma, pude comprovar o seu arrependimento sincero. Meu único desejo é que ela possa ter o seu recomeço e trilhar uma nova história.

— Não a machucou, certo?

— A mulher não precisa de ajuda, sabe se virar como ninguém. —

Sinto alívio. Isso quer dizer que ela conseguiu fugir de Sanches. — Agora durma, esposa. Ficarei aqui velando o seu sono. — Ele me encara profundamente e eu sinto um calor latente subir pelo meu corpo.

Mas sei que o seu cuidado não tem nenhum apelo sexual, é somente uma forma intensa de ele demonstrar o sentimento que nos une. É

verdadeiro o que ele sente, mesmo que as palavras não tenham sido proferidas.

— Eu não estou com sono. — A minha afirmação é anulada quando um bocejo se faz insistente, e ele apenas sorri.

— Confesso que em algumas noites eu unicamente queria eternizar a sua beleza em uma tela, como um grande artista faria, mas não tenho esse talento — ele comenta com um sorriso quente e devasso e depois deposita um beijo em minha testa.

Bocejo novamente e não consigo ocultar o meu cansaço. Meu corpo realmente está demonstrando a exaustão das últimas horas. E sabendo que estou protegida em seus braços, deixo-me ser absorvida, tendo a certeza de que ele cumprirá cada promessa. Antes que minha consciência seja tragada para o mundo dos sonhos, ouço-o prometer que sempre me manterá segura, nem que ele precise renunciar a sua própria vida para garantir isso.

EPÍLOGO

ANTONELLA DVORAK

Dois anos e meio depois

O sol está brilhante no céu azul e quente da ilha particular de Pieztras.

Depois que tive os bebês, viajamos com mais frequência para a mansão que fica no pequeno paraíso isolado. A ilha é um lugar com uma vista fabulosa para o mar Mediterrâneo. Esse lugar me traz tranquilidade. É um ambiente no qual me sinto segura e em família.

Observo a minha pequena Pietra correr pelo espaço do extenso jardim. Suas perninhas gorduchas parecem dar sempre um passo maior e ela se assemelha a uma pequena mocinha destemida enquanto corre atrás de uma borboleta. Minha pequena já está com quase dois aninhos e é uma criança bastante enérgica, que precisa de constante vigilância. Lua está atrás dela, sendo seguida de perto pela babá e pela bolinha de algodão que não desgruda das crianças.

Estou embaixo de uma frondosa árvore no jardim, colocando os gêmeos para tirar uma soneca. Giovanni já está no carrinho e ressona tranquilamente, enquanto eu tento colocar o seu irmão gêmeo para dormir.

Alex é bem mais impulsivo e agitado do que o irmão, além de ter seu próprio relógio. Foi uma completa surpresa quando descobri que estava grávida dos gêmeos. Pietra estava somente com alguns meses, e mesmo eu amamentando e usando preservativos, a cegonha resolveu bater à nossa porta novamente. Apesar do choque inicial, a alegria se sobrepôs. Meus filhos são crianças lindas e saudáveis. Faço e farei de tudo para mantê-los protegidos.

Ambos os meninos são a cópia fiel do pai. O que deixa Alexei sempre orgulhoso. Pietra tem muitos traços parecidos comigo e ele se refere a ela como “pequena boneca”.

Ouço um *bip* no meu celular e vejo que é uma mensagem de Yrine, que está me relembrando do nosso encontro das meninas quando eu retornar à Sicília. Sorrio. Ela agora está sob a proteção da *famiglia* e gerencia uma das casas de luxo, sendo uma gerente muito competente e leal. Confirmo, colocando um emoji com uma carinha sorrindo. O encontro das meninas consiste em um passeio por algum ponto turístico da Sicília ou um simples almoço descontraído em um restaurante local. Algumas vezes convidamos a esposa de Hardy, Brianna. Ela é uma menina doce e divertida, e mesmo não conversando muito sobre o seu casamento, em algumas ocasiões fica perceptível que ela não aceita bem a situação que lhe é imposta, por ser a esposa de um mafioso. É claro que o marido sempre a cerca de um batalhão quando permite que ela saia, ou ele mesmo acaba interrompendo alguns desses encontros e a levando embora.

Desde que o meu cunhado a trouxe para a Sicília, ele parece menos mal-humorado do que o seu habitual. Mas é certo que parece que ele está fazendo de tudo para conquistar a sua esposa.

Em um determinado momento sinto que tenho que me virar em duas para dar conta das crianças, embora tenhamos babás. Ter três filhos pequenos em casa não é uma tarefa fácil, mas é gratificante. Sempre que contemplo os pequenos rostinhos dos meus anjinhos, sei que valeu a pena cada percurso que tive que passar até aqui.

Vejo Alexei vindo em minha direção. Ele está usando roupas informais: uma calça de moletom que molda perfeitamente as suas coxas largas — o que o deixa *sexy* para cacete — e uma camiseta molhada de suor, que deixa evidente seus músculos definidos do bíceps e do peitoral.

Salivo com a visão deliciosa do meu marido. Ele devia estar fazendo seus exercícios de rotina, pois é adepto à calistenia e ao boxe. Já eu aprecio exercícios mais leves. Por isso o homem tem tanta energia e consciência do próprio corpo. Em quase todas as manhãs o encontro assim.

Observo se formar um sorriso presunçoso no canto dos seus lábios *calientes*.[76] O safado sabe que está sendo analisado descaradamente.

— Gosta da vista, *ragazza*? — Ele se inclina em minha direção a fim de selar nossos lábios.

O seu cheiro é fresco, apesar de ele estar suado, e isso faz com que eu me lembre de outras práticas luxuriosas que o deixam no mesmo estado.

Adoro contornar seus músculos banhados pelo suor quando acabamos de fazer amor. É excitante.

— É algo interessante de ser apreciado, senhor Dvorak — provoco-o, mordendo o lábio.

Faíscas luxuriosas saltam das suas órbitas escurecidas pelo desejo.

— Eu também gosto do que vejo, *la mia amata*. Na verdade, gosto muito e já me sinto arder — o safado sussurra com o seu típico linguajar devasso que me faz derreter até as calcinhas. — Creio que necessitarei de uma ajudinha no banho, *bella mia*. Não sei se suportarei até a noite.

— Sinto desapontá-lo, marido, mas Alex está quase dormindo e eu prometi para as meninas que colherei conchinhas na praia.

Quando olho para o meu colo, vejo o sorriso com quatro dentinhos encantadores. Meu bebê está totalmente desperto e seus olhinhos azulados fitam a figura paterna com devoção

— Veja só. Agora terá que colocá-lo para dormir — digo, emburrada, já pensando que será uma bagunça se o outro gêmeo acordar também.

Alex ficará irritado por não ter tirado a sua soneca e Giovanni vai querer a atenção do irmão.

Os gritinhos de Alex se fazem insistentes. Ele suspende os bracinhos rechonchudos e começa a se espernear no meu colo, querendo o colo e a atenção do pai.

— Venha cá, garotão. É hora da soneca, filhão. Precisa deixar a mamãe descansar. Eu vou precisar dela bem disposta nessa noite. — Alexei pisca um olho indecentemente para mim.

Sinto minhas bochechas esquentarem com as promessas ardentes escritas em seu olhar.

Ele pega o nosso bebê nos braços e, instantaneamente, o garoto começa a demonstrar, de forma enérgica, a alegria de estar com o pai. Que espertinho. Eu os carrego no ventre por nove meses, e na primeira oportunidade, eles me trocam pelo colo do pai. Mas a verdade é que Alexei tem um jeito peculiar de colocar as crianças para dormir que até mesmo eu desconheço. Até tento fazer o mesmo, mas nunca obtenho sucesso. E, sinceramente, é notório que ele é um bom pai. Repreende quando necessário, no entanto é perceptível o quanto protege os pequenos.

Mesmo que o meu marido já tenha me informado de que quando os garotos estiverem com 6 anos começará o treinamento deles, não sei ao que ele se refere, contudo sei que nunca colocará a vida dos pequenos em perigo. São regras da máfia.

Ele sai para o jardim com o nosso menino nos braços e eu resolvo levar Giovanni para o quarto.

(...)

A noite está estrelada. Comprovo ao observar o céu escuro e cheio de pontos brilhantes. A brisa suave com o cheiro do mar penetra em minhas narinas e eu sinto uma felicidade ímpar me inundar.

Estou usando uma saia longa e leve, junto com um top curto de mangas longas. Depois de me certificar de que todos os meus pequenos estão dormindo tranquilamente, vou em direção à praia. Meu marido está lá me aguardando. No lugar reservado tem uma enorme tenda, uma fogueira está acesa na areia da praia e um clima romântico está no ar. Os pequenos pontos de luminárias em formato de estrela e coração são um charme à parte. Alexei me surpreendeu.

Uma suave música preenche o lugar e eu avisto a figura imponente encarar fixamente as ondas escuras do mar. A lua está bela e parece enorme ao beijar as ondas suaves do oceano. Noto quando meu marido coloca as

mãos nos bolsos da calça branca que abrange suas coxas fortes e largas, deixando em evidência seu belo traseiro durinho.

— Vai ficar só apreciando de longe, *ragazza*?

Safado! Como ele percebeu a minha chegada à praia? Tentei fazer o mínimo de ruído que pudesse delatar a minha presença.

— Como sabia que eu já tinha chegado? Não fiz barulho nenhum.

O homem sedutor se vira em minha direção. Uma sobrancelha zombeteira está erguida. Ele está tão lindo, que meu coração chega a falhar uma batida.

— O seu cheiro é único: um floral doce misturado ao aroma natural de mulher. A minha mulher — seu tom de posse faz minha pele se arrepiar.

As minhas bochechas ficam rubras assim que constato suas írises escurecidas de desejo deslizarem vagarosamente por cada milímetro da minha pele. Seu atrevimento despudorado me faz arder. Ele abre os braços para mim e eu não tenho como resistir ao convite sensual. Em alguns instantes estou envolvida pelos seus braços calorosos.

— Este é o momento que finalmente vai declarar que me ama, senhor Dvorak? — provoco-o.

— Tem alguma dúvida, *ragazza*? Eu sempre demonstrei o que representa em minha vida.

— Palavras, senhor Dvorak. Às vezes uma mulher só quer escutar do homem que ama que é correspondida.

— Todas as noites, quando está dormindo satisfeita e saciada em meus braços, obtém a resposta, *bambolina*.

— Isso não vale. Não estou consciente para escutá-lo — eu o acuso e ele sorri.

— Eu nunca tinha amado antes, senhora Dvorak. Foi necessário eu ser tentado por uma freirinha geniosa e corajosa para compreender que nunca

permitiria que ela fosse embora da minha vida.

— Mais enigmas?

— Eu te amo, *ragazza* — ele declara por fim.

Neste instante é como se o meu coração explodisse no peito.

— Eu também o amo, senhor Dvorak. É o único dono do meu coração.

— Não tenho nenhuma dúvida em relação a isso — ele sussurra ao encontro do meu ouvido com uma confiança inabalável que me faz estremecer.

Fito seus olhos azulados tomados pelo desejo e toco em seus lábios delicadamente com os meus, desejando, no meu íntimo, que esse sentimento venha a se multiplicar.

Sei que nem sempre será um mar de rosas este mundo em que vivemos e que, muitas vezes, ele pode ser cruel, terrível e esmagador. No entanto sorrio, feliz nos braços do meu marido, pois me sinto amada e sei que não há nada mais poderoso do que a força do amor. Mesmo que ele não tivesse proferido as palavras que o meu coração tanto ansiava em ouvir, eu tenho o conhecimento de que esse sentimento já existe há muito tempo, pois não se trata somente de palavras, mas de cuidado e proteção. E isso tudo já compartilhamos há tempos. É como se a nossa história estivesse escrita em algum lugar secreto e fosse durar para todo o sempre, além da eternidade.

ALEXEI DVORAK

Ter a minha *ragazza* em meus braços é uma sensação inexplicável.

Quem diria que a freirinha que foi usada para me seduzir roubaria muito mais do que uma noite de prazer e se tornaria a minha doce obsessão? O

mafioso que fez de tudo e enfrentou a todos, até mesmo o seu próprio irmão gêmeo, para proteger a única *bella donna* que conseguiu ganhar o seu coração. Não posso a definir de outra forma, pois Antonella, minha doce

Ella, conseguiu se infiltrar de tal maneira no meu sangue, que será o meu juramento secreto.

Quando um mafioso promete algo, é vitalício. E o que prometi à minha *bambolina* no dia do nosso casamento é eterno, até que a morte nos separe.

Quando um Dvorak ama, é para a vida inteira.

Sorrio ao compreender a força dessas palavras proferidas um dia por *papà*. Naquele dia, eu não as levei muito em consideração, pois era só um adolescente tolo e sagaz que tinha acabado de descobrir os prazeres de frequentar os bordéis da *famiglia*.

Hardy foi o primeiro a ser fisgado pela sua doce Brianna. Achei que ele poderia estar somente obcecado, por ela o ter abandonado, e que logo seguiria sua vida com alguma das filhas dos nossos aliados. Mas ele sempre recusou categoricamente qualquer assunto que pudesse levá-lo a considerar assumir outro compromisso. Não concordo com o método que ele utilizou para ter a sua esposa de volta ao seu lado. Tudo bem, é compreensível que sua vida estava correndo perigo... Mas a trancafiar na sua ilha particular por quase um ano?

Um sorriso cínico contorna a minha face quando compreendo que, de certo modo, estou sendo um maldito hipócrita, pois, com certeza, eu planejaria fazer praticamente o mesmo com a minha *piccola*. Óbvio, se fosse necessário.

Sinto minha pequena recostar a cabeça em meu peito, em um sinal de confiança e cumplicidade. Ella está olhando para as estrelas no céu e eu beijo o topo da sua cabeça.

— Suponho que depois dessa declaração tão aguardada, mereço ser recompensado.

Ela me encara com os seus olhos inocentes, já captando o meu tom rouco e cheio de intenções indecentes.

— Meu marido, aposto que está a fantasiar com alguma safadeza. —

Seu sorriso é suave e descontraído.

— Seu raciocínio está correto — admito sem nenhum constrangimento.

Eu a quero de todas as formas. Marcarei cada parte do seu belo corpo.

Meu pau logo endurece, vibrando impiedosamente dentro das calças, somente por eu imaginar as indecências que farei com a minha esposa.

Minha pequena *ragazza* não se faz de rogada. Eu observo um sorriso doce contornar a sua boca deliciosa e não resisto à tentação de olhos brilhosos e azuis. Sem demora, devoro seus lábios doces entre os meus, aprofundando o beijo, e insiro ousadamente a língua em sua boca, saboreando-a, reverenciando-a e replicando selvagemente os mesmos gestos obscenos do ato sexual que anseio, como um animal, realizar em seu corpo moldado para a minha perdição.

Estou faminto pelo seu sabor. É sempre assim. Pareço um nômade do deserto ao encontrar uma fonte límpida e cristalina para saciar a sua sede voraz.

Deslizo delicadamente minhas mãos possessivas pela sua pele nua e macia das costas. De imediato, sinto-a vibrar e gemer, desavergonhada, em minha boca. Alcanço o seu belo traseiro empinado e redondo, que é a minha devoção, e aperto a carne macia entre os meus dedos. *La mia amata* se afasta de mim, percebendo a minha intenção.

— Safado! Agora eu sei o que você quer.

Sorrio, sem disfarçar o meu desejo. Não será a primeira vez que faremos sexo anal. Na primeira vez, Ella quase ameaçou arrancar o meu pau fora.

— Prometo que vou meter devagar. Mas nessa noite eu a terei de todas as formas possíveis e deixarei o meu cheiro na sua pele. Você gostará da sensação de ser marcada por mim.

Ela olha para a tenda atrás de nós.

— Você pensou em absolutamente tudo. — Encara-me com o olhar doce semicerrado, analisando o cenário romântico do lugar.

Um leve rubor acende a sua face, deixando-me ainda mais louco ao me imaginar tombando-a sobre a areia macia e a reivindicando ali mesmo.

— Eu trouxe os lubrificantes e os preservativos. — Pisco um olho, pretensioso.

— Não pode me deixar sem andar na manhã seguinte — ela me provoca.

— Prometo que serei contido.

Ella se afasta de mim lentamente e eu não compreendo a sua intenção.

— Uh! Antes terá que me pegar, marido, e, quem sabe, pensarei na sua recompensa — ela determina e começa a correr em direção ao mar.

Ouço a sua risada leve e descontraída.

Não demora muito. Em poucas passadas, alcanço a minha mulher .

Ella está nos meus braços novamente.

— Nunca provoque um Dvorak, *bambolina*. Já sabe que eles são predadores natos. — Ergo-a sobre um dos meus ombros, dou uma leve palmada no seu traseiro delicioso e a levo em direção à tenda.

— Ai! — ela geme ao sentir o segundo estalo no seu bumbum. —

Isso não vale. A saia me atrapalhou.

— Logo você estará livre dela. Alguma outra exigência? — Deposito-a sobre o piso da tenda.

Uma variedade enorme de alimentos está depositada sobre uma mesinha próxima, pois minha garota necessitará recuperar as energias.

— Sim. — Sinto o seu contato suave contornar os músculos do meu peito em um gesto sensual. — Me terá da maneira que deseja, mas com uma condição: me permitirá que eu o tome como na primeira vez?

Um sorriso despudorado invade minhas feições.

— Sabe que não consigo resistir a um desejo seu, *bella mia*. — Volto a tomar seus lábios doces com intensidade e sou recompensado pelo seu rosnado suave de excitação.

Sem demora, nós nos perdemos no fogo intoxicante da paixão.

Em um determinado momento da noite, com os nossos corpos entrelaçados, suados e saciados da intensa tormenta da luxúria, o olhar da minha mulher se encontra com o meu e um sorriso meigo contorna o seu rosto bonito e satisfeito.

Cazzo! O que vejo em suas írises azuis comprova que seu amor é algo inestimável e precioso. Ella, minha freirinha safada, conseguiu aprisionar o coração do mafioso.

Fim!

[1] Mãe Úrsula

[2] Família

[3] Garota

[4] Chefe

[5] Famílias

[6] Papai

[7] Conselheiro

[8] Mamãe

[9] Maldito

[10] Filho da puta

[11] Espécie de ferro usado para marcar o gado

[12] Espécie de bastão elétrico que dá choque

[13] Putas / Prostitutas

[14] Porra

[15] Droga

[16] Puta merda

[17] Maldição

[18] Puta / Prostituta

[19] Pequena boneca

[20] Sim

[21] Bela

[22] Minha bela

[23] Pequena mentirosa

[24] Que bela cadela

[25] Maldita mulher

[26] Idiota

[27] Vá para o inferno

[28] Miserável

[29] Maldito bastardo

[30] Grande final

[31] Estúpido

[32] Saco de merda

[33] Diabo

[34] Pequena

[35] Boneca

[36] Espécie de cama rústica

[37] Filhos da puta

[38] Cadelas

[39] Cadela

[40] Droga

[41] Pequena garota

[42] Anjo

[43] Que diabos

[44] Bela garota

[45] Bom dia

[46] Bela mulher

[47] Minha noiva

[48] Bela

[49] Mãe

[50] Meu filho

[51] Está ainda mais bela

[52] Princesa

[53] Bela

[54] Minha pequena

[55] Meu Deus

[56] Minha amada

[57] Bela flor

[58] Criança

[59] Maldito pirralho

[60] Minha bela esposa

[61] Minha garota

[62] Bela esposa

[63] Bom dia, esposa

[64] Filhos da puta

[65] Mulher fatal

[66] Malditos

[67] Bom dia, bela esposa

[68] Esposa

[69] Por Deus

[70] A anamnese é uma entrevista realizada pelo médico com o seu paciente durante a consulta em consultório, em que são realizadas perguntas específicas para se chegar a um diagnóstico.

[71] Meu coração

[72] Velho babaca

[73] Estúpidos

[74] Estúpido

[75] Velho filho da puta

[76] Quentes

Document Outline

- Nota da autora
- Dedicatória
- Agradecimentos
- Sinopse
- Prólogo
- Capítulo 01
- Capítulo 02
- Capítulo 03
- Capítulo 04
- Capítulo 05
- Capítulo 06
- Capítulo 07
- Capítulo 08
- Capítulo 09
- Capítulo 10
- Capítulo 11
- Capítulo 12
- Capítulo 13
- Capítulo 14
- Capítulo 15
- Capítulo 16
- Capítulo 17
- Capítulo 18
- Capítulo 19
- Capítulo 20
- Capítulo 21
- Capítulo 22
- Capítulo 23
- Capítulo 24
- Capítulo 25
- Capítulo 26
- Capítulo 27
- Capítulo 28

- Capítulo 29
- Capítulo 30
- Capítulo 31
- Capítulo 32
- Capítulo 33
- Capítulo 34
- Capítulo 35
- Capítulo 36
- Capítulo 37
- Capítulo 38
- Epílogo